

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Luciana Soares de Moraes

Do local para o nacional:

A produção jornalística da TV Integração de Juiz de Fora exibida no Jornal Hoje

Juiz de Fora

2023

Luciana Soares de Moraes

Do local para o nacional:

A produção jornalística da TV Integração de Juiz de Fora exibida no Jornal Hoje

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia de Albuquerque Thomé.

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Morais, Luciana Soares de .

Do local para o nacional : A produção jornalística da TV Integração de Juiz de Fora exibida no Jornal Hoje / Luciana Soares de Moraes. -- 2023.

222 f. : il.

Orientadora: Cláudia de Albuquerque Thomé

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2023.

1. Telejornalismo local. 2. Telejornal em rede. 3. Jornal Hoje. 4. TV Integração. 5. Noticiabilidade. I. Thomé, Cláudia de Albuquerque , orient. II. Título.

Luciana Soares de Moraes

Do local para o nacional:

A produção jornalística da TV Integração de Juiz de Fora exibida no Jornal Hoje

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cláudia de Albuquerque Thomé

Orientadora Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Christina Ferraz Musse

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

Universidade Federal de Goiás

Juiz de Fora, 28/02/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Rocha Pessôa Temer, Usuário Externo**, em 28/02/2023, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia de Albuquerque Thome, Professor(a)**, em 28/02/2023, às 16:06, conforme horário oficial

de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Christina Ferraz Musse, Professor(a)**, em 28/02/2023, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador [1165169](#) e o código CRC **4F9BA262**.

Dedico este trabalho à minha mãe Lucy, à minha irmã Bruna e à minha sobrinha Beatriz, que são a base da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em 2018 minha amiga e colega de trabalho Ana Paula Cruzeiro me incentivou a retomar a vida acadêmica. Aos poucos iniciei os estudos no PPGCOM/UFJF. Muitas pessoas fizeram parte desta trajetória, que acredito ser apenas o começo. Por isso, agradeço primeiramente a Deus por me compreender em todos os sentidos e me dar forças em muitos momentos, meu eterno obrigada!

Essa caminhada não seria possível se meu destino não tivesse cruzado a jornada de grandes mestres. A professora Christina Musse, meu carinho e gratidão, por me receber de braços abertos quando cursei uma disciplina isolada do programa. Obrigada por me ensinar dentro e fora das salas de aula. A professora Ana Carolina Temer que aceitou fazer parte deste trabalho, meu muito obrigada por contribuir para que esta pesquisa tenha relevância para o telejornalismo.

A querida professora e amiga, Cláudia Thomé, minha orientadora, não tenho como agradecer a transformação que tem realizado em minha vida. Palavras são insuficientes para dizer o quanto esta pesquisa só foi possível, porque você esteve ao meu lado. Obrigada por permitir meu crescimento profissional e a enfrentar desafios que jamais imaginei vivenciar!

A minha família, minha mãe Lucy, irmã Bruna e a minha amada sobrinha Beatriz, agradeço por me incentivarem para sempre ir além. Vocês são minhas referências de vida! Ao meu namorado, Rodrigo, pela paciência e companheirismo.

As amigas Letícia Braga, Ana Paula Cruzeiro e Livia Porphyrio por fazerem com que meus dias fossem mais leves. Ao amigo Gabriel Landim e à amiga Fernanda Lília, meus grandes companheiros de pesquisa, meu muito obrigada. Agradeço também a TV Integração por contribuir com este projeto.

Agradeço também aos amigos de trabalho que me ajudaram a construir esta pesquisa: Augusto Medeiros, Emilene Silva, Fabiano Rodrigues, Fátima Diniz, Hilda Mendes, Larissa Zimmermann, e Vanessa Rodrigues. Agradeço também a todos os professores do PPGCOM e aos colegas que estiveram presentes de alguma maneira.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer nossa atenção e nosso esforço de interpretação, ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão (MACHADO, 2000, p. 12).

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo identificar o modo como foram construídas as notícias telejornalísticas sobre Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje, da Rede Globo, no período de 2015 a 2020. Realizamos um trabalho de busca em arquivos da TV Integração - afiliada da Rede Globo, de cunho memorialístico, para posterior análise do conteúdo (BARDIN, 2011) das reportagens por meio de um mapeamento temático. Em outra etapa, foram realizadas entrevistas em profundidade com profissionais que atuaram/atuam, nesse período, no Núcleo Rede, que intermedia as notícias locais a rede nacional, para entender quais foram as rotinas e quais foram os critérios adotados na seleção das pautas e na produção jornalística do local para a rede nacional. A metodologia adotada foi de Estudo de Caso (YIN, 2011), a fim de uma análise mais profunda sobre o estudo das relações pessoais entre as equipes do jornalismo local e nacional. Dessa forma, a pesquisa sobre a produção jornalística da TV Integração de Juiz de Fora exibida no Jornal Hoje contribui para as pesquisas sobre o telejornalismo contemporâneo.

Palavras-chave: Telejornalismo local. Telejornal em rede. Jornal Hoje. TV Integração. Noticiabilidade.

ABSTRACT

The research aims to identify the way in which the television news about Juiz de Fora shown in Jornal Hoje, from Rede Globo, in the period from 2015 to 2020 were constructed. Of a memorialistic nature, for further analysis of the content (BARDIN, 2011) of the reports through a thematic mapping. In another step, in-depth interviews were carried out with professionals who worked/acted, during this period, in Núcleo Rede, which mediates local news to the national network, in order to understand what were the routines and what were the criteria adopted in the selection of the agendas and in the journalistic production from the local to the national network. The methodology adopted was the Case Study (YIN, 2011), in order to provide a deeper analysis of the study of personal relationships between local and national journalism teams. In this way, research on the journalistic production of TV Integração de Juiz de Fora shown on Jornal Hoje contributes to research on contemporary telejournalism.

Keywords: Telejournalism. Network television news. Jornal Hoje. TV Integração. Newsworthiness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Contrato de Comunicação.....	26
Figura 2 - Meteoro que cruzou o céu do Brasil é notícia no JN	32
Figura 3 - Meteoro é um dos assuntos do telejornal da TV Globo em BH.	33
Figura 4 - Meteoro é visto por diversas pessoas no Triângulo Mineiro	34
Figura 5 - Guilherme Smith no estúdio do MG1 após retornar da Ucrânia.	38
Figura 6 - Mãe à procura da filha em Petrópolis	39
Figura 7 - Reportagem do RJTV exibida na TV Integração. Edição do dia 16/02/2022.	40
Figura 8 - Darci José e Danúbio Bezerra apresentadores da TV Triângulo	53
Figura 9 - Foto enviada por telespectador sobre a chuva em Ubá e Muriaé. Edição do JH do dia 01/12/2015	64
Figura 10 - Reportagem sobre acidente grave em Ewbank da Câmara. Edição do JH do dia 24/10/2016.....	66
Figura 11 - Acidente interdita rodovia. Edição do JH do dia 24/10/2016.....	67
Figura 12 - Chuva de granizo cobre as ruas de Carandaí. Edição do JH do dia 26/09/2016 ..	68
Figura 13 - Raio mata uma pessoa que estava numa cachoeira em Santana do Garambéu. Edição do JH do dia 08/02/2016	68
Figura 14 - Coluni em Viçosa na lista das melhores instituições do país. Edição do JH do dia 04/10/2016.....	70
Figura 15 - Operação lava-jato em São João del Rei. Edição do JH do dia 08/05/2017.....	71
Figura 16 - Simão Pereira no Mapa Tempo do JH. Edição do JH do dia 06/12/2018..	72
Figura 17 - Depoimento de vítima agredida por ex-companheiro. Edição do JH do dia 08/03/2019	74
Figura 18 - Augusto Medeiros na divisa de Carangola com o Espírito Santo. Edição do JH do dia 25/03/2019	74
Figura 19 - Polícia faz buscas pelo ex-companheiro de mulher agredida em Carangola. Edição do JH do dia 25/03/2019.....	75
Figura 20 - Ex-técnico de Jorge Eduardo. Edição do JH do dia 09/02/2019.	75
Figura 21 - Rio Preto em alerta por causa de um possível rompimento da barragem. Edição do JH do dia 26/03/2019.....	76
Figura 22 - Mulher morre após cair em cratera em Tabuleiro. Edição do JH do dia 29/01/2020	77

Figura 23 - Alunos da Epcar contraem o vírus da Covid-19 dentro da instituição. Edição do JH do dia 26/05/2020.....	78
Figura 24 - Incêndio no Parque Estadual do Ibitipoca. Edição do JH do dia 29/09/2020.....	78
Figura 25 - Viatura dos bombeiros cai em cratera em Barbacena. Edição do JH do dia 13/02/2020.....	80
Figura 26 - Cratera interdita pista nos dois sentidos na AMG-520. Edição do JH do dia 13/02/2020.....	80
Figura 27 - Volume de chuvas em Juiz de Fora. Edição do JH do dia 13/02/2020.....	81
Figura 28 - Motorista morre após caminhão-tanque explodir na BR-265. Edição do JH do dia 18/09/2020.....	81
Figura 29 - Sônia Maria, Márcia Mendes e Lígia Maria, apresentadoras do Jornal Hoje.....	89
Figura 30 - Sônia Maria na bancada do JH na década de 1980.....	91
Figura 31 - Lígia Maria na bancada do JH na década de 1980.	92
Figura 32 - Brinquedos da poetisa Cristiane Mazocoli na década de 80.....	93
Figura 33 - Cristiane Mazocoli ao lado da irmã.	94
Figura 34 - Cristiane Mazocoli junto das irmãs.	94
Figura 35 - Jovem escritora em seu universo de poemas.	95
Figura 36 - Livro de poemas escrito por Cristiane Mazocoli.	95
Figura 37 - Cristiane Mazocoli com 10 anos fala sobre seus poemas para o Jornal Hoje. Edição do JH do dia 06/12/1980.....	96
Figura 38 - Leda Nagle e Berto Filho comentam sobre a reportagem. Edição do JH do dia 03/10/1981.....	97
Figura 39 - Luciano Fleury em entrevista para o JH. Edição do JH do dia 03/10/1981.	98
Figura 40 - Carmem Amorim em reportagem sobre a demolição do Palácio Episcopal. Edição do JH do dia 13/01/1986.....	100
Figura 41 - Cristina Brandão conversa com representante da família sobre a demolição da edificação. Edição do JH do dia 13/01/1986	101
Figura 42 - Presidente Figueiredo visita a cidade de Juiz de Fora.	102
Figura 43 - Imagens da fábrica Mercedes Benz em Juiz de Fora. Edição do JH do dia 24/04/1999.....	103
Figura 44 - Reportagem feita por Christina Musse no bairro Industrial em 24/01/1992.	105
Figura 45 - Monumento histórico projetado por Oscar Niemeyer e Di Cavalcanti. Edição do JH do dia 30/03/1996.....	106

Figura 46 - Reportagem feita por Christina Musse sobre a prisão do ex-deputado federal Oscar Surerus. Edição do JH do dia 21/05/1991	107
Figura 47 - Reportagem sobre mulheres que queimaram a pele com bronzeador caseiro. Edição do JH do dia 25/02/1981.....	109
Figura 48 - Maria Fogueteira em entrevista para o Jornal Hoje. Edição do JH do dia 03/07/1982.....	110
Figura 49 - Grafismo em reportagem sobre feira de moda em Juiz de Fora. Edição do JH do dia 07/10/1982.....	111
Figura 50 - Reportagem sobre a saída das irmãs Carmelitas de Juiz de Fora. Edição do JH do dia 08/01/1983.....	112
Figura 51 - Esposa de sargento do exército conta as condições pelas quais ele foi preso. Edição do JH do dia 09/11/1984.....	113
Figura 52 - Chico Buarque no palco do Cine Theatro em 29/12/1998.....	114
Figura 53 - Marieta Severo e Sílvia Buarque no Cine-Theatro Central. Edição do JH do dia 29/12/1998.....	114
Figura 54 - Márcia Fu no Sport Club Juiz de Fora. Edição do JH do dia 10/08/1996.....	115
Figura 55 - Participação de Juiz de Fora no Jornal Hoje sobre os preparativos para o Enem. Edição do JH do dia 23/10/2015.....	120
Figura 56 - Estudante de JF fala sobre preparação no Enem no JH. Edição do JH do dia 23/10/2015.....	120
Figura 57 Participação de Juiz de Fora no Jornal Hoje sobre taxa de cartão indevida. Edição do JH do dia 08/12/2015.....	121
Figura 58 - Aposentado de JF fala sobre cobrança indevida no JH. Edição do JH do dia 08/12/2015.....	121
Figura 59 - Enterro de Rodrigo Pádua, fã de Ana Hickmann. Edição do JH do dia 23/05/2016.	124
Figura 60 - Reportagem sobre as mortes causadas pela chuva em Juiz de Fora. Edição do JH do dia 14/12/2016.....	127
Figura 61 - Operários morrem em obras após soterramento em Juiz de Fora. Edição do JH do dia 03/10/2017.....	131
Figura 62 - Mulher conta que foi agredida pelo companheiro. Edição do JH do dia 21/08/2017.....	132
Figura 63 - Local que Bolsonaro levou a facada em Juiz de Fora. Edição do JH do dia 07/09/2018.....	139

Figura 64 - Adélio Bispo é transferido de Juiz de Fora para o sistema prisional em Mato Grosso do Sul. Edição do JH do dia 08/09/2018.....	139
Figura 65 - Reportagem sobre o tiroteio envolvendo policiais mineiros e paulistas. Edição do JH do dia 20/10/2018.....	140
Figura 66 - Reportagem atualizando sobre o caso do tiroteio dentro do estacionamento. Edição do JH do dia 22/10/2018	140
Figura 67 - Reportagem sobre o depoimento contraditório dos policiais envolvidos no tiroteio. Edição do JH do dia 26/10/2018.....	141
Figura 68 - Temporal em Juiz de Fora. Edição do JH do dia 25/12/2018.....	142
Figura 69 - Onça pintada é vista às margens do Rio Paraibuna em JF. Edição do JH do dia 02/05/2019.....	145
Figura 70 - Reportagem sobre como a onça pintada foi capturada no Jardim Botânico/UFJF. Edição do JH do dia 13/05/2019.....	145
Figura 71 - Professora é baleada no centro de Juiz de Fora. Edição do JH do dia 21/11/2019	146
Figura 72 - Maior apreensão de drogas de 2019. Edição do JH do dia 22/05/2019.....	147
Figura 73 - Cientista político explica sobre municípios terem mais eleitores que habitantes. Edição do JH do dia 06/11/2020	148
Figura 74 - Homem é resgatado após temporal em JF. Edição do JH do dia 14/2/2020.....	150
Figura 75 - Professor da UFJF fala sobre técnicas de construção de barragem. Edição do JH do dia 30/01/2019	152
.....	
Gráfico 1 - Editorias das notícias de Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje.	108
Gráfico 2 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2015.	122
Gráfico 3 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2015.	123
Gráfico 4 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2016.	127
Gráfico 5 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2016.	129
Gráfico 6 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2017.	132
Gráfico 7 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2017.	133
Gráfico 8 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2018.	136
Gráfico 9 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2018.	137
Gráfico 10 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2019.	143

Gráfico 11 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2019.	144
Gráfico 12 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2020.	149
Gráfico 13 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2020.	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente aos meses de setembro a dezembro de 2015.	64
Tabela 2 - VTs do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2016.	65
Tabela 3 - Fotos do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviadas à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2016.	67
Tabela 4 - Notas Cobertas e imagens do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviadas à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2016.	69
Tabela 5 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2017.	71
Tabela 6 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2018.	72
Tabela 7 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente a janeiro aos meses de dezembro de 2019.	73
Tabela 8 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2020.	77
Tabela 9 - Imagens do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviadas à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2020.	79
Tabela 10 - Assuntos que foram notícia sobre Juiz de Fora na década de 1980.	98
Tabela 11 - Assuntos que foram notícia sobre Juiz de Fora na década de 1990.	103
Tabela 12 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de setembro a dezembro de 2015.	118
Tabela 13 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2016.	124
Tabela 14 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2017.	129
Tabela 15 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2018.	134
Tabela 16 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2019.	142
Tabela 17 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2020.	147

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 ANTES DO ACONTECIMENTO VIRAR NOTÍCIA	21
2.1 O ACONTECIMENTO COMO CONCEITO	22
2.2 JORNALISMO E ACONTECIMENTO: OS CRITÉRIOS DA NOTÍCIA	27
2.3 O ACONTECIMENTO LOCAL NA TELA DA TV	35
2.4 MEMÓRIA E IDENTIDADE DO TELEJORNALISMO LOCAL	42
3 AS TVS JUIZFORANAS: BREVE HISTÓRICO DAS PRINCIPAIS EMISSORAS ..	46
3.1 COMO TUDO COMEÇOU: A TV MARIANO PROCÓPIO	46
3.2 PIONEIRISMO DO TELEJORNALISMO LOCAL: A TV INDUSTRIAL	48
3.3 A REGIONALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO: A TV PANORAMA	50
3.4 A ERA DO DIGITAL: A TV INTEGRAÇÃO	52
4 NÚCLEO REDE: A NOTÍCIA LOCAL PARA TODO O PAÍS	56
4.1 O SURGIMENTO DO NÚCLEO REDE	56
4.2 AS ROTINAS PRODUTIVAS DOS PROFISSIONAIS DA REDE NACIONAL E LOCAL	60
4.3 A PRODUÇÃO REGIONAL DA ZONA DA MATA E CAMPO DAS VERTENTES NO JORNAL HOJE ENTRE 2015 E 2020	62
4.4 O QUE LEVA UMA MATÉRIA LOCAL SER EXIBIDA EM REDE NACIONAL? ..	82
5 JUIZ DE FORA NO JORNAL HOJE: UMA RELAÇÃO ANTIGA	89
5.1 A PRIMEIRA REPORTAGEM DE JF EXIBIDA NA HORA DO ALMOÇO.....	92
5.2 AS REPORTAGENS EXIBIDAS ATÉ A VIRADA DO MILÊNIO: O QUE FOI NOTÍCIA EM 20 ANOS	98
5.3 JF NO TELEJORNAL COM PERFIL DE REVISTA	108
6 A NOTICIABILIDADE CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DOS PRODUTOS ENVIADOS PARA O HOJE ENTRE 2015 E 2020	116
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICE A – Entrevista com Emilene Silva	166
APÊNDICE B - Entrevista com Vanessa Rodrigues	176
APÊNDICE C - Entrevista com Maria de Fátima Diniz	182
APÊNDICE D - Entrevista com Hilda Mendes	191
APÊNDICE E - Entrevista com Augusto Medeiros	198

APÊNDICE F - Entrevista com Fabiano Rodrigues	207
APÊNDICE G - Entrevista com Larissa Zimmermann.....	213

1 INTRODUÇÃO

O telejornalismo, ao longo dos anos, se tornou uma referência para que as pessoas se informassem sobre os acontecimentos no mundo, ao mesmo tempo em que oferece uma maneira familiar de compreender o que ocorre nele (BECKER, 2016), por meio de sua estrutura que envolve imagem e texto. Na contemporaneidade, estamos em uma fase em que a TV encontra-se expandida e imersiva (SILVA, 2018), a partir do avanço tecnológico que faz com que a notícia esteja presente em diversas plataformas.

No ano em que a televisão completou sete décadas, o jornalismo televisivo estava em crise com a audiência, em virtude das novas tecnologias e o mundo enfrentava a pandemia da Covid-19. Neste período, os telejornais atuaram incessantemente no combate às *fakes news*, considerando sua função pedagógica (CERQUEIRA; VIZEU, 2019), além de cumprir outras como lugar de referência e construtor do real (VIZEU; CORREIA, 2008). Os laços sociais estabelecidos por Wolton (2006) se reafirmaram e o mundo globalizado voltou a se “conectar” à primeira tela. Em vista disso, o telejornalismo readquiriu a confiança do telespectador, por meio da certificação da notícia (REIS, THOMÉ, 2017; THOMÉ, PICCININ, REIS, 2020; SILVA, *et al*, 2022).

Independentemente da maneira que o público se informa, o processo de produção noticioso ainda está atrelado a práticas tradicionais, e necessárias, de filtragem e verificação dos acontecimentos antes deles virarem notícia, seja no telejornalismo local ou nacional. O telejornalismo local exerce importância pela proximidade criada no espaço e pelas transformações que impactam a vida de uma região, criando vínculo e pertencimento por parte das pessoas (COUTINHO; MARTINS, 2008), contribuindo para a construção da identidade daquele local. De maneira semelhante, a televisão também promove essa identidade nacional (COUTINHO; MUSSE, 2010), construindo um imaginário do país por meio das telas da teledramaturgia e do telejornalismo.

Nesse sentido, o telejornalismo local trabalha objetivando atender as demandas da sua localidade e a partir do momento que determinado acontecimento pode afetar pessoas para além da região abrangente, a notícia deixa de ser local. Dessa forma, o presente trabalho busca investigar, nesse contexto de reconfigurações que o telejornalismo vem passando (THOMÉ; PICCININ; REIS, 2020; BECKER, 2021), o que leva uma notícia local ser exibida em rede nacional, com foco no noticiário de Juiz de Fora, da TV Integração, veiculado do Jornal Hoje, da Rede Globo.

O caminho da notícia até ao telespectador perpassa um processo produtivo, portanto, no segundo capítulo deste trabalho, intitulado **“Antes do acontecimento virar notícia”**, procuramos delinear o acontecimento sob uma perspectiva filosófica para adentrarmos aos acontecimentos jornalísticos, a fim de compreender como os telejornais trabalham a noticiabilidade de uma mesma notícia de forma local e nacional. Os acontecimentos jornalísticos locais tendem a ter participação em rede nacional, em contrapartida nem todo acontecimento nacional terá repercussão no telejornalismo local. Dessa forma, mostramos como se dá essa lógica de exibição da informação. Além disso, ponderamos acerca dos conceitos de fato, acontecimento e notícia, visto que são termos utilizados pelos profissionais do jornalismo. Por fim, trouxemos apontamentos sobre como a memória tem dialogado com o telejornalismo. A partir de considerações sobre a memória jornalística (MUSSE, 2015, 2016, 2019; BARBOSA, 1995, 2004, 2016) trouxemos apontamentos sobre a atuação do jornalista para preservação da memória, assim como do telejornal.

No terceiro capítulo, **“As TVs Juizforanas: breve histórico das principais emissoras”**, retomamos a origem do telejornalismo local em Juiz de Fora, como se deu sua transformação ao longo dos anos por meio das emissoras de TV. A partir das mudanças tecnológicas e a alteração na rotina de produção das notícias, mostraremos o caminho percorrido desde a origem da TV Mariano na década de 60, a inauguração da TV Industrial em 1964, o início da operação da TV Globo em 1980, a atuação da TV Panorama em 1998 com foco no telejornalismo regional e a troca de marca para TV Integração em 2011/2012.

No quarto capítulo, **“Núcleo Rede: a notícia local para todo o país”**, após definirmos a consolidação do telejornalismo local de Juiz de Fora, por meio das emissoras que se instalaram na cidade, delimitamos o relacionamento com a rede nacional e as rotinas produtivas de um Núcleo Rede, o qual faço parte como produtora e editora de rede e motivou a realização desta pesquisa. A partir disso, podemos responder o que leva uma notícia local ser exibida em rede nacional, a partir das entrevistas realizadas com profissionais que fizeram e fazem parte do Núcleo Rede da TV Integração/ TV Panorama. Além desta pergunta norteadora, objetivamos também responder quais são as características das notícias locais que entram em rede nacional? Como é feita essa intermediação entre os profissionais? Ao traçarmos como se dá a exibição das notícias locais em rede nacional, podemos analisar também como é construída a imagem da cidade em rede nacional. As entrevistas foram feitas com a anuência do Comitê de Ética da UFJF.

O quinto capítulo, **“Juiz de Fora no Jornal Hoje: uma relação antiga”** traremos um arquivo inédito das primeiras matérias de Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje. O jornal teve

início em 1971, mas um incêndio ocorrido no Jardim Botânico destruiu o acervo das notícias. Devido a isso, o registro das primeiras reportagens de JF no telejornal são de 1980. Assim, trataremos 32 notícias da cidade exibidas até o início do século XX. A partir do conteúdo noticiado, podemos dimensionar quais as matérias que foram notícia na época, como eram construídas as reportagens e traçar um panorama do que foi noticiado. As matérias analisadas foram gentilmente cedidas pelo acervo da TV Globo para realização desta pesquisa.

No sexto capítulo, **“A noticiabilidade contemporânea: análise dos produtos enviados para o Jornal Hoje entre 2015 a 2020”** analisamos as notícias de Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje entre os anos de 2015 e 2020, visto que o primeiro material registrado em documentos do Núcleo Rede¹ da TV Integração enviados ao JH consta de setembro de 2015. A partir de eixos temáticos, investigamos os assuntos que mais foram exibidos no telejornal. A partir disso, dimensionamos quais são as notícias locais de JF que mais foram veiculadas no telejornal de rede, qual a participação do telejornal local, além de mostrar as demandas da própria rede nacional ao telejornalismo local. Dessa forma, foram criadas tipologias das produções elaboradas pelo Núcleo Rede e as produções que foram pedidas pelo Jornal Hoje, sendo possível analisar quais os tipos de produções mais exibidas: imagens, sonoras, personagens, VTs. Assim, podemos ter conhecimento da produção jornalística local que foi exibida em rede nacional.

¹ O Núcleo Rede é uma equipe de profissionais do jornalismo que oferece as produções (notícias) do telejornalismo local para os jornais da rede nacional. Esse Núcleo é formado por um produtor/editor e um repórter exclusivos, porém, no interior eles também desempenham outras funções, atendendo o jornalismo local. O repórter cinematográfico e editor de imagem, geralmente, não são específicos.

2 ANTES DO ACONTECIMENTO VIRAR NOTÍCIA

O processo produtivo da notícia está atravessado pelo avanço tecnológico vertiginoso, alterando a maneira convencional de elaboração dos fatos noticiosos. Esse cenário digital também perpassa a atuação dos meios de comunicação, especificamente no caso da TV aberta, e visa cada vez mais a conexão e sincronicidade com o audiente frente à era do *on demand*. Neste aspecto, em que a convergência midiática modifica a estética da televisão, e conseqüentemente, do telejornalismo, deparamos com um novo ambiente audiovisual, com mídias convergentes e receptor cada vez mais participativo na produção e consumo de conteúdo. Entretanto, a prática de seleção e construção dos acontecimentos que virão a se tornar notícia se mantém adaptada aos novos formatos.

Acontecimento é uma terminologia muito utilizada no jornalismo e, a partir dele, muitas situações ganham ênfase em detrimento de outras. Logo, nem todo acontecimento tem potencialidade para virar notícia. Pensando assim, na primeira parte deste capítulo, procuramos elencar o conceito de acontecimento a partir de uma ótica filosófica, entendendo como ele é capaz de afetar o indivíduo (QUÉRÉ, 2005, 2012), interferir no passado e futuro, tendo no presente papel fundamental na construção da realidade. Pela perspectiva de autores como Quéré (2005, 2012), França (2012) e Zizek (2017), especificamos o que é acontecimento a fim de, posteriormente, diferenciarmos do acontecimento jornalístico. Nesse percurso, abordamos também termos técnicos como, por exemplo, o que é fato, muitas vezes usado como sinônimo de acontecimento.

O presente capítulo traz ainda os critérios de noticiabilidade, a partir dos trabalhos de Traquina (2020), Wolf (2008), Silva (2005) e Vizeu (2014). Apresentamos também os principais valores-notícias listados pelos autores, a fim de mostrar como o telejornalismo local e nacional trabalham o mesmo acontecimento, dando enquadramentos distintos à notícia. Procuramos também conceituar notícia, “uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 1996, p.185). Desta maneira, procuramos apontar que por meio dos critérios de noticiabilidade, um acontecimento tende a ser repercutido, somado também ao interesse organizacional em noticiar determinada informação e pelo repertório cultural do jornalista que atua como *gatekeeper*². Dessa forma, apresentamos como que se dá essa lógica de exibição da notícia e por fim, como a memória tem dialogado com o telejornalismo, a partir da construção

² A teoria do Gatekeeper pressupõe que as notícias são como são porque os jornalistas assim as determinam. Os acontecimentos só viram notícias após passarem por um “portão” selecionado pelo jornalista.

da identidade da cidade.

2.1 O ACONTECIMENTO COMO CONCEITO

As relações humanas se dão por meio dos vínculos que criamos a partir das relações que estabelecemos, seja face a face ou por meio das telas. Movidos pela rotina que absorve grande parte do nosso tempo e por meio dela vivemos o encontro inesperado com o amigo de infância, ficamos presos no trânsito por conta de um acidente ou presenciamos catástrofes naturais sem poder de reação. Acostumados a nomear tais ocorrências de acontecimentos, estes fatos³, ou seja, algo que poderia ser provado segundo Sodré (2012), são dotados de sentidos que vão muito além da interpretação que lhe é própria. Segundo Guerra (2008), fato é “manifestação da ordem da realidade” (GUERRA, 2008, p.36). Pela visão do jornalista Juarez Bahia, fato pode ser traduzido como

Semelhante a acontecimento. O que acontece e é notícia. Assim como a notícia é a matéria-prima do jornalismo, o fato é a matéria-prima da notícia. Em comunicação de massa, o termo associa concepções de valor (como importância, hierarquia, atualidade, interesse, etc.) e associa, necessariamente, a coisa ou ação feita, o caso em si mesmo e suas consequências, o que existe e o que é real. É por isso que se diz popularmente: “contra os fatos não há argumentos”, sedimentando no jornalismo a impressão de que a verdade do que se fala, se vê ou se escreve, está (ou existe) na realidade dos fatos (BAHIA, 2010, p.154).

Sendo assim, fatos precisam ser verificados. Ao manifestar destreza para o jornalismo, o acontecimento torna-se notícia, ou seja, um acontecimento selecionado, tratado e editado. Charaudeau (2018) afirma que “o acontecimento, de algum modo, é um fato que se inscreve num certo domínio do espaço público, e que pode ser reportado sob a forma de um minirrelato” (CHARAUDEAU, 2018, p.132). Nesse sentido, podemos dizer que para o jornalismo os fatos são um recorte da realidade, “acontecimentos jornalisticamente interpretados” (LENE, 2014, p.03).

É inegável que esses acontecimentos e a forma como os denominamos fazem parte de nossas vidas e de uma forma peculiar mexem com algo dentro de nós. Dificilmente passamos um dia sequer sem contar algo que aconteceu conosco ou mesmo se interessar por algum acontecimento que nos é relatado. Para acontecer basta estar no campo de visão de um

³ Em “A Narração do Fato”, Muniz Sodré explica o que é fato a partir da visão do filósofo Kant, “são fatos as propriedades matemáticas das grandezas, assim como objeto de qualquer experiência possível” (2012, p. 28). No senso comum seriam ocorrências em geral.

observador (QUÉRÉ, 2005, 2012), sendo assim, “o acontecimento não significa em si” (CHARAUDEAU, 2018, p.131), justamente referindo que ele precisa estar dentro de um contexto. E assim, podemos ser afetados ou não pela ação, tornado o acontecimento ubíquo e talvez, mais visível para a sociedade por meio da mídia.

O acontecimento se manifesta em muitos meios e ambientes e também interfere em várias esferas do conhecimento. Está intrinsecamente relacionado com as experiências obtidas no tempo vital, como explica Sodré (2012) a partir do pensamento de Walter Benjamin, que a experiência é “o conhecimento que se aúfere da vida prática” e ainda, “experiência não é a surpresa, nem o extraordinário, mas aquilo que, em toda ação quotidiana, revela-se como constituinte ou originário. É, portanto, algo grupal ou coletivo, decorrente da infância originária do grupo (o todo) ao indivíduo, e vice-versa” (SODRÉ, 2012, p. 177).

Nesta perspectiva, o intervalo de tempo entre os conceitos de experiência e vivência é um dos aspectos que os diferenciam e por assim dizer, ao se ter experiência pressupõe-se uma apreensão mais detalhada sobre algo que contamos ou relatamos, reforçando a ideia da presença do acontecimento em nossas vidas. Portanto, antes de traçar uma análise das notícias jornalísticas do telejornalismo local que são exibidas em rede nacional, presumimos um caminho teórico-conceitual sobre o acontecimento, justamente porque antes da seleção e construção da notícia, tratamos do acontecimento em si, “pois é do acontecimento vivido que se abastece o acontecimento jornalístico e esse intervém na percepção daquele” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 122). Assim, seria importante compreender o conceito de acontecimento não só a partir do jornalismo, mas também de campos como a Filosofia, a História, as Ciências Sociais, que discorrem sobre o seu significado e as possibilidades de problematização de tudo que interfere na vida humana.

Acontecimentos têm causas e efeitos que ultrapassam o entendimento da sua esfera existencial. Slavoj Žižek (2017), em sua obra, “Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito”, por meio de uma abordagem filosófica, explica que “um acontecimento é, assim, o efeito que parece exceder suas causas - e o espaço de um acontecimento é aquele que é aberto pela brecha que separa o efeito das causas.” (ŽIZEK, 2017, p. 07). Dessa forma, a natureza acontecimental, assim denominada por ele, é muito mais abrangente do que pensamos e podemos dizer que vivemos cercados de acontecimentos, os quais não necessariamente estão relacionados com nossa vida.

Um ‘acontecimento’ pode significar um desastre natural devastador ou o último escândalo protagonizado por uma celebridade, o triunfo do povo ou uma brutal transformação política, uma experiência intensa proporcionada por uma obra de arte ou por uma decisão de foro íntimo (ŽIZEK, 2017, p. 05).

Um acontecimento não precisa ser materializado fisicamente. A própria realidade é considerada um acontecimento (ZIZEK, 2017), já que “em sua forma elementar, um acontecimento não é algo que ocorra dentro do mundo, mas uma mudança no próprio arcabouço pelo qual percebemos o mundo e nos envolvemos nele” (ZIZEK, 2017, p 12). Logo, o acontecimento provoca movimentações de sentidos, o que nos permite analisá-los a partir dos desdobramentos das circunstâncias. Por mais que os fatos aconteçam de forma semelhante, eles sempre vão gerar novas discussões que levam a produção de novos desdobramentos e possibilidades de compreender aspectos sociais da vida humana. No jornalismo, o desenrolar desses assuntos são trabalhados a partir do agendamento, o que permite produções mais elaboradas, diferentemente dos factuais.

Vera França (2012) aponta a banalidade do uso do termo, “que usamos fartamente no nosso dia a dia, tanto para nos referirmos ao que acontece conosco ou ao nosso redor, como para falar das ocorrências no mundo” (FRANÇA, 2012, p.12). O acontecimento, segundo ela, também está como uma categoria referenciada nas Teorias do Jornalismo, como sinônimo de fato (FRANÇA, 2012) ou como compartilha Charaudeau⁴ (2018), conceito semelhante apresentado por Zizek (2017)

O acontecimento é definido ora como todo fenômeno que se produz no mundo, ora de maneira restritiva como todo fato que está fora da ordem habitual. Ora o acontecimento é confundido com a novidade, ora ele se diferencia dela, sem que se defina a diferença. Ora defende-se a ideia de que o acontecimento é um dado da natureza, ora sustenta-se que ele é provocado (CHARAUDEAU, 2018, p. 95).

Partimos do princípio que o acontecimento acontece a alguém (FRANÇA, 2012) e por este simples fato, atravessa nossa existência. Somos afetados de formas diferentes, já que o acontecimento se manifesta nas particularidades de cada indivíduo. Presente no nosso cotidiano, ele rompe as barreiras da normalidade e desorganiza o presente, permitindo buscar respostas em relação ao ocorrido e em virtude disso, direciona nosso olhar para o antes de tê-lo acontecido, para um passado e ao mesmo tempo, para um futuro, cogitando interpretações acerca dele. Esta concepção do acontecimento, Quéré (2005) atribuiu de poder hermenêutico do acontecimento, “por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, ele faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação” (QUÉRÉ, 2005, p. 60).

⁴ Apesar do autor abordar uma corrente da Análise do Discurso, diferente dos autores que trazemos na pesquisa que abordam a construção da narrativa, a ideia foi trazer o conceito de acontecimento.

Ainda segundo Quéré (2005) citado por França (2012) “o acontecimento convoca passado e futuro. Faz-nos olhar para trás, olhar diferentemente para trás, e indagar: onde ele estava anunciado e não foi percebido? De onde ele vem, e que causas vieram a provocá-lo? (QUÉRÉ, 2005, p. 62-63)”. Isso se manifesta porque, apesar do acontecimento se concretizar no presente, ele direciona os tempos (passado e futuro). E o entendimento do que o provocou, muitas vezes se dá nesse passado, conforme Quéré expõe “é ‘voltados para trás’ que produzimos a inteligibilidade dos acontecimentos (2012, p.26).

Em “A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista”, Quéré (2012) explica que passado e futuro tem a ver com ideação e que fazemos extensões a partir de ambos. Em relação ao passado temos que visualizar que ele não pode ser modificado (se ele ocorreu, não é possível alterá-lo) e que ele, o passado, também não é dotado de valor absoluto, “ele é sempre o passado de um presente experiencial, principalmente o passado dos acontecimentos que emergem neste presente” (p.27) e ainda

Ele cria um passado porque surge a questão de saber o que o provocou e condicionou e cria um futuro, porque há interesse por suas potencialidades e suas consequências, ou seja, por seu significado, e porque se pretende, em maior ou menor grau, controlar sua reaparição (QUÉRÉ, 2012, p.27).

A partir dessa “dupla vida”, se instaura outro olhar sobre o sentido dos acontecimentos, não só o seu entendimento existencial, mas no caso do estudo do acontecimento no jornalismo, a possibilidade de explorar a construção narrativa da notícia. Na primeira dimensão, França e Cunha (2017) salientam que entendemos o acontecimento na sua esfera de existência. Desta maneira, “o existencial é simplesmente o que existe, o que experimentamos como existente concretamente com suas qualidades imediatas” (QUÉRÉ, 2012, p. 23). Por outro lado, a segunda vida do acontecimento está para uma lógica simbólica, já que quando algo acontece, de uma forma ou outra, ele provoca algum sentimento no indivíduo ou na coletividade, revelando sua segunda extensão, que corresponde a busca de sentido daquele objeto, de conhecimento, análise. De acordo com Simões (2014) citado por França “o acontecimento-existencial ganha uma nova dimensão ao ser simbolizado, através da linguagem, o que o constitui como acontecimento-objeto” (SIMÕES, 2014, p.190).

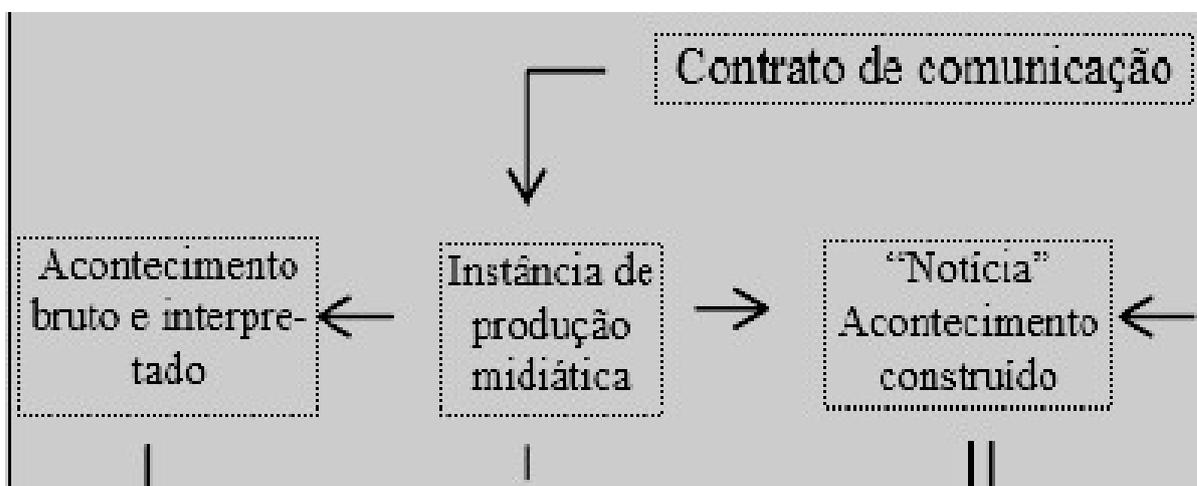
Diante desta conjunção, não há possibilidade de separar um do outro, já que quando um se manifesta, conseqüentemente, revela sua segunda face. Em vista disso, a opção em trazer o conceito do acontecimento numa ótica mais conceitual possibilita interpretarmos e fazermos leituras mais profundas dos fatos que se materializam no cotidiano e assim, como França e Cunha (2017) pontuam, a “dupla vida” possibilita uma interpretação de tendências, compreender o que não está nítido e nos permite coletar sentidos a partir do que simplesmente

acontece.

Por um lado, permite a identificação e a análise das experiências individuais e coletivas, das afetações e da factualidade dos fenômenos. Por outro, possibilita visualizar como se dá a construção de narrativas em torno de um acontecimento, as disputas de sentidos e a espetacularização de determinado evento a partir de discursos midiáticos que ganham significação e circulação na sociedade. Isto sem esquecer que ambas as instâncias não deixam de estar vinculadas uma à outra (FRANÇA; CUNHA, 2017, p. 80).

E é neste ponto que chegamos à ideia de acontecimento jornalístico como “o fato digno de registro na forma de notícia” (FONSECA, 2010, p.173). O que nos possibilita dizer que ele nunca é transmitido em sua forma bruta, principalmente tratando o acontecimento dentro do campo dos estudos da comunicação. A figura abaixo (Figura 1) mostra o contrato de comunicação proposto na obra o “Discurso das Mídias” (CHARAUDEAU, 2018), no qual podemos compreender a importância da pesquisa acerca do acontecimento para adensar a notícia, que nos é relatada diariamente.

Figura 1 - Contrato de Comunicação.



Fonte: Reprodução da autora, retirada do livro Discurso das Mídias (CHARAUDEAU, 2018, p. 114).

Para cada indivíduo, o acontecimento ocorre de uma forma, envolvendo um "universo de discursos" (CHARAUDEAU, 2018), discursos que circundam os acontecimentos, que por meio de uma linguagem, é dividido em temas. Por meio desses temas, cria-se possibilidades de interpretações, a partir de quem recebe, ou seja, para que o acontecimento ocorra ele precisa de sujeitos que o interpretem. Logo, “o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra, num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna

inteligível” (CHARAUDEAU, 2018, p.95). Importante salientar também para além da necessidade de sujeitos que interpretem esse acontecimento, há necessidade para que o acontecimento ocorra, aconteça uma modificação no estado do mundo (CHARAUDEAU, 2018).

É a partir deste estado, onde há um indivíduo afetado, uma modificação é provocada envolta dele (ruptura), gerando percepções, expondo uma realidade que ao mesmo tempo faz se entender e transforma o ambiente, temos o acontecimento, que só se torna notícia quando é levado ao conhecimento de alguém. Nesse sentido compartilhamos do pensamento que

O acontecimento, para se tornar jornalístico, antes de configurar uma narrativa feita na forma de notícia, precisa primeiramente atingir, fazer sentido, para o primeiro grupo dos “sujeitos de percepção” desse processo comunicativo - os jornalistas. Só depois de transpor esse “gate” é que atingirá a existência pública de acontecimento (FONSECA, 2010, p. 182-183).

É possível constatar também o acontecimento jornalístico a partir da reflexão de Benneti (2010), visto que “o jornalismo torna-se *acontecimento*, por si, quando ocupa este lugar único na organização e compreensão da vida cotidiana, quando escreve parte da história e quando adquire o estatuto de uma disciplina tomada como objeto de pesquisa científica” (BENETTI, 2010, p. 163). Como diz Meditsch (1997), o “jornalismo é uma forma de conhecimento”. Dessa maneira, durante o processo de construção da notícia, temos o acontecimento imerso ao nosso redor, afetando sentidos e suscitando discussões. Se até aqui tentamos discorrer sobre a noção de acontecimento, a seguir trataremos as tipologias do acontecimento no campo jornalístico que vão ser base para adentrarmos também nos critérios de noticiabilidade. Desta forma, entender o porquê de um acontecimento virar notícia está estritamente relacionado também com os valores-notícias que lhe são atribuídos durante todo o processo noticioso.

2.2 JORNALISMO E ACONTECIMENTO: OS CRITÉRIOS DA NOTÍCIA

Tradicionalmente, jornalistas são conhecidos por contar estórias. Traquina dizia que “os jornalistas veem os acontecimentos como ‘estórias’ e as notícias são construídas como ‘estórias’, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’” (TRAQUINA, 2020, p. 249). Já Motta (2013) lembra que o jargão da profissão considera, como um pressuposto, que “jornalistas não contam estórias, reproduzem fielmente a realidade como um espelho” (MOTTA, 2013, p.96). O autor, no entanto, defende que os “jornalistas escrevem os

acontecimentos⁵”. No jornalismo televisivo, essa estória contada em forma de notícia, muitas vezes em ordem inversa dos fatos, obedecendo a lógica da pirâmide invertida⁶, compõe o discurso jornalístico.

Em “A Tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional”, Traquina (2020) aponta que “as definições do que é notícia estão inseridas historicamente e a definição da noticiabilidade de um acontecimento ou de um assunto implica um esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional” (TRAQUINA, 2020, p.87). Ao reconhecer que um acontecimento tem potencial noticioso - e mais à frente abordaremos os critérios de noticiabilidade - o jornalista também assume postura de testemunha da realidade, relatando o que outras pessoas presenciaram, sentiram e “desse modo, mais que dar conta do acontecimento, antes disso, o jornalista tacitamente assume sua função de reconhecer as situações que movem a sociedade, sabendo de que tal atenção possui uma repercussão e por isso, sentido social” (TAVARES, 2013, p. 187).

Talvez, essa seja a função mais importante do fazer jornalístico, retratar a vida cotidiana, apontando o que é falho socialmente como também refletir o que os indivíduos almejam, esperam e sentem diante do que lhe afeta. E nesse desenrolar de “contar uma estória” ou narrar os fatos, a partir dos acontecimentos, dá-se como resultado a produção de notícias e neste âmbito entramos no espaço do acontecimento jornalístico, que “seria resultado de ‘um trabalho *logotécnico* de determinação das circunstâncias - apuração dos detalhes, realização das entrevistas, portanto, mobilização de parcelas do público, que são também ‘atores’ do acontecimento” (SODRÉ, 2009, p.59). Já para os autores Vogel, Meditsch e Silva (2013), ao propor uma série de análises acerca do acontecimento jornalístico, aponta-o como tradução cultural

A partir da ideia de que o texto jornalístico realiza sempre uma tradução dos fatos, e de que esse texto está configurado como acontecimento noticiado, logo, inserido no campo da tradução cultural e dos modos de construção simbólica da sociedade, conclui que o acontecimento jornalístico é acontecimento traduzido (VOGEL; MEDITSCH; SILVA, 2013, p. 12).

Há ainda outros conceitos norteadores sobre o que é o acontecimento jornalístico, e dentro desta definição temos também suas tipologias que ajudam a entendê-lo. Seguindo um senso comum, há uma divisão entre eles, como acontecimentos imprevisíveis e previsíveis.

⁵ <https://ww2.uft.edu.br/ultimas-noticias/15547-professor-luiz-gonzaga-motta-fala-sobre-sua-pesquisa-em-narrati-vas>. Acessada em 26/03/2022.

⁶ A pirâmide invertida é uma técnica de estruturação de texto jornalístico.

José Manuel dos Santos (2005) citado por Berger e Tavares (2010) define que os acontecimentos podem ser “microacontecimentos” (de pequena repercussão), “macroacontecimentos” ou acontecimentos midiáticos, que fugiriam da normalidade e “megaacontecimentos”, que seriam acontecimentos com uma importância maior como, por exemplo, o 11 de setembro⁷, imerso de valores-notícia como a morte, a novidade, o inesperado. Para Charaudeau (2018), dentro da imprevisibilidade do acontecimento teríamos o “acontecimento-acidente” (catástrofes naturais), que surge da factualidade ou do inesperado. Morin (1995) e Augé (2001) também mencionados por Berger e Tavares (2010) trabalham com a ideia de “não acontecimento”, que não se espera e para ganhar sentido, recorre-se a outro fato na tentativa de explicá-lo.

Em relação aos acontecimentos previsíveis, Charaudeau (2018) aponta que o acontecimento pode ser “programado”, como o próprio nome diz, algo que foi previamente estabelecido (competições de futebol, comemorações, eleições) e “suscitado”, preparado e provocado por um setor institucional. Babo-Lança (2008) diz ainda em “pseudoacontecimento”, que seriam os acontecimentos planejados para serem notícia sem atender aos critérios de noticiabilidade, ou seja, eventos criados como manifestações. Assim, a partir destas tipologias, o acontecimento jornalístico ganha espaço para ser noticiado.

Dependendo o quanto ele pode interferir no cotidiano de um grupo ou afetar um indivíduo de modo peculiar, o acontecimento pode se tornar um acontecimento local, repercutindo em apenas uma região, como também ser acontecimento com alcance nacional e um grande acontecimento. Neste caso em estudo, trataremos dos acontecimentos e notícias exibidas pelo jornalismo televisivo e por se tratar de uma pesquisa sobre a TV Integração, da Zona da Mata mineira, adentraremos com exemplos específicos de coberturas telejornalísticas da emissora para contextualizar alguma explicação. Dentro deste ponto de vista, o telejornalismo local e o nacional enxergam os acontecimentos de formas diferentes, pois para cada um há uma especificidade a ser adotada ou, melhor dizendo, um critério de noticiabilidade que será capaz de tornar o acontecimento um fato noticioso.

Como mencionado anteriormente, os acontecimentos podem ser de várias naturezas, previstos e imprevistos, e os telejornais a partir dos critérios de noticiabilidade darão espaço ou não para que um acontecimento vire notícia. Nós jornalistas entendemos esses critérios de forma natural, ao ponto que não distinguimos que em determinada notícia foram aplicados os critérios *x* e/ou *y*, e por isso, foram importantes para que o acontecimento se transformasse em

⁷ Os ataques ou atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 foram uma série de ataques contra os Estados Unidos coordenados pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda em 11 de setembro de 2001.

notícia. Pelo contrário, como o processo noticioso envolve várias etapas, temos a interferência desses critérios tanto na seleção, construção, até o momento de exibição. E de forma natural, essas avaliações são realizadas intuitivamente.

Se, aos olhos dos jornalistas, o acontecimento passa por crivos de seleção, aos olhos do público, suas necessidades e o que ele produz - já que a tecnologia possibilitou que ele ficasse cada vez mais participativo, precisam estar no telejornal. Pelos aplicativos de mensagens das redações, centenas de mensagens são enviadas por dia. Nesse movimento de ‘entrega’ dos acontecimentos o jornalista mantém o papel de *gatekeeper* (WHITE, 1950), filtrando o que será ou não notícia.

O processo de produção da notícia é extremamente complexo e envolve desde a captação, laboração/redação/edição, uma audiência interativa. Envolve momentos de contextualização e descontextualização dos fatos. É resultado da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens, da enunciação jornalística e das práticas jornalísticas (VIZEU; CORREIA, 2008, p.03).

Por isso, nem tudo que acontece se exhibe no telejornal. E justamente pela imensidão de ocorrências que são apuradas pelos profissionais ou aquelas que o público relata ou mesmo pelo agendamento que é característico da profissão, necessitam de uma triagem. Nessa fase de seleção, critérios de noticiabilidade são aplicados nos acontecimentos. Logo, a noticiabilidade, segundo Wolf (2008), corresponde ao “conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção das notícias” (WOLF, 2008, p. 202).

Dessa forma, o que define se um acontecimento vira notícia são os critérios de noticiabilidade, “conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor notícia’” (TRAQUINA, 2020, p. 56). No campo jornalístico, ao tratarmos dos valores-notícias, consideramos os estudos de Galtung e Ruge (1965/1993) citados por Traquina (2020). Os pesquisadores apontam doze valores-notícias: frequência, amplitude do evento, clareza ou a falta de ambiguidade, significância, consonância, inesperado, continuidade, composição referência a nações de elite, personalização, negatividade. Além disso, Traquina pondera que foi Mauro Wolf que apontou a presença desses valores ao longo de todo o processo noticioso.

Os valores-notícia de seleção, de acordo com Wolf (2008), são os critérios que os jornalistas utilizam na decisão de escolher um acontecimento para transformar em notícia e não optar por outro, como a morte, que traz um apelo forte nas notícias televisivas. Já os

valores-notícia de construção dizem respeito ao que deve ficar evidenciado, o que não deve ser exibido, o que é prioritário mencionar. A relevância é um valor-notícia muito utilizado para abranger um número maior de telespectadores.

Ao estudar a noticiabilidade, reunindo diversos conceitos de autores que pesquisam o processo de produção, Gislene Silva (2005) estabeleceu uma sistematização dos critérios de noticiabilidade, permitindo uma reflexão sobre os valores-notícias, que como já mencionamos, não só agem na seleção, mas como em todo o processo de hierarquização da notícia. Nesse sentido, a jornalista compreende a noticiabilidade como todo e qualquer fator que possa interferir no processo noticioso, como avaliação pessoal do jornalista, cultura da empresa, qualidade do material, relação com as fontes e público, situação histórica, política, econômica, social, entre outros.

A partir de estudos no campo, Silva (2005) propôs três instâncias de critérios de noticiabilidade: na origem dos fatos (atributos próprios do profissional e da organização como proximidade, tragédia, curiosidade), no tratamento dos fatos (formato do produto, qualidade do material, prazo de fechamento, infraestrutura, tecnologia, relação do repórter com fonte e público) e na visão dos fatos (compreende conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade). Isso possibilita pensarmos que os valores-notícia são mutáveis e não agem de forma isolada em um determinado acontecimento.

Apesar de agirem em diferentes momentos, na seleção primária, para a triagem, e na seleção hierárquica, como linhas-guia para o tratamento das matérias, os valores-notícias devem ser definidos como as qualidades dos eventos e não 'da sua construção jornalística'. Eles participam ativamente da construção noticiosa, mas a produção da notícia e sua qualidade são resultado de muitos outros critérios ou fatores de noticiabilidade (SILVA, 2005, p.99).

Por essa capacidade de ação, são inúmeros os valores-notícias. Temer (2007), ao problematizar sobre as tipologias das produções jornalísticas, considera como valores-notícia “a importância dos indivíduos envolvidos nos acontecimentos, o impacto do fato sobre a nação e o interesse nacional, a quantidade de pessoas que envolve o acontecimento e a sua possível evolução em um fato mais grave” (TEMER, 2007, p.58). Há ainda um consenso entre os mais usuais. A novidade, marca da atualidade, é um valor-notícia fundamental no jornalismo. Para despertar interesse, a notícia precisa de uma novidade, ou por que então acreditar na sua construção? Sendo assim, o jornalismo contemporâneo visa ainda mais o *news of the day* (SODRÉ, 2012, p.71), ou notícia factual, não desconsiderando os outros tipos de produções.

Vejamos a notícia sobre um meteoro que entrou na atmosfera da terra, produzida pela

TV Integração e que foi exibida tanto no telejornal local da emissora e em rede nacional. De modo particular, este é um exemplo, do qual participei da seleção do fato, edição até a entrega final da apresentação, como produtora e editora de Rede da emissora. O fenômeno se deu em uma sexta-feira, dia 14/01/2022. As imagens do meteoro entrando na atmosfera da Terra começaram a circular nas redes sociais. Elas foram captadas por meio de câmeras de monitoramento de várias casas e estabelecimentos, além de instituições que monitoram ao vivo eventos desta natureza. Ao todo, 13 estados diferentes, mais o Distrito Federal, registraram o fato. Porém, imagens do meteoro nas cidades do triângulo mineiro circulavam de forma mais numerosa na internet, o que possibilitou a produção da notícia e o envio dessas imagens à rede nacional, a partir da imprevisibilidade (além da factualidade) da circunstância.

Logo, a partir da imprevisibilidade do acontecimento, ele “virou” notícia. Como a probabilidade de uma estrela cadente entrar na atmosfera terrestre é pequena, além da curiosidade e surpresa que despertaram nas pessoas que viram, tais valores-notícias condicionaram que o acontecimento fosse checado e produzido. O Jornal Nacional exibiu a reportagem⁸ da TV Integração, e posteriormente, publicou na plataforma Globoplay com a legenda: *“Meteoro cruza o céu do Brasil: o fenômeno luminoso surpreendeu moradores de três estados e do Distrito Federal”* (Figura 2). O valor-notícia do inesperado também foi um dos motivos para a veiculação do acontecimento na televisão.

Figura 2 - Meteoro que cruzou o céu do Brasil é notícia no JN.



Fonte: Print da Globoplay da reportagem exibida no Jornal Nacional.
Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10214627/>. Acessada em 24/03/2022.

⁸ Reportagem do meteoro exibida pelo JN - <https://globoplay.globo.com/v/10214627/>. Acessada em 24/03/2022.

Os mesmos critérios também foram usados pelo telejornal da Globo Minas e pelo telejornal local de Uberlândia, da TV Integração. A praça em BH exibiu a notícia em forma de nota coberta⁹ e legendou o vídeo da seguinte forma na plataforma de streaming da Globo: *“Meteoro em Minas: fenômeno é visto por moradores do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba”* (Figura 3) e a TV em Uberlândia, exibiu uma reportagem¹⁰, que depois no site da emissora teve como descrição: *“Meteoro visto no Triângulo Mineiro estava a mais de 43 mil km/h. Fenômeno ocorre quando uma explosão muito brilhante ocorre na atmosfera causada pela entrada de um meteoro. Câmeras de segurança registraram o rastro de luz em Uberlândia, Patos de Minas, Araxá, Nova Ponte, Santa Juliana, Pedrinópolis, Perdizes e Irai de Minas”* (Figura 4).

Figura 3 - Meteoro é um dos assuntos do telejornal da TV Globo em BH.



Fonte: Print da Globoplay da nota coberta exibida pela Globo Minas.
Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10214264/>. Acessada em 24/03/2022.

⁹ Nota coberta do meteoro exibida pela TV Integração. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10214387/>. Acessada em 24/03/2022.

¹⁰ Reportagem do meteoro exibida pela Globo Minas- <https://globoplay.globo.com/v/10214264/>. Acessada em 24/03/2022.

Figura 4 - Meteoro é visto por diversas pessoas no Triângulo Mineiro.



Fonte: Print da Globoplay da reportagem exibida pela Globo Minas.

Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10214387/>. Último acesso em 24/03/2022.

Podemos observar que os telejornais da TV Integração e TV Globo Minas, além de se utilizarem da imprevisibilidade, do inesperado, da curiosidade, trouxeram o fato mais para si, tornando-o mais local (apesar de não ter sido um acontecimento apenas pontual). Assim, a forma com que os valores-notícia serão trabalhados depende de cada empresa, do profissional que colabora na produção, conferindo proximidade onde atuam, e outros fatores como apontado acima.

Além disso, os produtos jornalísticos não se dão apenas pela interferência de valores-notícia, pois já dissemos que eles agem durante todo o processo, o que é visível ao assistir a matéria do meteoro no Jornal Nacional e verificar a preferência por mostrar imagens da passagem do fenômeno em quase todos os 13 estados. Em contrapartida, observamos que a Globo Minas e a TV Integração visualizaram as imagens correspondentes às cidades da sua área de cobertura, construindo uma notícia com perfil mais local.

A pesquisa sobre os critérios de noticiabilidade só reforça a importância do estudo para a produção de notícias, principalmente, em um momento que o telejornal compete com sites de informação e redes sociais, ou mesmo se reinventa a partir desse novo ecossistema midiático. As próprias empresas telejornalísticas têm investido na veiculação de seus jornais na internet, como já faz a TV Integração, e criam espaços de circulação na web, em que buscam gerar novos laços com sua audiência. A função do telejornal é a mesma, mas as transformações no campo comunicacional trazem novos desafios e, ao ser reproduzido em

outra plataforma, demanda que o processo de produção seja elaborado para que atenda a outras telas. Observa-se que a linguagem há um tempo é menos formal, mais próxima da fala cotidiana (REIS; THOMÉ, 2022; BECKER; THOMÉ, 2022; THOMÉ; REIS, 2022).

A construção das notícias por meio do jornalismo abarca não só um tipo de público, mas diferentes gerações e, com isso, acreditamos que futuramente, os valores-notícia precisarão também ser repensados, pois cada meio possui suas particularidades, apesar dos critérios para selecionar a notícia serem os mesmos. Temer (2019) faz uma reflexão importante quando comparamos o telejornalismo local e nacional frente à concorrência das novas redes, com espaço para conteúdos sensacionalistas, “em uma opção qual os valores-notícias tradicionais são secundarizados pelos apelos emocionais” (TEMER, 2019, p. 75).

Como vimos, as investigações são fundamentais para compreender as mudanças no noticiário, principalmente, televisivo, como salienta Temer

Nos telejornais atuais, é possível perceber que alguns acontecimentos veiculados não seguem os critérios da noticiabilidade e são selecionados apenas pelo interesse público que despertam, pela carga emocional ou pelo aspecto hilariante (TEMER, 2003, p. 43).

As mudanças políticas, econômicas, sociais e tecnológicas interferem nesse fazer jornalístico, ou seja, é característico da profissão que as mudanças da vida humana impactam no noticiário. Por isso, a necessidade de entender os valores-notícia e as mudanças que interferem no processo noticioso.

2.3 O ACONTECIMENTO LOCAL NA TELA DA TV

Nos últimos anos, o telejornalismo reforçou ainda mais sua importância em relação à produção de notícias. Durante os primeiros meses de pandemia da Covid-19, enquanto diversos tipos de entretenimento eram reprisados na televisão brasileira, o telejornal elevou sua audiência. De acordo com o Kantar IBOPE¹¹ de abril de 2019 a abril de 2020, o jornalismo televisivo passou de 20% para 30% de *share*¹². Ainda segundo a pesquisa, entre os telespectadores, 82% afirmaram acompanhar o noticiário na TV e 43% defenderam o telejornalismo como forma rápida e confiável de se informar. O que nos mostra o quanto a TV

¹¹ <https://www.abert.org.br/web/notmenu/kantar-ibope-tv-cresce-durante-pandemia.html#:~:text=Programas%20esportivos%20e%20de%20audit%C3%B3rio,acompanhar%20o%20notici%C3%A1rio%20na%20TV>. Acessada em 31/03/2022.

¹² Share representa, em porcentagem, a participação de determinado programa ou emissora no total de televisores ligados dentro de uma faixa horária.

se mantém como meio de comunicação eficiente não só de informação, principalmente por meio do telejornalismo. Se por algum momento ouvimos que a televisão como o telejornal estariam à beira de um colapso, Arlindo Machado (2011) em reflexão em diversos trabalhos sobre o eventual fim da televisão não excluiu as dificuldades que ambos enfrentariam, mas que pelo potencial de reinvenção que todo meio passa, televisão e telejornais não estariam perto de deixar de existir.

Os profissionais de televisão e do audiovisual em geral vivem um momento de estupefação, desafio e necessidade de riscos em direção a alguma coisa que ainda não se sabe bem o que poderá vir a ser. Vamos viver um período de muita experimentação de novos modelos de televisão, onde alguns vingarão e outros provavelmente fracassarão. Tudo indica que estamos vivendo o fim de um modelo de televisão e o surgimento de experiências ainda não muito nítidas, mas suficientemente expressivas para demandar pesquisa e análise (MACHADO, 2011, p. 88).

O pesquisador, que dedicou parte de seu trabalho ao estudo da televisão, já previa que novas mídias, como as plataformas de *streaming*, desafiariam a televisão e seus produtos. E que buscar alternativas seria o caminho. Assim, TV e telejornal se mostraram essenciais em um período pandêmico, no combate às *fakes news*. Outro apontamento importante a se considerar sobre o telejornalismo acerca da televisão é a credibilidade junto ao telespectador, alcançada em 7 décadas, resultado das transformações tecnológicas e o compromisso da informação verdadeira. As considerações feitas por Temer e Tuzzo (2020) também são importantes quando pensamos nas relações do telejornalismo com a sociedade, visto que as relações do campo permitem que, na individualidade de cada pessoa, as notícias contribuam para debates sobre a realidade que as envolve.

O processo dialógico que o jornalismo possui com a sociedade não é somente uma oferta de informações, mas uma conversa social, que permite que a partir dos fatos e ideias narrados pelo jornalismo, a sociedade consiga fazer uma leitura crítica da realidade. Isso só é possível com o envolvimento de vários organismos sociais que, intermediados pela comunicação e em especial pelo jornalismo, possam criar ambientes de conversação e reflexão social, em um processo que retroalimenta a própria comunicação em seus diversos eixos de intermediação com a sociedade, envolvendo as mais variadas mídias impressas, eletrônicas ou sociais (TEMER; TUZZO, 2020, p. 09).

Diante disso, essa conversa social que é uma das funções do telejornalismo, na atualidade se encontra modificada, para ser assistida não só pela televisão como por outras telas, o que implica em uma produção mais elaborada para atender um público que nasceu em uma era tecnológica, que resolve quase tudo pelo celular. Como dispõe Emerim (2017), as

pesquisas sobre televisão pelo viés do telejornalismo surgiram muito depois do seu início. Portanto, devido às mudanças e os estudos realizados sobre o telejornalismo, podemos defini-lo segundo Emerim como

O jornalismo que é produzido e distribuído para e por telas, incluindo televisão, computador, smartphone, celular, tablets ou os demais dispositivos e suportes (móveis ou não) que utilizem uma tela de visão ou uma tela refletiva para exibir, distribuir e compartilhar dados (EMERIM, 2017, p. 117).

A história do telejornalismo se assemelha muito com a da televisão, já que a primeira transmissão de um telejornal se deu dois dias após a inauguração da TV em 1950. De certo modo, como o foco deste estudo é trazer as relações da produção da notícia no telejornalismo local, optamos por nesta parte trazer os principais aspectos sobre ele, para posteriormente, no capítulo 3, a partir de um histórico mais amplo sobre sua origem, enfatizar conceitos e como ele se desenvolveu na cidade de Juiz de Fora.

De uma forma geral, telejornais tanto de rede quanto local não cumprem apenas a função de informar a sociedade. Além de estabelecer uma “conversa social”, nos termos de Temer (2020), o telejornalismo local tem ainda, como apontam Coutinho e Martins (2008), potencial para construção de identidades a partir das notícias e seus contextos. Neste aspecto, o jornalismo televisivo local é capaz de permitir que o telespectador crie uma sensação de pertencimento ao local que se vive. Logo, “se o jornalismo de TV é um importante espaço na construção de sentidos do nacional, acreditamos que o telejornal local funcione como fator determinante para a (re)construção de uma cultura do local, do resgate às raízes, para a criação de vínculos entre público e emissora” (COUTINHO; MARTINS, 2008, p.05). Temer e Rocha (2017) também discorrem sobre a criação de laços por meio do telejornalismo local, visto que a programação nacional tem predomínio no canal fechado.

As emissoras produzem conteúdos locais, que são a minoria na verdade, e reproduzem por força de contrato as produções que vem da emissora líder ou “cabeça de rede”. Esse sistema favorece os noticiários televisivos, que é o espaço no qual as TVs locais conseguem privilegiar seu público-alvo e fortalecer seus laços com a cidade e região (TEMER; ROCHA, 2017, p.241).

O telejornalismo local prepara seu jornal de acordo com os fatos que surgem durante o dia, além do que já estava agendado, se orientando também pelo tempo destinado da grade de programação. Os factuais têm grande peso na hora de concorrer com um assunto menos quente, ou seja, uma notícia produzida, que pode ser exibida sem uma data pré-estabelecida. Esse processo de seleção também é feito pelo telejornalismo nacional, que busca o que pode

ser de interesse para sua área de abrangência.

Em relação ao acontecimento jornalístico e como os telejornais lidam com eles, o telejornal local só repercutirá um assunto nacional se ele de alguma maneira envolver algum indivíduo da região, impactar a vida daquela localidade ou ter alguma relação com ele. Como assistimos em 2022, a guerra política na Ucrânia, noticiada em todo mundo e também por diversos telejornais locais, como o MG2¹³ da TV Integração, afiliada da Rede Globo, mostrou a aflição dos pais de um jogador de futebol de Juiz de Fora (MG), que estava impossibilitado de retornar ao Brasil. Neste caso, trata-se de uma grande cobertura jornalística mundial, que teve repercussão no telejornalismo local. Além disso, foi possível criar desdobramentos nos dias seguintes, como foi feito pelo telejornal local, que recebeu o jogador no estúdio do MG1¹⁴, assim que foi possível seu retorno ao país (Figura 5).

Figura 5 - Guilherme Smith no estúdio do MG1 após retornar da Ucrânia.



Fonte: Print da entrevista ao vivo no estúdio da TV Integração.

Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10364599/>. Acessada em 25/03/2022.

Outro exemplo semelhante foi a tragédia da chuva em Petrópolis¹⁵, no Estado do Rio de Janeiro, em março de 2022, que teve o acontecimento jornalístico repercutido pela TV Integração Zona da Mata, mesmo não sendo a mesma área de abrangência. Um dia após o temporal, o Jornal Hoje havia exibido uma matéria¹⁶ feita pela jornalista Bette Lucchese, que relatava o sofrimento de uma mãe juiz-forana que estava à procura da filha desaparecida (Figura 6). A imagem da mãe, descalça, com uma enxada na mão, ajudando os bombeiros a

¹³ <https://globoplay.globo.com/v/10334606/>. Acessada em 25/03/2022.

¹⁴ <https://globoplay.globo.com/v/10364599/>. Acessada em 25/03/2022.

¹⁵ <https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2022/03/04/tragedia-em-petropolis-chega-a-233-mortos-ha-quatro-desaparecidos.ghtml>. Acessada em 25/03/2022.

¹⁶ <https://globoplay.globo.com/v/10307331/?s=0s>. Acessada em 25/03/2022.

retirar entulhos ao redor de onde ficava a casa, chamou atenção de todo o Brasil. No mesmo dia, o MG2 compartilhou uma entrevista¹⁷ que havia sido feita com essa mesma mãe. Nesse sentido, observamos que o telejornal local aproveitou a proximidade para produzir seu próprio material e exibir localmente.

As notícias que assistimos por meio dos telejornais, e neste caso, a tragédia da chuva em Petrópolis mostra o quanto o telejornal local faz ponte entre o telespectador e a cidade, como afirma Coutinho e Martins (2008), que ele assume papel de mediador, visto que o público se conecta com a cidade por meio da televisão, compartilhando suas histórias e reconhecendo nela problemas semelhantes, como o caso de famílias que perderam familiares na chuva. Além disso, como reforçam Vizeu e Correia (2008) o telejornalismo pode ser considerado um “lugar de referência” muito parecido ao da família, escola, religião, pois por meio dele conseguimos ter um panorama do que acontece ao nosso redor e a partir disso, sentir mais seguros, confiantes. Nesse sentido, o telejornalismo local consegue ser esse “local estável” para o telespectador.

Figura 6 - Mãe à procura da filha em Petrópolis.



Fonte: Print da reportagem exibida no Jornal Hoje. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10307331/?s=0s>, a partir do minuto 04:58. Acessada em 25/03/2022.

Ainda tratando dos acontecimentos nacionais que repercutem no telejornalismo local, e usando o exemplo das chuvas em Petrópolis, o MG2 da TV Integração de Juiz de Fora exibiu uma matéria¹⁸ feita pela repórter Lívia Torres (Figura 7), do Rio de Janeiro, mostrando o caos na cidade.

¹⁷ <https://globoplay.globo.com/v/10308686/>. Acessada em 25/03/2022.

¹⁸ <https://globoplay.globo.com/v/10308686/>. Acessada em 25/03/2022.

Figura 7 - Reportagem do RJTV exibida na TV Integração. Edição do dia 16/02/2022.



Fonte: Print da reportagem exibida na TV Integração - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10308686/>, a partir do minuto 04:33. Acessada em 25/03/2022.

Este é um exemplo de acontecimento jornalístico nacional, exibido localmente, que não causa estranheza no telespectador, pois no dia anterior todos os jornais noticiavam a chuva em Petrópolis. Logo, ao assistir uma matéria do Rio de Janeiro, sendo narrada por uma jornalista que também não é da região, os telespectadores mineiros a partir da identificação e pela premissa da noticiabilidade consideram o assunto como pertencente a sua realidade.

Podemos afirmar que quando as notícias se referem à nossa cidade esta mediação se torna ainda mais estreita, pois o lugar do qual se fala também é o lugar em que o telespectador está. No momento em que a globalização nos atinge com a ampliação do universo de informações e a facilidade de acesso para obtê-las, a cidade torna-se o lugar em que o indivíduo se reconhece, para além das transmissões televisivas. O indivíduo pertence a ela. (COUTINHO, MARTINS, 2008, p.06).

Neste caso, o telejornalismo local identificou um grande acontecimento de repercussão nacional, como a forte chuva em outro estado, e repercutiu a notícia localmente, já que além desta mãe que estava desesperada em busca da filha, havia outras pessoas¹⁹ da região da Zona da Mata em busca de algum familiar desaparecido na região serrana do Rio de Janeiro. Neste caso específico, o telejornalismo local da TV Integração não enviou nenhuma equipe para cobertura in loco, mas usou material da Praça Rio da Rede Globo. A partir de um sistema de compartilhamento de reportagens na emissora, é possível ter acesso ao conteúdo exibido em

¹⁹ Moradora de Petrópolis conta que seu neto de Juiz de Fora está desaparecido após a chuva. <https://globoplay.globo.com/v/10312347/>. Acessada em 25/03/2022.

outras regiões, após pedido do conteúdo.

Logo, ao visualizar um acontecimento nacional ou um grande acontecimento, o telejornalismo local se comprometeu a noticiá-lo a partir da proximidade e relevância do assunto com sua região. Como aponta Tavares (2013) “o acontecimento precisa de sentido e é esse mesmo sentido (e sua ‘necessidade’) que o torna, também, um acontecimento” (TAVARES, 2013, p. 184). Esses grandes acontecimentos, como tantos outros - o atentado às torres gêmeas, as mortes de Ayrton Senna e Maradona, a tragédia da boate Kiss, o assassinato de George Floyd - podem desencadear uma série de laços de proximidade com a realidade local e por isso, refletir também nessa produção jornalística.

Entretanto, não havendo nenhuma familiaridade entre as localidades, algo em comum que possa ser repercutido, o telejornalismo local se restringe em noticiar o acontecimento nacional. Segundo Emerim e Brasil (2011), “uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas ou, pelo menos, as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística” (EMERIM; BRASIL, 2011, p. 04).

Assim, podemos dizer que, nem todo acontecimento a nível nacional, mesmo sendo um grande acontecimento, será repercutido no telejornalismo local - e neste ponto, haverá necessidade que o acontecimento tenha relação de proximidade e relevância com aquela região - e para que este seja noticiado nacionalmente dependerá da sua notoriedade e factualidade, além de outros critérios de noticiabilidade. A repercussão de um acontecimento nacional no telejornalismo local, no entanto, depende também do olhar da equipe de jornalistas, que identifica o potencial daquele acontecimento ter noticiabilidade local, buscando fontes, repercutindo, vendo no acontecimento um interesse para seu público. Bourdieu (1997) fez uma metáfora sobre essa ação dos profissionais de ver algo em um determinado acontecimento e em outros não, dizendo que “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Como tratamos até o momento, o telejornalismo local é capaz de produzir significado social e cultural, reproduzindo muitas vezes ações de outras instituições como escola, religião, família (COUTINHO; MARTINS, 2008, p. 02). Não menos importante que as notícias exibidas nacionalmente, é a partir do telejornalismo local que construímos uma identidade com a cidade a qual pertencemos, tornando-o uma importante ferramenta que abraça a história dos acontecimentos e, nesse sentido, acaba interferindo na construção da sua memória, em uma permanente conversa com seus telespectadores sobre o dia-a-dia da cidade e também do

cotidiano vivido por cada um.

2.4 MEMÓRIA E IDENTIDADE DO TELEJORNALISMO LOCAL

Ao exercer um importante papel na e com a sociedade, o telejornalismo constrói uma identidade da cidade a partir das notícias. Na construção desse laço, em muitas circunstâncias nos vemos representados pelos telejornais, nos reconhecemos e assemelhamos com os problemas e situações expostas por ele. De antemão, e de forma quase universal, poderíamos mencionar que os acontecimentos trágicos têm grande espaço de repercussão, ao apontar falhas que se desdobram ao longo do noticiário e que acabam se tornando um arquivo de provas para a sociedade cobrar do poder público seus direitos.

Ainda, consideramos o seu grande poder de afetação no indivíduo, que terá que conviver com a lembrança do ocorrido, dificilmente se esquecendo dele. Como fica evidenciado em um dos acontecimentos mais catastróficos do mundo, o 11 de setembro, que é lembrado até hoje, mesmo por pessoas que nem eram nascidas na época. Se não estavam lá, como contam com detalhes o que aconteceu na época? Uma das possíveis respostas é pela memória de outras pessoas e também pelo arquivo que a internet constrói, por meio dos modos *wikis* de colaboração, *blogs* e redes sociais, e também pelas retrospectivas feitas pelo telejornalismo. Nesse sentido, trazemos o apontamento de Nora (1993) sobre a memória ser “um fenômeno sempre atual, um elo vivido eterno presente. [...] não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções” (NORA, 1993, p.09).

Entretanto, a sociedade necessita do esquecimento para dar continuidade às ações tanto da vida quanto da memória (MUSSE; HENRIQUES, 2019, p.133) como expõe Augé (2001) que “É preciso saber esquecer para saborear o gosto do presente, do instante e da espera, mas a própria memória tem necessidade do esquecimento: é preciso esquecer o passado recente para reencontrar o passado antigo” (Augé, 2001, p. 27). Apesar disso, grandes acontecimentos são “cardápio” para as narrativas jornalísticas para lembrar fatos e marcar celebrações.

Desse modo, a prática jornalística do relato dos acontecimentos pode ser pretendida como a atividade que dá conhecer, confere sentido e é a prática de memória, porque retém e registra, e a repetição e reprodução auxiliar a lembrança ou a gravação. Nessa medida, os media “fazem história”, no terreno da historiografia, e “fazem memória participando e intervindo no processo de construção da memória coletiva (BABO-LANÇA, 2018, p.79).

Ainda segundo Isabel Babo-Lança (2012) a memória é exercida pelo narrador, jornalista, historiador, de modo que “o historiador ‘faz história’ (a operação historiográfica constituiu uma prática teórica e crítica) e cada um de nós ‘faz memória’, havendo na memória e na história as duas operações, cognitiva e pragmática, interligadas” (BABO-LANÇA, 2018, p.81). Logo, ao lembrar de algo, recordamos e resgatamos um acontecimento passado na tentativa de reconstruí-lo no presente, “representações que norteiam a consciência atual - as experiências pretéritas” (MUSSE; ARANTES, 2012, p. 06). Portanto, “este ‘fazer memória’ inscreve-se numa rede de exploração prática do mundo” (RICOUER, 2000, p.67).

Outro apontamento importante sobre esse exercício da memória é sua descentralização ao longo dos anos. Nora (1993) aponta que nos tempos clássicos os grandes produtores de arquivo eram as grandes famílias, igreja e estado. Na atualidade, ter acesso a documentos ou mesmo a áudios e vídeos ainda não é tão fácil, pois dependemos do compartilhamento deles por órgãos e empresas de comunicação, e mesmo assim, não são todos os materiais que podem ser consultados. Em relação ao telejornalismo no Brasil, temos o Memória Globo²⁰, site que apresenta as memórias do telejornalismo e do entretenimento em coberturas e programas da Rede Globo. Entretanto, são memórias selecionadas a partir de critérios estabelecidos pela empresa.

Sendo assim, Nora (1993) nos remete que o sentido de arquivar tem pesos diferentes (o que nos possibilita refletir o que o telejornalismo tem feito memória atualmente?), dependendo do que se quer registrar, mas que mesmo assim “o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo” (NORA, 1993, p. 17). Além disso, sabemos que a memória é seletiva, já que seria impossível lembrar com todos os detalhes sobre uma ocorrência passada, e por conta disso, seria impossível se apropriar somente desses acontecimentos para construção de fatos históricos.

Nesse sentido, “telejornalismo e memória não só andam juntos como se constituem quase paralelamente e simultaneamente” (THOMÉ; MORAIS; OLIVEIRA, 2021, p. 01). Segundo as autoras, definir aquilo que é notícia e merece ser exibido como fato jornalístico, o jornalista está documentando a história e produzindo memória. Essa memória produzida muitas vezes é usada de forma estratégica pelo telejornalismo, como fez o Jornal Hoje, ao completar 50 anos, lembrando em uma série de reportagens²¹ quais foram as notícias que

²⁰ <https://memoriaglobo.globo.com/>. Acessada em 25/03/2022.

²¹ “JH 50 anos: veja os fatos marcantes dos primeiros 30 anos do telejornal”, reportagem exibida em 19/04/2021, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9448172/?s=0s>; “Veja os fatos que marcaram o Jornal Hoje nos anos 2000”, reportagem exibida em 20/04/2021, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9451203/?s=0s>; “JH 50 anos: veja os principais acontecimentos da

marcaram o telejornal.

Nas retrospectivas produzidas pelos telejornais, há mais uma camada de recorte e seleção, com critérios para definir, entre todas as notícias que estão no acervo da emissora, quais vão compor o mosaico de fatos que marcaram cada década. Para além de apenas registrar essa memória, o ato de resgatá-la também é utilizado como um recurso estratégico em diversas ocasiões (THOMÉ; MORAIS; OLIVEIRA, 2021, p. 04).

Pode-se dizer, então, que os jornalistas podem ser considerados “senhores da memória”, como apontado por Marialva Barbosa (2004). A partir de critérios de noticiabilidade e de interesses do próprio veículo, os telejornais escolhem os fatos e os recortes do cotidiano que vão ser lidos, apurados, interpretados, organizados e levados, em texto, áudio e imagem, até o público. Ao produzir estes recortes e veiculá-los, o jornalismo promove “uma seletiva reconstituição do presente” e, por consequência, “uma seletiva reconstrução histórica desse presente” (BARBOSA, 1995, p.86), passando a também documentá-lo.

Ao selecionar o fato, transpondo-o do lugar da normalidade para o da anormalidade, transformando-o em acontecimento, e ao escolher a forma da narrativa, o jornalista está constituindo o próprio acontecimento e criando uma memória da atualidade. Uma memória que obedece a critérios subjetivos e engendra a questão do poder. Assim, ao selecionar o que deve ser notícia e o que vai ser esquecido, ao valorizar elementos em detrimento de outros, a mídia reconstrói o presente de maneira seletiva, construindo hoje a história desse presente e fixando para o futuro o que deve ser lembrando e o que precisa ser esquecido (BARBOSA, 2004, p.4).

Seja relembando um passado recente para contextualização, para alguma rememoração celebrativa ou como estratégia com apelo sentimental e nostálgico, a televisão pauta não somente o que deve ser assunto naquele momento, mas também aquilo que deve ser lembrado, nas “cerimônias midiáticas de rememoração” (MUSSE; THOMÉ, 2015). Nesse sentido, os acontecimentos midiáticos têm mais chances de se consagrarem pelo fato de terem uma especificidade de imprevisibilidade e meios de romperem com o que se espera dentro da normalidade, ou seja, tornando-os notáveis.

Como apontado por Musse e Thomé, a partir do que é colocado por Pierre Nora sobre “lugares de memória” (1984), “a imprensa deve ser considerada um ‘lugar de memória’, porque nos dá a dimensão daquilo que devemos lembrar e o que deve ser esquecido”

(MUSSE; THOMÉ, 2016, p.67). Nora (2002) ainda discursa sobre o “dever de memória”, devido a nossa incapacidade de certeza sobre o futuro, e principalmente os tempos atuais, produzimos uma imposição da lembrança e da “sacralização da memória”, ou seja, uso intenso dos acontecimentos do passado de forma rápido e também das constantes comemorações e celebrações nacionais. Além disso, trazemos as considerações de Ribeiro e Sacramento (2020), quando afirmam que as mídias são “sujeitos históricos que, no contínuo processo de produção de sentidos, estão imbricados a disputas políticas, conflitos de poder e subversões cotidianas” (2020, p. 25).

Por isso, vemos tantas matérias usadas no telejornalismo resgatando acontecimentos passados seja para contextualizar (VIZEU; SANTANA, 2010), autorreferenciar (PICCININ; SOSTER, 2012) ou celebrar. Segundo Marialva Barbosa, as emissões televisuais “aparecem como uma narrativa que evoca o passado para intensificar o presente (emissões comemorativas) ou eternizar o passado” (BARBOSA, 2016, p.16). Assim, os telejornais usam a memória não apenas para falar do passado, mas também do presente e, até mesmo, vislumbrando o futuro.

3 AS TVS JUIZFORANAS: BREVE HISTÓRICO DAS PRINCIPAIS EMISSORAS

Na história da televisão brasileira, Juiz de Fora teve um importante papel somado às grandes experiências no desenrolar das transmissões de imagens que foram realizadas no país, contribuindo para que o município na atualidade tenha relevância em relação aos trabalhos jornalísticos. Neste capítulo pretendemos resgatar a origem do telejornalismo local na cidade, como se deu sua transformação ao longo dos anos por meio das emissoras de TV que aqui se instalaram e contribuíram para a cobertura do jornalismo local.

A partir das mudanças tecnológicas, da expansão do mercado da televisão no Brasil, com a formação de grandes organizações e a própria transformação na rotina de produção das notícias, mostraremos o caminho percorrido desde a chegada da TV Industrial, em 1963, o início da TV Globo em 1980, a atuação da TV Panorama em 1998 e a chegada da TV Integração em 2007, na Zona da Mata e Campo das Vertentes. Por isso, antes mesmo de resgatar como se deu o primeiro formato de uma televisão, com programas jornalísticos e também de entretenimento, e profissionais locais atuando nessas produções, período o qual foi marcado pelos trabalhos da TV Industrial, iniciamos esse breve histórico, tratando de um experimento que potencializou que Juiz de Fora tivesse um canal de televisão, mesmo que de forma inconsistente, a partir da TV Mariano Procópio.

3.1 COMO TUDO COMEÇOU: A TV MARIANO PROCÓPIO

Juiz de Fora foi uma das cidades vanguardistas em relação às experiências de transmissões audiovisuais. A TV Tupi de São Paulo foi inaugurada em 17 de setembro de 1950 e antes disso, os juiz-foranos puderam assistir uma transmissão de imagens pela televisão. De acordo com Musse e Rodrigues (2012), a primeira demonstração pública de TV na América Latina, totalmente eletrônica em circuito aberto, foi transmitindo imagens do Edifício Clube Juiz de Fora, na avenida Rio Branco, no centro, para a Casa do Rádio, loja comercial, localizada na avenida Getúlio Vargas. A transmissão ocorreu no dia 23 de setembro de 1948 realizada pelo técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire.

Mesmo tendo cursado apenas o primeiro ano ginasial, esse mineiro de Leopoldina, apaixonado por eletrônica, deu início à experimentação, utilizando esquemas para a construção de um conjunto de TV (câmera-transmissor-receptor), publicados nos meses de maio, junho e julho de 1941, pela revista americana QSP, voltada para radioamadores (LINS; BRANDÃO, 2012, p. 145).

No início o equipamento só previa a transmissão de imagens e para o envio de som os radioamadores usariam os próprios radiotransmissores. Entretanto, para esta transmissão de sinais televisivos, a partir de uma adaptação, som e imagem foram transmitidos juntos. O equipamento que realizou a primeira transmissão em Juiz de Fora começou a ser construído dois anos antes. O feito foi registrado no jornal vespertino Diário da Tarde. Na Casa do Rádio ficou o aparelho receptor e por meio do cinescópio, foi possível ver a imagem das pessoas reunidas no Edifício Clube Juiz de Fora e também de um bonde na avenida Rio Branco. Ainda segundo Musse e Rodrigues (2012), a primeira transmissão esportiva de um jogo de futebol também foi na cidade juiz-forana, no ano de 1950, no centenário de fundação do município, também por Olavo Bastos Freire.

Neste início dos anos 50, a experiência televisual ainda era envolvida pela aura do mistério, do exotismo e da exceção. A TV Tupi de São Paulo acabara de ser inaugurada, em 18 de setembro. A população brasileira ainda se curvava à sedução das sondas sonoras do rádio que, em Juiz de Fora, atraía multidões para as gravações dos programas de auditório no Cine-Theatro Central (...) Naquele momento, a TV ainda era apenas um objeto, que despertava a curiosidade e que podia ser concebido por um inventor. A TV, no Brasil, vai se configurar como mídia complexa a partir dos anos 70 (MUSSE; RODRIGUES, 2012, p. 17-18).

Na década de 60, ter um receptor de televisão era um luxo. Mattos (2010) relembra que nos primeiros anos da televisão, entre 1950 e 1964, o veículo encontrava-se em uma “fase elitista” e por um longo período, se ter um televisor era um artigo de *status*, mesmo com a precariedade do sinal que não convertia em uma imagem de qualidade. De acordo com Lins e Brandão (2012), “as emissoras afiliadas que vão sendo inauguradas pelo país possuem alguma ou nenhuma estrutura. A maioria não dispendo nem mesmo de uma câmara, valendo-se da criatividade para interferir no sinal que chegava nestas cidades” (LINS; BRANDÃO, 2012, p.117).

Nesse período, operava em Juiz de Fora o canal 6, da TV Tupi, canal 13, da TV Rio e canal 9, da TV Continental, todos oriundos do Rio de Janeiro. Assis Chateaubriand, dono de uma rede de emissoras de rádio, revistas e jornais pelo país, tentou criar na cidade a TV Mariano Procópio, compondo parte da rede Associadas, formada pelo Diário Mercantil, Diário da Tarde e Rádio Sociedade.

As Associadas, em 22 de dezembro de 1956 (em virtude do sucesso alcançado pela Tupi e já com pretensão de formar uma rede no país), já haviam protocolado, junto ao Governo Federal, um pedido de concessão para uma emissora de tevê geradora de sinal em Juiz de Fora, um pedido de que

seria a primeira do interior do país. O que foi feito graças à projeção como cidade industrial, que Juiz de Fora ainda possuía (LINS; BRANDÃO, 2012, p. 167).

A intenção de ampliar o mercado do audiovisual por Chateaubriand não se efetivou. A TV Mariano Procópio não tinha sede e nem a concessão pública do governo para operar. Embora, segundo Musse e Rodrigues (2012), ela veiculou localmente o “Telefoto Jornal” entre 1961 a 1963. Esta experiência, como aponta Lins (2013), era realizada por meio de uma antena localizada no alto do bairro São Benedito, também conhecido como Morro do Arado. Por meio de um projetor de *slides*, fotografado por Jorge Couri, instalado no mesmo local, durante cerca de 5 minutos, era exibido às 20h15, depois do “Repórter Esso”, o primeiro programa jornalístico de Juiz de Fora. A partir de imagens estáticas o Telefoto Jornal exibia noticiários com imagens da cidade.

Outras experiências marcaram a passagem da TV Mariano Procópio. Em substituição ao Telefoto Jornal, entre 1966 a 1968, um bloco de cinco minutos dentro do “Jornal da Tarde” trazia as informações com imagens em movimento, filmadas em película.

Este programa era enviado de ônibus diariamente (já montado), para a TV Tupi do Rio de Janeiro, de onde era exibido, dentro do Jornal da Tarde, com a narração dos locutores da Tupi (Carlos Frias, Waldo Moreira, Dalvan Lima e outros grandes nomes da emissora) e redação dos juiz-foranos Wilson Cid, Laiz Velloso, Mário Helênio, Ricardo Martins, Ismair Zaghetto). Além de Jorge Couri, atuavam como cinegrafistas Jaime Santos e Edy Vasques. Dessa forma, acreditamos que o Telefoto Jornal, durante a sua existência, tenha funcionado como um laboratório para o programa que veio a seguir, que se aproximaria mais do formato que temos hoje, embora fosse filmado em película (LINS, 2013, p.162-163).

Embora houvesse planos para se efetivar o canal, a TV Mariano Procópio não se regularizou. Além da falta de estrutura, as negociações políticas naquela época ditavam o poder de concessão e muitas emissoras conseguiram autorizações dessa forma. Chateaubriand não conseguiu legalizar o canal devido a outro grupo ligado a radiodifusão na região que já manifestava interesse pela criação de uma TV na cidade. Assim, Sérgio Vieira Mendes recebe em 22 de janeiro de 1963 a concessão do canal de televisão para Juiz de Fora, dando origem à TV Industrial, canal 10, administrada por seus filhos Gudesteu e Geraldo Mendes.

3.2 PIONEIRISMO DO TELEJORNALISMO LOCAL: A TV INDUSTRIAL

Sérgio Mendes nos últimos dias de Governo de Getúlio Vargas recebeu concessão

para executar a ideia da Rádio Difusora Minas Gerais. Seu filho, Geraldo Mendes, em depoimento²² dado à TV Integração, no dia em que a TV brasileira completou 70 anos, em 18 de setembro de 2020, explicou como foi obter, primeiramente, a autorização da rádio e os primeiros passos para criação da TV Industrial.

Essa concessão nos foi dada pelo Getúlio Vargas em 1954, na véspera da morte dele. Jantamos com Getúlio Vargas e ele disse para o meu pai, que ele gostava muito do papai, “filhinho tá aqui o presente pra vocês. Vai sair amanhã publicado no diário oficial a concessão da rádio difusora Minas Gerais. E através da rádio fomos buscando nos aperfeiçoar, fazendo mais jornalismo mesmo, e compramos a Rádio Industrial. Na cláusula que nós compramos tinha uma abertura que se houvesse algum dia um canal de televisão para juiz de fora, esse canal seria dado a TV Industrial por garantia do governo federal. Foi assim que surgiu (Depoimento de Geraldo Mendes a TV Integração em 28/09/2020).

Quando a TV Industrial começou a operar em Juiz de Fora, a cidade recebia o sinal da TV Tupi, TV Rio e TV Record. A construção foi no Morro do Imperador, ao lado do monumento do Cristo Redentor, inaugurada em 29 de julho de 1964. Em relação à produção, 80% de sua programação era local, com notícias jornalísticas, culturais, esportivas, além das participações de auditório. Os outros 20% eram preenchidos por filmes e programação de outras emissoras.

Apesar das grandes dificuldades técnicas, a emissora possuía uma diversificada grade de programação, que reunia atrações como Carlos Imperial, Raul Longras e César de Alencar em programas de auditório; Roberto Carlos, Toquinho e Maria Creuza, em musicais; e maior audiência a cargo do programa esportivo “Camisa 10”, ancorado pelo empresário Geraldo Mendes (MUSSE; RODRIGUES, 2012, p. 20).

A programação voltada para as transmissões esportivas marcou o período em que a TV Industrial esteve no ar. Como a preferência era para assistir os jogos dos times cariocas, devido a proximidade da cidade com o Rio de Janeiro, em 1974 a TV Industrial recebeu um prêmio por ser a emissora que mais cobria partidas no Maracanã

Neste ano, além de transmitir nada menos que 174 partidas, a TV Industrial já inovava, lançando fórmulas como a do programa “Camisa 10”, que, já naquela época, reunia comentaristas para discutir os jogos e o desempenho das equipes, hoje, uma prática comum em todas as emissoras (MUSSE, 1985, p.9).

²² <https://globoplay.globo.com/v/8894120/>. Acessada em 16/01/2023.

Em relação ao telejornalismo, nos anos 60, havia uma certa limitação em relação às gravações de imagens nas ruas. As produções ficavam por conta de uma agência de publicidade local, segundo Musse e Rodrigues (2012), que se chamava Prevendo, que elaborava as editorias do jornal. Ao todo eram 16 quadros que abordavam crônicas, horóscopo, política, polícia, cidade, esportes, artes, imóveis, literatura, entre outros. O jornal “A hora é notícia” era exibido das 18h às 19h e os quadros eram patrocinados por empresas distintas. Na década seguinte, o mesmo padrão de produção se repetia.

Tinha-se então, uma TV local bastante artesanal, lenta, caseira e muito experimental, resultado de um descompasso entre a capacidade de investimento das emissoras regionais para sequelas sediadas nas capitais, em especial, Rio de Janeiro e São Paulo, que, a partir, do início dos anos 70, com a infraestrutura de telecomunicações oferecidas pela Embratel, esquadrihariam o país numa nova cartografia (MUSSE; RODRIGUES, 2012, p. 21).

Outro telejornal fez parte da programação, o “Imagem”, que foi ao ar entre 1977 a 1980. Apesar do nome, faltavam muitas imagens, como relembra a apresentadora Christina Mendes, que começou a carreira na emissora quando tinha 18 anos.

Era muito engraçado porque ele se chama "Imagem", e de imagem praticamente ele não tinha nada. Porque não tínhamos esses recursos — unidade portátil para fazer jornalismo na rua — usavam-se recursos ridículos para televisão. Eram slides e, muitas vezes, você gravava áudio igual ao de rádio e colocava a pessoa falando. Assim, a foto e aquele som, porque não tínhamos muito recurso para fazer reportagem. Então, era um jornal que chamava "Imagem", mas parecia uma rádio (MENDES apud MUSSE; RODRIGUES, 2012, p.118).

Apesar da TV Industrial ter tido uma grande aceitação por parte dos juiz-foranos que se viam representados pela programação local, afinal, as pessoas iam até a TV para participar de programas realizados ao vivo, criando-se um vínculo, em 1980, o canal foi vendido para a Rede Globo. Há muitas especulações sobre o fim que levou o canal 10, como falta de recursos financeiros para competir com o mercado que se expandia e também pela atuação das grandes emissoras que chegavam ao interior do Brasil, dispondo de um sistema de rede organizado e um padrão de qualidade que impossibilitaria as emissoras menores de concorrerem.

3.3 A REGIONALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO: A TV PANORAMA

Em 1977, a Embratel começou a operação do Sistema Brasileiro de Telecomunicações

por Satélites (SBTS), integrando ao Intelsat, consórcio internacional para o tráfego de ligações telefônicas, de dados e de televisão. Esse sistema permitiu com que comerciais e toda programação nacional da Rede Globo e de outras emissoras como o SBT exibissem simultaneamente para todas as emissoras que faziam parte de sua rede, além de garantir agilidade ao veicular as notícias. Segundo Musse (2012), a partir da compreensão de Mattos (2010), expõe dois momentos sobre a televisão em que entre 1964 a 1975 se tem uma fase populista, com programas de auditório realizados sem muito recursos e uma fase de desenvolvimento tecnológico, entre 1975 a 1985, quando as redes de TV começam a se especializar nas produções.

É a partir de meados dos anos 70, que elas vão se descaracterizando cada vez mais, sem condições de competir com os grandes conglomerados de comunicação, estimulados pelo governo militar para conformar a “nação brasileira”, nos moldes do que estava previsto na doutrina de Segurança Nacional. Não era só a infraestrutura de satélites e do sistema de micro-ondas; os equipamentos eram mais leves e o videoteipe substituiu os filmes com a vantagem de uma edição mais rápida e segura. Se havia, por um lado, a criação de um grande número de novas emissoras, elas exibiam uma programação quase que totalmente idealizada e executada nos grandes centros, em especial, Rio de Janeiro e São Paulo (MUSSE, 2012, p. 11).

A TV Globo Juiz de Fora começou a operar em abril de 1980 por meio do canal 5, cobrindo a Zona da Mata mineira, Vertentes e Sul de Minas, totalizando 218 municípios. Na década de 1980, a programação se dedicava à exibição de notícias. Em 1983, Armando Nogueira dividiu o jornalismo da Rede Globo em comunitário e de rede. Dessa forma, segundo o Memória Globo, “uma consequência direta dessa divisão foi o fortalecimento do jornalismo comunitário, com a criação do *Globo Cidade* e dos telejornais locais *RJTV*, *SPTV*, *MGTV*, *NETV* e *DFTV*” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 122).

A partir da venda da TV Industrial, a TV Globo Juiz de Fora passa a retransmitir os sinais gerados pelas emissoras do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, com redução da programação local e participações sobre Juiz de Fora cada vez menores, dentro do telejornalismo de BH. Se o público estava acostumado a se ver representado na época da TV Industrial, a sensação era de um espaço restrito às notícias da cidade.

De 1980 a 1998, a dependência da matriz no Rio de Janeiro é intensa e o ‘padrão globo’ é seguido rigorosamente. Em 1998, numa tentativa de resgate do local para enfrentar a globalização e atrair novos mercados publicitários, a TV Globo Juiz de Fora passa a se chamar TV Panorama. (MATA, 2013, p. 87).

Durante o período que a TV Panorama atuou como emissora local, voltou-se um olhar para a produção jornalística, com três jornais: uma participação no último bloco do “Bom dia Minas”, noticiário estadual, com reportagens totalmente locais; o “MGTV 1ª Edição” com 45 minutos de duração e o “MGTV 2ª Edição” com cerca de 15 minutos. Nesse primeiro momento, a emissora fortaleceu a identidade com o público, a partir de campanhas de marketing, com a criação de eventos como a Copa Panorama de Futsal; por meio do jornalismo ações nos bairros da cidade, além de coberturas de aniversários dos municípios e dos blocos de carnaval, uma festa que unia a região. Os apresentadores ancoravam da rua os telejornais, com o objetivo de ficar mais próximo do telespectador. Na época, a programação²³ também divulgou o novo institucional reforçando a importância de se estar junto do público.

A sua TV mudou pra você. A TV Panorama passa ser mais sua e da sua região, com jornalismo mais abrangente, dinâmico e cada vez mais presente em cada comunidade. Uma TV perto de você. Com essa mudança a sua TV dá um salto para o futuro como um importante instrumento a serviço da região. Um espelho refletindo compromisso com você (Geovana Schmidt, apresentadora do MGTV em 1998, reforçando a mudança da marca na programação da TV Panorama. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eb29jpp8DMY>. Último acesso em 10/01/2023).

Outras mudanças viriam a transformar o relacionamento da TV com o público. Como veremos adiante, em 2007, o grupo mineiro de Uberlândia, a Rede Integração, fecha negócio com o empresário Omar Resende Peres, que vende 50% das ações da Panorama.

3.4 A ERA DO DIGITAL: A TV INTEGRAÇÃO

A história da TV Integração começa na década de 60, quando o uberlandense Adib Chueire tem o sonho de ter um canal de televisão. Em 1962, Tancredo Neves assina o ato de outorga, representando o Ministério da Justiça e Negócios Interiores, dando a concessão a Edson Garcia Nunes. Depois de dois anos, em 1 de maio de 1964 entra no ar, em fase de testes, a TV Triângulo, no canal 8, como o primeiro canal de televisão do interior do estado de Minas.

O nome da emissora foi elaborado pelo diretor da TV na época, Wilson Ribeiro, com foco nas transmissões regionais. Nos primeiros anos, o canal se dedicou a programas de

²³ <https://www.youtube.com/watch?v=eb29jpp8DMY>. Acessada em 16/01/2023.

entretenimento, como “Escola de Artistas” e sorteio de brindes, todos apresentados ao vivo.

Desde que a televisão surgiu no Brasil ela apresentou junto com entretenimento a parte noticiosa, não necessariamente no formato telejornal, mas dedicou parte de sua programação para apresentar os fatos da realidade social que interessavam aos telespectadores, segundo os critérios de seleção da época. Assim, o jornalismo exibido pela televisão passou a se chamar Tele - Jornalismo e, a noção de Tele, como prefixo que indicava a distância foi convencionado para o uso referente àquilo que era exibido pelo aparelho de televisão. As notícias televisionadas passaram a ser organizadas e exibidas numa sequência, dando origem ao horário do noticiário, mais tarde, ao formato que consagraria o espaço informativo na televisão: o telejornal (EMERIM, 2020, p. 105).

Em 1967, a TV Triângulo estreia seu primeiro telejornal, antes mesmo da primeira exibição de notícias do Jornal Nacional. Apresentado por Darci José e Danúbio Bezerra, “A Marcha do Mundo” foi veiculado até o início da década de 70, com notícias locais de Uberlândia, com duração de uma hora (Figura 8).

Figura 8 - Darci José e Danúbio Bezerra apresentadores da TV Triângulo.



Fonte: TV Integração/ Reprodução - Disponível em <http://www.tvintegracao.com.br/timeline/>. Acessada em 10/01/2023.

Nessa época, a TV Triângulo estava em fase final de construção da nova sede,

passando da rua Buriti Alegre para a Umuarama e tem um novo diretor, Tubal de Siqueira Silva, hoje presidente do Grupo Integração. Um dos primeiros compromissos realizados por ele foi no Rio de Janeiro, com Walter Clark, um dos diretores executivos da Rede Globo. A reunião teve como objetivo trazer para o canal 8 a exibição do JN. Assim como o telejornal, programas da rede nacional como Planeta dos Homens e do Chacrinha foram transmitidos pela programação local e o primeiro telejornal infantil do Brasil, “Dente de Leite”, apresentado por crianças.

Já no ano seguinte, outras negociações são realizadas e mais conteúdo da Rede Globo é transmitido para Uberlândia, como a novela Irmãos Coragem. Aos poucos, a grade de programação local começa a exibir produtos da rede nacional, o que permite a TV Triângulo, de forma pioneira, fazer parte do processo de sistematização da rede de afiliadas da emissora. De forma vanguardista, a televisão uberlandense desenvolve uma cadeia de produtos oferecidos ao telespectador. Em 1972, as partidas de futebol começam a ser acompanhadas. Dois anos depois, outra inovação por parte da emissora, é o primeiro laboratório cinematográfico, com revelação de filmes coloridos.

Na década de 1980, a TV Triângulo passa a ter um bloco local do Jornal Hoje e, no ano seguinte, passa a ter também uma edição do Jornal das Sete²⁴, com noticiário local. Aos poucos, a emissora começa a se estruturar para uma rede de TV. Em 1988 surge a TV Pontal que mais tarde se tornaria TV Ideal, incorporando a cidade de Uberaba. Do Triângulo Mineiro para o Alto Paranaíba, em Araxá é inaugurada a TV Jaguará em 1991, que se torna depois TV União e amplia sua cobertura para o Centro-Oeste mineiro. A partir da expansão dos canais, as praças começam a ter novas sedes e o processo de integração tem início nos anos de 1990, com as TVs assumindo a mesma marca e identidade visual.

Sendo assim, em 1997, somado às três marcas, a TV União chega à cidade de Divinópolis, somando mais uma emissora ao grupo. Já nos anos 2000, o grupo lança o Sistema Digital de Exibição de Comerciais e em 2003 o filho de Tubal Siqueira, Rogério Nery, assume a superintendência e todas as emissoras do grupo passam a integrar a marca Rede Integração. No ano do quarentenário da empresa, em 2004, tem estreia do MG Rural, compartilhado com todas as praças da rede do grupo. Com o objetivo de ampliar a rede, em

²⁴ De acordo com o Memória Globo “Antes do seu surgimento, as notícias de cada capital eram apresentadas no início ou no fim do JN. Em determinado ponto do noticiário, sem que o telespectador percebesse, desfazia-se a rede e cada estado entrava com o seu noticiário local. O tempo para desenvolver as matérias, porém, era escasso, o que implicava em um rigor excessivo em relação ao noticiário. A cobertura acabava se restringindo a notícias curtas de 30 segundos sobre problemas de água, esgoto e calçamento”. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-das-sete/noticia/jornal-das-sete.ghhtml>. Acessada em 29/01/2023.

2007, a Rede Integração chega à Zona da Mata mineira e Campo das Vertentes, cobrindo 234 municípios, com alcance de 5,5 milhões de telespectadores potenciais.

Em março de 2009, o grupo mais uma vez de forma pioneira, começa as transmissões do sinal de TV Digital, sendo a primeira emissora do interior do estado a operar com a tecnologia. O processo de digitalização ocorre na televisão brasileira desde a década de 1990 e “sem dúvida a televisão digital não é apenas um sinal de melhor qualidade que chega aos aparelhos receptores domésticos. A digitalização é a condição tecnológica para a convergência dos meios de comunicação” (FINGER, 2020, 242).

Além disso, mais uma vez ressignificam o nome e a marca, passando a ser TV Integração. No ano seguinte, em 2011, teve início a expansão do sinal digital, apesar da cidade de Uberlândia ter implantado a tecnologia no ano anterior. No ano seguinte, em 2012, a TV Panorama em Juiz de Fora passa a integrar a marca da TV Integração. Em 2014, quando a emissora completou 50 anos, um Globo Repórter²⁵ especial em comemoração ao aniversário da TV, resgatou 18 mil dias de notícias que marcaram os telespectadores desde as primeiras transmissões em 1964.

A TV Integração Juiz de Fora, com sede na rua Ewbank da Câmara, no bairro Mariano Procópio, atende 121 municípios da Zona da Mata e Campo das Vertentes. O jornalismo local da TV e G1/GE tem cerca de 52 profissionais entre produtores, editores de texto e imagem, repórteres e repórteres cinematográficos, estagiários e 12 profissionais da engenharia. Uma equipe de jornalistas mora em Barbacena, para a cobertura das notícias nas cidades da região das Vertentes. Além da cobertura local, a TV Integração tem um Núcleo Rede que atende o jornalismo nacional e entretenimento da Rede Globo, formado por uma produtora/editora de rede e uma repórter de rede. O núcleo não tem um repórter cinematográfico específico para atendimento ao telejornalismo nacional.

²⁵ <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/video/globo-reporter-especial-50-anos-tv-integracao-primeiro-bloco-3641834.ghtml>. Acessada em 10/01/2023.

4 NÚCLEO REDE: A NOTÍCIA LOCAL PARA TODO O PAÍS

O telejornalismo local diante das funções que exerce na vida do cidadão, sendo uma forma de conhecimento, agente fiscalizador do poder público, além de criar no telespectador uma identidade e pertencimento da região em que se vive, por meio das notícias, ainda consegue ir além, repercutindo acontecimentos locais a nível nacional. Por isso, o capítulo vai apresentar o Núcleo Rede da TV Integração, afiliada da Rede Globo, o qual intermedia as notícias telejornalísticas da Zona da Mata e Campo das Vertentes com os telejornais da rede nacional.

Em virtude da área de cobertura da TV Integração ser vasta, delimitamos o estudo analítico que consta no capítulo 6 sobre as produções locais de Juiz de Fora que foram exibidas no Jornal Hoje, da Rede Globo, embora, traremos neste capítulo as notícias da região exibidas no JH, como forma de explicar o trabalho do Núcleo Rede, o que leva uma notícia local ser exibida em rede nacional, as relações dos profissionais deste Núcleo com os jornalistas da Globo, como se deu a formação desta estrutura da afiliada e sua rotina produtiva.

4.1 O SURGIMENTO DO NÚCLEO REDE

Desde o surgimento da TV Globo em 26 de abril de 1965, a emissora se dedicou às produções telejornalísticas, mesmo que ainda com alcance regional, com coberturas da enchente no Rio de Janeiro em 1966, o lançamento do Apollo 9 e a chegada do homem à Lua. O primeiro telejornal, o Tele Globo, teve estreia no dia da inauguração da emissora, exibido em duas edições, uma às 12h e outra às 19h. No ano seguinte, passou a ter apenas a edição das 13h e nesse mesmo período surgiu outro telejornal, o Ultranotícias, que cede espaço em março de 1967 para o Jornal da Globo, que permaneceu no ar até 31 de agosto de 1969, dando lugar ao Jornal Nacional. Até então, não havia o conceito de noticiário nacional.

Como o Jornal Nacional foi o primeiro telejornal a ser exibido para todo o país, a equipe de jornalismo da TV Globo teve que desenvolver o conceito de noticiário nacional, ainda inexistente na televisão brasileira. Uma série de critérios foi então formulada para servir de guia na seleção e na hierarquização das notícias. As matérias deveriam ser de interesse geral e não regionais ou particularistas. Os assuntos tinham que chamar a atenção tanto do telespectador de Manaus quanto de Porto Alegre. Era necessário não superdimensionar uma região em detrimento de outra, pensar sempre em como determinada nota poderia repercutir em estados diferentes. Num país

continental, com tantas diferenças regionais, era uma tarefa difícil, e a equipe teve que ir aprendendo aos poucos. Como havia leitores oriundos de várias regiões, a troca de ideias era sempre enriquecedora para todos (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.38-39).

Nesse momento que a organização inicia o processo de estruturação do conceito de noticiário nacional, e que prevalece até hoje, começa também a expansão de estações em rede e afiliadas nos outros estados. Quando o JN foi exibido pela primeira vez, a TV Globo já tinha estações de TV no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Em 1971, surge a TV Globo de Brasília e exatamente um ano depois, em 21 de abril de 1972, inicia as operações no estado de Pernambuco. No decorrer da década de 70, dispondo de 5 emissoras próprias, foram construídas rotas particulares, articulando suas emissoras como também conduzindo o sinal até cidades menores.

Com o objetivo de evitar distorções entre as regiões do país e criar um modelo de prática jornalística foi desenvolvido o Prodetaf, Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo das Afiliadas. Dessa forma, a partir da implementação de mudanças nos telejornais das praças seria possível atingir um padrão de qualidade²⁶. No fim dos anos 70, mais uma mudança importante acontece no jornalismo da emissora. A partir da criação do Centro de Produção de Notícias, o CPN, com o objetivo de monitorar as reportagens nas diversas praças e no exterior. Aos poucos o CPN se transformou na alma do jornalismo da Rede Globo, já que ele centralizava e dava encaminhamento às notícias.

Além disso, segundo o Memória Globo (2004) ele foi importante para que pequenas localidades no Brasil se fizessem presente e representada, “o centro estimulava e cobrava das emissoras da Rede Globo e das afiliadas em todo o país o envio de material para o Jornal Nacional e para os outros telejornais de rede” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 124). Décadas a frente, essa estrutura seria reformulada, com a produção mais descentralizada e os editores-chefes de cada telejornal mais presente para tomar decisões. No antigo CPN, um produtor ficava responsável por apurar e levantar as notícias de todas as regiões do país e depois disso era enviado aos editores para se decidir o que iria ao ar.

Em 1972, a Rede Globo lançou o conceito de afiliação exclusiva e a TV Integração tornou-se a primeira afiliada²⁷ da Rede Globo, na época, ainda TV Triângulo, como abordado

²⁶ O padrão Globo de qualidade surge pela necessidade de se criar um padrão de texto e imagens das notícias que eram produzidas pelos diversos repórteres das emissoras Globo e afiliadas, ou seja, um padrão que unificasse a forma de todos fazerem jornalismo, a fim de minimizar riscos entre os materiais que chegavam de norte a sul do país.

²⁷ Informação repassada pelo Diretor da TV Globo e Afiliadas, Amauri Soares.

no capítulo 3. Nessa época ainda não existia um conceito de um Núcleo Rede que atendesse diretamente a rede nacional, visto que as ações eram isoladas, vindo surgir oficialmente em 2010, mas como dito, o relacionamento ainda era feito de forma individual, sem uma estrutura de profissionais com funções específicas. O relacionamento do telejornalismo local da TV Integração com o nacional era realizado por meio do repórter Luiz Gustavo, que trabalhava na sede da emissora em Uberlândia, segundo entrevista dada à pesquisadora pela ex-gerente do Núcleo Rede da empresa e atual editora do Jornal Hoje, da Rede Globo, Emilene Silva. Durante 22 anos ela atuou na TV Integração. A primeira atividade exercida foi como estagiária de jornalismo durante dois anos enquanto estava na faculdade, posteriormente contratada no ano de 2000, atuou na produção, edição e apresentação de um programa de cultura e entretenimento que chamava “Revista Semanal”, exibido aos sábados. Entre o período de 2006 a 2010 assumiu a função de Gerente de Jornalismo da praça de Uberlândia e Patos de Minas. Nessa época eram três emissoras: Uberlândia, Uberaba e Divinópolis/Araxá. Nesse período que ela esteve como gerente, desempenhava várias funções, apresentando e editando para o jornal local e esporte. Já entre 2010 a 2020, assumiu efetivamente o Núcleo²⁸ Rede da TV Integração.

De acordo com relato da profissional, o repórter Luiz Gustavo de Uberlândia já tinha um relacionamento com a rede nacional, oferecendo reportagens que ele fazia no dia a dia, as quais ele organizava para editar também. De acordo com Emilene, ele viajava por toda a área de cobertura da TV Integração. Quando havia a necessidade de fazer algo que a rede pedisse, já ficava a cargo para execução. Em um determinado período, a profissional conta que começou a editar com ele, tornando-se editora de suas matérias. Além dela, havia um produtor que fazia toda elaboração das pautas para ele. Uma das produtoras dele foi Karla Cadavid, hoje, produtora/editora de rede da TV Integração em Divinópolis. A configuração de ter um repórter que já atendia a rede com uma editora e um produtor foi criada próximo aos anos de 2010.

Quando o repórter Luiz Gustavo deixou a TV Integração, Emilene conta que já fazia uma lista de contatos, criando relacionamentos com os profissionais da rede nacional, que tinha repórteres específicos para coberturas, porque naquela época, o público tinha uma identificação, ou seja, se entrasse um repórter específico, as pessoas sabiam de qual região era a notícia. Entretanto, esse padrão foi evoluindo ao longo das décadas e outros repórteres passaram a entrar em rede nacional sem precisar de serem aprovados para alguns telejornais.

²⁸ Emilene Silva sempre atuou na gerência do Núcleo Rede em Uberlândia. De lá, ela coordenava a equipe que estava em outras cidades de cobertura da TV Integração.

Após a saída deste repórter, foi organizada uma reunião de alguns gerentes da TV de Uberlândia para se apresentarem aos profissionais da rede no Rio de Janeiro, e a partir desse momento, criou-se a necessidade de ter um Núcleo Rede, com profissionais de referência em Uberaba, Divinópolis e depois quando a TV Panorama virou Integração, um profissional em Juiz de Fora. Embora, em JF já houvesse uma estrutura, devido já ter sido Globo em outro momento. Dessa forma, a partir de 2010 começou a ter profissionais exclusivos para atender as demandas da rede nacional, apesar que no interior os profissionais desempenham também outras funções, ajudando os jornais locais.

No momento em que se tem a formalização do Núcleo Rede, iniciam-se vários processos como a formalização das participações mensais do que era exibido do telejornalismo local nos jornais de rede e também da divisão das atividades que cada profissional desempenharia. Em cada praça deveria ter pelo menos um produtor/editor, visto que o relacionamento com a rede nacional deveria ser firmado por esse profissional que seria exclusivo para procurar e oferecer notícias diariamente aos telejornais. Em relação ao repórter, este não seria exclusivo, pois ele precisaria atender ao telejornalismo local. Mas, este profissional seria referência quando se fosse fazer as matérias para o nacional. Segundo Emilene “se você não oferece, você não é lembrado e a notícia não chega. Às vezes a notícia é até de interesse, mas como você não tem estrutura para oferecer acaba morrendo nos jornais locais e não ganhando alcance nacional por falta de estrutura” (Emilene Silva, 2022).

Nesses dez anos de Núcleo, a realização do trabalho dessa forma contribuiu para que ele tivesse sucesso perante os telejornais de rede, após retorno dos mesmos sobre o Núcleo, que era bem visto pelos profissionais da rede nacional. As produções atendiam tanto aos telejornais e aos programas de entretenimento. Para isso, Emilene relembra, que todos os jornais foram mapeados, do aberto e fechado, a fim de ver o que se podia ofertar. Assim, todos os jornais começaram a ser atendidos, porque não era todo dia que se tinha assuntos para emplacar no Jornal Nacional ou no Bom Dia Brasil, mas podia-se oferecer outros assuntos que pudessem entrar na GloboNews, que absorve um número de notícias maior. Além disso, o Núcleo Rede tinha metas mensais para entrar em rede nacional e a partir disso, a TV Integração passou a aparecer mais. A lógica, segundo Emilene, era “se a gente vende mais, em algum momento, a gente oferecendo mais assuntos, esses assuntos num dado momento tem mais oportunidade de emplacar também” (Emilene Silva, 2022). Quanto maior o espaço do telejornal, mais chances de se entrar, apesar que a concorrência também se amplia, pois, o telejornal acaba recebendo materiais de todo o Brasil com maior frequência, ou seja, “é estratégia de venda para colocar a notícia lá” (Emilene Silva, 2022).

A partir de um determinado período que o Núcleo fica conhecido por parte dos profissionais da Globo, começam também a surgir as demandas por parte deles: “a partir do momento que a gente se estruturou, mapeamos os jornais, começamos a vender e os jornais começaram a entender onde nós estávamos, as demandas também começaram a vir, não só para os telejornais e programas de entretenimento e programa da Globo News”(Emilene Silva, 2022). Às vezes não era possível fechar uma reportagem inteira pelo Núcleo e as contribuições começaram a ter uma frequência. Emilene recorda que na época que a Globo tinha o programa do Faustão e o programa do Bem Estar, o Núcleo gravava muitas “pílulas”, entrevistas soltas, com o público na rua e as demandas eram diárias. Por exemplo, o programa do Faustão tinha muitos quadros como o “Se Vira nos 30” e solicitava a afiliada se podiam ajudar com participantes que quisessem se apresentar no estúdio ou o Bem Estar, que ao debater um determinado assunto sobre saúde, perguntava se o Núcleo tinha um especialista que pudesse participar.

4.2 AS ROTINAS PRODUTIVAS DOS PROFISSIONAIS DA REDE NACIONAL E LOCAL

Antes das notícias serem veiculadas no telejornal, acontece o processo produtivo que se inicia com as reuniões de pauta entre os jornalistas e no caso dos assuntos do jornalismo local que são veiculados em rede nacional, temos a atuação do Núcleo Rede da emissora afiliada que dialoga com a rede nacional. Segundo Kurt (2006) “a estrutura de rede é organizada por vários fatores técnicos-operacionais, editoriais e comerciais que determinam a participação das afiliadas” (KURTH, 2006, p.92). Ao fim deste processo de elaboração da notícia, o material local é oferecido aos jornais da rede nacional.

O processo de “venda”, oferecimento da pauta no jargão profissional, leva em consideração a relevância do assunto e é neste processo de oferta do material que é decidido²⁹ como essa notícia vai ser exibida no telejornal, como, por exemplo, um VT, uma nota coberta, apenas uma imagem. Além da factualidade, o conteúdo na maioria das vezes precisa ser inédito - alguns telejornais da rede pedem exclusividade, logo o material não pode ter sido veiculado no telejornalismo local. A forma de venda dessas matérias é feita pelos profissionais do Núcleo Rede e, a partir de uma avaliação geral do que se oferece, tais matérias podem ser aceitas ou recusadas. Neste momento, as relações pessoais entre os

²⁹ Durante o processo de ofertas dos materiais locais à rede nacional, é decidido o formato em que esse assunto será exibido. Entretanto, ao longo do dia e até mesmo minutos antes desse material ir ao ar, ele pode ser reelaborado.

profissionais são consideradas importantes, porque não basta ter um acontecimento envolto de noticiabilidade, se ele não se adequar às necessidades do outro telejornal. O relacionamento entre os jornalistas se fundamenta na troca de experiências, que um demanda para outro no que é preciso para se fechar uma notícia. Logo, há uma necessidade do contato diário do produtor do Núcleo Rede local com o produtor da rede nacional, seja por e-mail, telefone ou aplicativos de conversa, a fim de se estabelecer um vínculo.

Dessa forma, novas possibilidades de comunicação, produção e envio de material jornalístico entre as equipes, a partir de sistemas operacionais tecnológicos, permitiram também que a rede demandasse mais conteúdos para a produção local. Conforme apontam Thomé e Reis (2019), a “convergência midiática vem sendo impulsionada por outro fator de grande relevância: a popularização dos chamados aparatos tecnológicos” (THOMÉ; REIS, 2019, p.256). E a partir dessa conduta entre os profissionais local e de rede, cria-se um elo produtivo, no qual o jornalismo local oferece e a rede nacional também demanda, ou seja, pede ao jornalismo local contribuições de materiais.

Durante o primeiro ano da pandemia Covid-19, o processo de convergência midiática acentuou ainda mais os processos de produção jornalística. Neste sentido, não só a forma de produção deste material tem se alterado como também a forma com que ele é exibido. Um exemplo disso, são as gravações em forma de entrevistas feitas por meio de câmeras de celulares, pela necessidade do distanciamento social, e que alterou a forma da produção da notícia. Segundo Thomé *et al.* (2021)

A função do telejornal se manteve ao longo dos anos, mas a forma como construiu e como levou a notícia ao telespectador não foi a mesma sempre, variando a partir da tecnologia, da relação com o público, do que se entende por narrativa certificada a cada momento (THOMÉ *et al.*, 2021, p.73).

Além disso, a tecnologia foi evoluindo e foi possível realizar reportagens em locais mais distantes e enviar notícias de uma cidade que se está fazendo a reportagem diretamente para o telejornal de rede ou para o próprio Núcleo na redação ser editado e posteriormente, enviado a Globo. O fator tecnológico é fundamental para uma notícia local ser exibida em rede nacional, visto que, “se você está numa afiliada do interior e se você não tem um equipamento com uma qualidade compatível que vai chegar lá que é exibida em rede, dificulta” (Emilene Silva, 2022). Outra consideração importante a se fazer é que não se deixou de priorizar a qualidade da imagem, mas, nestes novos tempos a notícia passou a ser mais importante, visto que hoje, as redes sociais e a internet também são produtores de informação.

Para Emilene, ex-gerente do Núcleo da TV Integração e atual editora do Jornal Hoje, da Rede Globo, os critérios para uma notícia local ser exibida em rede nacional não mudaram muito

A própria organização da Globo em relação às afiliadas e uma coordenação do jornalismo, do marketing, do comercial, a forma como ela esta estrutura possibilita que ela dê uma abrangência maior do Brasil, que o Brasil seja de uma forma mais plural nos telejornais e nos programas. O que é critério? Com a notícia ninguém briga. Caiu um avião, morreram x pessoas, primeiro caso de *monkeypox*, primeira pessoa vacinada. Notícia é notícia. Algo que aconteceu que vale para o Brasil inteiro. E os outros? Os outros, o critério que eu vejo é o que aconteceu no interior de Minas interessa para quem mora lá no Amazonas? É um exemplo, contribuiu pra vida de quem também mora lá? Pode ajudar no desenvolvimento. Pra notícia são pelo menos dois critérios que são muito claros e depois é muito abstrato quem está fechado o jornal, porque os jornais são fechados e você tem um cardápio por dia. Nesse cardápio os telejornais avaliam o que está acontecendo no Brasil inteiro. Todos os telejornais de rede. E eles também vão recebendo demandas também de todo o Brasil. Então, a gente que está no interior ficávamos de olho para quais assuntos poderiam estar nesse cardápio daquele dia do telejornal (Emilene Silva, 2022).

Nesse sentido, o Núcleo Rede também participava de outros telejornais com contribuições para fechar as reportagens das outras praças, embora, havendo um factual, a matéria feita pelo Núcleo Rede tem a possibilidade de ser emplacada sozinha, dependendo da sua relevância. O relacionamento entre os profissionais, seja do Núcleo Rede e da Globo, precisa ser cultivado para que haja confiança e foi assim também que o Núcleo passou a ser mais demandado.

4.3 A PRODUÇÃO REGIONAL DA ZONA DA MATA E CAMPO DAS VERTENTES NO JORNAL HOJE ENTRE 2015 E 2020

A produção telejornalística da TV Integração de Juiz de Fora também se estende a outras cidades da Zona da Mata e Campo das Vertentes. No mesmo período que a pesquisa objetivou analisar as produções jornalísticas de Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje, entre 2015 e 2020, outras notícias da região também foram veiculadas. De certa forma, em geral, as notícias de localidades menores tendem a ter menos frequência e participação, devido à relevância e proximidade com o restante do país e às vezes, pelo fato do acontecimento não ter uma amplitude que possa interessar telespectadores de outros estados.

Entretanto, como o que acontece no município de Lima Duarte pode interessar ao Brasil como um todo? Neste caso, sempre temos que pensar o que a cidade oferece, por

exemplo, uma instituição de pesquisa importante, um hospital de referência, um parque nacional/estadual. No caso da cidade referenciada, temos o Parque Estadual do Ibitipoca, o que implica dizer se algum acontecimento estiver relacionado ao local e afetar a vida de visitantes, pode ser um valor para se tornar notícia. Por isso, os assuntos que foram ao ar no JH neste intervalo analisado seguem os mesmos critérios dos materiais de Juiz de Fora (ver capítulo 6), além de sua essência como notícia.

De certo modo, os critérios de noticiabilidade são fundamentais e parâmetros para se avaliar se um acontecimento é passível de se tornar notícia, visto que devemos filtrar o que não tem valor, afinal excesso de informação pode acarretar em desinformação. Nos casos que trouxemos, as participações de outras cidades que fazem parte da cobertura da TV Integração, estão embasadas em valores-notícias que corroboram com os valores que o Jornal Hoje presa para noticiar no dia a dia: atualidade, ou seja, precisam estar acontecendo no momento em que o telejornal está sendo exibido. O levantamento a seguir foi realizado a partir de planilhas do Núcleo Rede, ao qual a pesquisa teve acesso e investigou os materiais jornalísticos da região que foram oferecidos ao JH, autorizados pela TV Integração. A partir disso, foi realizada uma filtragem dos assuntos que foram oferecidos ao telejornal, em que tipologia de produção ele foi ofertado, se foi aprovado e exibido e também se foi um pedido do próprio Jornal Hoje.

Desta forma, no ano de 2015, a partir dos registros de planilhas do Núcleo Rede, de setembro a dezembro³⁰, três assuntos foram ofertados ao telejornal. Dois deles foram factuais: um sobre um carro que foi arrastado por um trem em Alfredo Vasconcelos³¹, que não foi aceito (Tabela 1), e uma chuva que deixou a cidade de Ubá e Muriaé debaixo d'água³² (Figura 9). Esta notícia foi exibida no Mapa Tempo do JH, apresentado pela Eliana Marques, no dia 01/12/2015. O material enviado por telespectadores foi exibido em foto, mostrando a chuva em ambas cidades. Além disso, uma produção elaborada pelo Núcleo na época foi de empresas que lutavam contra a dengue em Ubá, porém, não foi aprovada pelos editores do telejornal.

³⁰ No capítulo 6 explicamos que o Núcleo Rede passou a contabilizar os materiais que entraram em rede a partir de setembro de 2015. Por isso, a análise foi feita a partir desta data.

³¹ <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/11/morre-idosa-que-estava-com-familia-em-carro-atingido-por-trem-em-mg.html>. Acessada 10/01/2023.

³² <http://redeglobo.globo.com/mg/tvintegracao/noticia/2015/12/tv-integracao-de-juiz-de-fora-contribuiu-com-jornal-da-globo-news.html>. Acessada 10/01/2023.

Figura 9 - Foto enviada por telespectador sobre a chuva em Ubá e Muriaé.

Edição do JH do dia 01/12/2015.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4646353/>. Acessada em 05/01/2023.

Tabela 1 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referentes aos meses de setembro a dezembro de 2015.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Carro arrastado trem Alfredo Vasconcelos	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Chuva Ubá e Muriaé	Fotos	Sim	Sim	Fotos	Núcleo Rede
Empresas contra dengue Ubá	VT	Não	-	-	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Já em 2016, onze VTs (Tabela 2) foram sugeridos pelo Núcleo Rede de Juiz de Fora ao Jornal Hoje ao longo de um ano, sobre os seguintes assuntos: decretada situação de emergência dengue e Atestados por causa da doença em Ubá; Agressão contra crianças em Matias Barbosa; Assassinato do Prefeito de Chiador; Furtos a propriedades rurais em Leopoldina; Tradição santeiros, descendimento da cruz na semana Santa e Festival de Inverno em São João del-Rei; Comércio “barganha” e Obras paradas no hospital de Muriaé e Acidente em Ewbank da Câmara. Três materiais foram aprovados, entre eles Descendimento da Cruz, que é um evento tradicional da cidade histórica do Campo das Vertentes como o Festival de Inverno, organizado pela UFSJ, e o acidente na BR-040, em Ewbank da Câmara. Porém, só

este material factual foi exibido (Figura 10).

Tabela 2 - VTs do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2016.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Decreta situação emergência dengue Ubá	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Atestados dengue Ubá	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Agressão criança Matias Barbosa	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Assassinato prefeito Chiador	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Furtos propriedades rurais Leopoldina	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Descendimento da cruz SJDR	VT	Sim	Não	-	Núcleo Rede
Tradição santeiros SJDR	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Festival inverno SJDR	VT	Sim	Não	-	Núcleo Rede
Comércio barganha Muriaé	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Obras paradas hospitais Muriaé	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Acidente Ewbank da Câmara	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Figura 10 - Reportagem sobre acidente grave em Ewbank da Câmara.
Edição do JH do dia 24/10/2016.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5398971/>. Acessada em 05/01/2023.

O acidente entre uma carreta e um ônibus de passeio deixou seis mortos e 40 feridos. Apesar da situação ter acontecido em Ewbank da Câmara, a passagem da repórter Cláudia Mourão foi feita em uma unidade de pronto atendimento em Juiz de Fora, conforme crédito da foto acima. Acidentes destas proporções sempre interessam ao telejornal, por conta da possibilidade de se fazer o “rescaldo”³³ sobre assunto. Como a rodovia BR-040 é um importante trecho entre JF e as cidades do Rio e Belo Horizonte, tais ocorrências podem gerar transtornos, logo vira um valor-notícia, pois um congestionamento em um estado pode impactar no outro. A reportagem foi gravada no dia seguinte ao acidente e ainda havia interdição no trecho. Desta forma, há um interesse por parte do telejornal em noticiar o assunto, até mesmo como uma prestação de serviço.

³³ No jornalismo, costumamos chamar rescaldo situações que podem ser repercutidas em outras reportagens.

Figura 11 - Acidente interdita rodovia. Edição do JH do dia 24/10/2016.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5398971/>. Último acesso em janeiro de 2023.

Em relação às imagens que foram exibidas em materiais de outras praças, tivemos registros de chuvas na cidade de Além Paraíba e Ervália (Tabela 3) e fotos de uma chuva de granizo exibida em foto no Mapa Tempo em Carandaí (Figura 12). Outros materiais ofertados em foto foram sobre uma estrada que cedeu em São João Nepomuceno e um caminhão que teve a carne saqueada em Barbacena, entretanto, não foram exibidos.

Tabela 3 - Fotos do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviadas à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2016.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Chuvas Além Paraíba e Ervália	Fotos	Sim	Sim	Fotos	Pedido BH
Chuva Carandaí	Fotos	Sim	Sim	Fotos	Núcleo Rede
Estrada cede SJN	Fotos	Não	-	-	Núcleo Rede
Carne saqueada Barbacena	Fotos	Não	-	-	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Figura 12 - Chuva de granizo cobre as ruas de Carandaí.

Edição do JH do dia 26/09/2016.

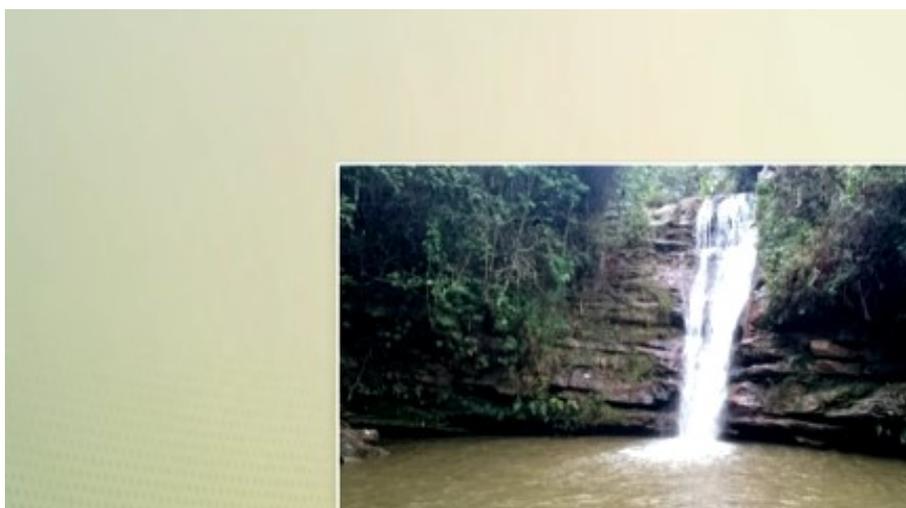


Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5332731/>. Acessada em 05/01/2023.

Até antes da efervescência das produções em vídeo, os telejornais de rede “aceitavam” imagens estáticas para exibir as notícias, como podemos ver uma nota coberta sobre um raio que caiu em uma cachoeira em Santana do Garambéu (Figura 13) e matou uma pessoa. A notícia foi narrada pela apresentadora Sandra Annemberg apenas com fotos cedidas pelos bombeiros que atenderam a ocorrência.

Figura 13 - Raio mata uma pessoa que estava em uma cachoeira em Santana do Garambéu.

Edição do JH do dia 08/02/2016.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4796253/>. Acessada em 05/01/2023.

Talvez pelo valor-notícia morte, a notícia tenha sido exibida diante da gravidade, mas

telejornais de rede sempre optam pelo uso de imagens em movimento. Outros assuntos que foram ofertados como nota coberta (Tabela 4) foram uma operação realizada pela Polícia Federal na UFV³⁴ que foi aceita, mas não exibida e uma nota seca sobre congressistas que foram reféns dentro da UFSJ³⁵, mas não foi aprovado. Além disso, o Núcleo Rede em JF contribuiu também com uma reportagem fechada por Brasília, da repórter Flávia Alvarenga, sobre as melhores instituições de ensino federais do Brasil, com imagens do Colégio de Aplicação da UFV, o Coluni em Viçosa (Figura 14).

Tabela 4 - Notas Cobertas e imagens do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviadas à rede referentes aos meses de janeiro a dezembro de 2016.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Raio cachoeira Santana do Garambéu	Nota Coberta	Sim	Sim	Nota Coberta	Núcleo Rede
Operação UFV	Nota Coberta	Sim	Não	-	Núcleo Rede
Congressistas reféns UFSJ	Nota Seca	Não	-	-	Núcleo Rede
Coluni UFV	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Pedido Brasília

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

³⁴<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2016/07/operacao-da-policia-federal-investiga-desvio-de-recursos-repassados-ufv.html>. Último acesso em janeiro de 2023.

³⁵<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2016/11/congressistas-sao-rendidos-durante-assalto-caixa-eletronico-na-ufsj.html>. Último acesso em janeiro de 2023.

Figura 14 - Coluni em Viçosa na lista das melhores instituições do país.

Edição do JH do dia 04/10/2016.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5352115/>. Acessada em 05/01/2023.

No ano de 2017, foram quatro VTs ofertados ao Jornal Hoje sobre a região. Um deles ainda sobre a dengue em Ubá; um sobre eleições suplementares em Ervália; outro sobre a morte de um refugiado africano em Matias Barbosa e outro sobre os prejuízos no comércio de Guiricema devido a explosões. Apenas este foi aceito, mas não foi exibido (Tabela 5). Em relação às imagens, foram oferecidas uma manifestação na BR-040, em Simão Pereira e uma chuva em Eugenópolis, que não foram exibidas, e imagens de uma operação lava-jato em São João del-Rei. Neste caso, foi necessário deslocar uma equipe até a cidade para localizar a equipe da PF e fazer as imagens a pedido do Jornal Hoje. Neste ano, os telejornais acompanharam muitos casos dessas operações envolvendo políticos. A polícia federal realizava uma apreensão contra Suzana Neves, ex-mulher de Sérgio Cabral, com suspeita de ocultação de patrimônio (Figura 15). Uma nota seca sobre um vereador³⁶ de Carmo do Cajuru envolvido com estupro na cidade também foi oferecido ao telejornal, mas não foi exibida.

³⁶ <https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2017/03/vereador-de-carmo-do-cajuru-e-presosuspeito-de-estuprar-criancas.html>. Acessada em 05/01/2023.

Tabela 5 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente a janeiro a dezembro de 2017.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Dengue Ubá	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Eleições suplementares Ervália	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Morte refugiado Matias Barbosa	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Prejuízos comércio Guiricema	VT	Sim	Não	-	Núcleo Rede
Manifestação BR-040 Simão Pereira	Imagem	Não	Não	-	Núcleo Rede
Chuva Eugenópolis	Imagem	Não	Não	-	Núcleo Rede
Operação lava-jato SJDR	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Pedido Brasília
Estupro Carmo do Cajuru	Nota Seca	Não	-	-	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Figura 15 - Operação lava-jato em São João del Rei. Edição do dia 08/05/2017.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5352115/>. Acessada em 05/01/2023.

Em 2018, um VT foi ofertado sobre o trem turístico de Cataguases, que não foi aprovado e imagens de uma carga de manteiga sendo saqueada após um acidente em Santos Dumont, que também não foi aceita (Tabela 6). O único material exibido no Jornal Hoje neste ano da região foi uma tromba d'água em Simão Pereira (Figura 16).

Figura 16 - Simão Pereira no Mapa Tempo do JH. Edição do JH do dia 06/12/2018.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7214204/>, a partir do minuto 36:32. Acessada em 05/01/2023.

Tabela 6 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2018.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Trem turístico Cataguases	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Carga manteiga saqueada Santos Dumont	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Tromba d'água Simão Pereira	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Já em 2019, quase todos os materiais enviados da região foram aprovados pelo JH (Tabela 7). Um dos produtos mais emblemáticos foi a produção sobre a agressão que uma

mulher sofreu em Carangola, notícia exibida em todos os telejornais da Rede Globo, que rendeu duas participações no Jornal Hoje. Uma foi a contribuição em vídeo para uma reportagem sobre violência contra mulheres, exibida no próprio dia 08 de março. A mulher da foto abaixo foi sequestrada e agredida pelo ex-namorado por não aceitar o fim do relacionamento. O vídeo com o depoimento da vítima foi pedido pelo Núcleo Rede à família, enquanto ainda estava no hospital (Figura 17).

Tabela 7 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2019.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Agressão Jane Carangola	Vídeo	Sim	Sim	Vídeo	Pedido RJ
Reconstituição caso Jane	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede
Mortes Ninho Urubu	Imagem + Sonoras	Sim	Sim	Imagem + Sonoras	Pedido RJ
Barragem Rio Preto	Link	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Chuva Monte Verde	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Chuva granizo Ervália	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Explosão caixa Bom Jardim de Minas	Nota Coberta	Sim	Sim	Nota Coberta	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Figura 17 - Depoimento de vítima agredida por ex-companheiro.

Edição do JH do dia 08/03/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7440187/>. Acessada em 05/01/2023.

Quase no final do mês de março, a equipe do Núcleo fez a reconstituição da história, indo até o ponto onde a vítima foi encontrada, isso porque houve uma reviravolta no caso: o agressor se suicidou durante as buscas da polícia que visavam sua prisão. O repórter de rede, Augusto Medeiros (Figura 18) foi à divisa de Carangola com o Espírito Santo gravar a passagem da matéria (Figura 19).

Figura 18 - Augusto Medeiros na divisa de Carangola com o Espírito Santo.

Edição do JH do dia 25/03/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7484071/>. Acessada em 05/01/2023.

Figura 19 - Polícia faz buscas pelo ex-companheiro de mulher agredida em Carangola.

Edição do JH do dia 25/03/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7484071/>. Acessada em 05/01/2023.

Outro caso que gerou comoção e que teve a cobertura da TV Integração, foi a morte de vários meninos que jogavam na categoria de base do Flamengo, no ninho do Urubu. Um deles era o capitão do time, Jorge Eduardo, natural de Além Paraíba. A reportagem foi fechada pelo Rio de Janeiro, por Mônica Sanches, e foram enviadas imagens e sonoras do ex-treinador do jovem (Figura 20) e de amigos.

Figura 20 - Ex-técnico de Jorge Eduardo. Edição do JH do dia 09/02/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7368861/?s=0s>. Acessada em 05/01/2023.

No ano de 2019, a barragem de Brumadinho se rompeu e os telejornais ficaram em

alerta caso em alguma cidade acontecesse algo semelhante. O Núcleo Rede ofereceu um link sobre a barragem em Rio Preto que estava sendo monitorada. A princípio, o assunto foi aprovado, mas depois o JH preferiu que o Núcleo enviasse imagens (Figura 21) para a reportagem fechada pela Liliana Junger, em Barão de Cocais, que também tinha situação semelhante. Neste caso, se uma cabeça de rede irá fazer uma matéria sobre o assunto, caberá à afiliada contribuir com algum material, caso a situação não seja mais relevante.

Figura 21 - Rio Preto em alerta por causa de um possível rompimento da barragem.

Edição do JH do dia 26/03/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7487333/>. Acessada em 05/01/2023.

No Mapa Tempo tivemos ainda a participação de Monte Verde³⁷ com as chuvas de granizo e chuvas de Muriaé, que eles optaram por não usar, e uma nota coberta sobre uma explosão a uma agência do Banco do Brasil em Bom Jardim de Minas³⁸.

No ano de 2020, entramos com dois ao vivos (links) no telejornal (Tabela 8). Uma das participações foi sobre uma mulher que morreu depois que seu carro caiu em uma cratera em Tabuleiro (Figura 22), após a rodovia ceder por conta das chuvas e a outra sobre 40% dos alunos da Epcar (Figura 23), em Barbacena, que contraíram o vírus da Covid-19, após não respeitar as regras de distanciamento social. As entradas foram feitas pela atual repórter do Núcleo de Rede, Larissa Zimmermann.

³⁷ <https://globoplay.globo.com/v/7890468/>. Acessada em 05/01/2023.

³⁸ <https://globoplay.globo.com/v/7513583/>. Acessada em 05/01/2023.

Tabela 8 - Materiais do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2020.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Cratera Tabuleiro	Link	Sim	Sim	Link	Núcleo Rede
Covid-19 Epcar	Link	Sim	Sim	Link	Núcleo Rede
Incêndio Ibitipoca	Nota Coberta	Sim	Sim	Nota Coberta	Núcleo Rede
Apreensão dólares Leopoldina	Nota Coberta	Sim	Sim	Nota Coberta	Núcleo Rede Núcleo Rede
Lockdown Barbacena	Nota Coberta	Não	-	-	Núcleo Rede
Atendimento comércio CPF Viçosa	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Mais eleitores que habitantes	Sonora	Sim	Sim	Sonora	Pedido BH

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2020).

Figura 22 - Mulher morre após cair em cratera em Tabuleiro.

Edição do JH do dia 29/01/2020.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8275627/>. Acessada em 05/01/2023.

Figura 23 - Alunos da Epcar contraem o vírus da Covid-19 dentro da instituição.

Edição do JH do dia 26/05/2020.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8581039/>. Acessada em 05/01/2023.

Ainda, foram enviadas duas notas cobertas, uma sobre um incêndio no Parque Estadual do Ibitipoca (Figura 24) e uma apreensão de dólares³⁹ em Leopoldina. Também foi ofertada uma nota coberta sobre o lockdown em Barbacena e um VT sobre o comércio de Viçosa, que atenderia pelo CPF, por conta dos números de pessoas com Covid-19, que não foram aprovados. O Núcleo também gravou uma sonora para complementar um VT produzido por Belo Horizonte sobre cidades que têm mais eleitores que habitantes, com um personagem de Simão Pereira⁴⁰ que votava no município de Belmiro Braga.

Figura 24 - Incêndio no Parque Estadual do Ibitipoca. Edição do JH do dia 29/09/2020.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em

³⁹ <https://globoplay.globo.com/v/8958716/>. Último acesso em janeiro de 2023.

⁴⁰ <https://globoplay.globo.com/v/9002127/>. Acessada em 02/02/2023.

<https://globoplay.globo.com/v/8897464/>. Acessada em 05/01/2023.

Em relação a ofertas de imagens, foram enviadas 5 imagens (Tabela 9), sendo que duas foram exibidas por meio do Mapa Tempo. Uma foi um acidente na MG-135, entre Barbacena e Antônio Carlos. Uma viatura dos bombeiros (Figura 25) não viu a cratera na pista e foi absorvida pelo asfalto; outra foi sobre um acidente na AMG-520 (Figura 26), entre Aracitaba e Oliveira Fortes, que cedeu por causa das chuvas e foi interditada nos dois sentidos. Interessante observar, que neste dia, o Mapa Tempo também fez referência a quantidade de milímetros que choveria em Juiz de Fora (Figura 27), devido a outras cidades da região terem saído com notícias relacionadas à chuva. Além disso, imagens sobre um abatedouro irregular em Alfredo Vasconcelos, doação de flores em Barbacena e desinfecção de carros em Rio Preto, ambos por conta da Covid-19, não foram exibidos.

Tabela 9 - Imagens do local da Zona da Mata e Campo das Vertentes enviadas à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2020.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Acidente MG-135	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Cratera AMG-520	Fotos	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Abatedouro irregular Alfredo Vasconcelos	Fotos	Não	-	-	Núcleo Rede
Doação flores Barbacena	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Desinfecção carros Covid-19	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Acidente caminhão BR-265	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Pedido BH

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Figura 25 - Viatura dos bombeiros cai em cratera em Barbacena.

Edição do JH do dia 13/02/2020.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8319939/>, a partir do minuto 45:29. Acessada em 05/01/2023.

Figura 26 - Cratera interdita pista nos dois sentidos na AMG-520.

Edição do JH do dia 13/02/2020.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8319939/>, a partir do minuto 58:30. Acessada em 05/01/2023.

Figura 27 - Volume de chuvas em Juiz de Fora. Edição do JH do dia 13/02/2020.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8319939/>. Acessada em 05/01/2023.

Além desses materiais, o Núcleo contribuiu com imagens para uma reportagem fechada por Belo Horizonte, de Iana Coimbra, sobre acidentes nas estradas (Figura 28). Como o mês de setembro tem ações voltadas para educação no trânsito, esta contribuição fez parte de uma matéria que abordava as infrações.

Figura 28 - Motorista morre após caminhão-tanque explodir na BR-265.

Edição do JH do dia 18/09/2020.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8868421/>. Acessada em 05/01/2023.

Como podemos observar as notícias sobre chuvas com ou sem mortes tiveram grande destaque. Os temporais em todo o país causam uma série de prejuízos e tendem a ter

relevância mesmo para pessoas que não são da mesma região, pois o traslado pode interessar indivíduos de cidades diferentes, pessoas que tem parentes em regiões também podem querer entender o que está acontecendo naquela localidade. Além disso, o Mapa Tempo do JH é uma oportunidade para que regiões menores saiam em rede nacional, com pequenas participações. Talvez de uma forma isolada não seria feito um VT sobre os percalços das chuvas nas cidades citadas, apesar de que para municípios pequenos um temporal pode afetar muito.

Ainda, muitas das contribuições no Mapa do Jornal Hoje são enviadas pelo telespectador, que muitas vezes tem seu nome citado quando a imagem sai, seja em foto ou em vídeo. Como a região é bem extensa, seria impossível cobrir tantos factuais, ainda mais em casos de chuvas que duplicam o tempo de viagem até a chegada das equipes nas cidades atingidas. Situações que vão além como casos de agressões como a história de Carangola, que teve uma reviravolta ou mesmo os casos de Covid-19, são situações noticiosas que tem uma relevância, pois não são casos muito comuns. Já situações que envolvem mortes, principalmente as trágicas, também são valores-notícias que tornam o acontecimento uma notícia por causa das circunstâncias que os envolvem, como o caso no ninho do Urubu.

De maneira geral, as cidades menores também têm sua oportunidade para entrar em rede nacional. Nos casos apresentados, a maioria envolveu factuais que não tiveram um bom desfecho, mas o telejornal também está aberto para bons assuntos, como mostrar a importância de uma boa educação, caso do Coluni em Viçosa que teve um bom resultado de avaliação de ensino.

4.4 O QUE LEVA UMA MATÉRIA LOCAL SER EXIBIDA EM REDE NACIONAL?

Na tentativa de achar respostas sobre o que faz uma notícia local ser exibida em rede nacional, entrevistamos profissionais que fizeram e fazem parte do Núcleo Rede Juiz de Fora. Mediante o que foi exposto, e a partir das práticas relatadas no dia a dia, tentamos explicar por meio da visão deles o que foi executado quando emplacaram assuntos do telejornalismo local na rede ou estiveram envolvidos com o processo de produção e edição do material. As entrevistas completas se encontram no apêndice deste trabalho, a fim de complemento dos relatos e também serve como material memorialístico, lembrando algumas histórias exibidas em rede nacional em que os jornalistas fizeram parte, seja na elaboração ou nas gravações externas.

Entendemos até aqui que os critérios de noticiabilidade são fundamentais para que as

notícias sejam produzidas, seja para qualquer noticiário. Entretanto, partimos de uma premissa que para além dos critérios de noticiabilidade há outros crivos que fazem que uma notícia local seja veiculada em rede nacional e por isso, pela experiência de outros profissionais, buscamos respostas para a questão de pesquisa. Fizemos duas perguntas cruciais aos entrevistados, que acreditamos que poderiam esclarecer a exibição de materiais locais em rede nacional. A primeira questão foi: “Você acredita que o relacionamento entre os profissionais favorece que uma notícia local seja exibida em nacional e como?” e a outra “Você acredita que para além dos critérios de noticiabilidade, as relações pessoais e a tecnologia são facilitadores para que uma notícia seja exibida em rede nacional? E você apontaria um outro crivo facilitador para que essa notícia seja exibida além da tecnologia, do relacionamento, além do próprio critério de noticiabilidade?”.

Salientamos que, antes da formação do Núcleo Rede da TV Integração, existiam outras pessoas que atendiam a rede nacional, porém, sem uma estrutura como a atual. Na época da TV Globo a emissora não era uma afiliada, o que favorecia a produção de materiais, apesar da concorrência com o noticiário das capitais. Como relata uma das entrevistadas, Hilda Mendes, ex-editora de imagem do telejornalismo local e de materiais para a rede que, na época da TV Globo, na inauguração da empresa Mendes Júnior em Juiz de Fora, veio o repórter Tônico Ferreira para fechar material para o Jornal Nacional e para o telejornalismo local foi fechado com repórter do local. Já na época da TV Panorama, havia uma estrutura de atendimento à rede nacional, porém, não com a estrutura do Núcleo atual.

Desta forma, procuramos conversar com todos os profissionais que fizeram/fazem parte deste modelo de atendimento a rede, ou seja, duas produtoras/editoras⁴¹, dois repórteres de rede, um coordenador/editor e a gerente do Núcleo, que foi uma das idealizadoras dessa organização. O Núcleo Rede não teve e não tem um repórter cinematográfico e editores de imagem específicos. Todavia, entrevistamos uma profissional da edição de imagem que passou pelas três fases da TV em Juiz de Fora, desde a TV Globo até a configuração atual da TV Integração, além de outra profissional que trabalha há quase 30 anos no arquivo da televisão. A primeira entrevistada foi Emilene Silva, como já referenciado no início do capítulo, ex-gerente do Núcleo Rede e atual editora do Jornal Hoje. O depoimento foi realizado de forma remota, pelo Google Meet institucional da UFJF, assim como a conversa com os outros profissionais. Ao ser perguntada se o relacionamento entre os profissionais favorece que uma notícia local seja exibida em nacional e como se daria essa lógica, Emilene

⁴¹ Além da realização desta pesquisa, faço parte do Núcleo de Rede desde agosto de 2017 e trabalho no jornalismo da empresa desde 2012 na empresa.

explicou que o relacionamento pessoal não é determinante, mas sim, a confiança que se cria entre eles

Eu acho é que o relacionamento no sentido de posso confiar que aquele profissional entrega o que ele está me dizendo. Então, pode ser que em um dado momento tenha uma notícia que a afiliada pode ou não fechar, mas esse relacionamento de confiança, de entender que a gente entrega o produto, eu acho que esse tipo de relacionamento sim, ajuda de saber que vai chegar a notícia, pode contar que o material vai chegar (Emilene Silva, 2022).

Nesse sentido, para a profissional que hoje atua como editora do Jornal Hoje, assumindo o outro lado da função, ou seja, recebendo os materiais do telejornalismo local das afiliadas, a relação entre os profissionais se firma a partir da confiança que se cria no dia-a-dia. O avanço tecnológico também é um fator que contribui para esse contato se estabelecer de forma mais aperfeiçoada, já que, ao longo dos anos, as mudanças nas rotinas produtivas da notícia, com o uso cada vez maior de equipamentos portáteis que facilitam a produção e envio de materiais, contribuíram para que o acontecimento local (quando com potencial para ser exibido nacionalmente), facilite esse meio de campo. Logo, ao ser questionada sobre o que a profissional acrescentaria para além dos critérios de noticiabilidade, da confiança e da tecnologia, como fatores determinantes para uma notícia local ser veiculada em rede nacional, Emilene pontuou que a agilidade é essencial, em vista que não adianta a afiliada ter a melhor tecnologia, bom relacionamento, a notícia estar dentro dos critérios noticiáveis e faltar agilidade para se entregar o material.

A segunda entrevistada, a jornalista e doutoranda em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, Vanessa Rodrigues, explicou o que facilita uma notícia local ser exibida em rede nacional depende do que a notícia traz em si, se é um factual tem muita chance de entrar em rede nacional. Vanessa começou como estagiária da TV Panorama em 2010. Em 2011 ela foi contratada como produtora dos telejornais locais e depois passou a ser produtora de rede em 2012, mas sem a natureza de um Núcleo estruturado. Nesse período ela já fazia produções para os telejornais nacionais, permanecendo no cargo quando se formou o Núcleo Rede em Juiz de Fora. Quando perguntada se o relacionamento dos profissionais contribuiu para o acontecimento local virar uma notícia nacional, Vanessa expôs que

Dependendo da oferta que você faz, acho que essa relação interfere essencialmente, muito. Porque quando você já tem esse relacionamento, a equipe da rede já conhece mais ou menos o repórter, o texto, o material mais ou menos que vai entregar, sabe que você vai cumprir os prazos, então é muito mais fácil. Fora que você já tem a pessoa certa que você vai falar, o

que é muito mais fácil que você enviar para um e-mail (Vanessa Rodrigues, 2022).

Em relação aos aspectos abordados na entrevista sobre a mudança da rotina produtiva ao longo dos anos e o modo de se elaborar uma notícia, Vanessa, ao ser abordada se há um outro crivo facilitador para a notícia local ser exibida no nacional, disse que além do relacionamento e da tecnologia o ineditismo, assuntos curiosos e a potencialidade que Minas Gerais tem em termos de tradições são bons critérios a serem levados em consideração no momento de ofertar um assunto e ter chances dele ser exibido.

A terceira entrevista foi realizada com a jornalista e atual arquivista da TV Integração, Maria de Fátima Diniz, que entrou na época da TV Globo, em 1996, como secretária de redação. Nesse período, cada gestor tinha uma secretária que realizava a parte burocrática. Quando a emissora iniciou a mudança dos equipamentos e a comunicação entre as praças também foi se alterando, com a chegada dos telefones, *softwares*, sistemas interligados, as funções e cargos também começaram a se reconfigurar. Nesse sentido, as transformações que ocorrem ao longo dos anos contribuíram para que os materiais tivessem mais chances de serem emplacados em rede nacional, à medida que a própria tecnologia contribuiu para isso, porém, quando um profissional do telejornalismo local tem confiança da rede, o respeito já é firmado para as próximas produções.

Conquistando a confiança, o resto, eu acho que é empenho, porque eu lembro quando eu era secretária de redação, a rede, vou dar um exemplo que eu fiz. Hoje em dia a tecnologia é maravilhosa, tudo é instantâneo. Chegou material que você já manda, às vezes manda por celular, imagem é mais importante. Tem o critério da qualidade da imagem, mas dependendo da situação é aquilo ali que está. Eu lembro muito claro como se fosse hoje. Eu fui buscar uma fita, a equipe viajava pra fazer acidente, ia lá fazer um acidente na estrada, longe, levava várias fitinhas debaixo do braço, porque tinha que colocar no ônibus. Pra quê? Pra eu ir lá buscar na rodoviária ou no terminal e vinha correndo pra dar tempo de entrar no ar no Jornal Hoje. Eu lembro que eu fui pegar a fita, a Marília era a editora de rede ligando pra mim, e eu muito novinha, apavorada porque tinha que entrar. E a gente sabe como é hoje. A gente descia do carro quase com ele andando pra entregar a fita, para o editor cortar rápido e gerar para o Jornal Hoje. E deu tempo e dava tempo. Era muito precário, mas funcionava. E isso era empenho da praça. E até hoje é assim, só que com outros recursos (Fátima Diniz, 2022)

A quarta profissional entrevistada foi Hilda Mendes, ex-editora de imagens da TV Integração. Hilda começou na TV Globo, em 1983. No início editava para o MGTV 2ª Edição, que tinha em torno de cinco minutos, além de matérias para os telejornais da rede. Ela recorda que fez muitas edições para o Jornal Hoje e que em um só dia três materiais saíram no

JH, das repórteres, Christina Musse, Cristina Brandão e da Carmem Amorim. Já para editar as reportagens para o Jornal Nacional era mais difícil, mas teve oportunidades, como sua primeira reportagem que foi sobre a inauguração da Mendes Júnior na cidade. Nesta matéria, um repórter da rede nacional veio fechar. Geralmente, quando tinha um acontecimento importante vinham profissionais do Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Logo, o relacionamento sempre foi importante para que a rede acreditasse que receberiam o material conforme combinado. Ao ser questionada sobre esse relacionamento entre os profissionais, disse que já aconteceu da rede solicitar algo e receber outro do que o acordado e o profissional fica mal visto depois, “o profissional é meio que queimado e ele pode fazer de tudo que ele não vai mais entrar no jornal. A responsabilidade não é só do repórter, mas da equipe” (Hilda Mendes, 2022).

Outro profissional que participou desta pesquisa foi o ex-repórter do Núcleo Rede, Augusto Medeiros, atual correspondente internacional da Rede Globo em Berlim, na Alemanha. Augusto fez muitas reportagens especiais, tem experiência no Jornalismo e grande participação em todos os telejornais nacionais, principalmente no Fantástico. Uma das primeiras matérias dele em rede nacional foi para um quadro de música do Jornal Hoje. Desde que começou a carreira como jornalista, já almejava ser repórter de rede. A importância de ter bons relacionamentos desde o início contribuiu para que as pessoas o conhecessem, embora para um acontecimento virar notícia os critérios de noticiabilidade são priorizados em detrimento a outros crivos.

Lembro que a Teresa Garcia, que foi chefe do Jornal Hoje por muito tempo, eu já fui mais de uma vez pra lá, além do treinamento, ela confiava muito em mim e sabia que eu estava correndo atrás e tudo. Ela chegou a pedir uma série para mim, só que foi a série sobre maconha em Petrolina, mas por outros motivos não deu certo. Mas, ela confiou. Eu lembro que ela falou assim sobre confiança, ela conversou comigo lá em São Paulo: “É Augusto, a gente tem que saber o que a pessoa vai entregar, do jeito que a gente espera, porque muita gente que a gente pede não entrega”. Então, o relacionamento, ele é mais o relacionamento de confiança da entrega, da qualidade, do prazo, do que a relação de amigo. Claro, isso também é interessante ser simpático, quebrar o gelo, isso também é legal, mas o que faz diferença é o relacionamento de confiança (Augusto Medeiros, 2022)

O sexto profissional entrevistado para a pesquisa foi Fabiano Rodrigues, que foi coordenador do Núcleo Rede em Juiz de Fora entre 2014 a 2017 e atua como Gerente de Jornalismo Digital da TV Integração. Ele foi produtor de rede em Uberlândia entre 2008 e 2011. Fabiano esteve presente durante a formação do Núcleo Rede da TV Integração e quando assumiu o cargo de coordenador em Juiz de Fora, trabalhou junto com Vanessa

Rodrigues, editando os materiais que ela produzia, além de fazer o relacionamento com a rede. O profissional pontuou que a confiança é fundamental para que uma matéria local seja exibida em rede nacional.

Quando se montou o Núcleo Rede demorou muito pra emplacar, pra ter confiança, porque não sei quantos anos o repórter Luiz Gustavo fez parte da TV e ele chegava na redação, e eu falo, porque eu trabalhei com ele, pautei ele também nas férias da Karla que era produtora dele, ele pegava o telefone e ligava para a Teresa Garcia, que na época a era chefe do Jornal Hoje e falava tenho essa história aqui, tenho outra, e ele fechava. E reservava dois minutos pra ele. Não se tinha o trabalho de venda que era feito pela Emilene. Era feito uma coisa específica pelo trabalho da Karla, não posso falar muito, porque não acompanhava direto, mas posso falar pelo Luiz Gustavo que eu vi chegar na redação e fazer isso. Ligar para o Jornal Nacional, o Nery, enfim. Então tinha essa confiança extrema, porque pra época ele contava histórias muito boas, muito legal. Vindo para Juiz de Fora, acredito que sim, porque era o Virgílio, o relacionamento que a Emilene criou a frente do Núcleo foi uma coisa incontestável que as pessoas tinham no trabalho dela. E ela pegava pro time dela, pessoas que ela confiava. E que ela conseguia imprimir esse mesmo ritmo. O Mais Você eu desenvolvi uma amizade com a Chinima que era a produtora, uma amizade mesmo, de ligar, conversar, trocar ideia mesmo. E lógico, não é só o critério da amizade, que se não tiver o da notícia não vai entrar (Fabiano Rodrigues, 2022).

Além disso, o profissional fez uma pontuação importante a respeito das mudanças na produção da notícia, que contribuiu para que ela fosse exibida em rede nacional. Anteriormente às redes sociais, a televisão competia com os sites de notícia e hoje, ainda há a informação postada nas mídias sociais. Logo, ao ser perguntado para além dos crivos facilitadores para uma notícia local ser exibida em rede nacional (critérios de noticiabilidade, relacionamento, tecnologia), ele explica que “a questão não tem nada mais que a questão do tempo. A questão de você correr contra o tempo, da agilidade. O critério tempo, agilidade, acho que é o que faz a diferença” (Fabiano Rodrigues, 2022).

A última entrevistada para a pesquisa foi a jornalista Larissa Zimmermann, atual repórter de rede do Núcleo de Juiz de Fora, após a saída do repórter Augusto Medeiros. Antes de fazer parte do núcleo, Larissa foi apresentadora do MGTV 2ª Edição da TV Integração e também do Praça 2 da EPTV no Sul de Minas. A partir das entradas em rede nacional e do trabalho desempenhado no Núcleo, fez com que ela participasse de um intercâmbio no Globo Rural, em São Paulo. No momento da entrevista, Larissa estava como repórter do Grud (Globo Rural, como o telejornal é chamado internamente). A primeira reportagem de rede dela foi para o Jornal Hoje, sobre uma professora que foi baleada na cidade e acabou falecendo (matéria que consta na análise do capítulo 6). Em relação ao relacionamento com os

profissionais, ao ser perguntada se o contato entre eles facilita com que uma matéria seja exibida em rede nacional, Larissa pontuou que

O trabalho da rede é um trabalho de confiança. Então, se você tem uma relação de confiança e sabe que você é certa, sabe que você vai vender uma coisa que não vai ser aquilo, então, ela vai optar por equipes, por afiliadas, por núcleos de rede que tenham essa proximidade, essa afinidade, essa confiança (Larissa Zimmermann, 2023).

Nesse sentido, a partir dos relatos dos profissionais que estiveram presentes na produção e edição dos materiais do local que foram exibidos em rede nacional, e também por parte desta pesquisadora, que faz parte do Núcleo Rede como produtora e editora, há mais de cinco anos, e tendo entrado para o telejornalismo da TV integração em 2012, acreditamos que o valor confiança é fundamental para que uma aposta do jornal local seja veiculada nacionalmente. Os critérios de noticiabilidade como ineditismo, curiosidade, são essenciais, mas fazer telejornalismo no interior exige que a afiliada tenha diferenciais, como já citado a confiança e também a agilidade para que um material tenha destaque nacional, ou seja, se existe um conhecimento e uma confiança é um ponto a favor para que o acontecimento possa ir ao ar. É uma condição que ajuda.

Além disso, vale ponderar também que para além dos critérios de noticiabilidade e do valor de confiança avaliado como primordial por quase todos os profissionais, a repórter Larissa Zimmermann, atual repórter do núcleo rede, considera que uma reportagem entra em rede por conta de detalhes que pode vir de uma imagem diferenciada. Em tempos de chuva, uma matéria que apresenta uma cidade com 10 desalojados entra em rede no lugar de outro material feito por outra afiliada, que está com 50 desalojados, por conta de uma imagem que mostra, por exemplo, uma casa que desabou. Nesse sentido, um mínimo detalhe também fará diferença para que um produto do telejornalismo local seja exibido no nacional. Nas entrevistas que se encontram no apêndice deste trabalho há relatos de casos específicos de reportagens que foram exibidas.

5 JUIZ DE FORA NO JORNAL HOJE: UMA RELAÇÃO ANTIGA

Em 21 de abril de 1971, a TV Globo colocava no ar, pela primeira vez, o Jornal Hoje, com a apresentação de Léo Batista e Luís Jatobá. Inicialmente, o telejornal era exibido somente de forma local para o Rio de Janeiro, de segunda a sexta-feira, com meia hora de duração. Três anos depois, em 1974, passou a ser transmitido para todo o país, com a participação de repórteres das praças de Belo Horizonte, São Paulo, Brasília e Recife (THOMÉ; MORAIS; OLIVEIRA, 2021). Segundo o site Memória Globo⁴², os primeiros anos do “Hoje” tinham mulheres como público-alvo e por isso, notícias que pudessem interessar mais essa audiência teriam recorrência na tela da TV. Desde que foi criado, a ideia era que ele fosse uma revista eletrônica voltada para o universo feminino. Devido a isso, em 1979, o telejornal passou a ter um trio de apresentadoras mulheres em sua bancada, lideradas por Sônia Maria, Márcia Mendes e Lígia Maria reforçando a importância de pautas deste gênero. Ao longo das mais de cinco décadas no ar, as apresentadoras mulheres que mais conduziram a apresentação do jornal.

Figura 29 - Sônia Maria, Márcia Mendes e Lígia Maria, apresentadoras do Jornal Hoje.



Fonte: TV Globo/ Reprodução. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-hoje/noticia/transformacoes.ghtml>. Acessada em 31/01/2023.

Pelo fato do JH ter nascido como um telejornal-revista, quadros e colunas contribuíram para que o noticiário tivesse assuntos leves somados aos acontecimentos do dia a

42

https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-hoje/noticia/transformacoes.ghtml#ancora_4. Acessada em 31/01/2023.

dia, com seções de moda, arte, comportamento, música, literatura, estética, beleza, culinária, mercado de trabalho, entre outros. Apesar disso, em dois períodos ele se tornou mais noticioso, quando entraram novos gestores que propuseram que o Jornal Hoje fosse uma espécie de JN da hora do almoço, a partir de 1981 e 2015. Neste último ano, o número de quadros e séries foi reduzido. Nesse sentido, os acontecimentos em Juiz de Fora que atendessem a uma das editorias acima teriam um valor-notícia para ser veiculado.

No ano que o Hoje entra em rede para todo Brasil, além de ser transmitido de segunda a sexta-feira, passa a ser veiculado também aos sábados. Com isso, muitos quadros e colunas são criados, como as previsões de horóscopo, com a astróloga Zora Yonara e entrevistas informais com escritores realizadas por Otto Lara Resende, que também fazia comentários sobre literatura brasileira. Em 1975, surge as crônicas de Rubem Braga, retratando o cotidiano do brasileiro. Nos primeiros anos, Braga adaptava seus textos para a televisão, mas depois começou a escrever de forma exclusiva para o telejornal e durante onze anos suas crônicas foram apresentadas para todo país. Neste mesmo ano, surge a coluna Hoje no Rio, uma espécie de agenda para os telespectadores sobre o que acontecia na cidade. Assim também foram os anos seguintes.

Fato curioso é que metade dos produtos exibidos pelo Jornal Hoje sobre Juiz de Fora durante a década de 1980 foram veiculados aos sábados, período no qual o telejornal tinha uma abertura para pautas mais culturais e, a partir de 1990, 28% do noticiário sobre a cidade no Hoje estava relacionado a pautas menos factuais. Dessa forma, podemos concluir que o espaço para matérias mais tênues estava destinado ao programa veiculado no fim de semana. Sendo assim, a partir da possibilidade de emplacar notícias culturais e artísticas, eram realizadas mais ofertas para que entrassem nestas editoriais de sábado, ou seja, se um determinado conteúdo tivesse mais chances de ser exibido, ele seria produzido com mais frequência. No caso dos anos de 1980, havia um condicionamento para que assuntos do campo artístico e cultural fossem mais exibidos, devido ao espaço para essas pautas. Portanto, Juiz de Fora aproveitou a oportunidade para entrar em rede com este tipo de assuntos, o que não ocorreu nos anos de 1990, visto que nesta data as notícias que mais entraram foram acontecimentos factuais.

Em mais de cinco décadas, cerca de 15 aberturas marcaram a memória do telespectador e 25 apresentadores passaram pela bancada dando “Boa tarde!”. Onze homens fizeram parte da equipe: Luiz Jatobá e Léo Batista, Sérgio Chapelin, Marcos Hummel, Berto Filho, Augusto Xavier, William Bonner, Carlos Nascimento, Evaristo Costa, Dony De Nuccio e César Tralli. As mulheres lideraram as apresentações por catorze vezes. Entre elas Márcia

Mendes, Leda Nagle, Ligia Maria, Sônia Maria, Márcia Peltier, Valéria Monteiro, Cláudia Cruz, Cristina Ranzolin, Leila Cordeiro, Fátima Bernardes, Mônica Waldvogel, Sandra Annenberg, Carla Vilhena e Maju Coutinho.

Entre os apresentadores que narraram notícias de Juiz de Fora, podemos citar Marcos Hummel, Berto Filho, Ligia Maria, Leda Nagle, Cláudia Cruz, Cristina Ranzolin, Fátima Bernardes, Isabela Scalabrini, Mônica Waldvogel e Carlos Nascimento. Na cabeça chamada pelos âncoras, a fim de identificar a cidade, em alguns dos materiais Juiz de Fora é localizada em Minas Gerais, ou cidade mineira, no interior de Minas e também foi situada ao Sul de Minas, como no VT sobre a demolição da casa episcopal. Nas palavras da apresentadora Sônia Maria (Figura 30) a abertura da matéria dizia: “Juiz de Fora, ao Sul de Minas, luta contra a demolição da casa episcopal.// Um palácio em processo de tombamento, um marco na história da cidade” (Abertura da matéria sobre a demolição da casa episcopal em Juiz de Fora, no dia 13/01/1986, exibida no Jornal Hoje).

Figura 30 - Sônia Maria na bancada do JH na década de 1980.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo à autora.

Apesar do Jornal Hoje ter sua primeira exibição em 21 de abril de 1971, o acervo dos materiais veiculados só foi criado cinco anos depois, em 1976, em função do incêndio que atingiu as instalações da Globo no Jardim Botânico. Nesse momento a empresa voltou a atenção para preservação do conteúdo. Dessa forma, segundo a organização, a primeira matéria exibida sobre Juiz de Fora neste telejornal de rede foi de 1980, conforme acervo

disponibilizado gentilmente pela TV Globo para realização desta pesquisa. Nos arquivos cedidos constam 32 vídeos com notícias sobre JF durante 20 anos. A partir da decupagem deste material inédito, contabilizamos na década de 80, 14 materiais que foram ao ar e no ano de 1990, 18 produtos, os quais serão detalhados ao longo deste capítulo.

5.1 A PRIMEIRA REPORTAGEM DE JF EXIBIDA NA HORA DO ALMOÇO

A primeira matéria de Juiz de Fora registrada no acervo do JH é de 06 de dezembro de 1980. Apresentado na época por Lígia Maria (Figura 31), que tinha um quadro dedicado à arte e à moda, a nota coberta lida pela âncora foi sobre o lançamento de um livro de poesias que teve uma cabeça de abertura, seguida por um *off*.

Em Juiz de Fora, uma menina de dez anos lança amanhã o primeiro livro de poesias.//

/// entra *off* ///

Em seu mundo de menina, entre bonecas, brincadeiras com as irmãs e os deveres de casa Cristiane Mazocoli silva ainda encontra tempo para escrever.// Aos nove anos ela escreveu a primeira poesia.// Com incentivo da família começou a escrever poemas e poesias e não mais parou.// Amanhã, às cinco da tarde, no centro pró- música, em juiz de fora, Cristiane lança livro com 54 poemas com ilustrações do artista plástico Eliardo França.// O título do livro é janela do amanhecer e todo dinheiro apurado com a venda dele será dada a associação de pais e filhos de excepcionais.// (Descrição da nota coberta exibida no JH em 06/12/1980. Arquivo cedido à pesquisadora pela Rede Globo).

Figura 31 - Ligia Maria na bancada do JH na década de 1980.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Como a notícia não está em nenhum repositório, descrevemos a seguir as imagens com prints do que foi noticiado. A primeira imagem que abre a nota coberta são bonecas em cima de uma prateleira fixada na parede do quarto da menina (Figura 32) correlacionado com o texto narrado pela âncora. Já no próximo *take*, podemos ver a personagem principal ao lado das irmãs (Figura 33), penteando e brincando com bonecas.

Figura 32 - Brinquedos da poetisa Cristiane Mazocoli na década de 80.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Figura 33 - Cristiane Mazocoli ao lado da irmã.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Ao abrir o plano da imagem, temos a dimensão do quarto da jovem escritora. As irmãs sentadas na cama se divertem com brincadeiras (Figura 34). Ao lado da cama, uma penteadeira com telefone (Figura 35), onde ela aparece escrevendo em um caderno com uma caneta em forma de pena.

Figura 34 - Cristiane Mazocoli junto das irmãs.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Figura 35 - Jovem escritora em seu universo de poemas.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Assim, que a apresentadora Lígia Maria termina o *off da* nota coberta, há uma pequena pausa no noticiário e entra na tela da televisão a imagem do livro escrito por Cristiane, “Janela do Amanhecer” (Figura 36), seguida da pergunta do repórter se foi difícil escrever o livro. Posteriormente, o depoimento da criança (Figura 37), conforme relatado abaixo.

Figura 36 - Livro de poemas escrito por Cristiane Mazocoli.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Repórter: Cristiane foi difícil escrever o livro?

Cristiane: Não foi muito fácil, porque vai escrevendo aos pouquinhos e poesia não é cansativo. A gente nem nota. Outro dia que fui olhar o livro não tava nem lembrando direito das poesias. Ô gente eu que fiz isso, eu não tava lembrando, porque assim passa e é muito rápido, é muito legal.

Repórter: Qual a poesia que você mais gosta?

Cristiane: Eu sou.

Repórter: Como é a poesia?

Cristiane: Pra recitar?

Repórter: É.

Cristiane: eu sou impossível iluminando o dia, eu sou a flor do campo, eu sou alegria, eu sou a luz das trevas, pão de cada dia. Eu sou a tua vida, eu sou a tua guia, eu sei todo traçado, seu futuro, seu passado, sou o dia que amanhece, sou a alma que aparece (Trecho da reportagem do Jornal Hoje, do dia 06/12/1980, cedida a autora).

Figura 37 - Cristiane Mazocoli com 10 anos fala sobre seus poemas para o Jornal Hoje. Edição do JH do dia 06/12/1980.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Hoje Cristiane Mazocoli Brasileiro Silva⁴³ atua como professora adjunta de Literatura Brasileira na UERJ. No ano seguinte, em 1981, outra notícia sobre lançamento de livros foi destaque no telejornal, contando a história “O Tesouro de Comba-Tomba”, escrita por

⁴³ Cristiane Brasileiro Mazocoli Silva é professora adjunta de Literatura Brasileira na UERJ. Possui Doutorado em Letras pela PUC-Rio e tem atuado como professora e coordenadora de cursos no ensino superior desde 1995, segundo currículo lattes disponibilizado em <http://lattes.cnpq.br/5334933699390758>. Acessada em 02/02/2023.

Luciano Fleury da Cruz. Na época, aos sete anos de idade, o menino já havia escrito outra obra. Na bancada deste dia estava a apresentadora Leda Nagle que termina de fazer um comentário com o apresentador Berto Filho (Figura 38) sobre a matéria e chama a reportagem (Figura 39), dizendo: “E este garoto de sete anos é de Juiz de Fora e já está lançando o seu segundo livro, ‘O Tesouro de Comba-tomba’ O lançamento foi uma festa para os amiguinhos” (Abertura da reportagem exibida no Jornal Hoje em 03/10/1981).

Figura 38 - Leda Nagle e Berto Filho comentam sobre a reportagem.

Edição do JH do dia 03/10/1981.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Figura 39 - Luciano Fleury em entrevista para o JH.

Edição do JH do dia 03/10/1981.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Hoje, Luciano é fisiculturista renomado em Juiz de Fora, com importantes premiações no Brasil e no exterior. Além dessas notícias, mais 30 matérias sobre Juiz de Fora foram ao ar, com assuntos diversos, durante as décadas de 1980 a 1990.

5.2 AS REPORTAGENS EXIBIDAS ATÉ A VIRADA DO MILÊNIO: O QUE FOI NOTÍCIA EM 20 ANOS

A produção jornalística de Juiz de Fora exibida no Jornal Hoje entre 1980 e 1990 envolveu 32 notícias. Dos materiais enviados ao telejornal nacional dos acontecimentos de Juiz de Fora nos anos 80 (Tabela 10), nove foram VTs, duas notas cobertas com sonora, duas reportagens e um *stand up*, totalizando 14 notícias. Entre os temas da editoria arte, constam no acervo lançamentos de livros, com o seguinte registro: “Poetisa de 10 anos”, referente ao lançamento do livro “Janela do Amanhecer”, “Menino de sete anos lança o livro O Tesouro de Comba-Tomba” (ambos comentados no tópico 5.1 deste capítulo) e “Exposição de relógios e candelabros no Museu Mariano Procópio”.

Tabela 10 - Assuntos que foram notícia sobre Juiz de Fora na década de 1980.

Data	Retranca	Produto
------	----------	---------

Data	Retranca	Produto
06/12/1980	POETISA DE 10 ANOS - CRISTIANE MAZOCOLI SILVA	NC+sonora
31/01/1981	EXPOSIÇÃO DE RELÓGIOS E CANDELABROS NO MUSEU PROCÓPIO	VT
04/02/1981	REBELIÃO EM PRESÍDIO EM JUIZ DE FORA - PRESÍDIO SANTA TEREZINHA	NC+sonora
25/02/1981	BRONZEADOR CASEIRO - QUEIMADURAS SÉRIAS EM JUIZ DE FORA	VT
03/10/1981	MENINO DE SETE ANOS LANÇA LIVRO "O TESOURO DE COMBA-TOMBA" - LUCIANO FLEURY DA CRUZ	Reportagem
16/01/1982	POLUIÇÃO DO RIO PARAIBUNA, EM JUIZ DE FORA	VT
03/07/1982	MARIA FOGUETEIRA - FABRICANTE DE FOGOS DE ARTIFÍCIO	VT
07/10/1982	FEIRA INDUSTRIAL DE MODA - 1ª FEIRA	VT
08/11/1982	PRESIDENTE FIGUEIREDO VISITA JUIZ DE FORA PARTICIPANDO DE COMÍCIO NA PRAÇA DA ESTAÇÃO	VT
08/01/1983	CARMELITAS VENDEM O CONVENTO E DEIXAM JUIZ DE FORA - DEPOIMENTO DO MONSENHOR EURICO VELOSO	Reportagem
20/01/1983	QUEDA DA BARREIRA NA BR-040 - A ESTRADA CEDEU E O ASFALTO ESTÁ CHEIO DE RACHADURAS	Stand Up
05/06/1984	FÁBRICA APROVEITA SORO DE LEITE PARA ALIMENTAR CRIANÇAS CARENTES, O "NECTAR CANDY"	VT
09/11/1984	SARGENTO ALCEU SCRITORI FOI PRESO POR ESCREVER UM LIVRO DE POEMAS	VT
13/01/1986	LUTA CONTRA A DEMOLIÇÃO DO PALÁCIO EPISCOPAL	VT

Fonte: Tabela elaborada pela autora, a partir do acervo da TV Globo cedido com as notícias de Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje (2023).

Também foram exibidos materiais da seção comportamento, documentados no arquivo como “Poluição Rio Paraibuna”, “Maria Fogueteira - fogos de artifício”, “Carmelitas vendem o convento e deixam Juiz de Fora - depoimento do Monsenhor Eurico Veloso”, “Fábrica aproveita soro do leite para alimentar crianças carentes, o ‘nectar candy’” e “Juiz de Fora luta

contra a demolição do palácio Episcopal”. A reportagem, de 13 de janeiro de 1986, foi feita pela repórter Carmem Amorim (Figura 40), com participação também da repórter Cristina Brandão (Figura 41), que conversou com uma representante da família que doou o solar à Arquidiocese de Juiz de Fora.

Figura 40 - Carmem Amorim em reportagem sobre a demolição do Palácio Episcopal.

Edição do JH do dia 13/01/1986.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Figura 41 - Cristina Brandão conversa com representante da família sobre a demolição da edificação. Edição do JH do dia 13/01/1986.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Já os materiais factuais, que constam no arquivo cedido pela TV Globo foram “Rebelião em presídio em Juiz de Fora - presídio Santa Terezinha”, “Bronzeador caseiro - queimaduras sérias em Juiz de Fora”, “Presidente Figueiredo visita Juiz de Fora participando de comício na praça da Estação” (Figura 42), “Queda da barreira na BR-040 - a estrada cedeu e o asfalto está cheio de rachaduras” e “Sargento Alceu Scritori foi preso por escrever um livro de poemas”. Na editoria de moda tivemos um material, descrito como “Feira industrial de moda - 1ª feira”.

Figura 42 - Presidente Figueiredo visita a cidade de Juiz de Fora.

Edição do JH do dia 08/11/1982.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Em 1990, onze acontecimentos em Juiz de Fora viraram notícia no Jornal Hoje, exibidos em formato de VT, seis foram veiculados em forma de nota coberta e um material exibido em imagens da fábrica da Mercedes Benz (Figura 43), totalizando 18 produtos (Tabela 11). Acreditamos que essas imagens feitas na produção da fábrica de automóveis podem ter sido uma colaboração para material de outra praça, conforme é costume da rede nacional pedirem imagens para constarem em seus arquivos sobre determinados locais/espacos.

Figura 43 - Imagens da fábrica Mercedes Benz em Juiz de Fora.

Edição do JH do dia 24/04/1999.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Na categoria factual, foram veiculados onze materiais, com incidência de cobertura sobre chuvas, apreensão de drogas e política. As notícias exibidas retrancadas no acervo foram “Entrevista com o Coronel da Pe-Ême Edgar Soares”, “Bombeiros procuram o corpo de uma menina que desapareceu durante um temporal”, “O ex-deputado federal, Oscar Surerus, é preso em flagrante pelo porte de 3 quilos de cocaína e é acusado de tráfico”; “Incêndio destrói o mercado municipal de Juiz de Fora”, “Fortes chuvas causam grandes prejuízos em cidades mineiras”, “Por causa da chuva forte, sete casas desabaram em Juiz de Fora”, “Itamar Franco inaugura agência do Banco do Brasil em Juiz de Fora”, “Quatro traficantes são presos com 30 Kg de cocaína pura num carro em Juiz de Fora”, “Colegas de motoristas de táxi morto tentam invadir delegacia para linchar assassinos”, “Flagrante, mulher é atropelada por carro sem condições de circular” e “Acidente de trem de carga em Minas”.

Tabela 11 - Assuntos que foram notícia sobre Juiz de Fora na década de 1990.

Data	Retranca	Produto
23/11/1990	ENTREVISTA COM O CORONEL DA PE-ÊME EDGAR SOARES	VT
02/04/1991	BOMBEIROS PROCURAM O CORPO DE UMA MENINA QUE DESAPARECEU DURANTE UM TEMPORAL	NC

Data	Retranca	Produto
21/05/1991	O EX-DEPUTADO FEDERAL, OSCAR SURERUS, É PRESO EM FLAGRANTE PELO PORTE DE 3 QUILOS DE COCAÍNA E É ACUSADO DE TRÁFICO	VT
12/09/1991	INCÊNDIO DESTRÓI O MERCADO MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA	VT
24/01/1992	FORTES CHUVAS CAUSAM GRANDES PREJUÍZOS EM CIDADES MINEIRA	VT
25/03/1994	POR CAUSA DA CHUVA FORTE, SETE CASAS DESABARAM EM JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS	NC
19/12/1994	ITAMAR FRANCO INAUGURA AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL EM JUIZ DE FORA	NC+sonora
20/01/1995	QUATRO TRAFICANTES SÃO PRESOS COM 30KG DE COCAÍNA PURA NUM CARRO EM JUIZ DE FORA	NC
04/12/1995	CATADORA FAZ DEPÓSITO DE LIXO EM FRENTE A SUA CASA EM BAIRRO RESIDENCIAL EM JUIZ DE FORA	VT
30/03/1996	MONUMENTO PROJETADO POR LÚCIO COSTA E OSCAR NIEMEYER E COM MURAL DE DI CAVALCANTI DE 1950 EM JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS, ESTÁ ABANDONADO	VT
04/04/1996	COLEGAS DE MOTORISTA DE TÁXI MORTO TENTAM INVADIR DELEGACIA PARA LINCHAR ASSASSINOS	NC
10/08/1996	MÁRCIA FU VISITA CLUBE ONDE INICIOU CARREIRA APÓS A OLIMPÍADA	VT
07/07/1997	GOLPE DA OFERTA DE EMPREGOS PELO TELEFONE 0900	VT
15/09/1997	FLAGRANTE - MULHER É ATROPELADA POR CARRO SEM CONDIÇÕES DE CIRCULAR	VT
04/07/1998	ACIDENTE COM TREM DE CARGA EM MINAS	NC
29/12/1998	PRÉ-ESTREIA DO SHOW "CIDADES" DE CHICO BUARQUE EM JUIZ DE FORA	VT
24/04/1999	FÁBRICA DA MERCEDEZ BENS EM JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS	IMAGENS
31/10/2000	WANDERLEY FERNANDES, PRESO SOLTO POR ENGANHO, VOLTA PARA CADEIA, EM JUIZ DE FORA	VT

Fonte: Tabela elaborada pela autora, a partir do acervo da TV Globo cedido com as notícias de Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje (2023).

As notícias sobre chuvas sempre tiveram destaque no telejornal. Desde as décadas passadas aos dias atuais, a presença de repórteres cobrindo prejuízos e tragédias causadas pelos temporais no interior é frequente e nos mostra como os problemas estruturais se repetem. O arquivo destas notícias é necessário a fim de apontar que acontecimentos poderiam não ser recorrentes, após a execução de medidas efetivas, como a reportagem abaixo realizada no bairro Industrial (Figura 44), na Zona norte de Juiz de Fora, onde os pontos de alagamentos continuam a trazer transtornos para a população até hoje.

Figura 44 - Reportagem feita por Christina Musse no bairro Industrial em 24/01/1992.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Em relação aos assuntos de comportamentos, que tiveram grande repercussão na década passada, por conta dos quadros e colunas exibidos aos sábados, em 1990 o número de materiais foi reduzido. Neste período, os assuntos que entraram no JH foram mais factuais e foram ao ar em distintos dias da semana. Aos sábados, apenas dois materiais da editoria de comportamento foram exibidos com as retrancas “Monumento projetado por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer com mural de Di Cavalcanti de 1950 em Juiz de Fora está abandonado”

(Figura 45) e “Márcia Fu visita clube onde iniciou carreira após a Olimpíada”.

Figura 45 - Monumento histórico projetado por Oscar Niemeyer e Di Cavalcanti.

Edição do JH do dia 30/03/1996.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Além dessas notícias, outras matérias arquivadas voltadas para editoria de comportamento, direito do consumidor e cultura foram “Catadora faz depósito de lixo em frente a sua casa em bairro residencial em Juiz de Fora”, “Golpe da oferta de empregos pelo telefone 0900”, “Pré-estreia do Show ‘Cidade’ de Chico Buarque em Juiz de Fora e “Wanderley Fernandes, preso solto por engano, volta para cadeia, em Juiz de Fora” que foram exibidos aos longo da semana. Esta última conta que o detento foi solto por engano e por conta própria achou que era melhor voltar para a cadeia, que tinha três presos com o mesmo nome, o que causou a confusão.

Nesse sentido, observamos que durante esses 20 anos as notícias que levaram o nome da cidade no Jornal Hoje estiveram relacionadas com assuntos mais leves, quando o próprio telejornal possibilitou uma abertura maior para exibir matérias sobre arte, música, literatura, comportamento, etc. E a partir do momento que uma nova gestão assume a coordenação do telejornal e ele se torna mais noticioso, conseqüentemente, a preferência por notícias mais factuais, no caso, na década de 1990, com notícias de chuvas, prisões (Figura 46), golpes.

Como podemos observar no abaixo (Gráfico 1), entre as décadas de 80 e 90, as notícias de Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje demonstram uma divisão entre assuntos de moda, cultura e comportamento e factuais.

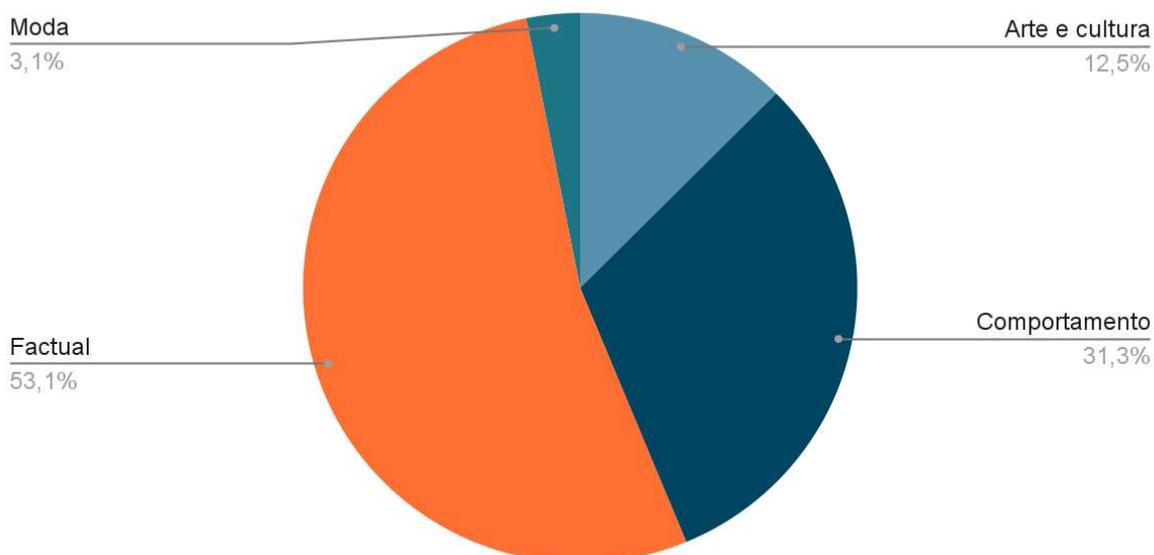
Figura 46 - Reportagem feita por Christina Musse sobre a prisão do ex-deputado federal Oscar Surerus. Edição do JH do dia 21/05/1991.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo à autora.

Gráfico 1 - Editorias das notícias de Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje.

Editorias das notícias de JF exibidas no JH nas décadas de 80 e 90.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2023).

Assim, podemos afirmar que o Jornal Hoje ainda cobre notícias de comportamento, arte, literatura, cultura de uma forma geral, como as reportagens exibidas nas décadas de 1980 e 1990, entretanto prioriza o que acontece no dia, trazendo participações de repórteres de várias praças ao vivo.

5.3 JF NO TELEJORNAL COM PERFIL DE REVISTA

Na década 80, conforme já mencionado, o Jornal Hoje começou a ser mais noticioso, com assuntos mais *hard news*, entretanto, as notícias de moda, arte e comportamento também estiveram presentes ao longo dos anos. As participações de Juiz de Fora neste período de 1980 foram com assuntos mais leves, como a primeira feira industrial e a exposição de relógios e candelabros no Museu Mariano Procópio, entretanto, o factual fez parte do noticiário como uma rebelião no presídio Santa Terezinha e a queda de uma barreira na BR-040 entre JF e o Rio de Janeiro.

Os VTs exibidos mantiveram um tempo entre um minuto e trinta a dois minutos, média também dos VTs de JF que vão ao ar na atualidade nas duas décadas analisadas. Nesse mesmo sentido, as notas cobertas também seguiram o mesmo padrão de hoje, chegando até

um minuto, porém, não é muito comum notas cobertas seguidas de sonora na contemporaneidade, como também o *stand up*, que hoje é mais comum a participação com entradas ao vivo, pela característica do telejornal. Em relação aos VTs que foram produzidos, diferentemente do que constatamos no JH dos dias atuais, o vídeo tape sobre uma exposição de relógios e candelabros no Museu Mariano Procópio, em 1981, só constava *off* e passagem do repórter, ou seja, uma estrutura que não seria comum usual no telejornal de hoje, que além de *off* e passagem tem sonoras complementando a informação.

Outro VT do arquivo deste período dos anos 80, uma matéria sobre mulheres que pegaram a receita de um bronzeador em uma rádio local e, ao passarem no corpo, tiveram queimaduras graves, foi narrado por uma repórter e a passagem feita por outro. Este tipo de formato não é muito comum, a não ser que fosse feita uma dobradinha entre profissionais sobre o mesmo assunto como, por exemplo, assistimos repórteres chamando dentro de um mesmo VT, outro jornalista para complementar o material (ver em Capítulo 6, página 126). Como as pautas femininas eram um dos objetivos do jornal, este VT atendia aos requisitos do telejornal, alertando para que outras mulheres não fizessem receitas caseiras, a fim de que não acontecesse algo parecido (Figura 47).

Figura 47 - Reportagem sobre mulheres que queimaram a pele com bronzeador caseiro.
Edição do JH do dia 25/02/1981.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Neste período foi exibido também um VT com aspecto de entrevista e com foco

universo feminino sobre a história da Maria Fogueteira (Figura 48), uma mulher que dava continuidade ao trabalho de seu pai, fabricando fogos de artifícios artesanais. Ao final da reportagem uma música de um compositor do Rio Grande Do Sul que fez uma homenagem devido ao trabalho realizado com a produção dos fogos e era tocada nas rádios em épocas de festas juninas “Viva a Maria Fogueteira! Vocês conhecem a maria fogueteira? Não?! Não! Ela é bonita e solteira! Vocês querem saber aonde ela mora? Mora lá em Juiz de Fora!” (Trecho da música cantada na matéria sobre a Maria Fogueteira exibida em 03/07/1982).

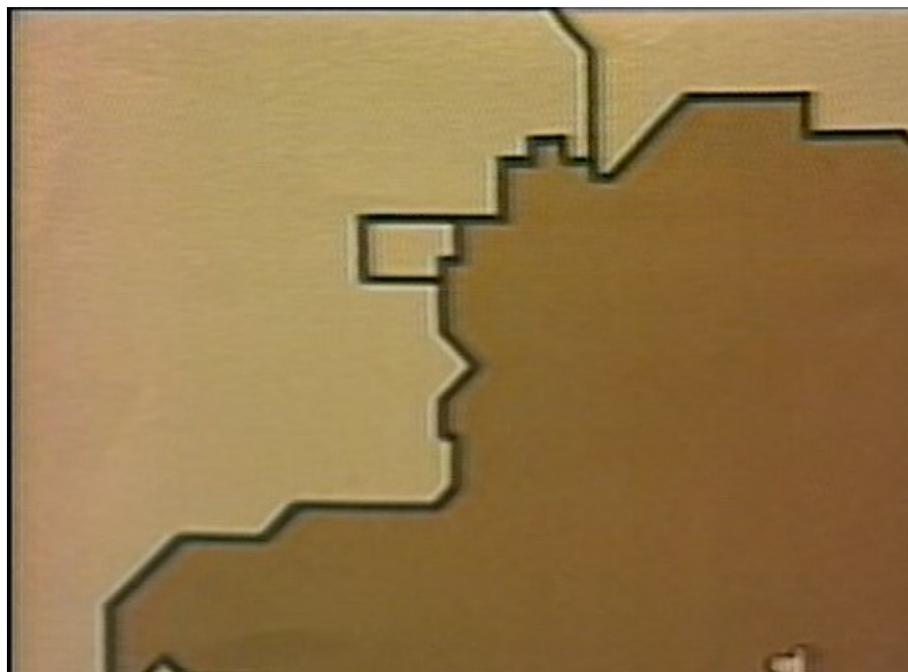
Figura 48 - Maria Fogueteira em entrevista para o Jornal Hoje.
Edição do JH do dia 03/07/1982.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Além dessa matéria, foi destaque no telejornal a primeira feira industrial de Juiz de Fora. O VT abre com um mapa feito com grafismos (Figura 49), identificando a cidade no mapa de Minas Gerais. O *off* explica a tradição de JF com a produção de industrializados, como sapatos e roupas de malha. Imagens de diferentes tipos de calçados em estandes expostos e crianças desfilando para lojas de malharias preenchem grande parte das imagens que cobrem o texto jornalístico.

Figura 49 - Grafismo em reportagem sobre feira de moda em Juiz de Fora.
Edição do JH do dia 07/10/1982.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

O fato do Jornal Hoje nascer como uma revista feminina permitia que notícias assim fossem veiculadas e atraíssem parte do público feminino interessado em moda. Outra matéria direcionada para o meio feminino foi o VT sobre a saída das irmãs Carmelitas de Juiz de Fora para outra diocese. As irmãs eram importante referência para as mulheres da cidade em relação ao apoio espiritual que era concedido. No VT, mulheres demonstraram o descontentamento pelo fato delas irem embora da cidade.

Figura 50 - Reportagem sobre a saída das irmãs Carmelitas de Juiz de Fora.

Edição do JH do dia 08/01/1983.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

As pautas também buscavam despertar a curiosidade do telespectador, como o VT que foi exibido contando a história de um sargento do exército que foi preso por 30 dias porque escreveu um livro de poemas “O cantar da cotovia”, que relatava sobre liberdade, política e amor. O período era 1984, ano que ainda havia a ditadura militar no Brasil, e provavelmente, a censura ainda era recorrente. Talvez, hoje, as crianças que aparecem na matéria não teriam seus rostos mostrados, como forma de proteção.

Figura 51 - Esposa de sargento do exército conta as condições pelas quais ele foi preso. Edição do JH do dia 09/11/1984.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Sendo assim, na década de 1980 tivemos mais matérias no estilo comportamento com muitas entrevistas veiculadas no Jornal Hoje. Já na década de 1990, observamos que os materiais em forma de VTs são mais parecidos com os exibidos na contemporaneidade, com estrutura de *off*, passagem e mais sonoras e com assuntos mais quentes. Entretanto, no estilo com mais perfil de revista, nos anos seguintes de 1990, foi exibido a pré-estreia do show do cantor e compositor Chico Buarque “Cidades”, no palco do Cine-Theatro Central.

Figura 52 - Chico Buarque no palco do Cine-Theatro em 29/12/1998.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

No palco do teatro, várias personalidades vieram assistir ao show, como sua ex-esposa na época, a atriz Marieta Severo e a filha Sílvia Buarque. A apresentação foi uma releitura das letras que marcaram mais de 30 anos de carreira.

Figura 53 - Marieta Severo e Sílvia Buarque no Cine-Theatro Central.
Edição do JH do dia 29/12/1998.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Além dessa matéria, outro VT com a atleta Márcia Fu também foi exibido no estilo entrevista, contando a história e passagem da jogadora de vôlei por Juiz de Fora e o início como atleta no Sport Club Juiz de Fora.

Figura 54 - Márcia Fu no Sport Club Juiz de Fora.

Edição do JH do dia 10/08/1996.



Fonte: Print de reportagem cedida pelo acervo da TV Globo a autora.

Dessa forma, na década de 1980, o Jornal Hoje exibiu uma maior variedade de assuntos de Juiz de Fora com assuntos mais leves, de cultura e comportamento, até pelo fato dele nascer como uma revista eletrônica. Ao longo dos anos, o perfil do jornal foi mudando, mas mesmo assim, este conteúdo não deixou de ser exibido.

6 A NOTICIABILIDADE CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DOS PRODUTOS ENVIADOS PARA O HOJE ENTRE 2015 E 2020

Os critérios de noticiabilidade presentes nos estudos da Teoria da Comunicação definidos por Traquina (2020) e Wolf (2008) permanecem os mesmos, não mudaram ao longo do tempo, porém, a noticiabilidade se altera por meio das transformações sociais, culturais, políticas e tecnológicas, e também por meio de decisões editoriais da empresa de comunicação. Sendo assim, outros critérios serão importantes, servindo como filtros para absorção do jornalismo local em rede nacional, como o relacionamento pessoal, sistematizado na relação de confiança entre os profissionais do telejornalismo local e da rede nacional.

Conforme apresentamos no Capítulo 2, a noticiabilidade, segundo Traquina (2020), pode ser entendida como o “conjunto de critérios e operações que fornecem aptidão de merecer tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”. Já Vizeu (2014) aponta que "a noticiabilidade está diretamente relacionada com os processos de rotinização e estandardização das práticas produtivas" (VIZEU, 2014, p.81-82). Logo, a partir desses entendimentos, a produção do jornalismo local das emissoras de televisão seleciona os fatos que virão a ser noticiados, vinculando sua construção somada à cultura profissional e as diretrizes empresariais.

Essa premissa segue até hoje a Teoria do *Gatekeeping* e mesmo que ela tenha passado por alterações, ainda assim existe uma triagem em relação às matérias. Segundo Silva (2017) “as escolhas dos profissionais envolvidos no processo de produção de formatos jornalísticos são em parte definidas pela cultura profissional” (SILVA, 2017, pág.3), isto é, o feeling do profissional também é visto como fator de seleção. Silva cita ainda DIJK (1996) e afirma que a produção de notícias pressupõe as atividades e as interações próprias do jornalismo. Sendo assim, ao compartilhar do pensamento dos autores, compreendemos que a relação pessoal é tão importante quanto os critérios de noticiabilidade, que não são exclusivamente determinantes para uma produção local ser exibida em rede nacional.

Dessa maneira, neste capítulo, analisaremos as notícias de Juiz de Fora exibidas no Jornal Hoje entre os anos de 2015 e 2020. A partir da metodologia de Estudo de Caso (YIN, 2011), que possibilita coletar vestígios importantes no aprofundamento do objeto estudado, além de propiciar uma análise mais complexa entre o período investigado e seguindo procedimento metodológico da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), o presente trabalho tem por objetivo investigar por meio de eixos temáticos, os assuntos que foram mais exibidos no telejornal e, conseqüentemente, dimensionar quais são as notícias que mais foram ao ar no

JH, produzidas ou factuais, qual a participação do telejornal local ao longo desse período, se as ofertas diminuíram ou aumentaram ao longo dos anos, além de mostrar as demandas da própria rede nacional ao telejornalismo local. A Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011) tem por objetivo analisar o que foi apontado em uma investigação, construindo e apresentando pareceres em torno de um objeto de estudo.

A autora sugere três etapas para aplicar a análise de conteúdo: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material e 3) Tratamento dos Dados. Assim, após uma leitura flutuante, prevista por Bardin, foram criadas tipologias das produções elaboradas pelo Núcleo Rede e as produções que foram pedidas pelo Jornal Hoje. Isso foi possível a partir do acesso à planilha de registros elaborada pelo Núcleo Rede, onde foi possível detectar quais os tipos de produções locais de JF foram exibidas e quais tiveram mais presentes no JH. Assim, a partir da análise, foram criadas tipologias de produção (imagens, sonoras, personagens, VTs, notas secas, notas cobertas e fotos) e tipologias temáticas a partir das pautas. A partir desse levantamento teremos conhecimento da produção jornalística local de Juiz de Fora que foi veiculada em rede nacional, especificamente no Jornal Hoje.

Cabe explicar aqui as tipologias de produção criadas na análise da presente pesquisa. Chamamos de "imagens" a produção de frames sobre determinado assunto e que serão enviados à rede para complementar uma reportagem de outra praça ou fazer parte do quadro do Mapa Tempo do JH, por exemplo. Há casos em que o produto já segue fechado como a nota coberta, com as imagens já selecionadas pelo Núcleo local com *off* lido pelo o âncora de rede. Os personagens, no jargão jornalístico, são importantes para humanizar a notícia e no caso dos personagens enviados a rede, somaram as reportagens de outras praças, com *off* não elaborado pelo telejornalismo local. Os VTs são as reportagens editadas, fechado pelo Núcleo Rede local e as notas secas são a informação sem a presença de uma imagem, narrada pelo apresentador de rede.

Antes de adentrar as produções jornalísticas de JF exibidas no JH, pontuamos que antes do período analisado, não havia registros das ofertas dos materiais locais enviadas aos telejornais da rede. Sendo assim, os dados compilados a seguir, começaram a ser elaborados a partir de setembro de 2015 pelo Núcleo da TV Integração. Logo, desta data a dezembro de 2015, foram ofertados ao Jornal Hoje 25 assuntos, sendo 10 factuais e 15 produzidos. Deste total, 22 não foram aprovados pelos editores do jornal e os três aceitos foram exibidos como oferecidos, ou seja, conforme a tipologia de produção que o Núcleo enviou a rede (Tabela 12). É válido pontuar que um material pode ser aprovado pelo telejornal da rede e não ser veiculado ou ficar na gaveta, como é dito no jargão profissional, a ponto de não ser exibido e

também pode ser veiculado em outro formato do que combinado na hora da venda da notícia entre os profissionais. Desta forma, para além dos critérios de noticiabilidade, é considerada também a qualidade técnica do material.

Tabela 12 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de setembro a dezembro de 2015.

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Panelas x Gás	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Curso Gastronomia	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Fazenda Museus	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Manutenção carros	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Manifestação residentes	Nota Coberta	Não	-	-	Núcleo Rede
Reforço redação	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Abuso PM	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Cuidado <i>crossfit</i>	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Agride homofobia	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Pão cor de rosa	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Personagem Enem	Personagem	Sim	Sim	Personagem	Pedido SP
Operação PF	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Chuva granizo	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Festival Colonial	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Desperdício leite	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Chuva sábado	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Cobrança indevida	Personagem	Sim	Sim	Personagem	Pedido RJ
Tomba ônibus BR-040	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Fecha UAPs	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Rouba alimentos			-	-	

Assuntos	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Exército	Link	Não			Núcleo Rede
Metas 2016	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Rede vizinhos protegidos	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Tradição presépios	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Memorial Itamar	Link	Não	-	-	Núcleo Rede
Queda montanha russa	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Em relação às notícias veiculadas, uma foi a respeito de uma chuva de granizo em Juiz de Fora, sendo um assunto factual e os outros dois personagens produzidos, a pedido do telejornal nacional: um sobre a preparação do Enem no mês de outubro, com matéria fechada por São Paulo, com a repórter Michelle Barros (Figuras 55 e 56) e outro de cobrança indevida, no mês de dezembro, fechado pelo Rio de Janeiro, com a repórter Larissa Schmidt (Figuras 57 e 58). No ano de 2015, na planilha de registros do Núcleo Rede não havia uma descrição sobre o que era solicitado em termo de materiais para o telejornalismo local, mas compreendemos que os dois personagens acima, por fazerem parte de reportagens de outros estados, foram pedidos de contribuição do JH. A partir de 2016, a planilha de vendas dos materiais locais já determinava se um produto foi demandado pelo Jornal Hoje, conforme será apresentado a seguir.

Figura 55 - Participação de Juiz de Fora no Jornal Hoje sobre os preparativos para o Enem. Edição do JH do dia 23/10/2015.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4559239>. Acessada em 05/12/2022.

Figura 56 - Estudante de JF fala sobre preparação no Enem no JH. Edição do JH do dia 23/10/2015.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4559239>. Acessada em 05/12/2022.

Figura 57 Participação de Juiz de Fora no Jornal Hoje sobre taxa de cartão indevida.
Edição do JH do dia 08/12/2015.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4661959/>. Acessada em 05/12/2022.

Figura 58 - Aposentado de JF fala sobre cobrança indevida no JH.
Edição do JH do dia 08/12/2015.



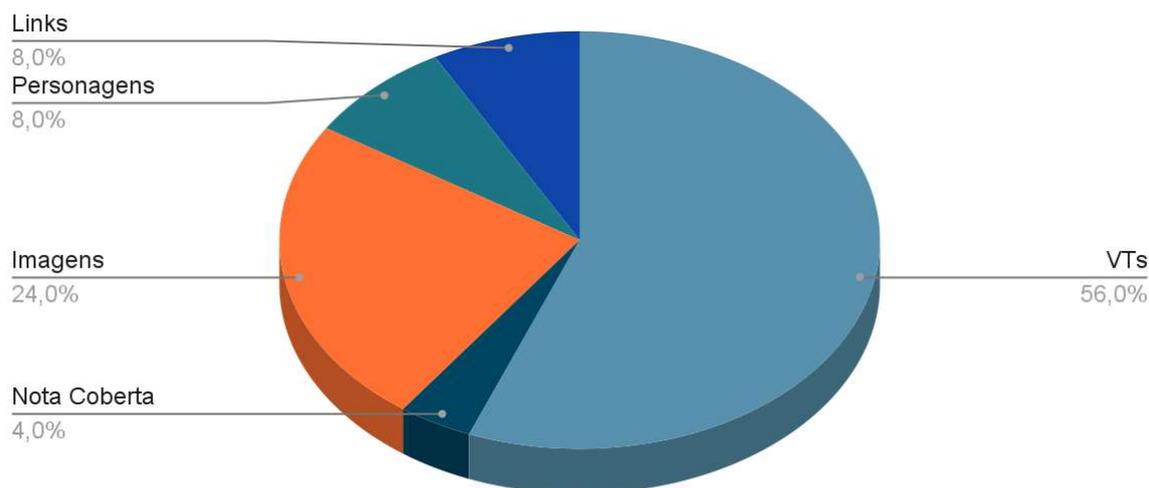
Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4661959/>. Acessada em 05/12/2022.

Do total de materiais vendidos para a rede, 14 foram VTs (56%), seis imagens (24%), dois links (8%), dois personagens (8%) e uma nota coberta (4%), como apresentamos no gráfico a seguir (Gráfico 2). Em relação às produções, observamos que mais da metade das ofertas foram VTs produzidos com temáticas aleatórias e por característica, o Jornal Hoje, conforme já apresentado, tem por sua originalidade noticiar assuntos factuais, que estão acontecendo, entre a manhã e o horário que o jornal vai ao ar. Talvez, este tenha sido um critério para os produtos não serem aceitos ou também nenhum deles terem algum gancho

com as notícias que já estavam previstas⁴⁴ no dia que foram ofertadas.

Gráfico 2 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2015.

Materiais do local ofertados ao JH em 2015



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022)

Em relação aos assuntos, os dividimos por categorias temáticas (Gráfico 3) e os listamos conforme foram retrancados⁴⁵ na planilha de vendas do Núcleo Rede: Geral⁴⁶ (6): Panela x Gás, Manutenção carros, Pão cor de rosa, Desperdício leite, Cobrança indevida, Curso gastronomia; Factual (5): Operação PF, Tomba ônibus, Rouba alimentos exército, Operação Seringa e Queda montanha russa; Cultura (4): Fazenda museus, Festival Colonial, Tradição presépio, Memorial Itamar; Saúde (3): Manifestação residentes, Cuidado Crossfit, Fecha UAPs; Chuva (2): Chuva granizo e Chuva Sábado; Policial (2): Abuso PM e Rede de Vizinhos Protegidos; Educação (2): Reforço redação, Personagem Enem; Cidade (1) Metas 2016.

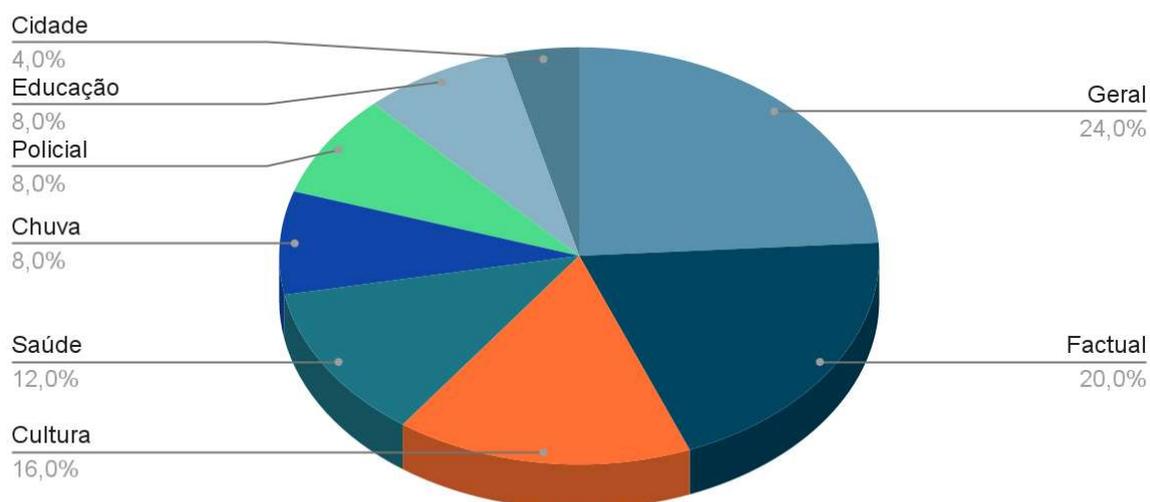
⁴⁴ Os telejornais, tanto local quanto nacional, tem um cardápio de assuntos que serão noticiados no dia. Dessa forma, quando um assunto do telejornalismo local é ofertado a rede nacional, parte do princípio, que o conteúdo esteja relacionado com alguma outra notícia que será noticiada.

⁴⁵ Retranca é a identificação dada ao assunto quando são pautados e salvos no sistema de pautas. Geralmente, são escritos em poucas palavras, para que se tenha um entendimento sobre o que está produzindo.

⁴⁶ A categoria Geral enquadra os assuntos que não foram classificados por um tema específico.

Gráfico 3 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2015.

Assuntos divididos por temas (2015)



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

No ano seguinte, o número de materiais ofertados pelo telejornalismo local quase dobrou. De janeiro a dezembro de 2016, foram oferecidos 43 assuntos, porém, cinco deles em dois produtos⁴⁷, totalizando 48 materiais. Deste total, 21 foram assuntos factuais e 27 produzidos. Entretanto, apesar do aumento de materiais, 29 produtos não foram aprovados, o que corresponde a um percentual de 60% (Tabela 13). Dos 19 materiais aprovados, 15 foram exibidos pelo JH, conforme apresentado na tabela. Além dos factuais e produções locais, o Núcleo Rede começou a registrar os pedidos de contribuição. Dessa forma, oito produções dos 19 materiais aprovados foram em forma de participação, isto é, foram solicitadas pelo Jornal Hoje como o enterro⁴⁸ de Rodrigo de Pádua, fã juiz-forano que ameaçou a apresentadora Ana Hickmann quando ela estava em Belo Horizonte a passeio (Figura 59).

Essa matéria foi fechada pela TV Globo em BH com a repórter Liliana Junger com contribuição do Núcleo Rede da TV Integração, que produziu imagens e sonora com a mãe do rapaz. Entretanto, dois materiais solicitados pelo Jornal Hoje não foram exibidos. Um deles foi

⁴⁷ Uma notícia pode resultar em vários produtos para serem exibidos, ou seja, se a notícia for sobre chuva, podemos fazer apenas imagens da destruição causada por ela e também gravar uma sonora com o morador que foi atingido. Dessa forma, temos dois produtos enviados do telejornalismo local enviados a rede nacional. Essa contabilidade serve apenas de registro do que está sendo enviado pelo Núcleo Rede.

⁴⁸ <https://globoplay.globo.com/v/5042919/>. Acessada em 05/12/2022.

um VT sobre falta de insumos para pessoas diabéticas e imagens mais sonora sobre a liberação de medicamentos pelo STF. Nestes casos, o telejornalismo local aproveita os produtos em seus telejornais, sem ter que esperar a rede veicular primeiro.

Figura 59 - Enterro de Rodrigo Pádua, fã de Ana Hickmann.

Edição do JH do dia 23/05/2016.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5042919/>. Acessada em 05/12/2022.

Tabela 13 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2016.

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Volta às aulas UFJF	Imagem + Sonora	Sim	Sim	Imagem + Sonora	Pedido SP
Apreensão maconha	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Escola foco dengue	Nota Seca	Sim	Sim	Nota Seca	Núcleo Rede
Risco planta imóvel	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Dia D dengue	Imagem + Sonora	Sim	Sim	Imagem	Pedido RJ
Morte dengue	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Cuidados dengue idosos	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Oficina memória	VT	Não	-	-	Núcleo Rede

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Estoque sangue dengue	Imagem + Sonora	Sim	Sim	Imagem	Pedido SP
Artifícios contra dengue	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Personagem telefonia	Sonora	Sim	Sim	Sonora	Pedido SP
Pró Lula	Imagem	Sim	Não	-	Núcleo Rede
Violência mulher	Personagem	Sim	Sim	Personagem	Pedido RJ
Protestos 13 de março	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Leis dengue	VT	Sim	Não	-	Núcleo Rede
Faltam insumos diabetes	VT	Sim	Não	-	Pedido SP
Manifestação favor Dilma	VT	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Influenza muda igreja	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Corrida carrinho rolimã	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Enterro Rodrigo	Imagem + Sonora	Sim	Sim	Imagem + Sonora	Pedido BH
Protesto estupro	Nota Coberta	Não	-	-	Núcleo Rede
Obras paradas hospitais	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Insegurança imóveis aluguel	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Prisão Bejani	Nota Coberta	Não	-	-	Núcleo Rede
Delegações olimpíadas	Personagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Atualiza queda prédio	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Estupro 13 anos	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Golpe hospitais	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Recorde idade irmãos	VT	Não	-	-	Núcleo Rede

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Segurança estradas olímpadas	Imagem	Sim	Não		Núcleo Rede
Movimento delegações	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Refrigerante do bem	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Destrói santo	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Explosão fábrica	Nota Coberta	Não	-	-	Núcleo Rede
Vídeo explosão	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Grito excluídos	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Acidente ônibus	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Operação anacrônico	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Medicamentos STF	Imagem + Sonora	Não	-	-	Pedido SP
Ex-treinador Chape	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Desaba encosta	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede
Chuva noite JF	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Rescaldo chuva JF	VT	Sim	Sim	Imagens	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

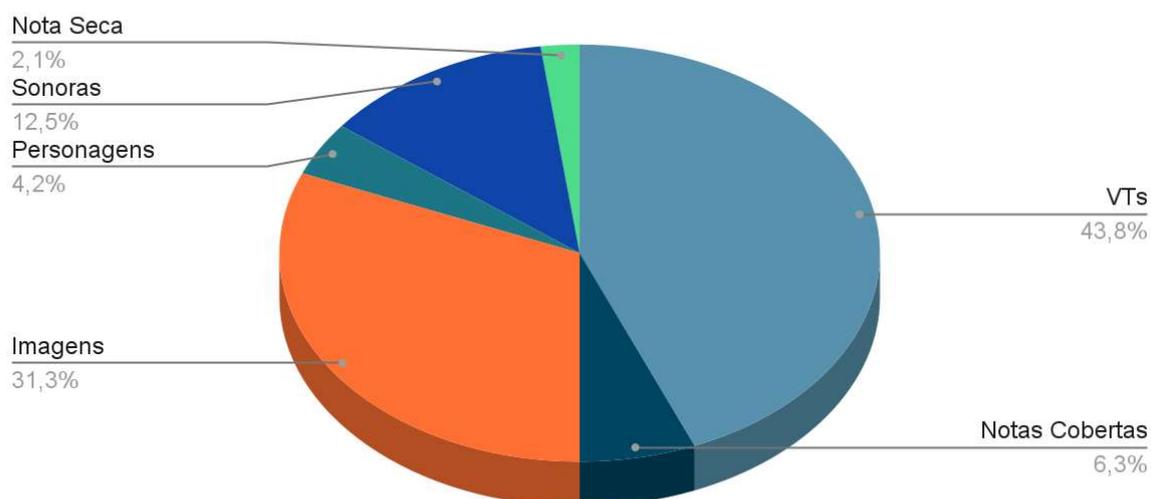
Então, neste ano de 2016, o telejornalismo local produziu e enviou 21 VTs (43,8%), sendo que apenas um VT foi exibido (Gráfico 4). A reportagem foi sobre uma encosta que desabou em um bairro da zona sul de Juiz de Fora e duas pessoas morreram. O acidente foi na noite do dia 13 de dezembro e a matéria⁴⁹ fechada pela repórter Cláudia Oliveira da TV Integração (Figura 60), com dobradinha de um repórter de Belo Horizonte, foi vendida e exibida no dia seguinte no Jornal Hoje. Devido às chuvas do mês de dezembro, seis pessoas faleceram em Minas Gerais e quando há proximidade entre os assuntos das regiões, é possível entrar em rede com participação com algum produto local (neste caso, contando a história de alguma família afetada pelas chuvas) ou dependendo da relevância da notícia local, se houver

⁴⁹ <https://globoplay.globo.com/v/5513417>. Acessada em 05/12/2022.

mortes, por exemplo, consegue-se emplacar um VT ou entrar com link no telejornal. Observamos que as matérias trágicas, como mortes causadas pelas chuvas, têm mais espaço nos jornais, devido à consonância desta situação ocorrer em outros estados e assim, tem alcance para além do que ocorre na região local/regional.

Gráfico 4 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2016.

Materiais do local ofertados ao JH em 2016



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

Figura 60 - Reportagem sobre as mortes causadas pela chuva em Juiz de Fora.

Edição do JH do dia 14/12/2016.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em

<https://globoplay.globo.com/v/5513417/>. Acessada em 05/12/2022.

Neste dia que foi veiculado o VT sobre a encosta que desabou sobre a casa em Juiz de Fora, os destaques⁵⁰ de notícias nacionais do Jornal Hoje foram: a morte de Dom Paulo Evaristo Arns, um dos nomes mais importantes da igreja católica e defensor dos Direitos Humanos durante a Ditadura Militar no Brasil, indiciamento de Sérgio Cabral pela Polícia Federal na Operação Lava-Jato, setor de serviços tem o pior resultado desde 2012, as mortes das chuvas em Minas Gerais, o retorno do zagueiro Neto da Chapecoense para o Brasil e o reencontro do radialista Rafael Henzel com o filho.

Além das produções em forma de VTs, foram enviados também 15 imagens (31,3%) e destas cinco foram exibidas; seis sonoras soltas (12,2%), sendo que quatro foram exibidas; três notas cobertas (6,1%), sendo que nenhuma foi exibida; dois personagens (4,1%) e apenas um exibido e uma nota seca (2%) que foi veiculada. Importante ressaltar que os materiais que são enviados para a rede nacional, seja ele um factual, produzido ou pedido da própria rede está na dependência de uma série de critérios de noticiabilidade para serem veiculados. Por exemplo, se um artista renomado falece (critério morte) ou um furacão ou ciclone (critério tragédia) destrói uma cidade antes do jornal ser colocado ao ar, a produção não será exibida. Nesse sentido, o material que a praça elaborou pode entrar em outro formato do que combinado previamente como, por exemplo, um VT sobre determinado assunto pode ser exibido como uma nota coberta.

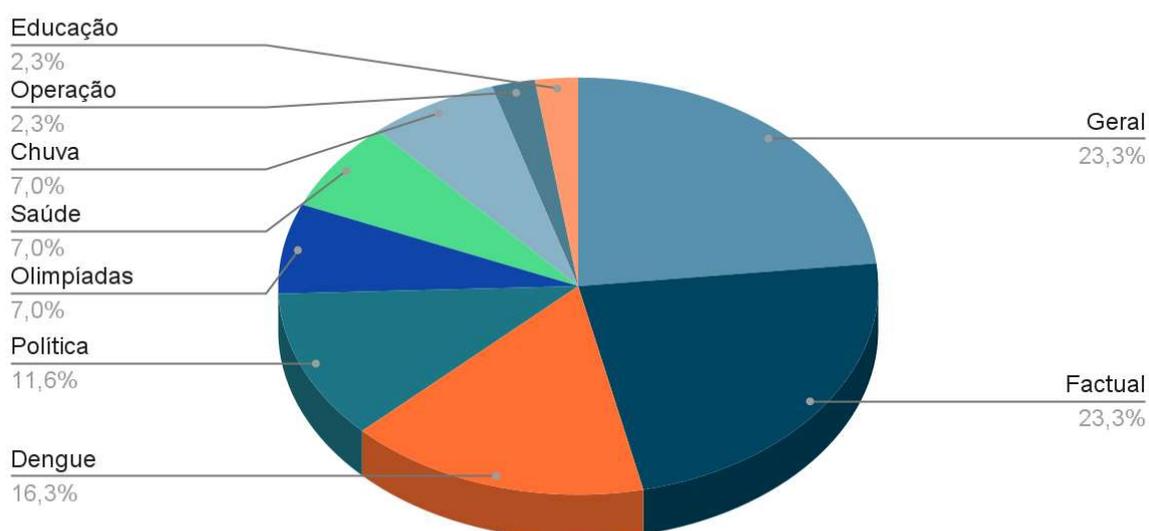
Dentre os assuntos ofertados (Gráfico 5) ao Jornal Hoje em 2016, notícias sobre a dengue apareceram mais vezes em relação às outras produções, com temáticas sobre morte, dia D, focos em escola, estoque de sangue, artificios contra a dengue, leis e cuidados com a dengue em idosos. Os assuntos foram categorizados da seguinte maneira, conforme as retrancas de venda dos materiais: Geral (10): Risco alterar planta imóveis, Personagem telefonia, Oficina memória, Corrida carrinho rolimã, Obras parada hospitais, Insegurança imóveis aluguel, Golpe hospitais, Recorde idade irmãos, Refrigerante do bem, Ex-treinador Chapecoense; Factual (10): Apreensão maconha, Violência mulher, Enterro Rodrigo Pádua, Protesto estupro, Atualiza queda prédio, Estupro 13 anos, Destroí santo, Explosão fábrica, Vídeo explosão, Acidente ônibus; Dengue (7): Escola foco dengue, Dia D dengue, Morte Dengue, Cuidados dengue idosos, Artificios contra dengue, Estoque sangue dengue e Leis dengue; Política (5): Pró Lula, Protestos 13 de março, Manifestação favor Dilma, Prisão Bejani, Grito dos excluídos; Olimpíadas (3): Delegações Olimpíada, Segurança estrada

⁵⁰ <https://globoplay.globo.com/v/5513647/?s=0s>. Último acesso dezembro de 2022.

Olimpíadas e Movimento Delegações; Saúde (3): Faltam insumos diabetes, Influenza muda igreja e Medicamentos STF; Chuva (3): Desaba encosta, Chuva noite JF e Rescaldo chuva JF; Educação (1): Voltas aulas UFJF; Policial (1): Operação Anacrônico.

Gráfico 5 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2016.

Assuntos divididos por tema (2016)



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

Em 2017, o Núcleo Rede ofertou menos materiais ao Jornal Hoje, um total de 22 assuntos, sendo que três resultaram em dois produtos, totalizando 25 produtos, sendo que 13 foram factuais e 12 produzidos. O número de produtos enviados ao Jornal Hoje nestes 12 meses foi o mesmo que de 2015, considerando que naquele ano, a análise contabilizou apenas quatro meses de produções, ou seja, mais ofertas em menos tempo. Além disso, nove materiais foram aprovados pelo JH e cinco foram exibidos (Tabela 14).

Tabela 14 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2017.

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Dengue					

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
eletrodomésticos	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Operação Tiphon	Link + VT	Sim	Sim	Nota Coberta	Núcleo Rede
Cresce consultoria juniores	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Reforma previdência	Imagem + Sonora	Não	-	-	Núcleo Rede
Flexibilidade trabalho	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Cidade boa pra cachorro	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Expulsão faculdade	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Agressão homofobia	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Manifestação interior MG	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Mutirão consultas HU	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Roubo Brinks	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Dia doação sangue	Imagem	Sim	Não	-	Núcleo Rede
Celular baleado	Fotos	Não	-	-	Núcleo Rede
Apresenta assassino argentino	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Acidente ônibus BR-040	VT	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Sonora Júlio Delgado	Sonora	Sim	Não	-	Pedido RJ
Acidente BR-040	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Calçadão Miss Brasil Gay	Link	Não	-	-	Núcleo Rede
Operação divisa segura	Link	Não	-	-	Núcleo Rede
Violência mulher	Imagem + Sonora	Sim	Sim	Imagem + Sonora	Pedido BH

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Acidente dançarinos	Imagem	Sim	Não	-	Núcleo Rede
Soterramento JF	Nota Coberta	Sim	Sim	Nota Coberta	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

É válido considerar também que, dos cinco materiais veiculados, apenas dois foram exibidos como vendidos, como o soterramento⁵¹ de dois operários que trabalhavam em uma obra na cidade (Figura 61), em forma de nota coberta e a participação em um VT fechado pela TV Globo em Belo Horizonte, pelo repórter, Ismar Madeira, sobre violência⁵² contra a mulher (Figura 62). O jornalismo local gravou com uma personagem que havia sido agredida pelo marido no centro de Juiz de Fora. Ela tinha uma medida protetiva e só foi preso por causa das câmeras do olho vivo.

Figura 61 - Operários morrem em obras após soterramento em Juiz de Fora.

Edição do JH do dia 03/10/2017.



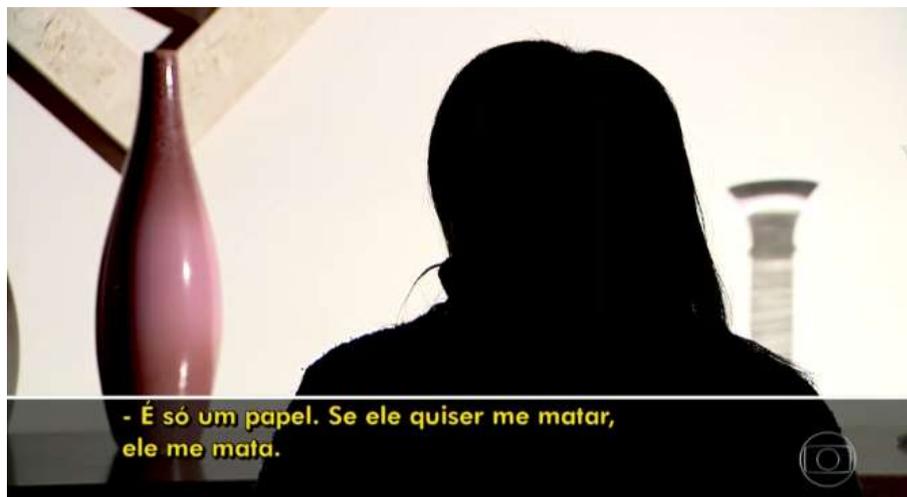
Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6191315/?s=0s>. Acessada em 05/12/2022.

⁵¹<https://globoplay.globo.com/v/6191315/?s=0s>. Acessada em 05/12/2022.

⁵²<https://globoplay.globo.com/v/6093205/?s=0s>. Acessada em 05/12/2022.

Figura 62 - Mulher conta que foi agredida pelo companheiro.

Edição do JH do dia 21/08/2017.

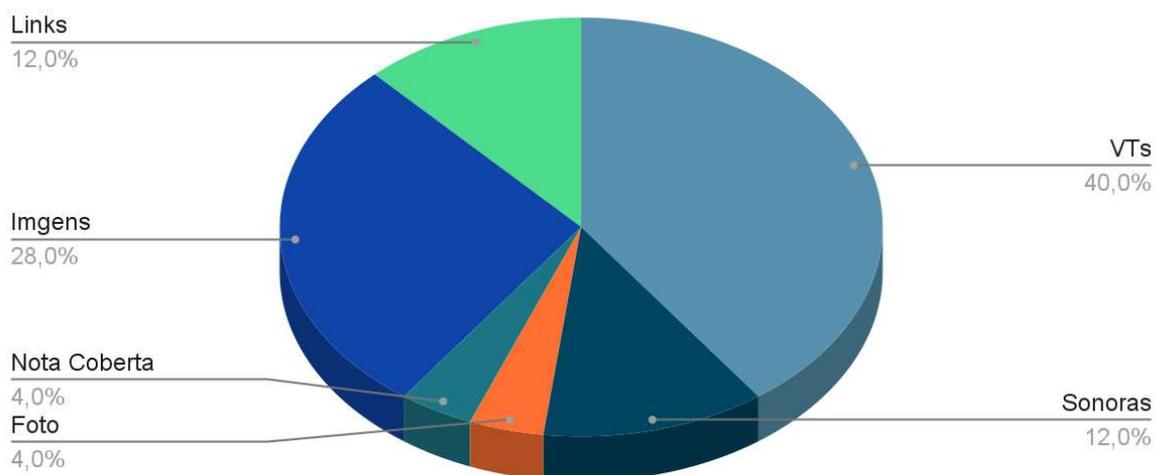


Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6093205/?s=0s>. Acessada em 05/12/2022.

Em relação a distribuição dos materiais tivemos (Gráfico 6): dez VTs (40%), sete imagens (28%), três sonoras (12%), três links (12%), uma foto (4%) e uma nota coberta (4%).

Gráfico 6 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2017.

Materiais do local ofertados ao JH em 2017



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

outro acontecimento foi no mês seguinte, em outubro, o tiroteio que envolveu policiais mineiros e paulistas após uma transação mal sucedida.

Assim, foram oferecidos 26 assuntos, sendo que o total de materiais enviados foram 28 (como já explicado que um assunto pode render mais de um material), sendo 13 factuais e 15 produzidos. Desse total de produtos, 14 foram aprovados pelo Jornal Hoje para serem veiculados e 13 foram exibidos (Tabela 15). O telejornal solicitou cinco dos materiais enviados e todos foram veiculados. Em relação aos produtos enviados (Gráfico 8), 12 foram VTs produzidos (42,9%), sendo que sete foram aprovadas e seis foram ao ar; oito imagens elaboradas (28,6%) e as três foram aprovadas e exibidas; três notas cobertas enviadas (10,7%), duas não foram aprovadas e apenas uma exibida; duas sonoras enviadas (7,1%) e apenas uma veiculada; duas Notas Secas foram produzidas (7,1%) e apenas uma aprovada/exibida e um link (3,6%) que foi ao ar.

Tabela 15 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2018.

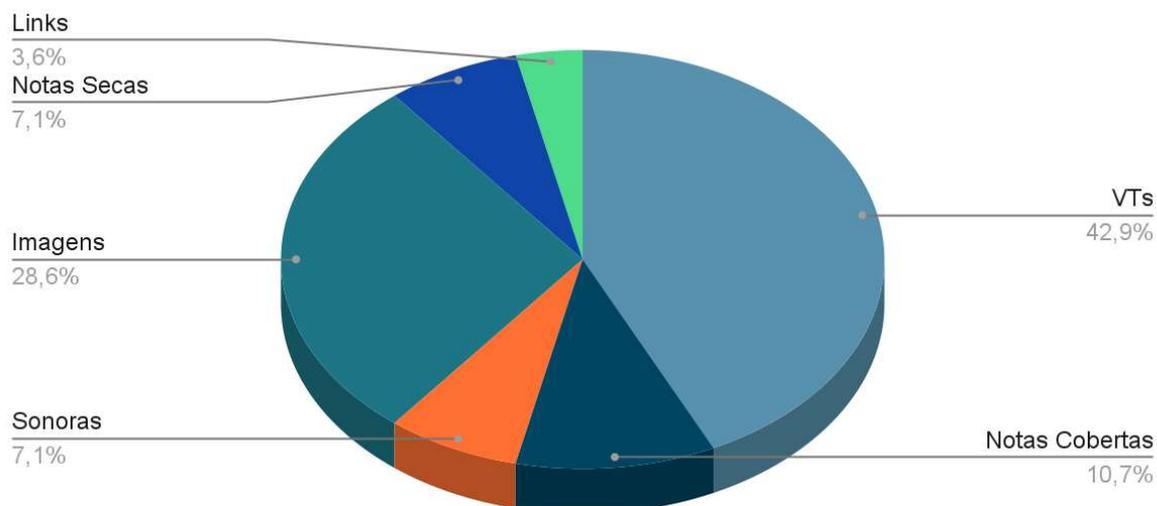
Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Escolas e transporte escolar	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Psicologia canina	VT	Sim	Não	-	Núcleo Rede
Último dia cartório	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Morre criança baleada	Nota Coberta	Não	-	-	Núcleo Rede
Manifestação caminhoneiros	Nota Coberta	Não	-	-	Núcleo Rede
Reflexos saúde JF	Imagem + Sonora	Sim	Sim	Imagem + Sonora	Pedido RJ
Churrasco fila combustível	Imagem + Sonora	Não	-	-	Núcleo Rede
Torcida JF	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Apreende contêineres	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Briga trânsito irmãos	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Turismo Gay	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Venezuelanos empregados	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Agressor Bolsonaro	VT	Sim	Sim	VT	Pedido RJ
Decola Adélio	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Pedido SP
Denúncia Adélio MPF	Nota Seca	Sim	Sim	Nota Seca	Núcleo Rede
Confronto SP x MG	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede
Atualiza policiais tiroteio	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede
MP tiroteio policiais	VT	Sim	Sim	Link	Pedido SP
Operação Olhos de Lince	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Morre tiroteio policiais	Link	Sim	Sim	Link	Núcleo Rede
Depoimento tiroteio policiais	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede
Atualiza Adélio	Nota Seca	Sim	Sim	Nota Seca	Pedido SP
Presos policiais mineiros	Nota Coberta	Sim	Sim	Nota Coberta	Núcleo Rede
Médicos cubanos	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Fim inquérito policiais	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Temporal Juiz de Fora	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Gráfico 8 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2018.

Materiais do local ofertados ao JH em 2018

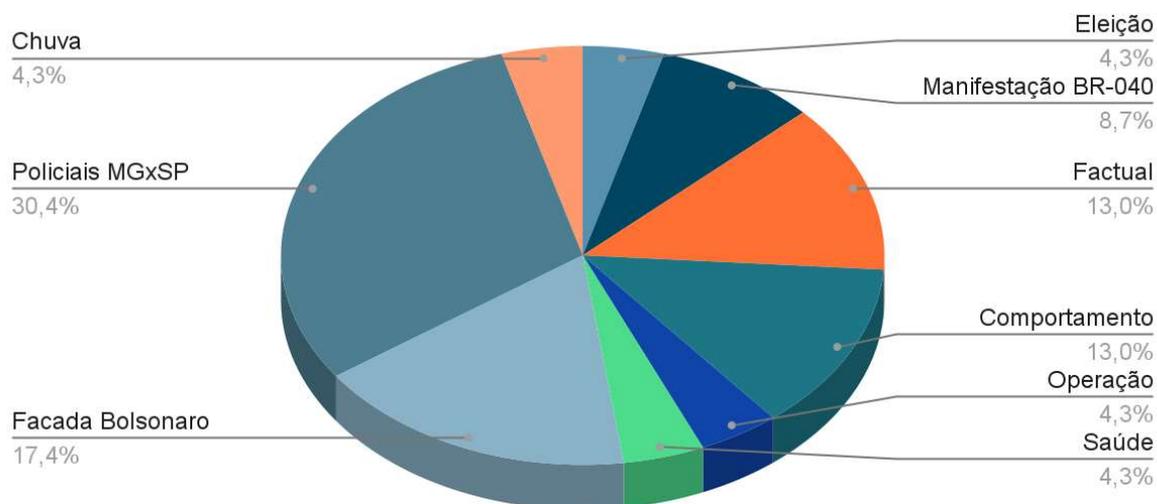


Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

As produções em 2018 tiveram os seguintes eixos temáticos (Gráfico 9), retrancados da seguinte maneira pelo Núcleo Rede: caso dos Policiais MG x SP (7): Confronto SP x Minas, Atualiza policiais tiroteio, MP tiroteio policiais, Morre tiroteios policiais, Depoimento tiroteio policiais, Presos policiais mineiros e Fim inquérito policial; Facada Bolsonaro (4): Agressor Bolsonaro, Decola Adélio, Denúncia Adélio MPF e Atualiza Adélio; Factual (3): Morre criança baleada, Apreende Containers e Briga Trânsito irmãos; Comportamento(3): Psicologia canina, Turismo Miss Gay e Venezuelanos empregados; Manifestação BR-040 (2): manifestação caminhoneiros JF e Churrasco fila combustível; Operação (1): Operação olhos de lince; Saúde (1): Torcida JF, Reflexos saúde JF e Médicos cubanos; Chuva (1): Temporal Juiz de Fora e Eleição (1): Último dia cartório.

Gráfico 9 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2018.

Assuntos divididos por temas (2018)



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

Em relação ao atentado contra o candidato à presidência da República, na época, Jair Bolsonaro, no dia 06/07/2018, o Jornal Hoje exibiu uma nota coberta⁵³ de 54 segundos, sobre os compromissos que já haviam sido cumpridos na cidade. A tentativa de assassinato foi logo após a exibição do JH, por volta das três da tarde e no dia seguinte, no dia sete de setembro, o telejornal foi dedicado a cobertura da facada deferida por Adélio Bispo em Jair Bolsonaro. Nesta edição⁵⁴ de quase 40 minutos, apenas três materiais (uma nota coberta sobre a morte do cantor Wilson Moreira - 29 segundos, Mapa Tempo - 1 minuto, o quadro “O Brasil que eu quero” - 2 minutos e Celebração de sete de setembro em outros estados - 38 segundos), não foram voltados para o acontecimento envolvendo Bolsonaro, ou seja, quase um telejornal com notícias sobre a ocorrência em Juiz de Fora e seus desdobramentos.

A cidade de Juiz de Fora foi mencionada 22 duas vezes pelo apresentador Dony De Nuccio e repórteres. O jornal abriu a edição com o repórter César Menezes⁵⁵, em São Paulo, que estava em frente ao Hospital Albert Einstein. Ele trouxe as últimas notícias sobre o candidato e chamou o próprio VT mostrando o trajeto percorrido por Bolsonaro de Juiz de

⁵³ <https://globoplay.globo.com/v/7001171/>. Último acesso dezembro de 2022.

⁵⁴ <https://globoplay.globo.com/v/7003900/?s=0s>. Último acesso dezembro de 2022.

⁵⁵ <https://globoplay.globo.com/v/7003723/>. Acessada em 05/12/2022.

Fora até a capital paulista. Depois, foi a vez do repórter Carlos de Lannoy⁵⁶ entrar ao vivo da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, contando como foi a cirurgia e também chamou sua reportagem. Em seguida, foi a vez do repórter Augusto Medeiros⁵⁷, do Núcleo Rede de JF (Figura 63), contar em uma matéria como foi o acontecimento do dia anterior. Ainda tivemos mais uma reportagem com a repórter Liliana Junger⁵⁸ de Belo Horizonte mostrando o perfil do suspeito Adélio Bispo. A repórter Camila Bonfim⁵⁹ participou com um VT de Brasília trazendo os detalhes da investigação e o repórter Vinícius Leal⁶⁰, também de Brasília, sobre a repercussão do atentado entre os políticos no Palácio da Alvorada. Apesar das outras matérias serem fechadas por outros colegas, todos usaram materiais cedidos pelo Núcleo Rede da TV Integração.

Dois dias depois foi exibido um VT⁶¹ fechado pela repórter Camila Bonfim, da TV Globo Brasília, sobre o momento que Adélio Bispo saiu de Juiz de Fora, em um avião da Polícia Federal (Figura 64), com destino a uma unidade do sistema prisional federal em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, e o Núcleo Rede contribuiu com informações e imagens.

⁵⁶ <https://globoplay.globo.com/v/7003799/>. Acessada em 05/12/2022.

⁵⁷ <https://globoplay.globo.com/v/7003819/>. Acessada em 05/12/2022.

⁵⁸ <https://globoplay.globo.com/v/7003819/>. Acessada em 05/12/2022.

⁵⁹ <https://globoplay.globo.com/v/7003792/?s=0s>. Acessada em 05/12/2022.

⁶⁰ <https://globoplay.globo.com/v/7003967/?s=0s>. Acessada em 05/12/2022.

⁶¹ <https://globoplay.globo.com/v/7005560/>. Acessada em 05/12/2022.

Figura 63 - Local que Bolsonaro levou a facada em Juiz de Fora.

Edição do JH do dia 07/09/2018.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7003819/>. Acessada em 05/12/2022.

Figura 64 - Adélio Bispo é transferido de Juiz de Fora para o sistema prisional em Mato Grosso do Sul. Edição do JH do dia 08/09/2018.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7005560/>. Acessada em 05/12/2022.

Outro acontecimento que o Núcleo Rede teve uma frequente atuação foi o caso do tiroteio dos policiais civis mineiros e paulistas, ocorrido no dia 19/10/2018, numa sexta-feira, quase no fim da tarde. No dia seguinte, sábado, a edição do Jornal Hoje repercutiu a história de dois grupos de policiais, um de Minas e outro de SP, que trocaram tiros no estacionamento de um hospital em Juiz de Fora, na reportagem contada por Luiz Felipe Falcão (Figura 65).

Figura 65 - Reportagem sobre o tiroteio envolvendo policiais mineiros e paulistas.
Edição do JH do dia 20/10/2018.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7102301/>. Acessada em 05/12/2022.

Na segunda-feira, dia 22 de outubro, o Núcleo Rede ofereceu outro material, um VT, com o repórter de Rede Augusto Medeiros (Figura 66) com novidades sobre o caso. Quatro policiais de São Paulo envolvidos no tiroteio foram transferidos para penitenciária na região metropolitana de Belo Horizonte e o juiz da audiência de custódia concluiu que eles faziam escolta para uma transação ilícita.

Figura 66 - Reportagem atualizando sobre o caso do tiroteio dentro do estacionamento de um hospital. Edição do JH do dia 22/10/2018.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7105600/>. Acessada em 05/12/2022.

O caso do tiroteio teve vários desdobramentos ao longo dos dias, o que permitiu

repercutir a cada novo fato que surgisse. Outra oportunidade de entrar no JH foi sobre o depoimento contraditório dos policiais (Figura 67). O Jornal Hoje também fechou uma reportagem⁶² sobre o caso. Só neste mês, o Núcleo Rede emplacou três VTs e dois links sobre o caso. No mês de novembro, o JH exibiu uma nota coberta⁶³ sobre a prisão dos policiais em Juiz de Fora. Entretanto, no dia que encerrou o inquérito do caso dos policiais, no dia 12/12/2018, o telejornal não deu nenhuma nota sobre o assunto. Neste dia, os destaques do telejornal⁶⁴ foram sobre João de Deus que apareceu após denúncias de abuso sexual, enterro das pessoas mortas após chacina na catedral metropolitana em Campinas (SP), carro fuzilado no Rio de Janeiro, aprovado projeto de renúncia fiscal e a terceira reportagem da série especial sobre direitos humanos.

Figura 67 - Reportagem sobre o depoimento contraditório dos policiais envolvidos no tiroteio.
Edição do JH do dia 26/10/2018.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7116663/>. Acessada em 05/12/2022.

Além dos factuais do caso da facada ao ex-Presidente Bolsonaro, na época candidato à Presidência da República e o tiroteio envolvendo os policiais mineiros e paulista, tivemos ainda uma ocorrência de chuva, que é um assunto recorrente no telejornal, porque traz a realidade que uma cidade enfrenta devido às intempéries da natureza. Mais uma vez Juiz de Fora emplacou uma notícia sobre o assunto (Figura 68), com uma reportagem de Augusto Medeiros. No final do ano de 2018, uma chuva torrencial⁶⁵ deixou várias ruas da cidade

⁶² <https://globoplay.globo.com/v/7108566/?s=0s>. Acessada em 05/12/2022.

⁶³ <https://globoplay.globo.com/v/7155713/>. Acessada em 05/12/2022.

⁶⁴ <https://globoplay.globo.com/v/7228360/>. Acessada em 02/02/2023.

⁶⁵ <https://globoplay.globo.com/v/7256025/>. Acessada em 05/12/2022.

alagadas e o dia seguinte foi para limpar a lama que ficou dentro e fora das casas.

Figura 68 - Temporal em Juiz de Fora. Edição do JH do dia 25/12/2018.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7256025/>. Acessada em 05/12/2022.

Já em 2019, o telejornalismo local enviou 15 assuntos, sendo que 12 foram factuais e três produzidos. Deste total, 10 produtos foram exibidos e apenas um que não foi veiculado exatamente como enviados ao telejornal (Tabela 16). Em relação aos produtos (Gráfico 10), foram 5 VTs (33,3%), 5 imagens (33,3%), 3 notas cobertas (20%), uma sonora (6,7%) e um link (6,7%).

Tabela 16 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2019.

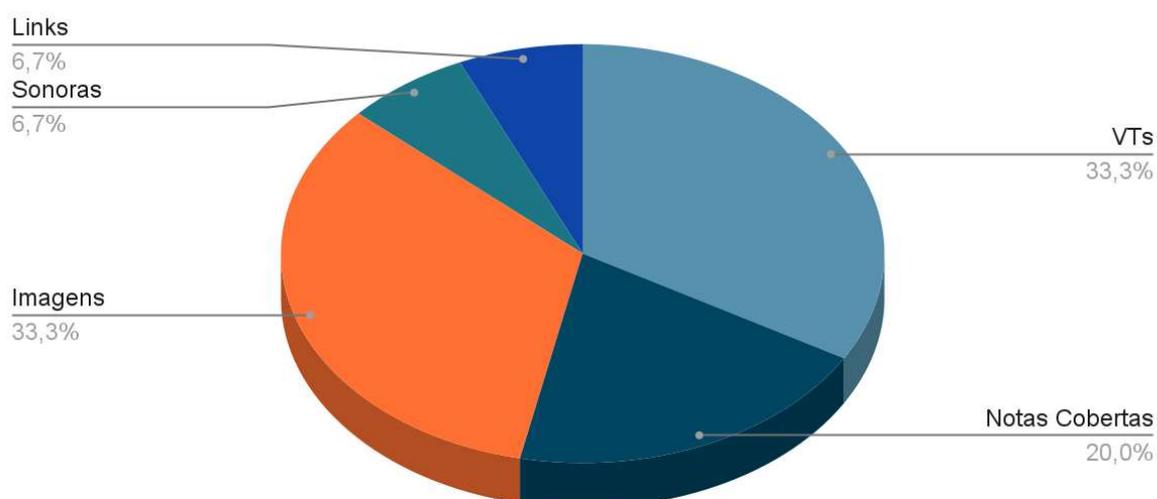
Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Armas baile funk	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Especialista barragem	Sonora	Sim	Sim	Sonora	Pedido SP
Chuva JF apagão	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Evacua barragem	Link	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Excesso velocidade estradas	Nota Coberta	Sim	Sim	Nota Coberta	Núcleo Rede
Criatividade					

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
desemprego	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Onça Jardim Botânico	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Martinho da Vila	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Onça rua JF	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede
Onça Capturada	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede
Encerra inquérito Adélio	Nota Coberta	Sim	Sim	Nota Coberta	Núcleo Rede
Resgata Jaguaririca	Nota Coberta	Não	-	-	Núcleo Rede
Morte motorista Uber	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Biometria 70 +	VT	Não	-	-	Núcleo Rede
Professora baleada	VT	Sim	Sim	VT	Núcleo Rede

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Gráfico 10 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2019.

Materiais do local ofertados ao JH em 2019

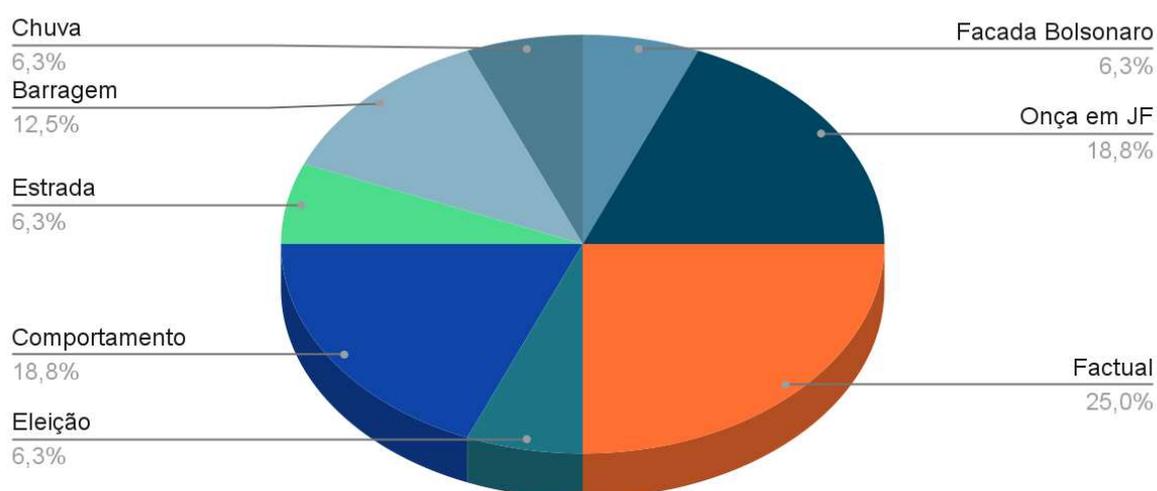


Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

Em relação ao tema dos assuntos enviados (Gráfico 11), tivemos: Factual (4): Armas baile funk, Morte motorista uber; Professora baleada e Apreensão Polícia Civil drogas; Onça em JF (3): Onça Jardim Botânico, Onça rua JF e Onça capturada; Barragem (2): Sonora especialista barragem e Evacua barragem; Chuva (1): Chuva apagão JF; Estrada (1): Excesso velocidade estradas; Comportamento (3): Criatividade emprego, Martinho da Vila e Resgata jaguatirica; Eleição(1): Biometria +70 anos e Facada Bolsonaro (1): Encerra inquérito Adélio.

Gráfico 11 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2019.

Assuntos divididos por temas (2019)



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

O caso da onça que andou vários dias por Juiz de Fora foi notícia em vários telejornais de rede. A apresentadora na época, Sandra Annenberg, resgatou que o Jornal Hoje já havia exibido uma nota coberta⁶⁶ da presença da onça no Jardim Botânico da UFJF e o local precisou ser interditado. Depois de cinco dias, o JH exibiu uma reportagem contando os locais que a onça já tinha sido flagrada na cidade (Figura 69). E 17 dias à procura da onça, ela foi encontrada em um domingo. Neste dia, o Fantástico exibiu uma reportagem completa sobre a passagem da onça por Juiz de Fora e no dia seguinte, uma segunda-feira, o JH que acompanhou toda a história, exibiu um VT feito pelo repórter Augusto Medeiros (Figura 70)

⁶⁶ <https://globoplay.globo.com/v/7573377/>. Acessada em 05/12/2022.

sobre o caso. Em virtude do telejornal acompanhar a repercussão da onça na cidade, um outro fato similar ocorrido no mês de agosto, três meses depois desta história, o resgate de uma jaguatirica, também foi sugerido ao telejornal, que não foi aprovado. Neste sentido, poderíamos pensar que o fato de um outro animal silvestre ter aparecido na cidade poderia interessar à rede, entretanto, a notícia não dispôs de curiosidade no caso para que pudesse ser contada, como foi o caso da onça que era vista, mas não se conseguia capturá-la. Logo, apesar da semelhança entre os assuntos, não significa que o telejornal vai também exibir a notícia, ficando a cargo apenas do telejornal local.

Figura 69 - Onça pintada é vista às margens do Rio Paraibuna em JF.

Edição do JH do dia 02/05/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7585496/>. Acessada em 05/12/2022.

Figura 70 - Reportagem sobre como a onça pintada foi capturada no

Jardim Botânico/UFJF. Edição do JH do dia 13/05/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7611820/>. Acessada em 05/12/2022.

A violência também foi destaque no telejornal da rede, com a morte de uma professora⁶⁷ que foi baleada no centro da cidade. O caso ganhou notoriedade após apuração pelo Núcleo Rede que a mulher baleada era uma professora e havia sido baleada por um policial que estava se defendendo de um assaltante. A reportagem foi fechada pela repórter do Núcleo Rede Larissa Zimmermann (Figura 71). Na cabeça da reportagem, chamada pela apresentadora, na época, Maju Coutinho, conta que o filho da professora fazia aniversário no dia de exibição da matéria, causando mais comoção. Além disso, a fatalidade causou uma comoção muito grande na cidade e alunos fizeram uma manifestação pelas ruas. Outro caso que também foi repercutido, porém com uma nota coberta, foi o fim do inquérito⁶⁸ de Adélio Bispo, apesar de um número baixo de ofertas, o telejornalismo local soube aproveitar para suitar as notícias e também oferecer assuntos semelhantes mesmo que o telejornal de rede não aprovasse e também em forma de nota coberta a maior apreensão de drogas feita até então pela Polícia Civil de JF, três toneladas de maconha (Figura 72).

Figura 71 - Professora é baleada no centro de Juiz de Fora.

Edição do JH do dia 21/11/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8105640/>. Acessada em 05/12/2022.

⁶⁷ <https://globoplay.globo.com/v/8105640/>. Acessada em 05/12/2022.

⁶⁸ <https://globoplay.globo.com/v/7772330/>. Acessada em 05/12/2022.

Figura 72 - Maior apreensão de drogas de 2019. Edição do JH do dia 22/05/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7634756/>. Acessada em 05/12/2022.

No ano de 2020, 14 assuntos foram oferecidos ao JH, sendo que 15 produtos foram enviados do jornalismo do Núcleo Rede local ao Jornal Hoje, 11 factuais e 4 produzidos, sendo que sete foram pedidos pelo próprio JH e desses materiais pedidos, 4 foram usados, como a sonora com o professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Paulo Roberto Figueira Leal, que explicou como cientista político, o porquê de municípios terem mais eleitores que habitantes, na reportagem fechada ela TV Globo em Belo Horizonte.

Tabela 17 - Materiais do local de JF enviados à rede referente aos meses de janeiro a dezembro de 2020.

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Verba Bolsonaro Santa Casa	Nota	Não	-	-	Núcleo Rede
Doença desconhecida	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Morte desaba casa	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Caba desaba JF	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Pedido BH
Faltam EPIs	VT	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede

Assunto	Tipologias de Produção	Aprovado	Exibido	Como foi exibido	Oferta
Sem máscara JF	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Núcleo Rede
Entrega remédio domicílio	Imagem	Não	-	-	Pedido Rio
Fila Caixa Econômica	Imagem + Sonora	Não	-	-	Núcleo Rede
Personagem Covid-19	Personagem	Sim	Sim	Imagem	Pedido BH
Baixo estoque sangue	Sonora	Não	-	-	Pedido SP
Aula universidades	Nota	Não	-	-	Pedido SP
Cai ponte histórica	Imagem	Não	-	-	Núcleo Rede
Mais eleitores que habitantes	Sonora	Sim	Sim	Sonora	Pedido BH
Imagens preparação urnas	Imagem	Sim	Sim	Imagem	Pedido RJ

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2023).

Figura 73 - Cientista político explica sobre municípios terem mais eleitores que habitantes.

Edição do JH do dia 06/11/2020.

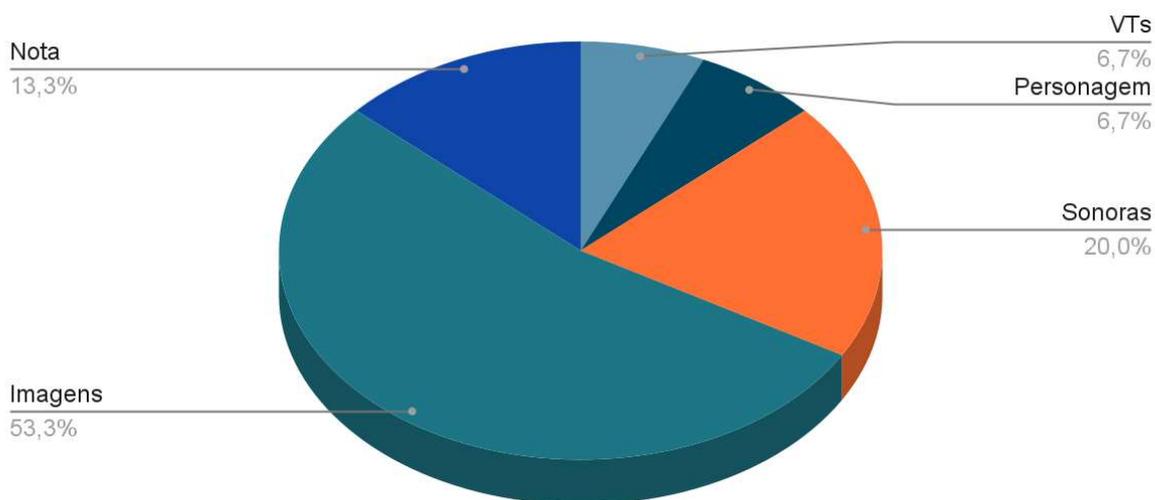


Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/9002127/>. Acessada em 05/12/2022.

Em termos dos produtos (Gráfico 12) ofertados ao Jornal Hoje, foram enviadas 8 imagens (53,3%), 3 sonoras (20%), 2 notas (13,3%), 1 personagem (6,7%) e 1 VT (6,7%).

Gráfico 12 - Materiais do jornalismo local de JF oferecidos ao JH em 2020.

Materiais do local ofertados ao JH em 2020



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

O ano de 2020 começou com muitas chuvas em vários estados. Na região sudeste do Brasil 71 pessoas morreram, 75 ficaram feridas e mais de 10 mil desabrigadas. Como mencionado anteriormente, dos 16 produtos oferecidos, um foi sobre um homem que foi resgatado⁶⁹ após um temporal em Juiz de Fora que destruiu sua moradia. A participação foi com imagens para o VT fechado por Belo Horizonte com matéria da Juliana Perdigão (Figura 73). Ambos factuais foram ofertados pelo Núcleo Rede local nas primeiras horas do dia, para que a equipe pudesse se deslocar até as cidades. Pelo fato do telejornal nacional estar atento às tragédias relacionadas com as chuvas, o fato com característica locais poderia ter alguma repercussão.

⁶⁹ <https://globoplay.globo.com/v/8323097/?s=0s/>. Acessada em 05/12/2022.

Figura 74 - Homem é resgatado após temporal em JF.

Edição do JH do dia 14/02/2020.

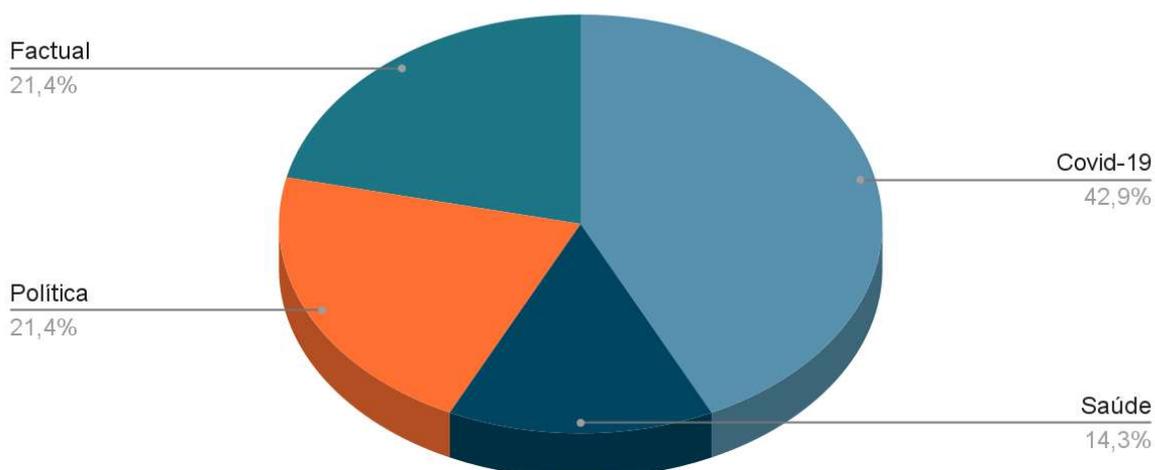


Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8323097/?s=0s/>. Acessada em 05/12/2022.

Em relação às temáticas (Gráfico 13), na categoria Factual, os assuntos locais oferecidos ao Jornal Hoje foram retrancados da seguinte maneira pela planilha: Morte desaba casa, Desaba casa Juiz de Fora e Cai ponte histórica. Em relação à Política, os temas enviados foram: Bolsonaro envia verba para Santa Casa, Mais eleitores que habitantes do município e Preparação urnas eleições. Já em relação a Saúde, foram oferecidos: Entrega remédio domiciliar, Baixo estoque sangue hemocentros. E em relação a Covid-19 os temas foram: Doença desconhecida, Faltam EPIs, Pessoas sem máscara na rua, Longas filas Caixa Econômica benefício, Personagem família Covid-19 e Sem aulas universidade. A partir dos 14 temas mencionados, foi possível produzir 16 materiais (produtos), como apresenta o gráfico abaixo.

Gráfico 13 - Assuntos oferecidos ao Jornal Hoje em 2020.

Assuntos divididos por temas (2020)



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2022).

Os desastres causados pelas chuvas aparecem em todos os anos de análise, sendo um assunto comum em todo o Brasil, sendo um dos temas factuais enviados pelo Núcleo Rede e que mais foi exibido. Dos 10 materiais enviados sobre chuva em Juiz de Fora, apenas 3 não foram veiculados (Tabela 17). As participações foram em forma de VT, nota coberta e contribuição em VTs de outras praças. Ainda, a possibilidade de participação pelo Mapa Tempo, que não foi o caso de nenhum dos materiais listados. Além das tragédias causadas pelos temporais, acontecimentos como operações policiais, problemas do cotidiano como falta de remédios, cobranças indevidas e violência contra mulher, são assuntos que também tiveram destaque e de uma forma geral, são situações que acontecem, infelizmente, com grande frequência e são noticiadas.

Outro destaque também foi para o combate à dengue. O ano de 2016, segundo a Fiocruz⁷⁰, na época, foi o segundo ano com maior número de dengue desde o início dos

⁷⁰ <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1465-casos-de-dengue-zika-e-chikungunya-caem-89-nos-primeiros-meses-de-2017-em-comparacao-com-2016>. Acessada em 05/12/2022.

registros, em 1990, perdendo só para o ano anterior. Dos seis produtos produzidos pelo telejornalismo local, três entraram no JH. Sendo assim, acompanhar o que acontece de uma forma geral no país, pode ser uma oportunidade para entrar com materiais locais. Neste caso, a doença que também crescia de forma acelerada na cidade, possibilitou a oferta de assuntos relacionados com JF.

Como já mencionado, é importante que o telejornalismo local acompanhe os casos de repercussão nacional para que seja possível participar de alguma forma. No ano de 2018, acompanhar as investigações do caso do tiroteio entre policiais civis mineiros e paulistas rendeu várias participações no JH até o fim do inquérito. Como também da facada dada por Adélio Bispo em Bolsonaro e a história da onça que circulou livremente pela cidade. Essa é uma marca do telejornal, trazer sempre o desfecho dos casos para o telespectador.

Em 2019, o Jornal Hoje estava no ar quando aconteceu o rompimento da barragem de Brumadinho⁷¹ em Minas Gerais. A fatalidade possibilitou a participação de um especialista da Universidade Federal de Juiz de Fora (Figura 74) explicar em um VT produzido, fechado pela repórter Bruna Vieira de São Paulo, sobre as técnicas para se construir uma barragem.

Figura 75 - Professor da UFJF fala sobre técnicas de construção de barragem.

Edição do JH do dia 30/01/2019.



Fonte: Print do site da TV Globo - Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7341132/?s=0s>. Acessada em 05/12/2022.

O ano de 2020 foi bem atípico para o Núcleo Rede, devido à situação da Covid-19. Mesmo com o desconhecimento em relação à doença e os telejornais se dedicarem às suas coberturas para explicar à população sobre o vírus, a participação do jornalismo local da TV

⁷¹ <https://globoplay.globo.com/v/7328916/?s=0s>. Acessada em 05/12/2022.

Integração ainda teve participação considerável, com dez participações. Em um momento difícil para se emplacar matérias, foi possível ficar dentro da média de produtos exibidos no telejornal da rede, neste caso, no Jornal Hoje. Dessa forma, observamos a preferência por parte dos materiais locais, mas factuais, que interferem no dia a dia da população. O telejornal de rede tem como marca as notícias atuais, e conseqüentemente, os VTs mais produzidos terão espaço desde que tenham algo curioso, que desperte a atenção para que a cidade possa ser vista e lembrada por algo mais inédito.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre “A produção jornalística da TV Integração de Juiz de Fora exibida no Jornal Hoje” teve origem a partir de reflexões e observações oriundas, inicialmente, de meu trabalho como jornalista na emissora afiliada da Globo, atividade exercida há mais de uma década. O fazer jornalístico trouxe o questionamento que estimulou essa pesquisa, sobre quais fatores determinam a veiculação de material produzido no local em rede nacional. À luz de pesquisas referenciais sobre o telejornalismo e de estudos feitos durante o Mestrado, foi possível analisar o material veiculado e fazer entrevistas com profissionais para entender tais fatores, entre eles a necessária relação de confiança entre a equipe de produção do telejornalismo local e a equipe do Jornal Hoje.

A pesquisa desenvolvida levou em conta ainda que o processo produtivo da notícia passa por mudanças devido ao avanço tecnológico e, ao longo de mais de sete décadas, foi possível averiguar, mesmo que analisando um recorte das notícias exibidas em um telejornal, o JH, que os formatos não são os mesmos. Assim, o que leva uma notícia local ser exibida em rede nacional é a pergunta norteadora que me faço sempre quando vou oferecer um assunto local para a rede nacional, e ao aplicá-la em uma pesquisa foi possível constatar que o telejornalismo está em constante transformação. No caso do telejornal analisado e de uma maneira em geral, foi possível observar uma predominância de notícias factuais do local para a rede nacional, em pautas de desastres naturais, violência e acidentes, além da busca por formas de atrair a audiência e chamar a atenção para o que acontece na região, com inserção de personagens, com histórias de vida que geram vínculos e garantem um teor muitas vezes emocional, de forma antenada às produções das redes sociais.

A concorrência da TV aberta com a internet mudou o modo de como essa notícia é processada e também consumida. Apesar do foco do trabalho não ser a relação do fato noticioso com os meios, atualmente, o desafio é atrair a atenção do telespectador que é também internauta e está ambientado com o acontecimento instantâneo e com as possibilidades de participação. Nesse sentido, tudo que nos afeta de alguma forma está condicionado a virar notícia. E esses valores, corriqueiros, fazem parte da construção do noticiário, material próprio das produções locais. Os critérios de noticiabilidade são parte essencial da formação de um profissional de jornalismo. O mercado exige que ele saiba apropriá-los no dia a dia, aliados à linha editorial da empresa e também à percepção que se tem de um acontecimento, ou como diriam alguns autores, do feeling do jornalista.

A análise de conteúdo realizada a partir de mapeamento temático nos mostra que os acontecimentos factuais tiveram mais exibições no telejornal, nos mais diversos formatos e também foram oferecidos em maior número que os produtos produzidos. Além disso, nos dois últimos anos finais de análise, referentes a 2019 e 2020, o Núcleo fez mais ofertas factuais que matérias produzidas, sendo que ao longo dos outros anos, as ofertas eram mais produzidas. De 2015 a 2020 o Núcleo Rede ofereceu 156 produtos sobre Juiz de Fora ao Jornal Hoje. Desse total, 80 destes materiais foram factuais e 76 produzidos, sendo que 92 não foram aprovados. Dos 64 aprovados, oito não foram exibidos. Apesar do baixo número de aprovações, vale lembrar que há concorrência com os materiais de mais de 100 afiliadas e das cinco emissoras cabeças de rede. Além disso, não basta que o material seja aprovado, ele precisa ser exibido e neste caso, mesmo que ele tenha sido aceito, o telejornal de rede pode não exibir o produto por qualquer tipo de mudança que altere o espelho do dia. Nesse sentido, temos uma amostra que as notícias factuais tiveram mais espaço nos anos recentes, trazendo mais os fatos ocorridos na cidade com repercussão nacional. Claro, que uma boa oferta produzida também tem seu valor.

Os grandes acontecimentos de Juiz de Fora, no período analisado, foram veiculados no JH em sua maioria em VTs, como o caso do tiroteio que envolveu policiais mineiros e paulistas, com vários desdobramentos, como também a história sobre a onça, que foi repercutida mais vezes que o inquérito da facada em Jair Bolsonaro, que ainda não havia sido finalizado. Ou seja, os acontecimentos curiosos da cidade despertam interesse para a rede nacional, e muitas vezes trazem o telespectador a acompanhar o telejornal como se fosse uma novela. Onde estava a onça? Todos queriam saber.

Ainda por meio da análise de conteúdo, constatamos que as chances do telejornalismo local ter alcance nacional aumentaram quando a equipe enviou alguma contribuição a pedido do JH, seja com uma imagem ou personagem. As imagens foram o produto noticioso mais exibido em forma de notícia sobre Juiz de Fora. Nesse sentido, as relações de confiança que foram adquiridas aos longos dos anos pelo Núcleo Rede e citadas nas entrevistas pelos profissionais que atuaram/atua na função podem ter contribuído para que o Jornal Hoje demande cada vez mais materiais para se fechar as notícias do dia. Dessa forma, trouxemos como hipótese neste trabalho que, para além dos critérios de noticiabilidade, as relações pessoais e outros fatores como a tecnologia são facilitadores para uma matéria local ser exibida em rede nacional. Entretanto, a credibilidade profissional foi um dos crivos mais apontados na produção da notícia para ser exibida nos telejornais nacionais.

A presente pesquisa fez também um levantamento das notícias de Juiz de Fora que foram exibidas no Jornal Hoje desde quando ele foi ao ar pela primeira vez em 1974, sendo um instrumento importante para que seja criada uma memória dos assuntos que foram noticiados, além de contribuir para pesquisas no campo. Por meio do acesso ao acervo da Rede Globo sobre os acontecimentos a partir da década de 80, a pesquisa mostra que o telejornalismo construiu uma história e assim, a cidade de Juiz de Fora também o fez, a partir do que foi noticiado. Percebemos durante as análises uma série de transformações, desde a concepção dos repórteres que entraram em rede nacional, suas fisionomias, vestimentas, textos e a própria qualidade da imagem. O padrão Globo de qualidade fez sentido em uma época em que a televisão e telejornalismo iniciavam suas carreiras.

Assim, o profissional do Núcleo Rede local lida com uma série de interferências internas e externas para que uma notícia seja exibida, seja ela o tempo para se produzir e entregar o material para o telejornal de rede, e a concorrência com as notícias das capitais. Além disso, é preciso estar atento com o que é notícia também na TV por assinatura e nas mídias sociais, como por exemplo, no caso da TV Globo, o noticiário da Globonews pode interferir no que os telejornais vão exibir, afinal, eles estão ao vivo 24 horas. Resumindo, não existe mais um padrão, existe assertividade e precisão em relação ao material que se quer emplacar em rede nacional. A pandemia da Covid-19 revelou, quando se trata da televisão, que o mais importante é a informação. Imagens distorcidas, gravadas por celular, enquadramentos sem o padrão que ao longo de décadas se tornou sinônimo de imagem perfeita, não são mais a assepsia da melhor imagem. Logo, há uma quebra de paradigma.

Hoje, percebemos que o contexto de cada época é importante para que muitos fatos virem notícia e aos poucos marquem a cidade de alguma forma, como por exemplo, a facada em Jair Bolsonaro em período eleitoral e o caso do tiroteio entre os policiais mineiros e paulistas, ambos casos ocorridos em 2018 e a onça que andou tranquilamente pela cidade de Juiz de Fora em 2019, além de personalidades que estiveram presentes na cidade. Então, observamos que em relação as décadas de 80 e 90 os critérios de noticiabilidade que atuaram nos acontecimentos são os mesmos de hoje, mas a forma de se trabalhar mudou.

O telejornalismo está muito mais interessado no individual, no que pode se tornar exemplo ou uma ação que possa contribuir para algo mais expressivo, a partir de um personagem. Observamos que certos assuntos sempre foram noticiados. Se considerarmos o que saiu no Jornal Hoje de Juiz de Fora, por muitas vezes acontecimentos de chuvas foram notícia. Dessa forma, acaba virando uma maneira do Núcleo Rede se atentar sempre para épocas de temporais ou casos esporádicos que possam render um assunto para o telejornal. As

participações desde as décadas passadas, como as atuais no Mapa Tempo, foram inúmeras. O telespectador também colaborou para isso, com envio de materiais para as redações. Acidentes nas estradas também são noticiados desde as primeiras aparições de Juiz de Fora no JH, o que é uma outra maneira do Núcleo Rede prever e se programar para se fazer tal ocorrência. Se a notícia tiver o valor-notícia morte, é possível que ela seja veiculada.

A pesquisa trabalhou com um material vasto, apesar de que durante esta triagem e levantamento, já que estamos trabalhando com dados, pode ser que se tenha perdido ou deixado de computar notícias que foram emplacadas. Assim, este é um recorte da produção jornalística de JF que pode ter tido outros materiais que aqui não foram listados, aumentando as participações no Jornal Hoje. Desta maneira, vemos como é necessário a conservação dos arquivos e acervos que fazem a catalogação dos materiais, pois só a partir destes registros é possível ter uma concepção do que se almeja pesquisar e sem essas informações, é impossível a realização deste, o que implica não poder conhecer a história do telejornalismo local, no caso, de Juiz de Fora, como foi sua evolução ao longo dos anos.

A pesquisa sobre a veiculação temática das notícias sobre Juiz de Fora contribui ainda para entender a construção de Juiz de Fora como cidade na tela da emissora em rede nacional, criando uma identidade local para todo o país. A criação do Núcleo Rede foi essencial para criar uma memória do que já foi realizado em relação ao telejornalismo nacional. A cronologia que traçamos aqui serve para apropriar e fazer melhores escolhas em relação ao que merece ser noticiado assim como ter uma visão do que a rede nacional deseja em termos de notícias. As entrevistas que foram realizadas servem para a formação de futuros Núcleos e contribuem para que o Núcleo atual seja mais assertivo em suas produções. Para o mercado, esta pesquisa contribui significativamente mostrando as relações do telejornalismo local com a rede nacional. Além disso, este trabalho sobre as relações entre telejornalismo local e nacional se desdobrarão em pesquisas futuras.

De certa forma, o Jornal Hoje é o telejornal do aqui e agora. Jornalismo que cobre as notícias do dia e que interfere na vida das pessoas, que gera afetamento, como foi abordado o poder do acontecimento. Acontecimento que, apesar de ter mudado ao longo do tempo, transformou a vida de milhares de pessoas que se viram por meio da televisão, que fez e se faz presente diariamente na vida dos brasileiros, com os jornais. A notícia se reinventou, está em várias telas, mais próxima e cada vez mais ágil. Porém, é sempre notícia, precisa ser verificada, apurada, além de necessária para formação e educação de uma nação, há mais de sete décadas.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1996.

AUGÉ, Marc. **As formas do esquecimento**. Almada: Íman Edições, 2001.

BABO-LANÇA, Isabel. Acontecimento e memória. In FRANÇA, OLIVEIRA (orgs.). **Acontecimentos e Reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. Média, tempo e memória. **Revista Vista**, nº 2, p. 77-95, 2018. Disponível em http://vista.sopcom.pt/ficheiros/20190206-4._babo.pdf. Acessada em 22/03/2022.

BAHIA, Juarez. **Dicionário de Jornalismo século XX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva. Senhores da Memória. Intercom, **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XVII, nº 2, p.84 - 101, jul./dez., 1995.

_____. Jornalistas, “senhores da memória”? In **IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5281189434155472217413491799349447635.pdf>. Acessada em 10/12/2022.

_____. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./jul., 2016. Disponível em <file:///home/chronos/u-536ac2c8fded8626dee231fe55ede77ec1501c00/MyFiles/Downloads/17558-Texto%20do%20Artigo-65385-1-10-20180913.pdf>. Acessada em 06/02/2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa Edições 70, 2011.

BECKER, Beatriz. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. 1ª edição - São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

_____. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a pandemia da Covid-19. **Lumina**, [S. l.], v. 15, nº. 3, p. 6–22, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35300>. Acessada em 10/12/2022.

BECKER, Beatriz; THOMÉ, Cláudia. Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da Ciência. **Animus** (Santa Maria. Online), v. 21, p. 1-18, 2022. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/72173/50962>. Acessada em 06/02/2023.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In BENETTI, Márcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis, Insular, 2010.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In

BENETTI, Márcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis, Insular, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Angela M. S. Corrêa. 2a ed., 4a reimpressão - São Paulo: Contexto, 2018.

COUTINHO, Iluska; MARTINS, Simone. Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público. **Grupo de Trabalho Interação e Recepção Televisiva**. Colóquio Internacional Televisão e Realidade, 2008. Disponível em <http://www.tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Simone%20Martins%20e%20Iluska%20Coutinho.pdf>. Acessada em 28/03/2022.

COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina Musse. Telejornalismo, Narrativa e Identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional. **Revista Alterjor**, 2010. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88191>. Acessada 05/01/2023.

DA SILVA, Laerte José Cerqueira; VIZEU, Alfredo. Os saberes da pedagogia no telejornalismo: Paulo Freire e a prática jornalística. **Revista Famecos**, 2019. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/31212>. Acessada em 10/12/2022.

EMERIM, Cárlica. **Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. 14 , nº 2, Julho a Dezembro de 2017.

EMERIM, Cárlica; BRASIL, Antônio. Coberturas em Telejornalismo. In XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. **Anais XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/r6-1276-1.pdf>. Acessada em 13/03/2022.

FINGER, Cristiane. Ubiquidade. O novo desafio do telejornalismo. In EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane, COUTINHO, Iluska (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. 1 Edição - Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. O acontecimento como notícia: do conceito à prática profissional. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis, Insular, 2010.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galaxia** (Online), nº 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939/9406>. Acessada em 10/12/2022.

FRANÇA, Vera; ALMEIDA, Roberto. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. **Contemporânea**, vol. 6, nº 2. Dez.2008. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3535/2588>. Acessada em 07/02/2022.

FRANÇA, Vera; CUNHA LOPES, Suzana. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes** (Online). 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143054926005>. Acessada em 10/12/2022.

FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana (orgs.). **Acontecimentos e Reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

GLOBO, Memória. **Jornal Nacional**. A Notícia Faz História. Editora Zahar, 2004.

GUERRA, Josenildo. **O percurso interpretativo da notícia: verdade e relevância como parâmetros de qualidade jornalística**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo, Aleph, 2009.

KURTH, Estela. Representação das emissoras regionais na grade nacional de programação das redes de televisão. In VIII Congresso Latino-americano de Ciências da Comunicação – ALAIC 2006, dentro do GT de Recepção. **Anais VIII Congresso Latino-americano de Ciências da Comunicação** Disponível em file:///home/chronos/u-536ac2c8fded8626dee231fe55ede77ec1501c00/MyFiles/Downloads/2245-Texto%20do%20Artigo-6453-1-10-20080616.pdf.

LAIGNIER, Pablo. Por uma teoria do jornalismo: Muniz Sodré em busca dos elementos que compõem o acontecimento midiático. **Matrizes**. Ano 3 - nº 1, ago./dez. 2009. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143012785013.pdf>. Acessada em 13/03/2022.

LENE, Hérica. O “fato jornalístico” como conceito crucial no Jornalismo e suas imbricações como “fato histórico” e “fato social”. **Revista Ecopós**. Transformações do Visual e do Visível, v. 17, nº. 2, 2014. Disponível em https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1248/pdf_27. Acessada em 05/01/2023.

LINS, Flávio. Telefoto Jornal: um formato genuinamente brasileiro. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**, nº 1, p.155-168 janeiro/abril 2013. Disponível em file:///home/chronos/u-536ac2c8fded8626dee231fe55ede77ec1501c00/MyFiles/Downloads/9678-Texto%20do%20Artigo-40764-1-10-20130202.pdf. Acessada em 05/01/2023.

LINS, Flávio; BRANDÃO, Cristina. **Cariocas do Brejo entrando no ar: o rádio e a televisão na construção da identidade juiz-fora (1940-1960)**. Juiz de Fora: Funalfa. Ed. UFJF, 2012.

NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, 10 de dez. de 1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acessada em 22/03/2022.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

_____. Fim da televisão? **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 86-97, janeiro/abril 2011. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8799/6163>.

Acessada em 10/12/2022.

MATA, Jhonatan. A dor da gente (também) sai no (tele) jornal: a vitimização da população no telejornalismo local. **Sessões do Imaginário**, v. 15 n°. 24, 2010. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/famecos/article/view/9027>. Acessada em 05/01/2023.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira** – uma visão econômica, social e política. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2010.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. **Repositório UFP**. Disponível em <http://bocc.ufp.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acessada em 05/01/2023.

_____. Os múltiplos frames do acontecimento no jornalismo. In VOGEL, Daisi, MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis, Insular, 2013.

MORIN, Edgar. La sangre contaminada. In MORIN, Edgar. **Sociología**. Madrid: Tecnos, 1995.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MUNIZ, SODRÉ. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2o ed. - Petrópolis, RJ, Vozes, 2012.

MUSSE, Christina Ferraz. Televisão, cidade e memória: a configuração do espaço urbano pela narrativa audiovisual. **AVATARES de la comunicación y la cultura**, nº 3, Mayo 2012. Disponível em <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/avatares/article/viewFile/4752/3883>. Acessada em 05/01/2023.

MUSSE, Christina Ferraz; RODRIGUES, Cristiano José. **Memórias Possíveis: personagens da televisão em Juiz de Fora**. Editora: Funalfa. 2012.

MUSSE, Christina Ferraz; ARANTES, Haydêe Sant'Ana. Telejornalismo e memória: narrando a cidade pelas histórias de vida. In XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012. **Anais XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1639-1.pdf>. Acessada em 22/03/2022.

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Repórteres de telejornal: o perfil ditado pela Rede Globo em 50 anos de televisão. In SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande – UFMS – Novembro de 2015. **Anais SBPJor – Associação Brasileira de**

Pesquisadores em Jornalismo. Disponível em

https://pesquisafacomufjf.files.wordpress.com/2013/06/sbpjor2015final_ssimo.pdf. Acessada em 06/02/2023.

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Claudia de Albuquerque. Telejornalismo e Poder. Memórias (re) construídas pelo “Jornal Nacional”. In EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio (Orgs.). **Telejornalismo e Poder. Florianópolis (SC):** Insular, 2016.

MUSSE, Christina Ferraz; HENRIQUES, Rosali. Memória, história e narrativas: a rememoração do 11 de setembro no Twitter. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, 2019. Disponível em https://www.academia.edu/43135778/Mem%C3%B3ria_hist%C3%B3ria_e_narrativas_a_rememora%C3%A7%C3%A3o_do_11_de_setembro_no_Twitter. Acessada em 22/03/2022.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Da Anatomia do Telejornal Midiatizado: Metamorfoses e Narrativas Múltiplas. **Brazilian Journalism Research** - vol. 8, nº2, pp. 118- 134, 2012. Disponível em <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/427>. Acessada em 06/02/2023.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. Trajectos. **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-75. 2005.

_____. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana (Org). **Acontecimento e Reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica. 2012.

REIS, Marco Aurélio; THOMÉ, Claudia de Albuquerque. Um olhar sobre o papel do Whatsapp nas redações dos principais jornais do Rio. **Comunicação e Informação**, v. 20, p. 95, 2017. Disponível em <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/80015>. Acessada em 06/02/2023.

_____. O narrador dialógico na reconfiguração do Jornalismo pós-guina subjetiva. **RIZOMA**, v. 11, p. 27-48, 2022. Disponível em <file:///home/chronos/u-536ac2c8fded8626dee231fe55ede77ec1501c00/MyFiles/Downloads/17923-Texto%20do%20Artigo-80927-1-10-20221209.pdf>. Acessada em 06/02/2023.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia** Vol.II, nº 1 - 1º Semestre de 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acessada em 10/12/2022.

SILVA, Edna de Mello. Fases do Telejornalismo: uma proposta epistemológica. In EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (Orgs.). **Epistemologias do Telejornalismo**. Coleção Jornalismo Audiovisual, v.7. Florianópolis: Insular. 2018.

SILVA, Edna de Mello. Bases Epistemológicas do Telejornalismo: entre a teoria e a prática. In

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP – São Paulo – Novembro de 2017. **Anais 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Disponível em <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/721/302>. Acessada em 10/12/2022.

SILVA, Edna de Mello; GOULART DE ANDRADE, Ana Paula; REIS, Marco Aurélio, THOMÉ, Cláudia. Os elementos do regime de verdade do telejornalismo durante a cobertura da pandemia da Covid-19. 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB – 5 a 9/9/2022. **Anais 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202222005562f454c7c2af> f. Acessada em 05/01/2023.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O acontecimento nas tramas da editoração jornalística. In VOGEL, Daisi, MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis, Insular, 2013.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. O Telejornalismo entre o fato e suas representações. Ver o telejornal ou ver no telejornal? In **Communicare** – Volume 3, Edição 2 – 2º semestre de 2003. Disponível em <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/07/o-telejornalismo.pdf>. Acessada em 10/12/2022.

_____. Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.30, nº 1, p. 49-70, jan./jun. 2007. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/698/69830987004.pdf>. Acessada em 10/12/2022.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; TUZZO, Simone Antoniacci. Jornalismo, cidadania e questões sociais em uma perspectiva midiática. **Cambiassu**, v. 15, n. 25 - Jan./Jun. 2020. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19929/3/Artigo%20-%20Ana%20Carolina%20Rocha%20Pessoa%20Temer%20-%202020.pdf>. Acessada em 12/10/2022.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; ROCHA, Jordânia Bispo Rocha. O conceito de qualidade no jornalismo no discurso do telejornalismo local: uma análise a partir da ótica da TV Anhanguera/Goiás. 2017. **Repositório UFG**. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19498/3/Artigo%20-%20Ana%20Carolina%20Rocha%20PessoaTemer%20-%202017.pdf>. Acessada em 29/03/2022.

THOMÉ, Cláudia; SILVA, Edna de Mello; REIS, Marco Aurélio; GOULART DE ANDRADE, Ana Paula. As fases da cobertura da pandemia no telejornalismo local do Rio de Janeiro. In Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020. **Anais 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0560-1.pdf>. Acessada em 06/02/2023.

THOMÉ, Cláudia; MORAIS, Luciana Soares; OLIVEIRA, Ana Carolina Campos.

Retrospectiva de Cinco Décadas em Série de Reportagens. A Construção da Memória na Celebração do Jornal Hoje. XIII Encontro Nacional de História da Mídia. 2021. Anais **XIII Encontro Nacional de História da Mídia**. Disponível em https://x80071.a2cdn1.secureserver.net/wp-content/uploads/2021/09/30_gt_historiadasmidiasaudiovisuais.pdf. Acessada em 12/10/2022.

THOMÉ, Cláudia; PICCININ, Fabiana; REIS, Marco Aurélio. Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In Emerim, Cárlica; Pereira, Ariane; Coutinho, Iluska. (Org.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. 1ª ed. Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 159-196.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurélio. Novas funções e competências no telejornalismo regional. In COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárlica (Orgs.). **Telejornalismo local: Teorias e Conceitos**. V.8. Florianópolis: Insular 2019.

_____. Emoção editorializada como estratégia narrativa no telejornalismo. In XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação. 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022**. Disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202221021062f4470215f04>. Acessada em 06/02/2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, Volume I, 3ª ed. rev., 2012.

_____. **A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. 1ª Edição. Florianópolis, SC. Insular Livros, 2020 (Coleção Teorias do Jornalismo, v.2). E-book. VIZEU, Alfredo. Decidindo o que é notícia: Os Bastidores do Telejornalismo. Editora: Edipucrs. 5ª Edição. 2014. Ebook.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In Alfredo Vizeu et al, **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. Disponível em [https://www.academia.edu/385852/A_constru%C3%A7%C3%A3o_do_real_no_telejornalismo_o_do_lu%20gar_de_seguran%C3%A7a_ao_lugar_de_refer%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/385852/A_constru%C3%A7%C3%A3o_do_real_no_telejornalismo_do_lugar_de_seguran%C3%A7a_ao_lugar_de_refer%C3%A7%C3%A3o). Acessada em 10/12/2022.

VIZEU, Alfredo; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso. O Telejornalismo: o lugar de referência e a evolução das fontes. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. **60 Anos de Telejornalismo no Brasil: História, Análise e Crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

VIZEU, Alfredo; SANTANA, Adriana. O lugar de referência e o rigor do método no jornalismo: algumas considerações. **Revista Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v.1, nº 22, p. 38-48, janeiro / junho 2010. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/9997>. Acessada em 06/02/2023.

VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene. **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis, Insular, 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Trad. Karina Jannini. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 2006.

YIN, Robert. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. Bookman. 2011.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento: Uma viagem filosófica através de um conceito**. Editora Zahar, 2017.

You Tube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eb29jpp8DMY>. Acessada em 10/01/2023.

ENTREVISTAS

EMILENE SILVA. Entrevista [15/11/2022] Entrevistadora: MORAIS, L., 2022.

VANESSA RODRIGUES. Entrevista [17/11/2022]. Entrevistadora: MORAIS, L., 2022.

MARIA DE FÁTIMA DINIZ. Entrevista [23/11/2022]. Entrevistadora: MORAIS, L., 2022.

HILDA MENDES. Entrevista [03/12/2022]. Entrevistadora: MORAIS, L., 2022.

AUGUSTO MEDEIROS. Entrevista [06/12/2022]. Entrevistadora: MORAIS, L., 2022.

FABIANO RODRIGUES. Entrevista [08/12/2022]. Entrevistadora: MORAIS, L., 2022.

LARISSA ZIMMERMANN. Entrevista [11/01/2023]. Entrevistadora: MORAIS, L., 2023.

APÊNDICE A – Entrevista com Emilene Silva

Transcrição da entrevista com Emilene Silva, ex-gerente do Núcleo Rede da TV Integração e atual editora do Jornal Hoje, da Rede Globo, realizada virtualmente em 15/11/2022.

Luciana Morais - Qual o seu período de atuação na TV Integração?

Emile Silva - Eu fiquei na TV de 1998 a 2020, setembro de 2020, porque eu saí numa semana e já viajei na outra. Então, foram 22 anos. Nesses 22 anos eu entrei como estagiária em 1998. Então, de 1998 a 2000, eu ainda estava na faculdade, terminando a faculdade. Eu terminei a faculdade em 1999, mas já entrei como estagiária e acabei ficando. De 2000 a 2006 mais ou menos, eu fiquei na produção, edição e apresentação, porque eu tive um programa, que se chamava “Revista Semanal”, era um programa de cultura e entretenimento, bem bacana mesmo, e passava aos sábados, em um horário optativo que a Globo disponibiliza para as afiliadas. Hoje é um horário que passa, eu não vou saber, mas logo depois do Praça 1, que eles disponibilizavam esse horário, depois do Praça 1 não, depois do esporte. De 2006 a 2010 mais ou menos, eu fiquei como gerente de jornalismo de Uberlândia. Eu era responsável por Uberlândia e por Patos de Minas. A TV Integração nessa época tinha três emissoras. Então, tinha a emissora de Uberlândia, que era Uberlândia e Patos de Minas, no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, a emissora de Uberaba e a emissora do centro-oeste, que ficava Divinópolis e Araxá. Depois que veio a emissora de Juiz de Fora com uma configuração diferente e um gerente específico, porque já era uma região muito maior. Então, nesse período que eu fui gerente e no interior a gente vai desempenhando várias funções, nunca deixei de editar ou de apresentar programas de vez em quando, para o jornal local ou esporte, sempre que precisava. E teve um período que, talvez, tenha essa pergunta mais pra frente, era um repórter só. Não existia um Núcleo. Enfim, fechando só o período em que trabalhei, até 2010 a 2020 efetivamente no Núcleo Rede cuidando do funcionamento, do conceito do Núcleo Rede da TV Integração.

Luciana Morais - E no período que você trabalhou na TV, havia um Núcleo de Rede para atender as demandas da rede nacional? Como era esse trabalho?

Emilene Silva - Não existia esse Núcleo formado, formalizado. Como funcionava? Existia um repórter, que era o Luiz Gustavo. Ele começou a fazer reportagens para a rede e ele foi criando um relacionamento, uma constância e ele oferecia, organizava a edição. Ele viajava a área toda da TV. Então, era ele que fazia as reportagens para rede em qualquer região. Quando era um factual, depois não sei se você vai traduzir no seu trabalho um factual, mas

quando ocorria alguma notícia inesperada, vamos dizer assim, ele mesmo, pegava imagem de algum lugar, de outro, sempre era em cima dele. Até que em um determinado momento eu comecei a editar com ele, então eu comecei a ser editora dele. E aí ele tinha um produtor. Isso já foi mais perto de 2010. Não foram muitos anos nessa configuração. Ele teve um produtor, pelo menos dois produtores, o Júlio e depois a Karla, durante um bom tempo, a Karla Cadavid. E eu passei em um determinado momento editar. Quando ele saiu, eu já tinha contatos. E como é que funcionava naquela época? Naquela época você tinha os repórteres que faziam, por exemplo, o Jornal Nacional, isso pra todo mundo. Você tinha os repórteres que faziam. Tinha um conceito que hoje é muito mais abrangente, que tudo vai mudando com a evolução também da sociedade e tinha um conceito de que entravam os mesmos repórteres para as mesmas regiões, porque o público tinha uma identificação com os repórteres. Viam o Luiz Gustavo, então é notícia de Minas, é notícia lá do interior de Minas. Então, existia esse conceito de que o público tinha uma identificação com o repórter. E isso foi mudando, foi evoluindo até que outros repórteres passaram a entrar. Então, quando eu entrei não existia esse Núcleo e a partir de 2010 quando o Luiz Gustavo, o repórter Luiz Gustavo deixa a TV é sentida a necessidade de ter uma relação mais próxima, aproximar a relação com essas pessoas dos jornais de rede, porque quem fazia era ele e eu já tinha começado a fazer esse contato quando ele saiu. Mas, era um contato por telefone até. No entanto, quando ele saiu nós fizemos uma mini comitiva, vamos dizer assim, e fomos eu e outros profissionais da TV, gerentes também, para se apresentar. Nós estivemos principalmente no Rio. E a emissora quis criar esse conceito de Núcleo Rede. Então, como funcionou? A partir desse momento eu passei a ser gerente do Núcleo Rede, eu editava também o material de Uberlândia, mas tendo alguém de referência em Uberaba, alguém de referência em Divinópolis e mais pra frente quando foi adquirida a emissora de Juiz de Fora. A emissora de Juiz de Fora já tinha algo mais estruturado em relação a isso. Tinha um relacionamento mais próximo, tinha outra estrutura, uma emissora que já havia sido Globo em outro momento, então ela já tinha uma estrutura. Então, de 2010 a 2020 passou-se a ter esse Núcleo, a gente passou a ter um relacionamento maior com essas pessoas e esse Núcleo foi evoluindo. No início, não eram pessoas exclusivas, depois passou a ser exclusivas, mas que no interior acaba fazendo um pouco de tudo e ajudando os jornais locais também e nós passamos também a formalizar como era essa participação, quantas participações por mês, eu passei também a fazer uma contabilidade, uma planilha. E esses produtores também do Núcleo Rede na minha concepção tinha que ter pelo menos um produtor/editor. Ter um repórter, mas o relacionamento era firmado por ter um produtor/editor exclusivo e dedicado para que ele pudesse procurar e

oferecer notícias diariamente aos telejornais. Se você não oferece, você não é lembrado e a notícia não chega. Às vezes é até notícia de interesse, mas se você não tem um estrutura para oferecer acaba morrendo nos jornais locais, não ganhando alcance nacional por falta de estrutura. Então, foi isso que eu tentei nesses dez anos e que eu acredito que posso dizer que a gente teve sucesso nesse trabalho. Teve um momento que eu cheguei a fazer um balanço. E eu tenho essas apresentações com os retornos dos jornais de como era a participação da TV Integração, de como eles viam a participação da TV Integração, a forma como era organizado e a forma como era oferecido. E tive um bom relato, bons retornos dos jornais, do que eles achavam. Então, é isso, quando eu entrei não tinha e quando nós criamos tivemos pelo menos dez anos de um Núcleo estruturado.

Luciana Morais - Mas, quando você diz que vocês foram lá na Globo nessa época de 2010, partiu de vocês da TV Integração ou foi uma demanda da Globo?

Emilene Silva - Partiu de nós, porque o que eu entendia, é que com a saída do Luiz Gustavo, eles perdiam uma referência que eles conheciam e confiavam. Eles precisavam ver um rosto, olha quem é essa pessoa que a gente vai confiar agora, porque relacionamento é isso né? Não que isso vai fazer ou não a notícia entrar. Acho que a gente vai entrar nesse assunto mais para frente, mas as pessoas precisam saber quem é que vai me atender do outro lado da linha, eu posso confiar? Então, a demanda foi nossa. Nós que nos organizamos e fomos nos apresentar.

Luciana Morais - E quem eram as pessoas que faziam parte desse Núcleo Rede? Como as funções eram desempenhadas por essas pessoas?

Emilene Silva - No início era só o Luiz Gustavo, durante muitos anos, depois passou a ter um produtor, depois de muitos anos começou a contar com um editor, eu editava, mas não era exclusiva, editava com ele também. Depois disso, quando a gente foi montar o Núcleo, o que eu pedia para essa estrutura era pelo menos um produtor/editor. O repórter a gente trabalharia, ter repórteres exclusivos no interior não tem uma produção diária para rede. Então, não tinha condições de ter um repórter dedicado exclusivamente e a gente precisaria dividir esse repórter com as produções locais. Então, em um momento a gente conseguiu ter essa gerência, que eu era responsável pelo Núcleo e um produtor/editor em cada lugar. E os repórteres? Os repórteres o que a gente tentou foi ter pelo menos um repórter de referência em cada emissora. Por um bom tempo a gente teve em Uberlândia um repórter de rede, o repórter de rede de Uberaba. O repórter de rede de Divinópolis, nós trouxemos o Augusto Medeiros, que ficou no nosso Núcleo por bastante tempo também em Divinópolis e depois a Fernanda Vieira teve

um acidente, inclusive a equipe estava em viagem para o Fantástico, a gente estava tentando uma produção e teve um acidente grave, ela ficou bastante tempo afastada. Trouxemos o Augusto para Uberlândia e aí começamos a trabalhar outro repórter para Divinópolis. Por que ter um repórter em Divinópolis? Porque Divinópolis é bem pertinho de Belo Horizonte e nós precisávamos ali atender a demanda e para que tivesse a área da TV Integração, porque toda vez que tivesse a notícia lá, não tivesse que vir um repórter da capital. E que fosse um repórter da TV Integração que tivesse um vínculo com aquela região ali, que tivesse um reconhecimento daquela região.

Luciana Moraes - Quais os tipos de produções, produzidas ou factuais, em termos de conteúdos editoriais, se faziam para a rede? Qual era a frequência dessas produções e para qual jornal de rede mais se produzia?

Emilene Silva - Eu tenho todos os nossos relatórios, eu posso ver qual era o jornal, não sei se exatamente você em algum momento da sua pesquisa você quiser delimitar, eu acho que seria até interessante as planilhas, um período, três meses do ano “x”, e você pegar as planilhas, você vai entender qual eram os jornais que se faziam mais, você consegue descrever para quais eram. Mas, o que eu pensei quando eu assumi o Núcleo, por exemplo, o Luiz Gustavo não conseguia atender os programas de entretenimento, atendia muito pouco. Quando eu passei a editar, nós passamos a fazer também para o Mais Você. Nós fizemos algumas produções para o Mais Você que foram até reconhecidas e que o pessoal vai lembrar. Uma produção bem bonitinha que nós fizemos era de um senhor, era bem mineiro, a produção era sobre mineiridade. Então, a produção nasceu com um link. Nós fizemos um link. Era um senhor que se chamava seu Nenê. O seu Nenê conversando ali com a Ana Maria disse que não conhecia o mar. Naquele momento ela decidiu que iria levar seu Nenê para a praia. Depois de um link nós fizemos uma reportagem enorme, fizemos link, o Luiz Gustavo viajou com Nenê para o Rio de Janeiro, ele foi a praia, eles foram ao Projac. Então assim, teve todo um desdobramento. Vamos lá de uma forma organizada. Para quais jornais a gente fazia mais? O que eu fiz no início foi reunir essa equipe, era uma equipe pequena, mas quais eram as nossas oportunidades? Quais eram os jornais? Então, mapeamos todos os jornais de rede do canal aberto, na época não tinha o Hora 1 ainda, nasce depois, mas era Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, JN, JG e Globo Rural. Inicialmente a gente focava muito neles e fomos trabalhando. Aí nasceu o Mais Você, mais uma oportunidade pra gente fazer produções. E em um dado momento, nós afiliadas, a TV Integração, não tinha uma estrutura que a gente conseguia atender os jornais do canal aberto e do canal fechado, Globo News e Sportv. Mas, com essa

organização, a gente começou a mapear todas as nossas oportunidades da Globo News, não só os jornais de hora em hora, mas nós fizemos programas muito legais também como “Mundo S/A”, “Cidades e Soluções” e outros da Sportv também, porque também começou a ter mais times, de vôlei, de basquete, a gente viu que ali a gente tinha oportunidade. Então, a gente passou a atender todos esses telejornais. Isso possibilitou que a gente tivesse vendas diárias, porque não é todo dia que você tem participação no Jornal Nacional no interior. Não é todo dia que você vai ter um assunto que vai render Bom Dia Brasil, mas a gente tinha assunto que praticamente rendia todo dia Globo News ou material para o Sportv. Então, a gente começou a vender para todos esses telejornais. Nós mapeamos, sentei com a equipe e expus quais eram os telejornais e propus metas. Cada um tinha “x” de metas para vender por dia e chegar ao fim do mês. E com isso nossa participação foi crescendo. Se você vende mais, em algum momento, oferecendo mais assuntos, esses assuntos em um dado momento tem mais chances de emplacar também. Aí qual jornal que participava mais? De cabeça não vou saber qual mais, mas a gente tem que lembrar qual jornal tem mais espaço. O Bom Dia Brasil era um jornal que tinha mais espaço, mais tempo de grade. Jornal Nacional, menor tempo de grade e uma concorrência muito maior, porque você tinha também e tem até hoje concorrência de Brasília, das capitais maiores, de São Paulo e do Rio, material de internacional. Então, para o JN diariamente a gente tinha uma oportunidade menor, mas uma oportunidade maior para o Bom Dia Brasil. No início a gente começou a participar mais foi no Bom Dia Brasil e tinha duas coisas também. Tinha o Globo Notícia, que eram poucos minutos de notícias de manhã e à noite, antes do JH e antes do JN. Então, era um espaço que a gente tinha de colocar o repórter para aparecer tal repórter. Então, isso foi evoluindo. Como que a gente quer que tal repórter seja visto nos telejornais de rede e que os produtores de rede, os coordenadores de rede conheçam esse profissional, saibam que ele faz um trabalho bacana, saiba que ele é de confiança? A gente apostava muito no Globo Notícia e também dos materiais para Globo News também. É engraçado, mas é estratégia de venda para colocar a notícia lá.

Luciana Moraes - E a rede nacional demandava muitas produções? Quais os tipos de produções? Qual era a frequência dessas demandas?

Emilene Silva - Inicialmente como era só com o Luiz Gustavo, a demanda era menor, mas ele oferecia quando ele tinha pelo menos um assunto. A partir do momento que a gente se estruturou, mapeamos os telejornais, começamos a vender e as pessoas começaram a entender onde nós estávamos, as demandas começaram a vir. Não só para os telejornais, mas para os programas do entretenimento e da Globo News. Mostrar a região, às vezes não é com uma

reportagem completa, mas com contribuição. Por exemplo, vamos mostrar como está a vacinação pelo Brasil. E aí a TV sempre participava também. Às vezes, a gente não conseguia fechar uma reportagem inteira, mas a gente participava com personagem. Então, essas demandas começaram a vir e nós atendemos todos os tipos de demanda. Teve uma época que a gente tinha muita demanda para o Faustão. Faustão tinha aqueles quadros, “Se Vira nos 30”, depois quando lançou o Bem Estar. O Bem estar demandava bastante personagens, sonoras curtas, perguntas para os especialistas. Então, a programação foi mudando e como nós já estávamos conhecidos, as demandas cresceram muito e realmente a gente tinha demanda diariamente.

Luciana Morais - E como você avalia os critérios de noticiabilidade em relação às produções do telejornalismo local exibidas em rede nacional?

Emilene Silva - Os critérios critérios acredito que eles não mudaram muito, desde que a própria Globo se organizou. A própria organização da Globo em relação às afiliadas e uma coordenação do jornalismo, do marketing, do comercial, a forma como ela está estruturada, possibilita que ela dê uma abrangência maior do Brasil, que o Brasil seja de uma forma mais plural nos telejornais e nos programas. O que é critério? Com a notícia ninguém briga. Caiu um avião, morreram “x” pessoas, primeiro caso de *monkeypox*, primeira pessoa vacinada. Notícia é notícia. Algo que aconteceu que vale para o Brasil inteiro. E os outros? Os outros, o critério que eu vejo é o que aconteceu no interior de Minas interessa para quem mora lá no Amazonas? É um exemplo, contribuiu para vida de quem também mora lá? Pode ajudar no desenvolvimento. Pra notícia são pelo menos dois critérios que são muito claros e depois é muito abstrato quem está fechado o jornal, porque os jornais são fechados e você tem um cardápio por dia. Nesse cardápio os telejornais avaliam o que está acontecendo no Brasil inteiro. Todos os telejornais de rede. E eles também vão recebendo demandas também de todo o Brasil. Então, a gente que está no interior, ficávamos de olho pra quais assuntos poderiam estar nesse cardápio daquele dia do telejornal. Ah é vacinação? Eu não consigo fechar uma reportagem, mas eu tenho um personagem pra oferecer. No interior a gente não tem grandes factuais. Factual ninguém briga, é notícia, tem que estar lá, os telejornais vão dar. Mas, fora isso, como participar? É uma história de comportamento que a gente pode contar pra fechar um jornal, pra deixar as pessoas com coração quentinho?! Pode ser um exemplo de vida. Os critérios são abstratos, vamos dizer assim, vai depender de quem está fechando o jornal e depender desse cardápio do dia também. Factual ninguém se briga e os outros vão demandando. É um dia que a gente está fechando material do dia da prova do Enem. Então, às

vezes uma aula num cursinho que é de graça não seria notícia normalmente, mas num determinado dia do ano, mais perto do Enem pode ser uma reportagem pra mostrar que lá no interior de Minas o pessoal está estudando de graça, com professores voluntários, pode casar bem com aquele cardápio do dia. Especificamente no nosso trabalho na TV Integração a gente ficava de olho nisso, o que era notícia no dia. Ah, vai ser a divulgação do imposto de renda, volta às aulas. Então, tem assuntos que qualquer afiliada pode fechar de qualquer lugar, com contribuição dos outros. Como não tinha notícia todo dia, factual todo dia, a gente ficava de olho com o que estava acontecendo no Brasil e no mundo que a gente pudesse repercutir.

Luciana Morais - Você acredita que o relacionamento entre os profissionais favorece que uma notícia local seja exibida em nacional e como?

Emilene Silva - Em relação ao relacionamento pessoal não acho que ela é determinante, porque não é que eu acho que um canteiro de flores azuis é notícia, que o produtor que está do outro lado, porque ele gosta de mim, porque que a gente tem um bom relacionamento, que vai para o ar. Não acho que é nesse sentido. Agora o que eu acho é que o relacionamento no sentido de posso confiar que aquele profissional entrega o que ele está me dizendo. Então, pode ser que em um dado momento tenha uma notícia que a afiliada pode ou não fechar, mas esse relacionamento de confiança, de entender que a gente entrega o produto, eu acho que esse tipo de relacionamento sim, ajuda saber que vai chegar a notícia, pode contar que o material vai chegar.

Luciana Morais - E como eram as relações pessoais do telejornalismo local com os profissionais da rede?

Emilene Silva - A partir do momento que a gente criou esse Núcleo em 2010, fomos lá, fizemos a visita e depois passamos a cultivar esse relacionamento, porque não é uma coisa que você vai lá e faz uma visita, vai embora e tchau. Então, nesse caso, relacionamento entre local e nacional é também ter bons assuntos para oferecer sempre. A relação sempre foi muito boa, de confiança, de saber que a gente entregava o material bom, que quando você fala em demanda, nós passamos a ser mais demandados por essa questão de confiança.

Luciana Morais - E você acha que uma notícia local só pela noticiabilidade tem mais chances de entrar em rede nacional ou se o profissional for conhecido pela rede facilita para que a notícia local seja exibida?

Emilene Silva - Não é só porque o profissional é conhecido que essa notícia vai entrar. Mas,

se existe um conhecimento, uma confiança, isso sim, não é que facilita, mas é um ponto a favor ter esse relacionamento cultivado e entregar o material em tempo. Isso sim ajudava a gente. Mas, não ajudava porque a gente era, como eu posso dizer, não éramos preteridos ou preferidos, porque éramos legais ao telefone. Não é isso. Recebíamos demandas, porque entregávamos e tinha uma relação de confiança.

Luciana Morais - Além das relações pessoais você acredita que a tecnologia contribuiu para que uma notícia local seja exibida em rede nacional?

Emilene Silva - Sim, porque se você é uma afiliada do interior, se você não tem um equipamento com uma qualidade que vai chegar lá compatível com o que é exibido em rede, dificulta. Trabalhava em uma emissora que sempre que a gente esteve lá, prezava por ter bons equipamentos, boas imagens, sempre investir em tecnologia. Isso também ajudava, porque a gente tinha um material de qualidade para entregar. Então, a tecnologia sim, posso dizer que é fundamental também, não só o relacionamento, mas a tecnologia o mesmo peso. Por exemplo, se acontece algo, num lugar distante, que você não consegue entrar ao vivo, como você vai conseguir atender as demandas da rede? Como que aquela notícia local vai chegar aos telejornais nacionais se você não consegue chegar? Então, a tecnologia, o investimento da emissora em todo esse período foi muito importante.

Luciana Morais - Nesse sentido, você acredita que para além dos critérios de noticiabilidade, as relações pessoais e a tecnologia são facilitadores para que uma notícia local seja exibida em rede nacional? E você apontaria um outro crivo facilitador para que essa notícia seja exibida, além da tecnologia, além do relacionamento, além do próprio critério de noticiabilidade?

Emilene Silva - Sim, a tecnologia é fundamental, além de tudo isso, lembrei que a agilidade também, porque não adianta ter a melhor tecnologia, ter um bom relacionamento, ter a notícia, ter o critério de noticiabilidade, mas não ter a agilidade para chegar ao local, ter a vontade de fazer. Destacaria a agilidade, destacaria também a qualidade das apurações, confiança no material que você vai entregar, já falei algumas vezes, mas vale repetir. Então, para além de tudo isso, tecnologia, relacionamento, vontade de chegar e chegar primeiro, agilidade, disponibilidade sabe? No interior a gente sabe que talvez uma das diferenças do interior com a capital é que no interior nós somos poucos né? Então, acaba que uma notícia, um, dois três profissionais ficam ali trabalhando direto, porque não tem tantas pessoas envolvidas e se você não estiver com profissionais que estiverem com vontade de fazer realmente, teve um factual, se envolver, engajar e querer não adianta ter a melhor câmera.

Luciana Morais - O que você acha que mudou nas produções de notícias no telejornalismo?

Emilene Silva - Vamos delimitar. Vou falar desse período que estive a frente do Núcleo, de 2010 a 2020. Primeiro que a tecnologia foi evoluindo e nós fomos tendo a possibilidade de chegar em locais mais distantes, depois fomos tendo a possibilidade de enviar, porque primeiro a gente tinha o telefone, a internet não era algo que possibilitasse esse tráfego de informações e sinais e conteúdo, de forma tão rápida. Então, isso foi evoluindo. Antes a gente tinha que sair da rua, tinha que chegar a fita na emissora, depois disco, depois cartão de memória. Então, tudo foi evoluindo né? As mídias, as câmeras, a tecnologia, a possibilidade de mandar um material de um lado para outro, do repórter poder mandar o material da rua, de gerar o material da rua, gravar uma entrevista aqui e já mandar para a emissora, pra já poder iniciar a edição. Então, tudo isso mudou. Até com o início da pandemia, que pra mim foi uma das grandes rupturas também, que isso em relação a qualidade da imagem não é que deixou de privilegiar a qualidade da imagem, mas é que a notícia passou a ser mais importante do que qualquer coisa mesmo. Então, com a pandemia você não podia estar com as pessoas, em contato, cara a cara, deu mais mobilidade pra gente usar um *skype*, gravar as entrevistas e com a qualidade diferente do que a câmera gravando ali e o repórter ali. Mas, acho que foi uma das maiores rupturas dos últimos anos, digamos assim. Então, quem está fechando material no interior, passou a não precisar. Preciso que Mato Grosso grave uma entrevista com o responsável pela Pró-Soja, por exemplo. Meu repórter grava no interior e ele mesmo faz o *skype* e está com a entrevista ali. Essa foi uma das grandes mudanças. A tecnologia e a necessidade fizeram a gente dar um passo a mais, encurtou a distância, enfim, mais possibilidades da gente estar com outras pessoas, com autoridades, gente que tenha uma, talvez, um currículo, mais experiência em determinado assunto e a gente ter a possibilidade de ouvir aquela pessoa. A pessoa mandar um vídeo, por *skype*. Essa última guerra entre Rússia e Ucrânia quando a gente parar pra avaliar. Olha, nas últimas guerras você tinha imagens que os repórteres enviavam e em algum momento você tinha alguma coisa de internet, mas dessa, as pessoas que estão lá na guerra contribuem, mandando vídeos, a gente participa mais. Você tem um cidadão relatando e reportando o que ele está vivendo ali, tecnologia, né? Então, do que eu vi nos últimos anos, principalmente isso assim, o desenvolvimento da internet, das redes sociais, como isso deixou o cidadão cada ano mais ativo. Não é só passivo, já é meio clichê a gente falar, o telespectador não só assiste, isso vem evoluindo aos poucos e em um dado momento começou a ser muito rápido. A pessoa tem um celular na mão e começa a reportar o que está acontecendo. Telespectador muito mais ativo,

na comunicação mesmo, no padrão de comunicação que a gente tem.

Luciana Moraes - Como avalia o telejornalismo local e o nacional?

Emilene Silva - O telejornalismo local é fundamental para comunidade onde ele está inserido, porque não é só a notícia, você tem a notícia, você tem o serviço, pra população, saúde, elas se consultam, tiram dúvidas quando os telejornais levam os especialistas. Então, o telejornalismo local é de fundamental importância para aquela comunidade que ele está inserido, para aqueles da comunidade se ver, para aquela comunidade entender o que acontece na região dela, o que tem de desenvolvimento na região dela, o que tem de oportunidade de emprego, o que tem de oportunidade de estudo. Então, ele é fundamental, para que a comunidade se veja, e conheça suas experiências, as pessoas com as quais as instituições e pessoas com as quais aquela comunidade convive. E até para que tenha opinião e para que faça melhores escolhas na sua vida política. Então, eu acho que o telejornalismo local noticia, informa, une, leva cultura para pessoas daquela região onde está inserido. E agora, qual importância dos telejornais nacionais? É que em um dado momento, o que acontece no Rio Grande do Sul interfere na vida de quem está em Minas Gerais. O que acontece no Espírito Santo é importante pra quem está no Amapá. Então, os telejornais locais são importantes na medida que eles mostram um pouco o que está acontecendo no Brasil. Não adianta todo mundo que mora no Rio de Janeiro vacinar, porque a paralisia pode voltar e esse vírus vai viajar pelo Brasil, pelo mundo. Então, os telejornais locais são importantes para trazer informação também, para o funcionamento da vida das pessoas. Nós não temos mais limite, né? Nós vivemos numa sociedade global já faz algum tempo, né? Mas, cada dia é mais importante para que as pessoas entendam o que acontece em volta e no mundo e por isso, o telejornalismo local é importante para que a comunidade se veja, se informe e o telejornalismo nacional é importante para que exista integração deste país, que fala a mesma língua, que gosta dos mesmos esportes talvez. Então, é importante nessa medida.

APÊNDICE B - Entrevista com Vanessa Rodrigues

Transcrição da entrevista com Vanessa Rodrigues, ex-produtora do Núcleo Rede da TV Integração Juiz de Fora e doutoranda em Cinema e Audiovisual da UFF, realizada virtualmente em 17/11/2022.

Luciana Morais - Qual era sua função e período de atuação na TV Integração?

Vanessa Rodrigues - Eu comecei na TV Integração em 2010, primeiro como estagiária, em outubro e fiquei até abril, seis meses. Em seguida, eu fiquei três meses cobrindo uma licença maternidade e aí surgiu uma vaga, em 2011, e eu fui contratada. Eu fiquei de 2011 até 2017. Eu fui contratada em 2011 como produtora dos telejornais locais e depois eu passei a produtora de rede, primeiro ajudando na edição de alguns materiais, mas na minha função, meu cargo, era principalmente na produção da rede. O Fabiano saiu em março de 2017, o Fabiano Rodrigues e aí mais ou menos cinco meses antes de mim, e aí nesse período que eu fiquei responsável tanto pela produção quanto pela edição, porque até então, a gente dividia. Eu ficava na produção e ele ficava na edição ou quando ele não podia, férias, tinha outro compromisso que eu ficava na edição. Foi mais ou menos essa situação aí.

Luciana Morais - De fato, quando você começou no Núcleo Rede?

Vanessa Rodrigues - Quando eu comecei, lá em 2011, não tinha um Núcleo de Rede propriamente assim, um Núcleo propriamente estruturado. Geralmente, o Virgílio Gruppi, recebia as demandas, personagens, links, mesmo VT, por exemplo, um JN no Ar, e aí ele me passava essas demandas ou quando eu falava com ele umas possíveis ofertas, ele avaliava. Aí ele ou eu enviava para os telejornais ou para os programas que a gente achava que se encaixavam ali. Aí depois, quando o Fabiano e o Augusto chegaram, que foi ali por volta de 2013, se eu não me engano, o Núcleo de Rede foi consolidado digamos assim. A gente formou uma equipe voltada realmente para esses materiais de rede, porque com o Virgílio eu fazia o conteúdo para o local e quando surgia uma demanda, eu entrava nessa demanda e gerenciava. Esse núcleo se instala com a chegada do Fabiano e do Augusto.

Luciana Morais - E quem eram as pessoas que faziam parte desse Núcleo Rede e quais eram as funções desempenhadas por cada uma delas?

Vanessa Rodrigues - O Augusto ficava na reportagem, o Fabiano ficava na edição e eu ficava na produção. Claro, assim, eu estou citando o Augusto, mas em questão de reportagens variava muito. Alguns telejornais exigiam a presença do Augusto, por ele ser já alguém

conhecido. Mas, a gente tentava colocar outros repórteres, por exemplo, na Globo News, no Globo Rural, em outros telejornais que não tinham muito esse critério, a gente tentava de algum forma inserir os outros profissionais, outros repórteres, porque a gente entendia a importância disso pra eles e pro nosso próprio telejornalismo local também que ganhava uma visibilidade. O Felipe Menicucci participava de muita matéria no Globo Rural principalmente, eu acho que era um dos que mais participava assim nessa época. O Cadu também participou bastante e todos eles acabavam participando de alguma maneira ou outra, mas tinha às vezes uma linguagem mais voltada que ia ao encontro do telejornal.

Luciana Moraes - Quais os tipos de produções, produzidas ou factuais, em termos de conteúdos editoriais, se faziam para a rede? Qual era a frequência dessas produções e para qual jornal de rede mais se produzia?

Vanessa Rodrigues - Então, a gente tentava trabalhar oferta para todos os telejornais da rede e para todos os programas de rede, assuntos mais variados assim, era muitas vezes questões da economia, cultura ou rural, turismo da região, por exemplo, São João del Rei, Ibitipoca, curiosidades da região também. A gente explorava também bastante as pesquisas das universidades. A gente tem a UFV e a UFJF com bastante conteúdo interessante e assuntos de saúde, violência doméstica. Então, a gente tentava oferecer um cardápio bem variado e aí ia de acordo com o assunto que a gente tinha. Tinha um assunto e aí a gente olhava para qual jornal esse assunto era mais propício. A gente tentava trabalhar a angulação e vendia. Às vezes ficava na gaveta um tempão, muitas vezes não entrava e a gente tentava ofertar pra todo mundo digamos assim. Eu acho que o que mais emplacava eram as reportagens para o Globo Rural, para Globo News e para o Como Será, entrava bastante coisa. Eu acho que eram as três assim, que criou uma parceria, que era mais fácil de enviar e ser bem recebido, digamos assim.

Luciana Moraes - A rede nacional demandava muitas produções? Você consegue lembrar quando ela começa a demandar mais produções de vocês e com que frequência? E se você acha que essas demandas da rede vem a partir de um determinado momento que vocês oferecem factuais e materiais produzidos e eles começam a ver o trabalho de vocês, e com isso, começam a demandar mais?

Vanessa Rodrigues - Então, como eu disse, no início era mais esporádico que surgia alguma demanda, antes de criar esse Núcleo. E aí com o tempo, e eu acredito que é com essa percepção mesmo da rede de que a gente era um Núcleo, que a gente era comprometido, que a

gente estava em função de entregar os pedidos, pensando na questão de um prazo, do prazo hábil, porque a gente sabe que tem que gerar o material até determinada hora, com qualidade também, essas demandas com o passar do tempo elas foram aumentando, porque as pessoas sabiam, “vou pedir para aquela afiliada ali, ela vai me entregar, vai ser um material bom e eu vou poder contar com eles”. O texto que a gente entregava, via que era um material bom, de qualidade, via que a gente estava comprometido mesmo com aquilo. Se precisasse refazer o texto não sei quantas vezes a gente refazia, que não era um problema. Então, isso foi crescendo. E o que a gente tentava fazer, era sempre ter alguma coisa e toda semana tinha, sabe? Fosse uma sonora, fosse um personagem, um link para a Globo News, um VT, porque eu produzia para o MG Rural, mas muitas vezes eu produzia para o MG Rural, pensando no Globo Rural. O Fantástico pedia bastante coisa, o Bom Dia Brasil, a Globo News pedia muito, principalmente link. Época de carnaval era todo dia, se tivesse algum evento, fazia de estúdio, fazia link em vários locais e também como eu participava das reuniões de pauta do Bom Dia Brasil de manhã, ficava por dentro do que estava acontecendo e aí a gente oferecia tanto conteúdo do nosso local, mas ficava atento. Eles estavam fazendo greve dos caminhoneiros, aí a gente via se na nossa região tinha alguma coisa. Já ficava com esse olhar mais atento para tentar oferecer esse material. Essas pautas do MG Rural a gente sempre pensava pra tentar entrar no Globo Rural. A gente emplacou muita coisa, especialmente, quando o Globo Rural era diário. Então, quando era todos os dias, acho que eles tinham uma demanda maior de conteúdo. Então, era assim, todos os dias pensando no calendário, safra de que, onde produz isso. Emater parceria constante para saber produção e a gente tinha vantagem que Minas Gerais é muito grande e a nossa área de cobertura é muito grande. Então, procurava plantio de morango, de quiabo. As produções eram bastante demoradas, já fiquei praticamente fazendo produção por três meses, levantando dados, procurando personagens, enfim, para construir uma matéria. Uma matéria que a gente fez para o Fantástico sobre as imprudências dos trens. Tinha essas questões também. Uma vez eu fiquei três meses basicamente só com esses três conteúdos. Nossa periodicidade nesse tempo não ficou tão constante, mas a gente atendia as demandas e as ofertas ficaram meio paradas, porque eu estava me dedicando a uma outra matéria. Tem essas oscilações também.

Luciana Morais - E como eram as relações pessoais dos profissionais do jornalismo local com os profissionais da rede?

Vanessa Rodrigues - As relações no geral eram boas ou melhor, elas foram melhorando também com o passar do tempo. No início, eu acho que houve uma certa dificuldade até das

peessoas entenderem a importância do Núcleo de Rede. Muitas vezes essas pessoas não viam a gente produzir, porque acabava sendo um trabalho mais solitário, porque era só uma pessoa da edição de rede e uma da produção. O Augusto ficava também no local e não estava ali no cotidiano tanto com a gente. Então, era eu e o Fabiano, em um período, o Fabiano no outro, muitas vezes eu acho que não entendiam. A redação pegando fogo, monte de coisa acontecendo, buraco na grade pra todo lado e você concentrado pra uma coisa que não era para aquele dia. Era uma produção que você estava fazendo e que ia demorar uma semana. Então, no início eu sentia que não era tão receptivo, mas com o tempo isso foi melhorando. Eu acho que isso aconteceu também, porque eles entenderam a importância desse Núcleo de Rede para própria visibilidade da afiliada, da TV Integração de forma geral, tanto para o local, mas para o nacional. Você estava sendo reconhecida, é a empresa que você trabalha. Então, independente de você estar ou não fazendo aquela matéria, é a visibilidade da sua região, da empresa que você trabalha. Mas, com o tempo foi ficando mais fácil. Mas, no começo eu achei meio difícil.

Luciana Morais - Você acha que uma notícia local só pela noticiabilidade tem mais chance de entrar em rede nacional ou se o profissional for conhecido pelo trabalho dele facilita essa relação?

Vanessa Rodrigues - Eu acho que vai depender muito da notícia que a gente está falando. No caso se for um factual vai depender muito de que é a notícia, um desabamento, morte e pegou aquilo na hora. Pela própria notícia em si aquele material vai entrar. Agora, dependendo da oferta que você faz, acho que essa relação interfere essencialmente, muito. Porque quando você já tem esse relacionamento, a equipe da rede já conhece mais ou menos o repórter, o texto, o material mais ou menos que vai entregar, sabe que você vai cumprir os prazos, então é muito mais fácil. Fora que você já tem a pessoa certa que você vai falar, o que é muito mais fácil do que você enviar para um e-mail. É muito mais fácil você direcionar o seu pedido para uma pessoa específica. A pessoa vai cuidar da sua oferta. Ela vai te ligar se ela tiver alguma dúvida. Então, com certeza, se você já tem esse contato com alguém da rede, é muito mais fácil você conseguir emplacar alguma coisa. Eu lembro de um episódio do Fantástico, eles estavam fazendo um VT sobre uma seca, não me lembro o ano, aí eles precisavam de um personagem inusitado que fizesse alguma coisa diferente, uma simpatia, qualquer coisa que fosse. Eu fiquei o dia inteiro, eu tinha chegado oito horas da manhã e fiquei pensando até seis horas da noite, onde que daria pra fazer isso. Aí que eu lembrei e aí vai muito do seu conhecimento. Aí eu lembrei que na minha própria cidade uma mulher que reunia crianças na

época da chuva e rezava e levava as crianças para jogar água na cruz. Então, eles viam que a gente ia até onde fosse preciso. E aí programamos uma viagem de um dia para o outro. Esse personagem era quase sete horas da noite e no outro dia a gente já foi viajar pra zona rural de Guiricema, teve que reunir, tentar preparar a mulher. Ela fazia isso com frequência, mas não estava programado para o dia seguinte. Aí tive que mobilizar uma escola. Minha prima é uma das professoras e ela teve que levar a turminha dela toda pra participar do ritual. Então, a gente sabia que quando precisava de alguma coisa, a gente tentava aquele personagem até que não desse mais jeito. Não tinha a fala de não consigo. A gente ia tentar, era o mínimo. Então, tinha essa confiança, tinha uma credibilidade bacana de que se a gente se dispôs a fazer, a gente vai fazer. A gente tentava sempre cumprir o que dispôs a fazer, mas nem sempre era possível, porque enfim, mas a gente tentava pelo menos.

Luciana Morais - Além das relações pessoais, você acredita que a tecnologia contribuiu para que uma notícia local seja exibida em rede nacional?

Vanessa Rodrigues - Sim, contribuiu muito, porque, por exemplo, antes a gente não tinha tantos links, tanta possibilidade de fazer link. Hoje deve ter muito mais. A área de cobertura é gigantesca. Então, você está lá em Muriaé e é possível fazer um link desse local e gerar a matéria. Então, isso facilita muito. Eu acho que as redes sociais facilitam muito o contato, às vezes encontrar personagem, saber informações sobre o que está acontecendo, até o próprio sinal de telefone, né? Hoje a cobertura é maior. Então, você consegue falar com as pessoas nas localidades mais distantes que era um empecilho em alguns locais.

Luciana Morais - Nesse sentido, você acredita que para além dos critérios de noticiabilidade, além das relações pessoais, da tecnologia, que são facilitadores para que uma notícia local seja exibida, você aponta outro critério facilitador?

Vanessa Rodrigues - Acho que a questão da tecnologia e esse relacionamento são muito importantes, eles ajudam muito a crescer, dar credibilidade, mas eu acho que outras coisas também. Importante a gente pensar no local, mas que ele tenha interesse nacional, pensar local de forma mais global, nacional, isso é importante, isso facilita, possibilita que essa matéria saia do local e vai para o nacional. O ineditismo, a curiosidade, assuntos curiosos, que a gente tem muitos, se pensar em Minas cheia de tradição, cheia de cultura. Então, eu acho que isso são bons critérios para a gente levar em consideração na hora de se fazer essas ofertas.

Luciana Morais - O que você acha que mudou na produção das notícias do telejornalismo, de quando você estava para o que você acompanha hoje?

Vanessa Rodrigues - Acho que hoje está mais interativo. O telespectador se comunica, acho que ele pauta mais os assuntos dos telejornais, sabe? Eu acho que mudou a questão das redes sociais que são mais ativas, a própria questão da tecnologia, a gente estava falando dos links, hoje é muito mais fácil fazer de vários lugares. Os critérios acho que continua sendo a mesma coisa, mas eu acho que são esses caminhos, que você tem que ser mais interativo, cada vez mais interativo, mais disponível pra quê, quais são os interesses do público também, participação dele. Eu acho que essas coisas mudaram.

Luciana Morais - Como você avalia o telejornalismo local e nacional e a importância de cada um?

Vanessa Rodrigues - Nossa, para mim eles são fundamentais, ainda mais nesse tempo de acesso a redes sociais e a esse turbilhão de informações e desinformação que muitas vezes as redes geram. Nesse caso, o jornalismo é responsável, principalmente no combate de *fakes* que a gente está vendo a quantidade que tem e levar essa informação confiável. Então, eu acho que mais do que nunca, esse trabalho do jornalismo local, do jornalismo de rede é importante nesse sentido também, sabe? O local eu acho que é muito a questão da representatividade, as pessoas gostam de se ver, ver a sua cultura, de ver as coisas que acontecem ao seu redor. Representatividade, as tradições que são mostradas. E o nacional você fica sabendo o que está acontecendo em seu país como um todo.

APÊNDICE C - Entrevista com Maria de Fátima Diniz

Transcrição da entrevista com Maria de Fátima Diniz, arquivista da TV Integração Juiz de Fora, realizada virtualmente em 23/11/2022.

Luciana Morais - Qual a sua função e período de atuação na TV Integração?

Maria de Fátima Diniz - Primeiro eu queria só agradecer pelo convite, eu fiquei muito contente, muito satisfeita de falar um pouco sobre o meu trabalho, porque é um local muito solitário, mas ao mesmo tempo visto, mas não é conhecido. As pessoas sabem que existe, mas muito pouco se coloca ali numa pesquisa mesmo ou no estudo de um trabalho científico, né? Ou outros, né? Trabalho de conclusão de curso, eles vão muito na produção, na reportagem, no vídeo, mas o Cedoc, ele fica mais quieto, assim. É pouco visto, é pouco falado. Então, ele é fundamental na emissora, né? Eu queria agradecer por esse espaço, falar disso, da memória, né? É muito bacana também. Então, eu trabalho na TV Integração desde 1996, ainda chegando era a TV Globo, na época até 1999, depois passou para Panorama. Eu vim como secretária de redação. Não mexia com nada técnico e operacional, mexia com a parte de redação de logística, administrativa, financeira, departamento pessoal também e aos poucos as coisas foram modificando, né? Chegada do computador na redação ainda. Então, é uma época bem analógica ainda.

Luciana Morais - E hoje você está em que função?

Maria de Fátima Diniz - Daquela época pra cá, a tecnologia foi chegando, foi modificando. Então, eu lembro quando eu cheguei eram seis ou sete secretárias. A secretária do jornalismo, a secretária da administração, da engenharia, do comercial, é um detalhezinho, mas tinha essa questão de secretárias na empresa, secretária executiva, secretária bilíngue. Então, todos os gestores dos departamentos tinham uma secretária. A engenharia, a programação da televisão, todos tinham, a direção do comercial, então eu era uma delas. E a gente atendia os gestores no caso do jornalismo. No caso do jornalismo eu ficava reportada a ele. Então, eu fazia toda a parte burocrática com ele da redação. Enfim, era máquina de escrever na época. Fazia memorando, tinha ata, carta, tudo por papel. Não tinha computador e nem celular. Era muito distante da gente. Enfim, aí quando chegou a tecnologia e começou a mudar, a própria emissora toda começou a mudar, trocar equipamento, chegou computador, a comunicação entre as praças que era só via telefone, telefone normal, depois começou via computador. Tinha um computador na redação, era uma luta, o editor queria aquele computador ali pra falar com Belo Horizonte e outro com o Rio, pra mandar a página da rede, essas coisas assim

né? Então, era muito devagar, muito lento. A mudança da redação das máquinas de escrever para o computador foi muito interessante. Era medo que as pessoas tinham do novo, será que vai funcionar, acabou com papel, acabou com a máquina de escrever, a gente vai digitar e se não funcionar? O dia que tirou tudo foi um pânico na redação. Enfim, é uma coisa interessante de se falar, porque eu vivi isso lá. E eu acho que muita gente que passou por isso vai lembrar e o pessoal mais velho também, o tempo das máquinas de escrever. As capas dos livros de jornalismo eram um teclado, as máquinas de escrever e os escritores. As máquinas de escrever são fantásticas, né? Mas, enfim, essa fase e vieram os computadores. Eu vi que a TV estava modificando, os cargos foram mudando, não existiam mais os cargos de secretárias e eu fazia os créditos do jornal. Comecei a fazer os créditos, digitar o nome dos repórteres, do apresentador, não mexia nada com arquivo ainda. Entrei nessa também, porque tinha que fazer uma escala e eu precisava trabalhar sábado, tinha que cumprir a carga horária. Então, o meu sábado era para fazer os créditos do jornal, que eu morria de medo de fazer, porque era ao vivo, é ao vivo, aí eu comecei a mexer com isso. Fazia arte também, diagramação, fazia tudo lá embaixo, numa sala que tinha um computador muito simples, uma mesa muito simples, mas ali a gente fazia vários trabalhos que hoje a gente chama de gráfico, arte gráfica. Mas, era outra fase da arte gráfica. E dali, eu acabei migrando da redação para a parte operacional. Já estava avançado, as secretárias já tinham sido extintas e eu acabei indo pra essa área tecnológica.

Luciana Morais – E aí, você começou a fazer os créditos e quando que você foi para o Cedoc?

Maria de Fátima Diniz - Então, aí eu acabei ajudando lá no Cedoc, porque na época alguns estagiários acabavam ficando no Cedoc, nunca teve uma pessoa só pra isso, pra pesquisa, dia a dia. Os meninos arquivavam. Os diretores de imagem que hoje colocam o jornal no ar, a gente trabalhava com fita, até 2011 era fita, fita magnética. Então, eles terminavam de colocar o jornal no ar, eles pegavam as fitas e arquivavam matéria por matéria, arquivavam o jornal, de uma fita para outra. A exibida para fita de arquivo. Então, por isso que a gente tem muita fita de arquivo, porque são muitos anos de história e tem que digitalizar. E esse material diário é feito de hoje de outra forma, sempre foi feito manualmente. Então, até hoje o jornal é pesquisa de imagem e pesquisava na mão, na ficha, não tinha computador que você digita palavra chave. Era na fichinha. As fitas eram arquivadas de acordo com as datas, cronológica. Então, preciso de uma matéria de natal pra usar. Então, ia lá na ficha de dezembro, pegava e achava. O crime foi no ano tal. Essa matéria entrou no Jornal Nacional no dia tal. Como elas

ficam separadinhas por data, a gente sempre achava. Era sempre arquivado cronologicamente. Tudo bonitinho e eu fazia essa ajuda e acabou que um dia eu acabei ficando pela prática também. Eu acabei fazendo curso de jornalismo. Eu tinha sonho de ficar lá. Eu gostava muito. Eu fazia anotações em casa de matérias, de coisas importantes. Um dia eles vão me pedir, vão precisar. Eu fazia anos, eu fiz isso anos, porque eu não podia trabalhar lá. Primeiro que não tinha vaga, segundo que eu exercia outras funções e acabou que digitalizaram e me remanejaram.

Luciana Morais – Você lembra da data que você começou no Cedoc?

Maria de Fátima Diniz – Foi na época da digitalização. Começou em 2011, 2012. Virou digital em 2014, mas o trabalho de troca de equipamento, mas de mudança de formato de equipamento, começou em 2011, por aí. Aí eu comecei a migrar pra lá mesmo.

Luciana Morais - E durante esse período, havia um Núcleo Rede para atender as demandas da rede nacional?

Maria de Fátima Diniz – Por ser aqui na época a Globo, uma emissora Globo, TV Globo Juiz de Fora, o canal com a emissora Rio era liberado, porque era assim a administração de jornalismo na Globo Rio, o administrativo, era tudo via Rio. Então, assim, contrataram, a minha carteira de admissão ia lá para o Rio. Eu mandava no malote, a secretária colocava no malote e o diretor de jornalismo o Schroder, na época, o Carlos Henrique Schroder, aprovava, carimbava, assinava e mandava pra cá. Então, a Globo Rio, aqui era como se fosse uma extensão da Globo Rio, aqui em Juiz de Fora. Então, assim, entrava muita matéria nossa direto no Jornal Hoje, no Jornal Nacional, era muito mais acessível, porque na época eram poucas as opções, o cardápio era menor. O carnaval de Juiz de Fora entrava no Jornal Hoje, eu já presenciei lá vendo naqueles arquivos. A relação era muito próxima da praça de Juiz de Fora com a Globo Rio. No entanto, quando a gente fez um DVD de 25 anos da TV, eu fui lá no Cedoc, lá no arquivo do Jardim Botânico, porque tinha muito mais matéria lá, no arquivo de lá e também pra transformar material que era U-matic em Beta, muita coisa estava lá. Entrava direto, diário, era muito comum. O jornal local nosso entrava muita coisa também, local, não só nacional. Assuntos eram mais fáceis de conseguir entrar. Apesar de ter uma forma de colocar, de envio de matéria, que nem hoje é muito rápido. Gerava, tinha que comprar horário na Embratel, aí ligava para o rapaz lá do outro lado, o técnico da Embratel falava comigo e a pessoa lá na direção de TV que era, e é um setor de DTV hoje que coloca no ar, e recebiam a geração. A gente ficava na fila esperando para dar *play* na fita para entrar

a matéria de Juiz de Fora. Quase todo dia a gente ia pra geração. Tinha o horário da manhã, da tarde e mandava para o Rio. Era bem comum, apesar de ser difícil.

Luciana Moraes – E você lembra quem fazia parte do Núcleo Rede desde que ele foi formado? Nessa época vocês já eram Globo e quando vira TV Panorama já tinham outras pessoas. E depois vira Integração e já tinha um outro Núcleo, né?

Maria de Fátima Diniz – Eu me lembro que tinha um repórter ou outro que foi escolhido para entrar em rede né, tinha mais perfil, vamos dizer, que era o Júlio Rebouças, lá na Globo. Lá em 1996, 1997. Ele sempre entrava em rede, quando era Jornal Nacional, era com ele. O Júlio era daqui, era de Juiz de Fora. E ele entrava em uma época que não tinha um Núcleo assim de rede. Tinha uma editora que fazia assim, atendia mais a rede, mas quem estivesse lá, se tivesse um cinegrafista, editor de imagem, quem tivesse lá fazia e gerava. Mandava matéria. Mas, não tinha um Núcleo de Rede. Depois de um certo tempo que começou a criar um Núcleo de Rede, bem antes do Virgílio, foi antes, foi na época da Marília, o Alberto Mendes também chegou a ser editor de rede, editor de texto assim, né? A Hilda que era editora de imagem, tipo oficial e o repórter de rede era a coisa mais difícil, porque tinha todo um critério pra ser, não passava, tinha questão visual também, era um todo, visual, era texto, postura, era tudo. Eram exigências que se não, não entrava de jeito nenhum. Era difícil, era bem difícil de entrar. Eu lembro que a Andréa Andrade já entrou. Quando era um factual que não tinha jeito mesmo, época de chuva ou uma tragédia assim, acabava que entrava. Era muito difícil, era muito escolhido assim. Matéria sem ser factual, uma matéria bem produzida, pra isso, aí tinha que ser com aquele determinado repórter.

Pesquisadora - Você lembra que tipo de produções eram mais exibidas, para que jornais mais se entravam na época?

Maria de Fátima Diniz - O mais difícil de entrar sempre foi o Jornal Nacional. A escolha das pautas, das editorias, entrar no Jornal Nacional com factual, a maioria, uma coisa curiosa, uma história muito bacana, muito inusitada até entrava. Já teve uma história do Jequitibá Rosa, de Carangola que entrou, tem avião que caiu aqui, teve o Zico que fez o último jogo dele, eu não sei se foi no Jornal Nacional, eu não posso falar, última partida do Zico, acho que foi sim, na carreira dele foi aqui foi no Municipal, do jogo do Flamengo. Então, tem coisas que ficaram marcadas até hoje. Um casal de idosos que chegaram numa certa idade e fizeram um casamento e aí acabou entrando. Matérias muito específicas, dia a dia, era muito difícil para o Jornal Nacional. As pautas mais leves entravam no Jornal Hoje, muita coisa no jornal Hoje,

de manhã, no Bom dia Brasil, muita história de festival, matéria de cultura, festival colonial, música antiga, entrava muito no Bom Dia Brasil. O Jornal da Globo entrava muita matéria de economia que era o perfil do jornal, então, tinha essa tendência de entrar. Entrava, mas assim, o Núcleo da rede ele existia, mas dependendo do assunto, da importância que se tinha lá na avaliação, mandava repórter pra cá. Os repórteres da rede vinham pra cá, alguns. Dependendo da necessidade de explorar, até mesmo o repórter da rede estava de férias, não sei, mas vinha um editor, repórter, cinegrafista e tudo mais. O engenheiro sequestrado no Irã, veio o Edney Silvestre, sabe? Acharam que ele tinha sumido e ele veio pra cá na época. Ele ficou aqui uns dois ou três dias. Ele veio fazer matéria para o Jornal Nacional, veio fazer o sepultamento e tudo mais. Tinha época, dependendo do assunto eles mandavam, o César Tralli veio também, não me lembro a história, mas veio. O Ismar Madeira de Nova York também veio. Então, algumas situações, não sei o critério que eles tinham ou pra dar um reforço também vinha a pessoa do Rio pra cá. Até porque é próximo, duas horas e meia, acontecia muito isso também. A gente dava o apoio, dava o suporte técnico, operacional, o editor de texto e tudo mais, mas às vezes vinha um repórter de rede também.

Luciana Morais - Então, tinha uma produção por parte do Núcleo, mas você observava a rede demandar também?

Maria de Fátima Diniz - Eu não a acompanhava assim, mas eu via que tinha reuniões diárias com a rede e as praças participavam e ofereciam lá o seu cardápio de matérias. Eu lembro disso, mas eu não participava. Não tinha acesso, mas me pediam muita coisa de arquivo ou viajavam para rede. Então, eu cuidava também dessa logística, às vezes ia fazer uma matéria muito especial, e ficava dois ou três dias fora, aí eu cuidava dessa parte de logística, de hospedagem, diária, tudo mais. Então, eu sabia o que eles iriam fazer. Eu perguntava, porque eu justificava todas as notas, aquelas coisas todas. Então, todas as viagens eu sabia, a maioria era pra oferecer pra rede ou mesmo que a rede pedia mesmo. Muita coisa rural. A Viviane Novais fazia muita matéria rural. A Yula Rocha também fazia e foi embora do Brasil, né? Então, tem muito assim, história para a rede, né? Lívia Calmon, muitas matérias. Como eles conversavam ali na reunião, eu tinha uma noção, né? Porque ficava atenta a tudo, né? Ia ter viagem, então eu já sabia mais ou menos, essa demanda, eu já ficava preparada. Porque eu sempre digo, eu faço uma função que você tem que ficar pensando lá na frente, porque se tem uma fumacinha, você já sabe que lá na frente vai acontecer. Assim, a gente vai acumulando essas experiências.

Pesquisadora - Você fez faculdade de jornalismo e a gente estuda essa questão dos critérios de noticiabilidade, o que faz uma matéria entrar ou não entrar no jornal. Tanto local quanto de rede. Quais os critérios de noticiabilidade que você vê para uma matéria entrar em rede nacional?

Maria de Fátima Diniz - Depende da relevância, do que está acontecendo no momento. Se oferece muita coisa e tem pouco espaço para atender a todos, né? A importância daquela notícia, se ela está dentro daquele perfil editorial que existe, do jornal, do horário, né? Se cabe ou não naquele telejornal, se é o tipo de assunto que eles estão interessados também, porque se está falando só de Copa, está num momento só de pandemia, se for uma matéria diferente daquilo tudo não vai. “Se teve um acontecimento por causa da pandemia, aí juiz de Fora está fazendo, vamos ver o que é isso”. Acho que é de acordo com o momento, qual é o fato que está mais em destaque.

Pesquisadora - Você acredita que o relacionamento entre os profissionais do Núcleo Rede com o outro Núcleo Rede lá da Globo facilita para que uma matéria local seja exibida em rede nacional e como?

Maria de Fátima Diniz - Eu acho que seu interesse, seu empenho quando você faz uma matéria chega lá, do jeito que ela vai pra lá bem feita, bem trabalhada, cria uma confiança. E essa confiança, você já ganha um respeito para a próxima. Aquele comprometimento vai ser como se fosse uma avaliação, porque você entrega um material, ele tem que estar de acordo com o mínimo que é pedido. Aí se você faz uma coisa bem feita, um trabalho apurado, bem colocado, bem construído, eu acho que assim. Às vezes você vai fazer uma pesquisa, não é só colocar, é trabalhar no todo. Isso pode não ser rede, mas pode ser. Então, você tem que fazer o dia a dia como se fosse rede mesmo, porque não é só porque é pra rede que é mais importante, tudo é importante. Então, o seu trabalho não pode ser bom aqui e mais ou menos ali. Eu penso assim, tudo é grande. Então, quando chega lá a praça tem um respeito, ela fica visível. A nossa colega Larissa que foi para o Globo Rural agora, porque ela está indo lá? Eles lembraram dela, porque quando vocês fizeram essas produções, inclusive você, dessas matérias que saíram no Globo Rural foi um destaque, foi um nível altíssimo. Então, é claro que são lembrados, essa relação, acho que é isso. Você quando entrega um material bom, que eu acho que a praça de Juiz de Fora é excelente, eu acho excelente, um trabalho profissionalismo, maravilhoso, cheio de detalhes, minucioso, escolhe os melhores roteiros. Então, eu acho que todo trabalho que a gente manda pra rede assim, é muito bacana. Porque afilada é menor, afiliada não tem recurso, afilada é mais simples, mas a gente aqui nunca foi

simples.

Luciana Morais - Você já até meio que falou dessa questão de confiança, até responde à próxima pergunta, mas você acha que uma notícia consegue entrar em rede nacional se o trabalho do jornalista já for conhecido?

Maria de Fátima Diniz - Quando você ganha confiança com as pessoas, pelo menos é bem avaliado, porque eu imagino que não chega quando você está ali com várias opções. Você já vai testando. “Mas peraí, ali é Juiz de Fora e vem a confiança. É Juiz de Fora, vamos ver o que tem aqui. Deve ser coisa boa”. Então, eu acho que é isso, por aí, questão de credibilidade que a praça deixa.

Luciana Morais - E nesse sentido, você acredita que para além desses critérios de noticiabilidade, as relações pessoais e a tecnologia são facilitadores para que uma notícia seja exibida em rede nacional?

Maria de Fátima Diniz - Sem dúvida, porque conquistando a confiança, o resto, eu acho que é empenho, porque eu lembro quando eu era secretária de redação, a rede, vou dar um exemplo que eu fiz. Hoje em dia a tecnologia é maravilhosa, tudo é instantâneo. Chegou material que você já manda, às vezes manda por celular, imagem é mais importante. Tem o critério da qualidade da imagem, mas dependendo da situação é aquilo ali que está. Eu lembro muito claro como se fosse hoje. Eu fui buscar uma fita, a equipe viajava pra fazer acidente, ia lá fazer um acidente na estrada, longe, levava várias fitinhas debaixo do braço, porque tinha que colocar no ônibus. Pra quê? Pra eu ir lá buscar na rodoviária ou no terminal e vinha correndo pra dar tempo de entrar no ar no Jornal Hoje, geralmente. Eu lembro que eu fui pegar a fita, a Marília era a editora de rede ligando pra mim, e eu muito novinha, apavorada, porque tinha que entrar. E a gente sabe como é hoje. A gente descia do carro quase com ele andando pra entregar a fita, para o editor cortar rápido e gerar para o Jornal Hoje. E deu tempo e dava tempo. Era muito precário, mas funcionava. E isso era empenho da praça. E até hoje é assim, só que com outros recursos. Às vezes tinha um acidente lá. Mandava o que tinha lá e depois mandava o resto, quando eles voltavam à noite. O carnaval era isso. Carnaval maravilhoso. Viajava quatro, cinco dias e eles iam colocando todo dia fita no ônibus e eu todo dia de manhã ia lá buscar fitinha daquela cidade pra poder sair. Eles não podiam ir e voltar, eles tinham que ficar passando pela região. Aí eles já iam com estoque de material, estoque de fita, de envelope, para só colar no ônibus e eu já ia lá buscar. Chegava de manhã e saía no jornal, no caso dava tempo.

Luciana Morais - E o que você acha que mudou na produção da notícia no telejornalismo?

Maria de Fátima Diniz - Mudou muita coisa, formato, a tecnologia que estou dizendo. O imediatismo, não precisa ser só imagem, o critério Globo é muito rigoroso com a questão das imagens, com a questão da qualidade, não podia ter um negocinho que não passa. Hoje, o mais importante, porque TV é imagem, mas a qualidade do trabalho é o que está acontecendo no momento, porque hoje em dia todo mudo filma tudo, faz tudo, grava tudo, não é só uma câmara de televisão, né? Então, essa questão é muito séria, né? Aí vai o critério de avaliação de checar a fonte tudo bonitinho, se aquilo ali é verdadeiro e se é de interesse público. Eu acho que a tecnologia ajuda demais, mas não pode perder a essência e nem responsabilidade que está fazendo. Isso é muito sério. Se eu tenho dúvida de qualquer coisa, a primeira coisa que eu vou checar é no G1 ou na Globo, porque não mente, não tem erro. As coisas são muito sérias, é um trabalho jornalístico muito sério. E tem a questão tecnológica que avança, pessoal novo, que desenvolve tudo, resolve tudo, mas essa essência do jornalismo, da notícia verdadeira, isso não pode perder nunca.

Luciana Morais - Como você diria qual a importância do telejornalismo local e nacional?

Maria de Fátima Diniz - Eu acho assim, tudo que você coloca no ar, você está envolvendo pessoas e a vida de pessoas, seja de qualquer esfera. É muito sério, você está expondo às pessoas, a vida dela, a família dela, tudo. Então, tudo é igual pra mim. Como te falei, o jornalismo tem muita importância na vida das pessoas e formam opiniões, então, eu acho que esse critério é pra todos. É comunitário, o jornal é mais local, mais voltado para região, para cidades, de qualquer maneira é muito sério. Então, esse cuidado pra mim é mais importante, porque você está envolvido e pode acabar com a vida das pessoas numa matéria de dois minutos no Jornal Nacional. O papel social é fantástico.

Luciana Morais - O que ato de arquivar é importante para a memória do jornalismo e também no dia a dia?

Maria de Fátima Diniz - O arquivo é infinito, ele é diário, todo dia, é acumulativo, média de matéria diária é de 30 VTs, porque tem o Integração, tem o MG1, tem o MG2, tem o Rural e fora algumas coisas extras. Então, é um trabalho de não perder, aquela checagem diária ali, porque se perder tem um período, que se não for pra pasta correta, pro arquivo correto, mesmo que eu não tenha feito o trabalho completo, eu preciso salvar ele em algum lugar pra não perder, que é história pura. Se eu perder uma passagem importante que aconteceu,

apagou, acabou, não tem história. E no arquivo da emissora, no acervo, é a história da cidade, da região, é o tempo todo, preservando o passado, porque a gente não pode perder aquilo ali. Digitalizando devagar, está tudo ali, desde 1994 até 2011 está em fita, tem coisa digitalizada e de 2014 pra cá é tudo digital e o jornal é diário, a gente pega todo dia aquele leque de coisa, 30 VTs, mais às vezes e não perde. Se perder aquilo ali a gente perde a memória da cidade, da região, perde a história. Uma coisa muito séria. É um cuidado que tem com a história, não só por causa da emissora, história de vida das pessoas, de tudo, política, economia, cultura, arte. Não é apenas uma sonora, é a sonora. E tudo eu valorizo muito. Minha checagem diária, de arquivo diário dos jornais, das matérias, as pesquisas que são muito importantes, porque se não tiver arquivo você não faz pesquisa. A catalogação é muito minuciosa pra você achar as pessoas, pra achar aquele determinado assunto, pra achar aquelas matérias específicas, é um trabalho de dedicação minha total, desde que eu sonhava em trabalhar lá. Eu sempre sonhei em trabalhar lá, só que não tinha oportunidade e eu fiz a faculdade de comunicação para conseguir e eu consegui.

APÊNDICE D - Entrevista com Hilda Mendes

Transcrição da entrevista com Hilda Mendes, ex-editora de imagem da TV Integração Juiz de Fora, realizada virtualmente em 03/12/2022.

Luciana Morais - Qual foi a sua função e período de atuação na TV Integração?

Hilda Mendes - Eu entrei na TV em 1983, não sabia nada de televisão. Eu morava na rua Oscar Vidal e dava vontade de descer rolando do Morro do Cristo e parar lá na minha caminha, mas tudo bem. Eu tive um excelente treinamento, a minha carteira já foi assinada como departamento de jornalismo, mas eu fiz o meu treinamento no departamento de engenharia. E junto com o treinamento eu já comecei a fazer as matérias para o jornal local, MGTV 2ª Edição. Só que no início, o MGTV 2ª Edição tinha assim, cinco minutos, entendeu? Era pequenininho, não stressava tanto igual hoje que o MG2 tem quase trinta minutos. Aí depois eu já passei para o departamento de jornalismo e fui fazendo o jornal diário. Só que aqui era uma TV Globo. Então, aqui quando a TV Globo adquiriu a Industrial, nós éramos a única Globo do interior, tanto que veio uma lei que não podia ter mais de cinco empresas, aí que o Roberto Marinho tirou daqui. Aqui era de um dos filhos dele, que vinha sempre participar do hipismo. Aí ele tirou o nome dele e passou se eu não me engano, pra uma neta que só veio assinar os papéis e nunca ligou pra isso. Então, por aqui ser Globo a gente não tinha problema em vincular matérias em rede. Quando digo rede, Jornal Hoje. Pra você ter uma ideia, tinha dias que saía três matérias diferentes no “Hoje”. Eu lembro que saiu da Christina Musse, Cristina Brandão e da Carmem Amorim. Então, era assim, era fácil. O JN sempre foi difícil, tanto que os nossos repórteres locais não faziam matéria para o JN. A minha primeira matéria que eu editei para o JN, tremendo, foi a inauguração da Mendes Júnior, que se não me engano veio o Tônico Ferreira, ele fez a matéria para o JN e a Musse fez para o nosso local. E a nossa abrangência era muito grande. Então, sempre que tinha um fato relevante vinha um repórter do Rio ou Belo Horizonte, mas geralmente Rio. E assim, por exemplo, do Tancredo. Eu peguei dois presidentes. Na época do Tancredo foi montado um link em São João de Rei e outro em São Paulo. Por que foi montado link em São João del Rei? Porque a família dele era de lá. E a Valéria Sffeir foi para lá. Tinha uma unidade móvel, e eles mandavam todo o material para a gente aqui em Juiz de Fora e tudo relacionado a família do Tancredo que fosse de São João del Rei era feito aqui em Juiz de Fora. Então, assim, aí o Tancredo foi difícil, viu? Quase que fiquei morando na empresa. E se eu me lembro era só eu de editora de imagem. No final era tanta matéria que eles pediam que uma hora que eu tinha que gerar o material eu não conseguia dar o *play*, porque a minha mão ela

travou. E na minha época, o meu chefe falou “menina dá o *play*, você faz isso toda hora”. Aí ele foi lá e deu o *play*. Então, eles já tinham o repórter, né? A Valéria até passou a ser correspondente internacional, mas na época a Valéria era daqui, naquela época ela já era a nível de rede. Então, hoje em dia é muito mais difícil colocar um material na rede. Não é difícil quando acontece uma tragédia. Por exemplo, facada do Bolsonaro, eu ainda estava lá. Então, vocês não imaginam quem está na emissora tem que fazer para atender a rede. É Brasília ligando, Rio ligando, São Paulo ligando. E o que acontece? Aqui a equipe é reduzida, um produtor, um repórter, não é igual lá que são vários. Então, é muito difícil quando acontece um factual, porque eles tem lá também uma coisa que eles chamam de gaveta, por exemplo, essa época é boa pra se formar gaveta. Eles falam gaveta, matérias frias, mas assuntos interessantes. E nesse período eles pegam férias coletivas, então eles precisam dessa gaveta, dão folga para o pessoal e a gente fica rezando para nossa matéria sair. O Brasil inteiro manda matéria, então eu lembro uma matéria fria que nós mandamos pra lá que era para o JN, sobre a Cida dos pássaros, uma moça daqui da região que cuidava dos passarinhos junto com pai dela. E vinha o espelho e a gente esperava e a matéria não entrava. Depois de uns quatro meses a matéria entrou. Esse processo de enviar matéria, hoje nem imagina que é um paraíso. Antigamente tinha um link de cinco e quinze às seis horas. Então, quem tinha material para gerar, chegava e ficava no telefone esperando eles autorizarem para gerar. Às vezes ficava tempo inteiro, eles iam recebendo de acordo com a importância do material. Então, se aqui em Juiz de Fora tivesse alguma coisa pra cair, Juiz de Fora ia cair e as outras praças. Mas, assim, hoje em dia está muito mais fácil, em termos de tecnologia, porque eu acho que a tecnologia só prejudicou o jornalismo, não sei se vocês notam que vinham o selo exclusivo. Hoje em dia não tem mais isso, porque a emissora sai pra fazer a matéria e alguém já filmou aquilo e já mandou. Então, não tem mais exclusivo. Há muito tempo que não vejo um selinho de exclusivo nos telejornais. Mas, isso tudo eu particularmente eu acho maravilhoso ter essa dinâmica. Em época de chuva a equipe saía e a cidade toda alagada, o carro todo pifava, não tinha como, único meio era de telefone comum. Acabava perdendo a matéria. Matéria que era pra hoje só chegava amanhã. Nossa, era assim, mas melhorou milhões de vezes, muito bom.

Luciana Morais - Você ficou na empresa quantos anos?

Hilda Mendes - Eu entrei em 2023 e saí em 2019.

Luciana Morais - E quando você entrou, você já falou que aqui já era Globo. Aí por ser

Globo vocês receberam algum tratamento assim, algum curso, alguma coisa específica? Porque teve uma época que quando começou a formar o MG, RJ, SP e essa questão das afiliadas pelo Brasil, o pessoal da Globo começou a ensinar. Mas, pelo fato de aqui já ser Globo teve alguma coisa de diferente pra vocês?

Hilda Mendes - O padrão Globo de qualidade, era na verdade o padrão Boni, entendeu? Porque o Boni mandava matéria para lá e ele avaliava. Então, se repórter tivesse com brinco grande, tinha as normas que não podia ultrapassar aquilo. Então, se não tivesse com a roupa adequada, com qualquer coisa que chamasse atenção na repórter, a matéria caía. Então, a gente vivia refazendo as passagens. Mas, a Globo por ser pertinho, eles viviam aqui. Eles mandavam manual, o que podia e não podia. Isso eles nunca deixaram, era muito atualizado. Vinha para mim o manual, o que podia e o que não podia. Às vezes de um ano para o outro já mudava. Aí, ele já fazia o manualzinho para mim. O Andrade era muito exigente. Uma vez eu fui fazer uma passagem no Parque Halfeld, eu passei assim e ele disse, “Hilda, você acha que está certo?” Para mim estava certinho e para ele não. Ele, “tem que vir pra cá cinco centímetros”. Pra mim, cinco centímetros não ia fazer, entendeu? Mas, quer dizer, padrão Globo, que hoje em dia não está padrão assim. Eu não sei se é por causa da dinâmica, que hoje não dá pra você pegar com tripé, é tudo muito rápido. Estou vendo agora a Copa, sinto que tem coisas que estão acontecendo que naquela época dava demissão, pelo amor de Deus. Então, graças a Deus eles deixaram de ser tão exigentes.

Luciana Morais - E na época que você começou, existia algum Núcleo para atender a rede? Aqui já era Globo, mas na época existia algum Núcleo e se não, quando começou esse Núcleo aqui na TV?

Hilda Mendes - Não existia Núcleo. O Núcleo da Rede Rio é que comandava aqui em Juiz de Fora. Mas, a gente tinha acesso. Eu tinha acesso ao telefone. A nossa conversa era muito assim, eu conversava com a pessoa do Rio como se fosse colega daqui da redação. E tinha também, às vezes eles resolviam vir aqui no final de semana tomar um café, fazer uma visita e conhecer vocês. Então, os laços eram assim estreitinhos. Então, não tinha. Quando foi criado um Núcleo de Rede, quando passou para a transição da TV Panorama. Aí quando passou para a TV Panorama, aí foi criado o Núcleo de Rede. Aí era um Núcleo bem legal mesmo. No caso de edição de imagem era eu e o Marcos Esperon, os responsáveis, tinham cinegrafista, tinha Pianta, Abiacyr, acho que era só esses dois. De repórter tinha Livia Calmon, Yula Rocha, Andréa Andrade. E foi uma época, como aqui assumiu a direção uma pessoa que veio do Rio, que era a Ana Viana, veio muito atuante e por estar mudando, a Globo quis mostrar para Juiz

de Fora e para regiões que ela não estaria perdendo nada. Então, eles queriam muito entrar em rede, que não iria mudar nada, que a gente estava junto. Então, foi uma época produtiva e muito boa. Aí teve uma outra mudança, aí passou pra sociedade e foi se desfazendo. Aí tinha um Núcleo bem reduzido, os repórteres foram embora, a Ana se não em engano foi para João Pessoa. Então, assim, tinha, mas não era. É mais ou menos como está hoje. Hoje, o que eu sinto, apesar de ter saído em 2019, mas o que sinto é, a gente sai em rede quando acontece um factual. Teve um acidente, com certeza, Globo News, Jornal Hoje, a gente está lá. JN então depois que o Augusto foi embora está muito mais difícil de sair. O JN uma matéria completa, porque às vezes pode dar uma nota coberta. Mas, saiu uma notinha coberta. Mas, pra gente considerar rede, pra nós é assim. Uma matéria com *off*, passagem, entrevista, entendeu? Hoje eu sinto que está bem escasso. Eu vejo muito a Globonews, também assim, tipo quando é mais factual, vejo a Larissa direto, assim, ultimamente, e olho que eu vejo bastante, infelizmente a gente entra com notícias que são notícias tristes, entendeu? Mas, isso tudo, na primeira administração do Tarcísio Delgado ele criou tanto projeto legal aqui, que serviu para o país inteiro. Ele criou o projeto “Bom de Bola, Bom de Escola”, gente, a rede pedia, saía num jornal, os outros interessavam, “faz assim”, porque cada jornal tem uma linguagem. O Jornal Hoje sempre vai tratar aquele assunto de um jeito, o JN de um jeito, o Jornal da Globo de outro jeito. Mas, eu particularmente fiz matéria e eu até esqueço. Mas, eu fiz coisas que quando eu paro pra pensar, eu tenho uma bagagem boa. Eu fiz a despedida do Zico, uma coisa que eu tenho muito orgulho é de ter feito quando foi criada a Lei Rosa, entendeu? A gente fez matéria para o Jornal da Globo, entendeu? Eu sempre gostei de pegar coisas que fossem de importância para um grupo e não fazer uma coisa isolada. Então, pra mim foi um período bem gratificante.

Luciana Morais - Quais os tipos de produções que eram enviadas? Qual a frequência? Tinha mais matérias produzidas do que factuais, acho que é o inverso do que é hoje, mas também vai mudando o formato dos telejornais, que faz com eles queiram uma participação mais factual?

Hilda Mendes - Com certeza, a gente mandou mais material para o “Hoje”. Eles gostavam assim, de coisas, vamos supor, Ibertioga, lá tinha uma tradição de carros de bois. Então, quem fez a matéria foi a Brandão. Então, fazia aquilo tudo. A produção era pegar o boizinho, carrinho, arrumar os boizinhos e depois sair. Muito legal. Minas. Viçosa para o Globo Rural deu muita matéria, com produção do doce de leite, tinha semana do dia do fazendeiro. Dentro da semana existem vários nichos. Eles estão fazendo uma pesquisa para conservar o alimento.

Então, você vai para fazer uma matéria e fica lá quase que uma semana pra se ter uma matéria diferente. Então, eles gostavam disso. Globo Rural também. A Viviane Novais também sempre produziu muito. O que na região produz? Rosa. Então, ia para Barbacena. Alfredo Vasconcelos, fazia produção de morango. As matérias já tinham o jornalismo direcionada. Então, se você vai fazer uma produção de morango, não adianta você oferecer para o Jornal Hoje, porque isso aí é Globo Rural. Então, já tem tudo isso. Então, tem aquilo, a linguagem do programa. O Globo Rural você tem que fazer o mais simples possível. Você não pode fazer uma edição elaborada, cheia de edição, feitinho, que eles não gostam. Deve ter uns dez dias que eu conversei com um amigo de São Paulo, que ele estava no Fantástico e ele está no Globo Rural hoje. Ele falando a diferença que ele sentiu, de estar editando para o Fantástico e estar ditando para o Globo Rural. “Aqui você não pode fazer isso não”. Então assim, é a linguagem.

Luciana Morais - E a rede demandava para vocês gravarem?

Hilda Mendes - Tinha produções que no Brasil, de repente no Brasil inteiro vamos supor, sei lá, pessoas que fazem tipo espada. Aí eles fazem pesquisa. Onde tem isso? Em São João del Rei tem. Então, tá. “Vai lá e entrevista a pessoa lá”. Onde mais tem? Lá no Sul. Depois, um repórter, pode ser o daqui, pode ser o de lá, faz essa matéria. Mas, com participação, se você prestar atenção, geralmente, as produções maiores tem a canopla do microfone que eles vão mudando, entendeu? São matérias que cada praça auxilia de uma forma.

Luciana Morais - A profissão tem essa questão dos critérios de noticiabilidade, né? Acaba que sempre se pensa quando vai vender uma matéria, o que atende cada telejornal. Mas, você acha que a partir do momento que o profissional fica conhecido lá, não só pela questão profissional, mas o produto que é entregue, essa relação facilita para que uma matéria local seja exibida em rede nacional?

Hilda Mendes - Quando a rede tem essa confiança na praça é muito bom, porque se pedir alguma coisa já sabe que é importante. Já sabe que vai receber. Mas, eu já vi situações também que eles pediram acreditando que vai receber uma coisa e chega lá e é outra. Aí é muito triste, porque o profissional é meio que queimado e ele pode fazer de tudo que ele não vai mais entrar no jornal. A responsabilidade não é só do repórter, mas da equipe. Não adianta o repórter ir, o cinegrasita ir, fazer lá o *take* maravilhoso e de repente quando chegar na minha mão pra fazer a edição eu pegar o pior *take*. O problema aqui, só que as praças sofrem com um problema, por que? Isso eu tô falando, porque eu estive no Rio, meu chefe uma vez, tive

uma crise, falei que não era editora de rede, aí ele me mandou para o Rio. Foi a pior coisa que ele fez. Aí ele me mandou para o Rio. Aí cheguei lá e vi aquele monte de ilha e cheguei e se não me engano, a menina estava fazendo uma nota coberta para o aterro do Flamengo. Gilberto Gil que iria se apresentar lá. Aí eu fui conversando com ela. Aí perguntei quantas matérias você edita por dia? Aí ela disse que enquanto estiver mexendo no equipamento ninguém entra. “Eu termino aqui, entrego para uma pessoa que vai levar para um setor de qualidade que vai avaliar, se o áudio, imagem, está ok.” Então, quer dizer, a pessoinha nem saía da ilha. Ela ligava e falava que estava pronto e a pessoa ia lá e pegava. Aí eu estou só observando isso. Aqui em Juiz de Fora, eu atendia a rede, os telejornais locais e com detalhe, ainda colocava o jornal no ar. Aí quando eu voltei, eu disse que realmente estava certa, eu não trabalho em rede. Lá é outra coisa. Aí eu consegui um adicional de vinte por cento no meu salário. Então, é essa a diferença. Isso aí, tirando o repórter e o cinegrafista, o pobre do produtor de rede, mais o editor, porque antigamente tinha um produtor de rede e tinha o editor. Então, ficava todo mundo junto. Hoje em dia não, o produtor é o editor, que é o seu caso, né Lu? Aí vocês imaginam o telefone na cabeça do produtor o tempo todo, eles nem dão tempo de editar, aí eles querem receber tudo decupado bonitinho. Cada hora um liga, quando é autoridade pelo amor de Deus. De repente você decupa uma hora de material, aí eles escolhem vinte segundos. E a gente fica feliz, porque saímos com vinte segundos. Mas, a realidade do Rio, São Paulo, Brasília é muito diferente das praças. Você trabalha muito, quem está lá te cobrando deve achar que é igualzinho lá, com cada um pra fazer cada coisa. E a cobrança é muito grande, a rede cobra muita coisa. Na rede eu observo hoje que tem uma pessoa que vem e conversa, aí quando está tudo mastigado e foi, vem uma pessoa para avaliar aquilo. E se não gosta, pergunta se não tem outro trecho da entrevista. Aí eu fico pensando, porque não leu antes e viu tudo? A gente já cansou de ir pra casa e voltar para atender eles.

Luciana Morais - Você acha que além da questão da tecnologia e da questão pessoal, tem outras coisas que contribuem para que uma matéria local seja exibida em rede nacional?

Hilda Mendes - Com certeza se você tem agilidade de atender, com certeza vai ligar pra você mesmo. Então isso ajuda. Só que normalmente você não tem tempo pra fazer isso. Por exemplo, te ligam de manhã e dizem que precisam disso, disso e disso. À tarde ela já tem que estar com esse material. Só que aqui você não tem um Núcleo só para isso. Você depende de tirar um cinegrafista de uma matéria pra poder ir lá gravar pra você, entendeu? Isso daí atrapalha.

Luciana Morais - A produção do jornalismo mudou. O que você aponta lá da década de 1980 tanto do telejornalismo local como do nacional?

Hilda Mendes - Eu acho que a qualidade técnica, por exemplo, hoje em dia você vê uma imagem que não está tão nítida, dependendo da notícia, vai. Se for uma coisa *light*, um desfile, eles cobram. Mas, se for um factual, passa e não passava antes. Então, o repórter está todo suado, coitadinho, também passa e não passava antes. Então, são coisas que eu acho que na realidade acompanham justamente o tempo. Hoje, o tempo é outro. Então, você perde na qualidade, que eu acho importante, pra você ter a informação. A informação segura, porque às vezes você dá a informação precisa de uma correção. A correção fica péssima para uma emissora, porque a correção é praticamente você assinar que você foi lá e não verificou a veracidade da notícia. Então, às vezes é preferível você perder um pouquinho, mas dá a coisa certa.

Luciana Morais - Qual a importância do telejornalismo local quando sai no nacional?

Hilda Mendes - É importante, porque o fato aconteceu aqui. Quando estourou uma usina lá em Cataguases, lembro direitinho, era um sábado, aí veio aquilo tudo. E quando chegava a notícia, a importância da imagem, é isso. Quando chegou a notícia pra gente, mas não tinha nenhuma imagem. Então, talvez aquele dia a gente não deu importância. Aí depois começaram a chegar as coisas, um ambientalista falou “gente é grave”. Aí quando chegamos lá nossa senhora, gente é muito grave. Aí foi aquela coisa, mandar repórter. Era aqui em Cataguases, mas estava afetando o Rio de Janeiro. Dependendo do fato, dá oportunidade de você não deixar o desastre acontecer para atingir aquelas outras pessoas, porque você pode correr e fazer um desvio aqui. Mas, quando dá pra fazer isso, é muito gratificante, você saber que através do seu trabalho você evitou uma tragédia. Eu saí da TV e eu sempre amei edição, sempre amei meu trabalho. Eu saí, mas assim, amando. E é muito bom quando você sente isso, porque é uma profissão que você tem que amar.

APÊNDICE E - Entrevista com Augusto Medeiros

Transcrição da entrevista com Augusto Medeiros, ex-repórter de rede da TV Integração Juiz de Fora e atual correspondente internacional da Rede Globo, em Berlim, Alemanha, realizada virtualmente em 06/12/2022.

Luciana Morais - Qual o seu período de atuação na TV Integração?

Augusto Medeiros - Eu estudei na Universidade Federal da Paraíba e antes de me formar, eu já tinha um encaminhamento para trabalhar no SBT. Eu trabalhei dois anos lá. E sempre tive vontade de trabalhar na Globo. E aí já é interessante do ponto de vista de rede, é que pelo menos a gente tinha antigamente uma ideia muito forte que a gente precisaria neutralizar o sotaque. E normalmente existia uma polêmica, será que existia um preconceito? Enfim, eu sozinho, eu comecei a trabalhar isso sem fono, inclusive, e depois com fono. E eu não entendia muito, se era porque era um sotaque nordestino ou se no sudeste também eles exigiriam a redução do acento do sotaque. Mais na frente eu identifiquei que sim. Tem repórteres que puxam bastante o carioca, tem muitos que trabalham a fono e dão uma neutralizada sim. Eu acho que o pessoal de São Paulo, eu nunca percebi preocupar com a redução de sotaque. Parece que São Paulo tinha uma liberdade maior e aí a gente se aproxima mais do que São Paulo tinha como sotaque. Inclusive algumas discussões com fono que tinham que não precisava mudar o sotaque do “t” e do “d”, que o nosso era correto. Então, isso foi o primeiro ponto que pegou em relação a isso e aí estrategicamente, eu comecei a buscar as afiliadas, porque eu teria mais chances, porque eu estava no começo. Aí eu mandei material para afiliada de Caruaru, de Campina Grande e Petrolina, que são interiores do estado da Paraíba e de Pernambuco. E eu usei o meu material. Eu me formei em 2003 e 2005 que eu comecei a buscar as afiliadas da Globo. Durante o meu período no SBT, eu sempre buscava referências e na faculdade. O meu trabalho para desenvolver como repórter eu trabalhava muito sozinho, assim. Mas, eu já tinha esse foco lá na faculdade, na disciplina de TV. Por exemplo, eu pegava o César Tralli, que era uma referência para mim e eu imitava a narração dele, o texto dele, eu sozinho desenvolvi essa técnica assim. Então, eu ainda tinha fita VHS na época. Aí eu gravava, pausava e ia escrevendo o *off* dele. Às vezes minha mãe estava em casa também e ela me ajudava. Também não tinha microfone disponível na faculdade, porque tinha muito problema de equipamento, eu comprei um microfone para mim. Tinha só uma câmera bem velha, era muita fila para conseguir essa câmera e às vezes não tinha microfone e eu comprei. Aí isso já é uma referência de rede que funciona para sua pesquisa. Então, eu escrevia o *off* na mão assim e depois eu gravava. Eu tentava gravar e

depois eu abaixava o volume da TV e eu jogava meio que para eu sincronizar. Então, eu fazia isso. E aí meio que já tinha essa referência e o César Tralli seria. Isso é o que eu mais lembro no começo. Então, eu mandei as fitas para essas afiliadas. Eu também já tinha tentado entrar na afiliada de Cabo Branco, em João Pessoa, e eu não fui aceito. O chefe que estava na época não me deu abertura, não me deu chance e aí eu tentei de novo. E aí quando eu tentei o chefe atual me chamou e afiliada era em João Pessoa. Ele falou que teria uma chance para mim em Campina Grande, que é uma cidade menor da Paraíba, mas uma cidade grande também. Só que aí eu fui chamado para Petrolina e para Caruaru, tudo ao mesmo tempo, as três afiliadas. Aí eu pensei estrategicamente já em rede. Pra mim rede sempre foi desde o início da faculdade. Eu sempre tive essa intenção. E no SBT também cheguei a fazer rede também. Mas, no SBT não tinha muito esse trabalho de rede. Então, às vezes tinha, às vezes não. Aí quando eu fui escolher, eu pensei estrategicamente na rede, porque se eu fosse pra Campina Grande, muito perto de João Pessoa, se eu fosse para Caruaru, muito perto do Recife e se eu fosse pra Petrolina, muito longe do Recife, 700 quilômetros, no fim do estado de Pernambuco. Então, eu pensei assim, eu vou ter mais espaço. Eu não vou ter tanta interferência da capital pra eu ter o meu espaço como repórter de rede. Já pensei assim. Aí eu fui para o lugar mais difícil geograficamente, longe da família. Petrolina é uma cidade grande, mas é isolada. Então, ela é meio que um oásis assim do sertão no semiárido. E aí aconteceu exatamente como eu estava revendo. Eu tinha uma determinação muito forte assim. Eu sabia muito bem o que eu queria. Então, isso fazia com que as coisas acontecessem até de uma forma muito rápida. Aí a informação que eu recebi quando eu cheguei é que o Globo Rural sempre dava muita oportunidade para quem estava começando. Aí ok, já tinha uma repórter que estava tentando lá, fazia bastante Globo Rural e eu não tenho muita certeza, mas eu acredito que a minha primeira reportagem foi para o Jornal Hoje. Olha, tem uma história. Se não foi a primeira, se não foi antes do Globo Rural, eu não tenho tanta certeza. Mas, com três meses na afiliada eu já entrei na rede, três meses depois. Aí aconteceu o seguinte. Foi até engraçado essa história. Havia um quadro no Jornal Hoje que chamava “Dia de Banda”. Toda semana tinha uma banda de algum lugar do Brasil. Aí contava a história da banda e aí tinha uma reportagem contando a história da banda, mostrando a música da banda. Era “Dia de Banda”, se eu não estou enganado. Eu acho que era João o editor. Bom era uma brecha. Uma brecha, porque era um quadro fixo e esse quadro fixo dava oportunidade para todo mundo. Mesmo que não fosse um repórter de rede e tal. Aí eu preparei uma reportagem, me juntei a um cinegrafista muito experiente, que me ajudou muito, me ensinou muita coisa, sempre trabalhava com os repórteres de rede quando iam para lá, quando precisava sempre vinha de

fora alguém. Aí a gente fez uma reportagem pensando, chamava “AP 808”, o nome da banda, e aí a história era assim. Dois irmãos, os pais eram donos de uma loja de brinquedos e aí desde pequenos eles brincavam com os instrumentos, violão de brinquedo e tudo e em cima de um apartamento, onde eles ficavam brincando. E nesse apartamento eles montaram essa banda, que se chamava “AP 808”. Então, na reportagem a gente brincou na reportagem, mostrando que eles cresceram na loja, brincando com os instrumentos de brinquedo e depois eles montaram a banda deles, gravaram CD e tudo isso. Isso deve ter sido em 2005. Aí eu era muito determinado. Eu mostrei para o chefe da época, ele sabe dessa história toda, não tem nada escondido, só que ele soube depois, né? Aí, ele falou que não valia pra rede e tal, talvez, porque eu estava começando também e nisso acredito que meu sotaque era forte, não tinha mudado. Mas, mesmo assim, acho que não tinha problema desse ponto de vista. Então, ele falou que não, né? No que ele saiu de férias, eu e esse meu amigo, que é cinegrafista antigo, muito amigo do chefe, esse chefe da época, que também ficou meu amigo, aí eu falei “bora mandar essa reportagem”. Aí ele estava de férias e a gente mandou mesmo assim. Não é que ele proibiu, mas que ele achava que não valia. Então, assim. A gente mandou e emplacou, pra resumir, né? Bom, essa foi a primeira.

Luciana Morais - Mas, quando você foi para Petrolina, você não foi como contratado de rede, né?

Augusto Medeiros - Não, não. Talvez, hoje mudou um pouco. Mas, antes tinha muito mais processo para virar um repórter de rede, né? Eu já sabia que o Jornal Nacional tinha que mandar DVD para ser avaliado por uma equipe, por um editor, pelo Bonner, né? Mas, eu já vinha tentando, entendeu? Eu sei que está nas suas perguntas aí, mas aí já entra a questão do relacionamento sim, de você conhecer as pessoas e tal. Mas, a gente pode falar isso na outra pergunta. E aí, aconteceu o seguinte. Aí o Jornal Hoje eu tive abertura e foram surgindo outras. Mas, a que eu lembro detalhadamente foi essa reportagem. Mas, a gente sempre fez reportagem ou de seca ou de chuva, tinha muito disso. A gente criticava muito assim, porque a gente queria mostrar outras coisas. O Brasil em si, a política faz com que o nordeste fique muito preso à seca, sendo que tem muitas riquezas. Petrolina, por exemplo, é exportadora de frutas e tal. A gente fez bastante reportagem disso aí, exportação de frutas, essa parte da economia. O próprio Globo Rural teve muito disso. Em 2007, a data eu não sei se foi 31/12/2007, emplacou. Então, tinha dois anos que eu estava lá.

Augusto Medeiros - Posso falar de um momento importante?

Luciana Morais - Pode.

Augusto Medeiros - Quando eu conheci a Karina Dorigo, ela estava junto com o Drauzio Varella, produzindo material de quadro do Drauzio Varella, em um parque do Recife. Eu era estudante, morava em Recife antes, minha família morava lá e eu continuava indo pra lá. Fui atrás dela assim, acompanhando o trabalho dela ali no parque e ela me deu o cartão dela, ela foi super receptiva, entendeu? Aí eu acho que é uma dica pra quem tem interesse é não ter medo de chegar. Aí a relação com a Karina Dorigo começou aí. Eu estudante, ali, tudo. E ela foi muito, muito receptiva. Ela até me deu o contato da editora de rede do Recife. E eu entrei em contato, era a Maria Cledjane e ela falou "Ah, mas você já fez outras coisas? Você tem que fazer primeiro rádio". Aí ficou um pouco burocrático e não fluiu. Eu lembro que estava fazendo um período na federal de Pernambuco, pagando umas disciplinas lá. Isso já foi no fim do curso. Isso eu acho legal lembrar, porque depois como você sabe eu tive contato com a Karina de novo para o Bem Estar e tudo. Mas, é uma coisa que é muito construída. Então, é uma história, uma narrativa, que vai fluindo, né? Isso tem muito tempo. Isso foi em 2003 quando eu conheci a Karina Dorigo. Então, não estava nem na afiliada da Globo ainda, estava fazendo contato ali. Bom, voltando para o JN. O JN sempre foi meu objetivo principal, era o que eu sempre queria. Eu percebi assim que eu era muito autoconfiante, mas às vezes os chefes que passavam, porque era muita rotatividade, eles não eram muito assim de brigar, de garra como eu era. Eu não tinha medo, não me importava se eu tinha que ligar no Rio e conversar com alguém, eu ia, era isso que eu queria, era muito claro o meu objetivo. Então, eu ligava, tentava falar com alguém. Pronto, uma outra vez que eu falei por telefone foi com a Ana Paula Brasil, que era na época produtora do Jornal Nacional, que também foi uma pessoa que virou amiga no futuro. Mas, eu lembro quando eu liguei pra ela. "Posso mandar para vocês olharem"? Mas, aí já explicou que tinha que mandar para uma avaliação, "Você não pode mandar um material para já emplacar Jornal Nacional". Mas, eu já queria assim, porque eu confiava no trabalho, não importasse se alguém dissesse que não. No entanto, que emplaquei o Jornal Hoje assim. Aí uns chefes tentavam, outros não tentavam, ou tentava com muita timidez assim, entendeu? Um chefe que não dava tanta abertura, mas consegui esse material para o Fantástico. Foi na Serra da Capivara, Piauí, porque era mais fácil sair de Petrolina em São Raimundo Nonato, onde fica a Serra da Capivara. Aí eu fiz a primeira reportagem para o Fantástico que foi sobre a depredação do Parque da Serra da Capivara, que tem pinturas rupestres e a gente mostrou isso aí. Foi bem interessante também, foi um momento inesquecível para mim e ali eu também comecei um contato com o Cadu, do Fantástico, isso foi em 2005. E eu nunca larguei o contato, entendeu? A partir do momento

que eu tive o contato com o Cadu, eu não perdi, eu alimentei a confiança, o contato. Eu sei que é uma pergunta que vai mais para frente, mas foi ali e não terminou nunca. Aí voltando lá para o Jornal Nacional, eu sempre quis, né? E tem essas questões dos chefes. Eu até entendo a cautela, também pra não ficar insistindo muito e tal. Só que pra mim funcionou assim, eu insistia muito, persistia, né? Aí chegou uma chefe que era mais do nível de garra, de tentar e tal. Aí ela tinha uma vontade de fazer a rede acontecer, de dar oportunidade, ela já tinha uns contatos em São Paulo, no Rio, não muitos, mas ela cavava, queria. Ela me estimulou bastante. “Nossa é agora”. Aí o que aconteceu? Foi outra oportunidade na época, que foi quando surgiu o Globo Notícia. Todo mundo podia fazer Globo Notícia, independente de ser repórter de rede, né? Só que entrava antes do Jornal Nacional e era apresentado normalmente, eu acho que pela Patrícia Poeta. Era por um apresentador do JN que não fosse o Bonner. Aí eu fazia muito Globo Notícia, muito, muito. Tudo que eu via na rua, eu já chegava na TV com o Globo Notícia pronto. Eu não perguntava se eles queriam, se eles não queriam, eu já fazia e isso foi uma estratégia que eu criei para a rede. Eu não perguntava, eu falava que eu estava com material pronto aqui. Aí mandava. Isso eu fui me tornando conhecido para a equipe do JN e isso abriu porta, entendeu? Aí foi quando já estava essa chefe e aí na época, o coordenador das afiliadas, já tinha feito um elogio, porque ela já estava conversando sobre mim e ela já foi me mostrando que estava perto. Eu fiquei muito ansioso e já sentia que estava perto de acontecer. Isso treinando, treinando. Só que é bom abrir um parêntesis que mesmo estando em Petrolina, vinha repórter de longe pra fazer Jornal Nacional, porque eu não podia fazer, entendeu? Mas, eu não encarei como uma ameaça. Eu aproveitei pra aprender com o editor do Jornal Nacional lá em Recife, que se tornou um amigo. Então, era uma oportunidade. Aí, essa chefe recebeu um *e-mail* falando que eu estava pronto. E não teve aquele processo de mandar material. Quando ela falou pra mim que recebeu esse *e-mail*, eu tive uma crise emocional muito, muito forte, eu fiquei quase uma hora sem parar de chorar. Isso era véspera de eu entrar no JN e eu não sabia que era véspera. Mas, isso foi muito bom, porque quando entrei no dia seguinte estava muito aliviado. Aí foi quando no dia seguinte, quando a Mônica Silveira estava fazendo uma reportagem depois de uma semana de série de desarmamento no JN. Aí uma menina falou para os pais vendo a série no JN, que se ela morresse ela queria que doasse os órgãos dela. E aí acabou que essa menina se envolveu num acidente com uma arma e morreu. E os pais contaram que ela tinha essa vontade, contaram para uma repórter e isso virou reportagem para o Jornal Nacional. Só que a Mônica fazia lá de Recife e os órgãos foram para lá. Só que a gente descobriu que as córneas ficaram em Petrolina. E essas córneas em Petrolina se tornaram uma esperança para eu fazer a minha

matéria para o JN. Então, eu estava fornecendo material para Mônica Silveira fechar em Recife e aí minha chefe ligou para mim e disse “Senta, você vai fechar o JN hoje”. Então, a Mônica não fechou esse dia, ela já estava fechando o material. Aí assim, eu lembro a roupa que eu estava, o local da passagem, eu estava no corredor da TV, foi a primeira geração da TV Grande Rio, lá em Petrolina, porque antes a gente tinha que atravessar a ponte. Antigamente tinha geração, mas queimou lá o equipamento e a gente ficou muito tempo sem. Então, sempre que a gente precisava gerar, a gente tinha que atravessar a ponte pra ir na TV São Francisco, do lado da Bahia, para gerar material. Tipo, pedir toda hora favor para eles gerarem nosso material de rede. Eu fui o primeiro repórter de rede em Petrolina, a TV tinha 16 anos, foi a primeira vez que a emissora teve um repórter local como repórter de rede.

Luciana Morais - Aí de Petrolina como você veio para TV Integração?

Augusto Medeiros - Aí quando eu emplaquei JN eu recebi o convite da TV Integração e o convite da TV Gazeta, em Maceió. Aí eu escolhi ir para a Integração. E a TV de Petrolina tentou me segurar. Isso foi em 2008. Aí eu fui pra TV Integração já como repórter de rede, autorizado para fazer reportagem em Divinópolis. Mas, eu sempre tive bom relacionamento com a Teresa Garcia que era chefe do Jornal Hoje, eu emplacava muito matéria sobre produção de maconha, os riscos da rodovia que era muito perigoso e tal. Aí eu sempre tive essa abertura do Jornal Hoje.

Luciana Morais - Aí em 2008 você estava em Divinópolis e você ficou lá até quando?

Augusto Medeiros - Aí eu fiquei lá de 2008 até, eu acho que 2011. Aí de Uberlândia eu fui para Juiz de Fora. Aí sempre como repórter de rede, né?

Luciana Morais - Aí em Juiz de Fora você ficou até quando, você lembra?

Augusto Medeiros - Em Juiz de Fora fiquei até 2019, que eu saí para vir morar na Alemanha.

Luciana Morais - Você teve treinamento para ser repórter de rede?

Augusto Medeiros - Eu fui pra lá, coloquei uma fita beta debaixo do braço, pra mostrar eles, pra pedir opinião, isso na época de Petrolina. Eu fui para o Rio. Primeiro, a experiência foi com a Fátima Bernardes, que ela sempre foi muito de ajudar os repórteres. Aí eu perguntei se eles poderiam assistir a minha fita, né? Eu que perguntava, eu que tentava assim. Aí ó, “A Fátima Bernardes está te chamando”. Aí eu fui e eles estavam na sala de reuniões já com minha fita para assistir. Aí ela chamou o Marcos Uchôa, aí tinha também a editora adjunta, a

esqueci o nome dela, do Jornal Nacional, que não está mais, já aposentou. E aí eles assistiram tudo junto assim e compararam com matéria que já tinha feito para o JN e me ajudaram ali. E na hora do Bonner, eu fiquei sabendo a história da matéria que quando eu fui de manhã ele não estava. Ele foi à tarde. Aí eu saí pra almoçar e quando eu voltei ele estava lá. Aí foi uma surpresa, ele me chamou. “Augusto, não sei o quê”. Me apresentou para os editores, “Sabe quem é este aqui? É o Augusto, que emplacou a primeira matéria no JN com o maior Ibope do ano”. Aí eu não sabia dessa história, eu fui recebido com uma abertura muito boa, aí meio que virou uma referência ali e foi essa experiência que eu tive lá. Aí voltando para Divinópolis eu tive uma experiência muito boa que foi a reportagem que abriu o JN 40 anos, que também é uma questão de investimento. A gente passou quatro meses para investigar a história dos filhos do crack. Essa matéria foi para o JN e ficou na gaveta quatro meses. Eles estavam guardando pra usar na abertura do JN. Então, assim, mesmo Divinópolis que é uma cidade menor e tudo, mas teve muito a ver com a autoconfiança da equipe.

Luciana Morais - A próxima pergunta é se tinha Núcleo quando você trabalhava. Não tinha em Petrolina e em Divinópolis?

Augusto Medeiros - Em Divinópolis eu fui inicialmente para trabalhar produzindo e fazendo reportagem.

Luciana Morais - Quando você fez parte do Núcleo da TV Integração, quais as produções que você mais fazia? E tinha demanda da rede?

Augusto Medeiros - Isso para mim sempre foi um problema, vamos colocar assim. Um problema vamos colocar assim. Eu sempre fui contratado como repórter de rede e esse sempre foi meu objetivo, mas ao mesmo tempo eu sempre gostei muito de fazer o local, porque é do local que você tira a rede. Só que como você consegue trabalhar para atender todo mundo bem, está disponível e tudo? Então, mesmo não sendo uma coisa ruim para mim, mas virava problema, porque eu não conseguia atender bem todo mundo e principalmente quando tinha que fazer a rede e o mesmo material para o local e para rede. Só que como você sabe, a rede liga, o editor pede um monte de coisa, aí tem que mudar isso, aquilo. Mas, eu percebi ao longo do tempo que o Núcleo da TV Integração ele foi amadurecendo e as coisas foram melhorando, só que isso coincidiu com o aumento de demanda muito grande para mim, por causa mesmo dessa questão da confiança. Não só porque você é repórter de rede, se eles confiam, aí eles pedem mais coisas. Aí surgiu uma confiança muito grande do Fantástico, que eu comecei a construir lá em Petrolina e Fantástico demanda muito tempo para gravar, viajar.

Isso sempre me deixava um pouco de peso para atender o local e rede. Aos poucos eu fui me esgotando e fui dando uma parada mesmo e vindo para cá, porque eu sentia necessidade de compartilhar com mais um repórter de rede para eu conseguir fazer. Então, a demanda aumentou muito. Estava muito desgastado com a época do atentado do Bolsonaro e depois com o conflito dos policiais de Minas e São Paulo, era muita demanda.

Luciana Morais - Quando você chega na TV Integração, você já chega cheio de contatos. Você acredita que a questão do relacionamento, o fato da pessoa já ser conhecida, é um critério que facilita para que uma matéria seja emplacada?

Augusto Medeiros - Com certeza que sim. Lembro que a Teresa Garcia, que foi chefe do Jornal Hoje por muito tempo, eu já fui mais de uma vez pra lá, além do treinamento, ela confiava muito em mim e sabia que eu estava correndo atrás e tudo. Ela chegou a pedir uma série para mim, só que foi a série sobre maconha em Petrolina, mas por outros motivos não deu certo. Mas, ela confiou. Eu lembro que ela falou assim sobre confiança, ela conversou comigo lá em São Paulo, “É Augusto, a gente tem que saber o que a pessoa vai entregar, do jeito que a gente espera, porque muita gente que a gente pede não entrega. Então, o relacionamento, ele é mais o relacionamento de confiança da entrega, da qualidade, do prazo, do que a relação de amigo. Claro, isso também é interessante ser simpático, quebrar o gelo, isso também é legal, mas o que faz diferença é o relacionamento de confiança. Aí sim, faz sentido. Pode ser uma história muito boa. Eu lembro que a Teresa falou assim “Se a gente não tem confiança com o que eles vão entregar, então a gente não vai pedir, pode dar uma nota coberta, ou vai fazer com outro repórter de outro jeito”.

Luciana Morais - Além dessa questão da relação pessoal, você vê outras coisas que facilitam com que uma matéria local entre em rede nacional?

Augusto Medeiros - O mais interessante é você ter a visão que aquilo vale para a rede e como que vale para a rede. Então, eu lembro quando eu estava fazendo um teste para a TV Record em João Pessoa. Uma editora disse que para você se exercitar pega uma reportagem nacional e imagina como ela seria feita no local, que ela me mostrou o inverso. E depois eu fiz o contrário do que ela falou. Então a visão é assim, uma frase, um *off*, que tem um efeito nacional. Então, é você desenvolver essa ideia. Ou então, você estar bem informado e saber que um contexto atual vai trazer um interesse sobre aquele assunto. Ou bons personagens, que vão fazer diferença. eu acho que visão nesse sentido. Hoje trabalho como correspondente internacional é preciso ter um outro tipo de visão.

Luciana Morais - Como é o trabalho no internacional?

Augusto Medeiros - Tem coisas que são assim, dependendo do jornal. Se for o Fantástico por ser algo muito curioso, como o cantor de ópera baleado na guerra da Ucrânia, que sobreviveu e voltou a cantar. Isso é uma história muito rica que saiu no New York Times, foi aí que a gente ficou sabendo, que tinha saído lá primeiro. Inclusive ele me contou que a repórter saiu lá de Nova York para encontrá-lo aqui na Alemanha, veio atrás dele aqui. Então, a história em si pode ser em qualquer lugar, não importa, se for uma boa história vai chamar a atenção. E do ponto de vista, aqui é muito econômico, político-econômico.

Luciana Morais - O que você acha que mudou no jornalismo como um todo?

Augusto Medeiros - É interessante, porque eu procuro ver notícia daí, mas não vejo mais jornal como eu via aí, porque aqui eu tenho que abrir a Globoplay. Eu tenho trabalhado muito para Globo News. É muito dinâmico. Em relação a Globo News eu vejo uma evolução muito grande, é muito aprofundamento, temas muito trabalhados, muita opinião, muito especialista. Eu acho que requer, eu me sinto na obrigação de saber mais sobre política, economia, e tal. Acho que isso é uma diferença. Eu vejo que ao longo dos anos o factual, ganhou muito espaço. Então, isso até reduz para o local para contar uma história produzida e tal.

APÊNDICE F - Entrevista com Fabiano Rodrigues

Transcrição da entrevista com Fabiano Rodrigues, ex-coordenador do Núcleo Rede e atual Gerente de Jornalismo Digital da TV Integração, realizada virtualmente em 08/12/2022.

Luciana Morais - Qual a sua função e período de atuação na TV Integração?

Fabiano Rodrigues - Eu era coordenador de rede na TV Integração Juiz de Fora e atuei nesta função de janeiro de 2014 até março de 2017.

Luciana Morais - Quando foi sua entrada na TV Integração?

Fabiano Rodrigues - No jornalismo em si, eu comecei lá na faculdade, em 2003, fiz estágio, comecei com assessoria de imprensa. E esse foi o primeiro contato com o jornalismo. Depois com a assessoria de imprensa, eu vou pular outras experiências, e vou só no jornalismo. Depois da assessoria de imprensa, a segunda experiência foi a TV Integração. Eu entrei na TV Integração em 2006, em janeiro, como estagiário. Aí eu fiquei até mais ou menos outubro de 2007, quando eu coleí grau e finalizou o contrato. Aí no mesmo ano eu voltei para TV como contratado em dezembro, como produtor local. Aí eu fiquei até agosto de 2008, como produtor local. Em agosto de 2008 a TV formou o Núcleo de Rede, porque antes era tudo atribuído a um só repórter, o Luiz Gustavo. Aí ele saiu da emissora e aí a Emilene foi a frente montar esse Núcleo de Rede para trabalhar todas as praças. Então, em agosto de 2008 ela me convidou para ser produtor de rede. Então, eu fui produtor de rede em Uberlândia. Aí eu fiquei como produtor de rede até dezembro de 2011, que foi quando eu fui ser editor de *Web* do Globo Esporte.com que tinha lançado. Aí eu fiquei como editor do Globo Esporte.com de 2011 até janeiro de 2014, quando eu fui transferido para Juiz de Fora, que eu assumi a função de coordenador de rede, pela experiência que eu já tinha na produção e edição em Uberlândia.

Luciana Morais - Quem eram as pessoas que trabalhavam com você nesse Núcleo em Juiz de Fora?

Fabiano Rodrigues - Aqui sempre trabalhei diretamente com a Vanessa Rodrigues, que era a produtora de rede e o Augusto Medeiros que era o repórter de rede. Majoritariamente o trabalho de rede era feito com esses dois profissionais. Outras pessoas acabavam entrando na rede, no rural, a Cláudia, Letícia entrou na rede, Hora 1, Cláudia Mourão. Eu acho que eram esses. Felipe Menicucci, depois o Cadu, mas o trabalho majoritário era com o Augusto. O Núcleo de Rede era formado por três pessoas: eu, Augusto e Vanessa.

Luciana Morais - Você editava mais esses materiais?

Fabiano Rodrigues - Isso, era um trabalho dividido. Essa coordenação eu não fazia tanto em Juiz de Fora, que eu tinha o papel mais de editor. Mas, era uma coordenação mais em rede com a Emilene, que a gente desenvolveu esse sistema que tem de trabalhar até hoje. Quem está em Juiz de Fora, acode Uberlândia, ou outra praça em outro factual. Uberaba que está de manhã acode Uberlândia. Uberlândia à tarde acode as outras praças. Nessa época que eu vim para Juiz de Fora, esse trabalho em rede era para ter uma folga nos finais de semana, porque era só eu e ela dedicados, exclusivamente. A Vanessa nos fins de semana fazia plantão local, se eu não estou enganado. Funcionava dessa forma.

Luciana Morais - Quais eram os tipos de produções? E a frequência e para qual jornal mais se produzia?

Fabiano Rodrigues - Factual sempre estava na linha de frente, o que acontecia a gente sempre oferecia, fosse uma nota seca, desde uma nota seca para o Jornal Nacional, até os factuais e tipos de matéria para o Hora 1, Jornal Hoje, Jornal da Globo, Bom Dia Brasil. E factual era sempre qualquer repórter. Factual na medida que acontecia a gente oferecia. As produções era algo mais trabalhado, porque antes de pandemia, tinha muitas restrições, questão da imagem, questão do flagrante, questão do repórter mesmo. Então, tinha uma série de restrições. Não tinha muito no passado a questão da, tinha assim da aposta, mas hoje existe mais. Eu tenho material, tenho volume, vou mandar, não importa se a imagem não está tão boa, porque o que importa é a notícia que vai entrar, porque se não vai sair na internet. Então, a gente tinha um lance de oferecer a pauta, passar pela reunião de pauta, passar pelo *e-mail*, ou por telefone e esperar um *ok* para fazer essas produções. Então, já teve semana de estar encaminhando duas produções juntas, de um repórter e do Augusto. Mas, já teve semana de não ter nenhuma produção e estar só na apuração também. Tinha algumas apurações que eu dividia com a Vanessa, ela ficava de manhã e eu à tarde. Então, a gente dividia apurações, ia atrás de histórias, personagem, flagrante, para depois oferecer e tinha o caso também de Fantástico que era aposta, ia pra rua, ia atrás do flagrante. Então, na periodicidade era muito relativo. Bem, bem relativo mesmo. Mas, o que eu posso afirmar é que toda semana a gente oferecia um material, fosse um material ou fosse uma produção. Mas, não tinha uma periodicidade, fazia uma por semana ou uma a cada quinze dias.

Luciana Morais - A partir do momento que o Núcleo fica conhecido, a rede começa a demandar mais para vocês?

Fabiano Rodrigues - Tem dois períodos. Globo Rural tinha uma demanda natural pela região ser a maior produtora de leite no estado, pelas outras culturas, não lembro agora, tomate, tinha Carandaí que a gente ia fazer, tinha coisas específicas aqui que eram referência no estado. Tinha essa demanda. Queremos falar de algum dano, de milho, Juiz de Fora faz? Leite tinha muita. Alta do leite, balanço sempre queriam repercutir aqui na nossa região. Então, tinha muita demanda do Globo Rural. Nós começamos a fazer uma parceria muito bacana com o Mais Você e com o Como Será. A gente começou a fazer produções, tinha uma entrega boa, de qualidade. A gente sempre priorizou, a Emilene sempre tinha muito isso, a qualidade, a qualidade da imagem, da captação, de tudo. Isso sempre foi repassado com todas as outras esferas, né? Capricho. Então, quando a gente fazia essas entregas de comportamento, a gente se dedicava, era legal fazer e dava uma visibilidade para a TV, a gente passou a ser demandado sim. O Como Será demandava muita pauta nossa, pauta de cultura, de educação, as pautas mais simples que poderiam ser fechadas de qualquer lugar, pedia ou distribuía um *e-mail* dizendo que precisava disso. A gente vinha que tinha condições, a gente falava que queria fazer. Então, tinha demanda direta e indireta que a gente aproveitava. E também o programa de comportamento Mais Você que a gente fazia entradas ao vivo. Tinha uma liberdade. A gente passou a ter uma relação com a produção de rede do Mais Você. A gente passou a fazer receitas, matérias curiosas e até matérias de repórteres que não eram daqui. O Marcelo Honorato não era daqui e tinha uma participação muito boa no Mais Você e ele viajava para fazer matérias para o quadro dele, que era o “Tô Indo” e virou programa. Então, umas pautas daqui, que não eram do Augusto, repórter de fora, também entravam. O Fantástico a gente fez boas entregas também e eles começaram a pegar confiança. Então, aprovavam nossas pautas com maior facilidade do que os outros jornais. A gente chegou aqui a fazer uma matéria que eu lembro de uma cidade perto de Barbacena, com uma linha de trem. O pessoal que ia atravessar a linha do trem, o carro parou, a mulher não conseguiu ligar o carro, o trem veio e pegou. E aí foi horrível aqui. A sogra da mulher ficou abalada e morreu se eu não me engano. A gente vendeu essa história para o Fantástico e aí a gente saiu do lance do jornalismo e fomos para o lance da produção de conteúdo mesmo, que tem uma outra editora que ficou com a gente. Esta editora editava especificamente *reality* do Fantástico. Ela só pegava pautas que fugiam um pouco do jornalismo, era além do jornalismo. Nós tivemos que reconstruir o acidente. Nós tivemos que alugar carro, contratar um motorista, alugar um carro semelhante, foi todo um trabalho de novela. Uma produção de entretenimento. Pegar o mesmo carro, ilustrar. Se não me engano foi o Daniel, que está lá também. A gente conseguia

fazer essas entregas, tinha uma confiança no nosso trabalho e quando a gente oferecia sabiam que a gente iria entregar. Com isso também vinham algumas demandas.

Luciana Morais - Diante do que foi relatado pelos outros profissionais, o Núcleo oferecia muitas matérias produzidas. E com essa mudança do telejornalismo em virtude da internet, temos uma alteração dos pedidos da rede, né?

Fabiano Rodrigues - Agora, a gente tem dois pontos. Tem a concorrência da TV com a internet, os sites de notícias. E tem uma outra concorrência, os sites de notícias, onde estou agora. A gente sofre com as redes sociais, porque o material é despejado lá, sem apuração, sem nada. As pessoas nessa audiência fragmentada que nós temos com esse excesso de informação, as pessoas não têm paciência para ler as coisas, principalmente uma matéria e aí ela se contenta com aquela informação da rede social. E audiência de internet hoje comparando hoje, 2022 com ano de 2019, o ano pré-pandemia, a audiência em 2019 era altíssima. E aí a gente não pode fazer uma comparação com 2020 e 2021, que foram anos de pandemia e o consumo aumentou. Ao mesmo tempo que aumentou, por conta desse excesso teve uma explosão de não aguento mais notícia e agora 2022, vem caindo, menor. A TV vem sofrendo com isso, porque eu acho que se ela sofre impacto da internet, ela também sofre impacto da rede social. Para entrar na TV o que eu tenho a mais que da internet? Internet entende-se por notícia, site. O que eu tenho a mais que está no G1, vou usar G1 e o que eu tenho a mais que está na rede social? Porque é isso, o G1 sofre isso. Saiu na rede social, não é mais novidade, eu preciso ir além daquilo. Preciso ir atrás, buscar aquela pessoa, buscar o personagem.

Luciana Morais - Como você avalia os critérios de noticiabilidade em relação a essas produções do local que eram exibidas em rede nacional? Porque existem critérios e o relacionamento de confiança entre os profissionais. Você acredita que esse relacionamento de confiança, não de amizade, facilita para uma matéria local ser veiculada?

Fabiano Rodrigues - Sim, com certeza. Dois pontos que eu posso destacar. Quando se montou o Núcleo Rede demorou muito pra emplacar, pra ter confiança, porque não sei quantos anos o repórter Luiz Gustavo fez parte da TV e ele chegava na redação, e eu falo, porque eu trabalhei com ele, pautei ele também nas férias da Karla que era produtora dele. Ele pegava o telefone e ligava para a Teresa Garcia, que na época era chefe do Jornal Hoje e falava que “tenho essa história aqui, tenho outra”, e ele fechava. E reservava dois minutos pra ele. Não se tinha o trabalho de venda que era feito pela Emilene. Era feito uma coisa

específica pelo trabalho da Karla, não posso falar muito, porque não acompanhava direto, mas posso falar pelo Luiz Gustavo que eu vi chegar na redação e fazer isso. Ligar para o Jornal Nacional, para o Nery, enfim. Então, tinha essa confiança extrema, porque pra época ele contava histórias muito boas, muito legal. Vindo para Juiz de Fora, acredito que sim, porque era o Virgílio, o relacionamento que a Emilene criou a frente do Núcleo foi uma coisa incontestável que as pessoas tinham no trabalho dela. E ela pegava pro time dela, pessoas que ela confiava. E que ela conseguia imprimir esse mesmo ritmo. O Mais Você eu desenvolvi uma amizade com a Chinima que era a produtora, uma amizade mesmo, de ligar, conversar, trocar ideia mesmo. E logicamente, não é só o critério da amizade, que se não tiver o da notícia não vai entrar. Esse critério do contato, do relacionamento, conta bastante.

Luciana Morais - E para além desse critério de relação você aponta outros crivos que podem favorecer uma material local ser exibido em rede nacional?

Fabiano Rodrigues - Olha eu iria falar no passado sobre a qualidade de imagem, mas hoje a gente sabe que não. Entra cada borrão que você fala “o que é isso”! Mas, entra para o terror da Gerop, que era sempre o primeiro a barrar o nosso material. Mas, hoje em dia vai entrar, a Globo quer isso e manda. Mas, hoje então, eu acho que a questão não tem nada mais que a questão do tempo. A questão de você correr contra o tempo, Luciana, da agilidade. O critério tempo, agilidade, acho que é o que faz a diferença.

Luciana Morais - A gente já comentou, mas o que você acha que mudou em relação a produção da notícia?

Fabiano Rodrigues - Luciana, a facilidade de entrevistar pessoas. A pandemia, para o jornalismo, eu acho que a coisa melhor, que deu uma acelerada. Acho que ela trouxe, porque se existia, tinha o critério da territorialidade, que hoje não tem mais. Você está em Juiz de Fora e quer entrevistar um infectologista e colocar ele no MG1, você marca com ele uma entrevista no *skype* e coloca ele, acabou. Não importa se ele está em São Paulo. E a mesma coisa, você está fechando uma matéria para a rede e você precisa de um especialista que está na Unicamp. Como se fazia no passado? Ligava na EPTV para ver se ela fazia a sonora pra mim, me manda, coloca no IP. A Globo BH, porque minha fonte está na capital do estado e enrola e não manda, não quer fazer. Não, faz por *skype* e acabou. A facilidade de acesso às fontes, isso para mim é fantástico, acho extraordinário.

Luciana Morais - Como você avalia a importância do telejornalismo local e nacional?

Fabiano Rodrigues - Eu acho o jornalismo local muito mais desafiador do que o nacional. Quem está lá na ponta, no Rio ou São Paulo, aí eu vou falar de uma experiência de três meses que eu estive trabalhando em São Paulo como editor no SBT Brasil. Você chega na redação, você que é do interior, tudo que está ali a gente consegue fazer. Você consegue trocar uma ideia com o repórter, fazer um texto, uma passagem. Você vai para ilha, você decupa, você fecha, você entrega o material e faz mais dez coisas como acontece no interior, né? Mas, na capital não. Você tem uma hierarquia e você não pode extrapolar aquela hierarquia . Você chega, você vai ser o editor que vai entrar uma nota coberta e um VT, pronto. Mas, só isso? Mas, aí tem um outro lance que é a atenção que você tem que dar ao material que é o seu crivo máximo, não pode sair uma vírgula de erro. A gente sabe que no local tem erro da apuração, não são propositais, tem o erro da edição, mas é porque se acumula função. No nacional não. Com esse aperto do interior, a gente consegue fazer notícia em todas as instâncias. É fantástico o fazer jornalismo local e é fundamental para dar visibilidade para as nossas cidades. Quando Barbacena teria destaque no Jornal Nacional? Ou sei lá de Muriaé? E quase todos os dias essas cidades estão no jornalismo local. E aí é importante para os moradores se verem, pra ver a cidade, ver o que está acontecendo na sua cidade, seja uma denúncia, denúncia e fiscalização, pra mim é o principal papel do jornalismo. E o entretenimento também, mostrar as produções locais , a cultura local, o pertencimento. O nacional é a grande importância que liga ponta a ponta do país, pra gente saber o que está acontecendo nos grandes centro que é onde ocorrem as decisões de tudo, principalmente Brasília. São Paulo, economia. Rio, cultura e por aí vai.

APÊNDICE G - Entrevista com Larissa Zimmermann

Transcrição da entrevista com Larissa Zimmermann, repórter de rede da TV Integração, realizada virtualmente em 11/01/2023.

Luciana Morais - Qual a sua função e período de atuação na TV Integração?

Larissa Zimmermann - Eu comecei no jornalismo como estagiária de TV em 2009 e em 2010 eu já comecei profissionalmente no mercado. Na TV Integração, esse ano completa 10 anos, só na TV Integração. E atualmente eu sou repórter de rede.

Luciana Morais – Além da TV, você trabalhou em outros locais também?

Larissa Zimmermann – Eu me formei no CES, em Juiz de Fora e trabalhei na TVE, comecei na TVE, na TV Educativa como repórter, depois eu fui pra EPTV, que é uma afiliada da Globo no Sul de Minas, em Varginha. Fiquei lá durante três anos, trabalhando como editora e apresentadora do telejornal, do MG2 lá do caso, EPTV 2 e EPTV 1 também. Em outubro de 2013, eu comecei em Juiz de Fora, na TV Integração, como editora e apresentadora do MG2 e fiquei nesse cargo até 2019, quando eu me tornei repórter de rede, oficialmente. E estou até hoje em 2023.

Luciana Morais – E no período em que você está na TV, tem um Núcleo Rede para atender as demandas nacionais, né? Quem são as pessoas que fazem parte desse Núcleo Rede, qual a sua função?

Larissa Zimmermann – Em Juiz de Fora, que é onde eu atuo, eu sou repórter de rede e faço parte desse Núcleo, composto em Juiz de Fora também pela Luciana, você Luciana Morais, que é a produtora de rede. Então, nós duas trabalhamos juntas na elaboração dos conteúdos, ou também dos factuais, em Juiz de Fora. Mas, a gente tem um Núcleo de Rede nas outras praças da TV Integração, nós temos pessoas responsáveis por atender as demandas dos telejornais nacionais.

Luciana Morais – Quais as produções, as matérias que você produz e faz para a rede? E qual a frequência que talvez você atende mais determinados jornais?

Larissa Zimmermann - A gente tem uma demanda de factuais aqui na TV, as matérias que acontecem no dia, alguma coisa muito relevante, que a gente já entra e os jornais já demandam da gente. Igual recentemente, muita chuva na região, então a gente tem que mostrar os estragos, o que está acontecendo em Minas Gerais em relação às chuvas, na nossa

região aqui da Zona da Mata, no Campo das Vertentes. Então, tem algumas demandas que são os factuais que acontecem no dia a dia. Mas, o nosso Núcleo ele sempre se propôs a produzir conteúdos para a rede, que na minha opinião é o mais difícil, que é você ter o seu material dentre tantos materiais no Brasil inteiro, ser aprovado ou ser acolhido por algum jornal. Então, assim, pra mim é mais difícil produzir materiais fora do factual. Mas, a gente tem conseguido bastante variar os assuntos pra rede e a gente aproveita muito. Eu pelo menos como repórter de rede, eu já vou para um material local pensando se ele pode ser para o nacional. Eu sempre faço isso, porque eu acho que essa é a minha função: ir para o material local e de lá verificar se é um assunto relevante ou se é um personagem interessante pro Brasil como um todo. Então, eu sempre vou com esse olhar. E a gente também quando tem um personagem interessante e às vezes não tem uma matéria, a gente busca crescer essa matéria, aí vai buscar um dado interessante ou às vezes a gente tem um dado interessante, mas não tem o personagem e vai atrás desse personagem. Isso demanda um tempo até a gente conseguir elaborar e vender para rede, oferecer pra rede esse material. Eu tenho feito muitos materiais pro Globo Rural recentemente e eu acho que no momento é o telejornal, é o programa de rede, que eu tenho mais atendido. Eles têm demandando muito material da gente. Então, além de assuntos como, a gente diz de mercado, que é o preço do leite, problemas na plantação, enfim, algo mais nesse tipo assim, e também matérias focadas nos personagens rurais. A pessoa que tem algo a mostrar de interessante na zona rural, no interior de Minas Gerais. Então, a gente tem conseguido atender o Globo Rural com personagens interessantes. Uma matéria que me marcou muito foi a minha porta de entrada para o Globo Rural, assim que eu virei repórter de rede, foi justamente uma matéria que a gente iria fazer para o local, num domingo de plantão, e aí a personagem era tão boa que a gente fez um VT, ofereceu para o Globo Rural, que gostou e conseguimos um personagem fora da nossa área de cobertura e nos convidou pra continuar essa matéria, saindo da nossa área de cobertura saindo daqui da nossa região. Então, foi a matéria “sonhadoras do café”, que a gente contou a história de duas jovens, uma criança e uma jovem, que queriam trabalhar com cafés especiais, e a gente contou essa história de superação, de sonhos, de meninas que vivem no interior, que vivem na roça, que trabalham na plantação e que tem o sonho de se tornarem grandes empreendedoras rurais. Então, essa matéria abriu portas pra mim desde então, essa matéria virou matéria de encerramento do Globo Rural e desde então, nós temos feito várias matérias de encerramento pro Globo Rural. Já fizemos sobre azeite, já fizemos sobre carvão sustentável e outros assuntos. E isso, estreitou muito a relação da rede com o nosso Núcleo aqui da afiliada.

Luciana Morais - Essa questão de estreitar as relações acaba que a confiança na qualidade do que é entregue tem levado você para um outro caminho em relação ao Globo Rural, né, que foi essa questão de fazer um intercâmbio. Você já vai para um segundo intercâmbio pro Globo Rural, né?

Larissa Zimmermann - Quando a gente cria esse laço assim, gera uma preocupação maior com isso tudo. É muito bom, muito satisfatório, mas ao mesmo tempo, você cria uma responsabilidade muito maior, porque eles confiam no trabalho do Núcleo de Rede, confiam na equipe que está fazendo, confia no repórter cinematográfico, confia na repórter, confia na produtora, então, isso torna nosso trabalho com mais responsabilidade, a gente tem que manter o nível daquilo que eles viram um dia, aprovaram e a gente tem que manter esse nível para eles em todos os materiais. Então, isso é muito importante que a gente consiga manter esse nível apesar da correria das afiliadas, apesar dos factuais, apesar que a gente tem que fazer outras coisas e não só a rede. A gente não pode deixar esse nível de excelência digamos assim que foi aprovado por eles. E eu fui convidada pra fazer um intercâmbio no Globo Rural, na Globo São Paulo, em novembro de 2022, pra ficar um mês lá, justamente por isso, porque eles já conheciam meu trabalho aqui e aí eles precisavam de um repórter pra estar com eles lá pra fazendo algum material e eles me convidaram. E nesse intercâmbio eu pude ver de perto a criação do Globo Rural, do programa, desde a concepção das ideias, até a realização das pautas, até a edição e o programa que é gravado toda sexta-feira. E eu tive a oportunidade também de ir para o nordeste. Eu fui para a Paraíba, fiquei catorze dias lá produzindo material especial pro Globo Rural. Então, foi a primeira vez que eu saí de Minas Gerais pra fazer um material para rede, um material nacional. Geralmente como é uma viagem muito longa, quinze dias, às vezes até mais, então, o Globo Rural aproveita a equipe pra fazer vários materiais, porque envolve muitos gastos, envolve a equipe, vai e fica fora muito tempo. Então, a gente tem que aproveitar o máximo que a gente consegue da equipe viajando pra tão longe assim. E dessa vez eu fiz uma média de seis materiais, seis matérias, reportagens e uma especial, de encerramento. Essa matéria de encerramento, primeiro, essas matérias que são menores geralmente, são curiosidades regionais, a planta que só dá naquele lugar e os produtores têm dúvida sobre aquilo, ou sobre a plantação de palma, plantação das cabras. Então, foi muito interessante, porque eu vivi uma experiência que eu nunca tinha vivido aqui no sudeste. E eu fui conhecer lá, uma outra vegetação, fui no meio da caatinga. Então, isso faz o nosso horizonte se ampliar. A gente vê que o cantinho que a gente está é muito pequenininho. A rede tem um mundo para ser explorado. O Brasil inteiro, de norte a sul, leste a oeste. Ali eu tive um pouquinho desse gosto de entender como é falar pro Brasil inteiro

sobre um assunto que é com foco no nordeste, da caatinga e ser interessante pra todo mundo que assiste o Globo Rural. Esse é um desafio da rede também. Você pegar um assunto que é característico, que ele é regional, de algum lugar do país e deixá-lo atrativo, curioso para todos que assistem o Globo Rural, porque tem o público muito cativo, um dos programas de maior audiência da Globo. Foi uma experiência incrível.

Luciana Morais - Além do Globo Rural, você já fez muitas participações no Jornal Hoje, que também é meu objeto de estudo?

Larissa Zimmermann - Sim, muitas participações no Jornal Hoje, mas principalmente as entradas ao vivo, uma característica do próprio jornal, essas entradas ao vivo. Então, eu tive essas experiências dessas entradas ao vivo, principalmente com factual, sempre com factual. Eu lembro que a gente entrou algumas vezes com a Covid, mostrando situação aqui e também tinha que ser algo bem específico, importante e diferenciado, porque era uma coisa que estava acontecendo e está, e estava acontecendo na época no Brasil inteiro. Então, tinha que ser uma coisa muito relevante pra gente entrar ao vivo. Então, eu lembro da Covid, e infelizmente com assuntos que a gente diz tragédias, geralmente assuntos não tão bons, assuntos ruins. Mas, recentemente eu entrei falando sobre chuva também, entramos ao vivo falando sobre uma explosão numa residência, não, nessa explosão a gente fez um VT, lembro aqui que foi um VT. E isso também acontece, você está de manhã cobrindo o acontecimento para vários telejornais e também tem que fazer um material pro Jornal Hoje, que é o primeiro jornal da rede depois dos jornais locais. Teve uma professora que foi baleada, um caso que deu muita comoção. Então, eu lembro que nós fizemos uma reportagem contando o caso, foi minha primeira matéria no Jornal Hoje, e a gente mostrava as homenagens, as pessoas colocaram flores no passeio, então é uma imagem marcante mesmo, de contar esse caso e foi justamente ali que eu fiz a minha passagem, mostrando como estava a calçada, onde ela levou o tiro e caiu e as pessoas estavam fazendo homenagens. E a gente contou esse caso no Jornal Hoje e realmente foi minha primeira matéria para o JH. E eu já entrei para o JH num formato diferente, recente que foi com o Tralli, a gente dividiu tela no programa Encontro. Então, eu entrei no JH, no programa Encontro. Então, foi uma parceria nos dois programas e aí foi uma experiência interessante também, essa troca de informação e interatividade entre os programas, muito interessante você participar de vários conteúdos. Você está num programa de entretenimento falando de um assunto ruim, mas que ele perpassa pela chamada do Jornal Hoje. Então, dá uma outra angulação. Tralli me chama e consegue fazer esse conteúdo chegar

de uma forma muito legal. Recentemente foi essa experiência que eu tive com o JH também que foi muito legal.

Luciana Morais - A gente está falando de factuais, mas a rede também demanda muitas produções, né? No entanto, você comentou do Globo Rural. Mas, quais são os tipos de produções que a rede pede?

Larissa Zimmermann - Eu acho que a rede gosta de dados diferenciados, mas na minha opinião, eu acho que sempre, na maioria das vezes, consegue entrar na rede quando a gente tem um bom personagem. Às vezes a sua matéria tem dois minutos, igual a gente entrou no Hora 1, com aquele personagem que o motoboy tocou piano no shopping. Aconteceu ali, a gente fez a matéria, olha que personagem legal, diante de tanta tragédia que a gente está vendo. A rede também gosta desse respiro. Os factuais, as coisas acontecendo eles estão recebendo do Brasil o tempo todo. Agora qual o respiro que eles vão receber das afiliadas? Isso é muito legal. Então, quando a gente consegue oferecer isso pra rede, a gente recebe *e-mail* da rede direto. "Gente, você não tem um personagem assim? A gente está querendo uma coisa interessante, alguém que fez aquilo". Então, se você consegue oferecer esse tipo de personagem fora do factual, esse respiro, algo interessante, que foge do que está acostumado ali do jornalístico, eu acho que a rede tende a querer colocar no telejornal. Óbvio que a gente sempre procura um dado que possa complementar a matéria como um todo, mas eu aposto muito nisso, no personagem.

Luciana Morais - E você acha que essa questão de focar no personagem, no individual, quando a gente trata algo individual para o geral, você acha que tem mais chances de entrar em rede, porque a gente está contando uma história que pode se assemelhar ao caso de uma outra pessoa que não é do estado, de um outro local?

Larissa Zimmermann - Eu acho que o personagem é fundamental para humanizar. Às vezes você não está passando por aquilo, mas você tem empatia por aquilo. Então, isso faz você querer assistir aquele material. Pode ser uma coisa que você nunca vai viver na vida, mas se for algo que te trás empatia de alguma forma, se é uma história interessante de ser contada, isso vai ser relevante. Às vezes é um exemplo, você disse, aconteceu no sul, no sudeste, no norte, no nordeste, um personagem que pode ser exemplo pra muitas pessoas no Brasil inteiro, ou às vezes não tem nada a ver com sua vida, mas você tem empatia por aquele personagem. Então, eu sempre falo, matéria que você tem o dado, mas você não tem o personagem que vai

exemplificar, não vai render. Vira uma nota coberta, não vai render matéria, não vai render reportagem.

Pesquisadora - E a gente falando dessa característica de ter algo que possa exemplificar, que possa constituir e dar o diferencial. E aí entra muito a questão dos critérios. Como você avalia os critérios de noticiabilidade em relação às produções do telejornalismo local exibida em rede nacional? Porque tem que ter um critério para entrar, né?

Larissa Zimmermann - Tem que ter um critério, né Luciana? A gente conversa muito, né? A gente fala, “será que isso vale”? A gente sempre pergunta, “será que isso vale rede ou não vale rede”? Eu acho que a experiência da gente na rede vai nos dando sinais e a gente vai entendendo com mais clareza, o que vale e o que não vale. Até porque, a gente não pode ficar alugando a rede com coisas que não faz sentido. O jornalismo é dinâmico. A gente precisa ser o mais certo. Eu acho que os anos de experiência com a rede vai dando pra gente noção do que vale e do que não vale. E a gente sempre pensa na importância disso nacionalmente, tanto para algo produzido quanto para algo que aconteceu aqui. Igual a chuva, está chovendo em tudo quanto é lugar. Por que a minha matéria de chuva vai entrar e não vai entrar as matérias de chuva parecidas com a minha? Aí é que tá! É uma imagem diferenciada? Às vezes na minha matéria tem dez pessoas desalojadas e tem uma cidade que tem 50 desalojados, mas na minha matéria tem uma casa que desabou. Então, o que vai render na sua matéria? Então, o que vai ser o diferencial? Uma imagem que você tem? Às vezes a nossa matéria vira rede por conta dessa imagem e aí a gente começa a crescer a matéria por conta daquilo. É uma informação muito importante que os outros não tem e a gente tem? É um roubo, um desvio de verba? É a partir de uma imagem, de uma informação? É a partir de um personagem que já foi falado? A gente tem que avaliar tudo, o que vale pra rede, que pode partir de uma simples imagem.

Luciana Morais - E aí, para além desses critérios que a gente avalia, que a gente estuda nas Teorias de Comunicação, valor morte, tragédia, proximidade, relevância. Para além desses critérios, a gente tem essa análise da qualidade técnica do material, mas para além dos critérios de noticiabilidade, você acha que as relações pessoais entre os profissionais, acaba contribuindo para que uma matéria local entre em rede nacional?

Larissa Zimmermann - Sem dúvida. O trabalho da rede é um trabalho de confiança. Então, se você tem uma relação de confiança e sabe que você é certa, sabe que você vai vender uma coisa que não vai ser aquilo, então, ela vai optar por equipes, por afiliadas, por núcleos

de rede que tenham essa proximidade, essa afinidade, essa confiança. Às vezes a gente não conhece a pessoa, só por telefone, muito telefone, mas essa confiança do material que vai ser gerado para rede vai render, faz sim que o telejornal te dê mais essa oportunidade. “Ah, está vindo um material lá de Juiz de Fora”, que é o nosso caso, eles confiam no material. Aí eles falam: “Está vindo uma material lá de Juiz de Fora. Vamos aguardar, vai render, vamos avaliar”. Entendeu? Vão até escutar melhor o que você propõe. Você que vende pauta, assunto. Quando você entra em contato, você já tem uma gama de contatos e já sabem quem é a Luciana, o que ela faz, já sabem quem é Larissa, o que ela faz. Então, eles vão falar, peraí, deixa eu escutar o que essas meninas vão me dizer, até pra dizer que agora eles não vão querer não, mas quem sabe numa próxima e tal. Mas, a escuta da rede eu acho que é proporcional ao contato que você tem na rede, a não que seja um factual. Aí é qualquer afiliada, qualquer Núcleo de Rede, qualquer repórter, o que tiver acontecendo no momento. Mas, fora isso, principalmente as produzidas, eu acho. Aí a gente tem uma grande oportunidade. A gente sente que tem essa relação é hora da gente cavar e oferecer mais materiais.

Luciana Morais - E além desse valor de confiança, confiança como um critério para que a matéria local seja exibida. Para além desse critério de confiança, você colocaria outros valores que fazem com que o local seja exibido em rede nacional?

Larissa Zimmermann - Essa relação de confiança e a qualidade do material que a gente entrega, o olhar que a gente tem para aquele material, porque às vezes a gente tem uma equipe que a gente entrega, o cinegrafista tem um olhar diferenciado para aquelas imagens. Então, eu acho que o olhar do repórter, o olhar do repórter cinematográfico conta, porque se você consegue sair um pouco do mesmo, seja numa passagem diferente, a qualidade do que a gente entrega, a rapidez, a edição que a gente entrega, porque muitas vezes a edição é feita pelo local. E aí que a gente manda pra rede e eles dão uma paradinha ali e tal. Mas, a edição feita aqui com capricho, também faz a diferença. Então, não só a confiança na pessoa, mas na parte técnica do material também é muito importante, a plástica do material também é muito importante. Eu acho que funciona muito.

Luciana Morais - Então, acaba que isso que você está citando são coisas que facilitam um material entrar, né?

Larissa Zimmermann - Apesar disso tudo não é fácil. Apesar da confiança da rede, apesar de você ter um bom material, uma boa qualidade, não é algo tão fácil, porque você, digamos assim, é um concorrência também com materiais do Brasil inteiro.

Luciana Morais - Como você avalia o telejornalismo local e nacional?

Larissa Zimmermann - O jornalismo local é tudo aquilo que faz a diferença para as pessoas que assistem na sua região, jornalismo local, a gente está ali pertinho da notícia, da pessoa ou às vezes não tão perto, mas na cidade próxima. Então assim, o telejornalismo local tem a obrigação de estar próximo do telespectador, o máximo possível. E ter a responsabilidade de cobertura, o máximo de regiões, de todas as cidades da área de cobertura, o que é muito difícil. Mas, o máximo que a gente consegue de dar uma notícia espaçada na região é muito importante e o telejornalismo local tem uma participação assídua pra gente. Então, é uma responsabilidade grande também da gente atender o espectador. Ter o telespectador como um parceiro do telejornal, porque eles mandam as coisas pra gente. Então, o contato é muito próximo e uma responsabilidade muito grande até da gente passar assuntos nacionais, transformá-los, como isso afeta o local, a nossa região, e passar para o nosso telespectador. Uma grande responsabilidade. O jornalismo nacional fala para o Brasil inteiro, mas o local é uma responsabilidade muito grande, porque é você, o seu jornal para dar a notícia para sua população, as pessoas que confiam no que você fala.